

AMAURI APARECIDO BÁSSOLI DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO - PERÍODO NOTURNO:
UM ESTUDO PARTICIPANTE**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação Física - Área de
Concentração em Educação Motora - da
Universidade Estadual de Campinas -
UNICAMP, para obtenção do Título de
Doutor em Educação Física**

Orientador: Prof. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo

**CAMPINAS
1999**

AMARI APARECIDO BASSOLI DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO - PERÍODO NOTURNO:
UM ESTUDO PARTICIPANTE**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação Física - doutorado
- Área de Concentração em Educação
Motora - da Universidade Estadual de
Campinas - UNICAMP**

**CAMPINAS
1999**

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	UNICAMP
	OL4e
V.	Ex
TOMBO BC/	37975
PROC.	229/99
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	18/06/99
N.º CPO	

CM-00124512-9

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA- FEF – UNICAMP

Oliveira, Amauri Aparecido Bássoli de
 OL4e Educação Física no ensino médio – período noturno: um estudo participante / Amauri
 Aparecido Bássoli de Oliveira. -- Campinas, SP : [s. n.], 1999.

Orientador: Jorge Sergio Pérez Gallardo
 Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

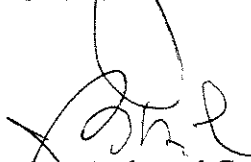
1. Educação Física-Estudo e ensino. 2. Ensino. 3. Educação Física (Segundo grau). 4. Ensino-metodologia. 5. Escolas noturnas-Brasil. 6. Estudantes de escolas noturnas-Maringá(PR). I. Pérez Gallardo, Jorge Sergio. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA – FEF
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MOTORA

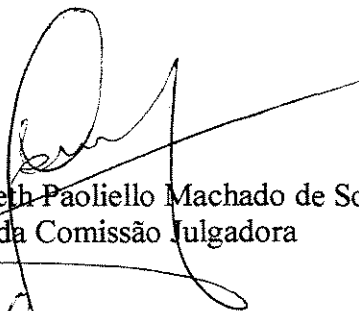
Este exemplar corresponde à redação final da tese de doutoramento defendida
por Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira e aprovada pela Comissão
Julgadora.



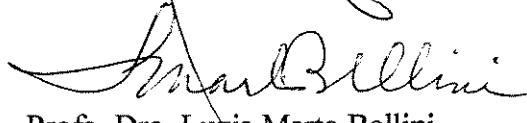
Prof. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo
Orientador



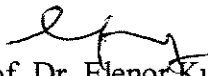
Prof. Dr. João Batista Andreotti Gomes Tojal
Membro da Comissão Julgadora



Prof. Dra. Elizabeth Paoliello Machado de Souza
Membro da Comissão Julgadora



Prof. Dra. Luzia Marta Bellini
Membro da Comissão Julgadora



Prof. Dr. Elenor Kunz
Membro da Comissão Julgadora

Campinas, 1999

Dedicatória

*Este trabalho é dedicado a todos os
atores do ensino noturno brasileiro.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma tarefa que contribui para o engrandecimento do espírito, pois é o mais puro reconhecimento de que partes e forças se uniram para o êxito do que aqui se produziu.

Por outro lado, é muito grande o risco de se cometer injustiças com pessoas e/ou instituições que estiveram direta ou indiretamente envolvidas com a realização deste estudo. Assim, de forma geral fica o agradecimento a todos e, de forma especial:

À Universidade Estadual de Maringá pelo incentivo e liberação para a participação em programas de pós-graduação;

À Unicamp pela acolhida e apoio através de seus programas de subsídios aos alunos de pós-graduação, do qual participamos como aluno bolsista, e toda estrutura física, técnica e bibliográfica oferecida;

Ao Departamento de Educação Motora e Coordenação de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp pelo apoio em todos os momentos vividos na pós-graduação;

Aos companheiros César Jaime Oliva Aravena, Hélder Ferreira Isayama, José Augusto Victória Palma e Leopoldo Schonardie Filho, pelo espírito acadêmico e produtivo empregado no transcorrer de toda a pós-graduação;

Ao Prof. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo pela coragem em nos aceitar no programa de pós-graduação sem um conhecimento prévio de nossa pessoa e a todo o incentivo, presteza e apoio acadêmico e pessoal dedicados.

Ao CAIC/UEM através de sua Coordenação Pedagógica e Direção pela oportunidade de desenvolver este estudo sem qualquer restrição.

Aos alunos das turmas de segundo ano de Educação Geral e Auxiliar de Enfermagem do CAIC/UEM - turma de 1997 - que se colocaram à disposição para o pleno desenvolvimento deste estudo.

Ao Professor responsável pela disciplina de Educação Física no ensino noturno do CAIC/UEM, pela boniteza de sua face verdadeira e interesse no acompanhamento de todo este estudo.

Por fim, agradecimentos especiais à minha família de Campinas Hiroshi, Violeta, Marcelo e Angela Nagai, pelo carinho, apoio, paciência e acolhida.

Ao Papai, Mamãe, Celeste, Clodoaldo, Edilson (in memorian) pela chance divina de tê-los a meu lado eternamente.

Às minhas mulheres Edna Regina, Alessa e Paola, por serem a plenitude do meu "eu", pelo amor, carinho e paciência.

SUMÁRIO

LISTA DE ANEXOS	ix
RESUMO	x
ABSTRACT	xi
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - Pensando a educação	5
a) Considerações preliminares	5
b) Situação problema	15
c) Objetivos	19
d) O caminho percorrido	20
d.1) Metodologia Participante	20
d.2) Definindo a comunidade estudada	22
d.3) Etapas de desenvolvimento e procedimentos adotados	22
d.3.1) Conhecendo a realidade	22
d.3.1.1) Observação das aulas	22
d.3.1.2) Entrevista com o docente da disciplina	23
d.3.1.3) Entrevista com os discentes do 2º ano de Educação Geral e Auxiliar de Enfermagem	23
d.3.1.4) Entrevista com a Coordenação Pedagógica do CAIC/UEM	24
d.3.2) Envolvendo-se com a disciplina Educação Física no 2º grau noturno	25
d.3.2.1) Refletindo a situação	25
d.3.2.2) Planejando ações	25
d.3.2.3) Desenvolvimento	25
d.3.3) Avaliando os resultados	26
CAPÍTULO II - Analisando a realidade	28
a) Observação das aulas	29

b) Entrevista com o docente da disciplina	33
c) Entrevista com os discentes das turmas	40
c.1) Perfil dos discentes do 2º ano de Educação Geral do CAIC/UEM	41
c.2) Perfil dos discentes do 2º ano de Auxiliar de Enfermagem do CAIC/UEM	50
d) Entrevista com a Coordenação Pedagógica do CAIC/UEM	56
d.1) Implantação do 2º grau	57
d.2) O corpo docente	59
d.3) Diferença na oferta de Educação Geral e Auxiliar de Enfermagem	60
d.4) Ensino diurno e noturno - diferenças	62
d.5) Capacitação docente para as especificidades do ensino noturno	63
d.6) Educação Física no noturno	64
CAPÍTULO III - Definindo a abordagem metodológica	68
a) Metodologias emergentes no ensino da Educação Física	69
a.1) Metodologia do Ensino Aberto	72
a.2) Metodologia Crítico-Superadora	73
a.3) Metodologia Construtivista	75
a.4) Metodologia Crítico-Emancipadora	77
b) Metodologia do Ensino Aberto - a escolhida	79
CAPÍTULO IV - Com a mão na massa	87
a) Reflexões iniciais da situação como suporte ao planejamento	88
b) Apresentação das aulas desenvolvidas durante a experiência	94
b.1) Aulas desenvolvidas com a Turma de Educação Geral	94
b.2) Aulas desenvolvidas com a Turma de Auxiliar de Enfermagem	107
c) Análise geral das aulas	119
c.1) O convite à participação	119
c.2) O conhecimento trabalhado e a autonomia	122
c.3) A metodologia adotada no desenvolvimento das aulas	125
c.3.1) A interação proporcionada pela metodologia adotada	128
c.3.2) O Ensino Aberto e as possibilidades de co-decisão vivenciadas	130

CAPÍTULO V - Avaliando as ações	135
a) Com a palavra o docente da disciplina Educação Física no CAIC/UEM	135
b) Com a palavra os discentes envolvidos no estudo	139
b.1) Avaliação discente - Educação Geral	140
b.2) Avaliação discente - Auxiliar de Enfermagem	146
c) Observações sobre as demais disciplinas	151
CONCLUSÕES	156
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	162
ANEXOS	167

LISTA DE ANEXOS

FOLHA DE ANEXOS	167
ANEXO 1	
Entrevista com o Professor responsável pela disciplina Educação Física no período noturno do CAIC/UEM	168
ANEXO 2	
Entrevista com a Professora Coordenadora Pedagógica do CAIC/UEM	171
ANEXO 3	
Entrevista com o Professor responsável pela disciplina Educação Física - período noturno - CAIC/UEM – avaliação	179
ANEXO 4	
Perfil dos discentes do segundo ano do curso de Auxiliar de Enfermagem - período noturno - CAIC/UEM	184
ANEXO 5	
Perfil dos discentes do segundo ano do curso de Educação Geral – período noturno - CAIC/UEM	189
ANEXO 6	
Gráficos da interação ocorrida nas turmas de Educação Geral e Auxiliar de Enfermagem	194
ANEXO 7	
Quadro dos Modelos de diferentes possibilidades de co-decisão de Reiner Hildebrandt & Ralf Laging	196

RESUMO

Educação Física no ensino médio - período noturno: um estudo participante

O presente estudo caracterizou-se por ser do tipo participante e teve como objetivo geral analisar a viabilidade do desenvolvimento da disciplina Educação Física no ensino médio, período noturno, por meio de uma proposta metodológica de Ensino Aberto, no Colégio Oberon Floriano Dittert (Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá) (CAIC/UEM). O estudo constituiu-se de quatro etapas básicas de desenvolvimento que foram: primeira, diagnóstico geral da situação da Educação Física no CAIC/UEM - turno noturno; segunda, elaboração de uma proposta participativa para o desenvolvimento da Educação Física, baseada na metodologia de Ensino Aberto; terceira, desenvolvimento da proposta durante um semestre envolvendo as turmas de segundo ano dos cursos de Educação Geral e Auxiliar de Enfermagem, pois encontravam-se no meio do curso e, portanto, já haviam vivenciado a sistemática da Educação Física da escola e; quarta, avaliação das ações desenvolvidas pelo estudo durante o semestre. O enfoque participante preconiza que todos os envolvidos nas ações tenham condições de opinar, sugerir e participar tanto da elaboração como do próprio desfecho das mesmas. Assim, todas as ações do estudo foram plenamente discutidas e avaliadas pelos envolvidos, estimulando-se o compromisso geral. Como resultado geral, pode-se concluir que a Educação Física é plenamente viável de ser desenvolvida dentro do ensino noturno, com conteúdos significativos e de valor para seus participantes. Não houve nenhuma queixa ou comentário que desabonasse as estratégias adotadas e as ações desenvolvidas. Assim, resta ao profissional da área atentar para o significado de suas ações dentro desse nível escolar e preparar-se adequadamente para o enfrentamento desse desafio que, de agora em diante, será facultativo, de acordo com a nova LDB 9.394/96. E, como ponto final do estudo, sugere-se que estudos da mesma natureza sejam desenvolvidos nas demais áreas do conhecimento, no período noturno, para que possam contribuir para uma mudança significativa da formação hoje ofertada ao aluno trabalhador.

Palavras-chave: Ensino da Educação Física; Metodologia de Ensino; Educação Física no Ensino Médio; Educação Física no Ensino Noturno

Autor: Prof. Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo

Universidade: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Faculdade de Educação Física

Departamento de Educação Motora

ABSTRACT

Physical Education in Senior highschool evening classes: an interactionist study

The aim of the present participating study was to analyze the feasibility of developing Physical Education in evening classes of Senior high school through an Open Teaching Methodology at *Colégio Oberon Floriano Dittert* (Teacher Training School of Universidade Estadual de Maringá – CAIC/UEM). It was carried out through the following basic phases: surveying Physical Education situation at CAIC/UEM – evening classes; establishing an interactionist plan to develop Physical Education based on the Open Teaching Methodology; carrying out the plan during one semester involving senior highschool second year classes of the courses in General Education and Nurse Aides, selected for being halfway through the course and already having experienced Physical Education systematic teaching; evaluating the experimental actions applied during the semester. The interactionist approach assumes that all participants are able to express their opinions, give suggestions and take part in the establishment and carrying out of the proposed actions. Thus, all the actions of the study were completely discussed and evaluated by the participants who were stimulated to further articulate them. The results led to the conclusion that Physical Education is feasible to be applied in its significant and dignifying contents to evening classes. No negative comments were expressed on the strategies and actions carried out in the plan, but it may be advisable for teachers to be prepared adequately to face this kind of challenge, especially after LDB law nº 9.394/96 which makes this discipline optional. In the end, it is suggested that further similar studies may be carried out in the other fields of knowledge, especially in evening class courses, so that they may contribute significantly to the amelioration of education offered to evening clientele.

- **Key words:** physical education teaching, teaching methodology, physical education in evening classes of senior high school.

"Quando se lida com seres humanos em formação, com seus sonhos, suas fantasias, seus projetos de vida, aumenta muito a responsabilidade pela escolha de metas, pela articulação entre as múltiplas aspirações individuais e o interesse coletivo."
MACHADO (1997:38)

INTRODUÇÃO

No início do ano de 1993 foram instituídas comissões de docentes junto à Escola Estadual Oberon Floriano Dittert - Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá - CAP/UEM, para a estruturação do ensino de segundo grau. Iniciava-se aí a concretização de um sonho de mais de vinte anos, ofertar o segundo grau para a população da região da escola e, mais especificamente, possibilitar a continuidade de estudos aos discentes do próprio Colégio. Foram muitas reuniões e discussões para se estruturar um segundo grau que atendesse os sonhos de educadores preocupados com uma formação de qualidade.

Preparado o plano, iniciou-se a busca pela aprovação e autorização de funcionamento junto a Secretaria de Estado da Educação. Nesse percurso o plano sofreu alterações e teve de ser adaptado às considerações e imposições do Estado. Com isso, o Colégio teve de reduzir a grade proposta e incluir um novo curso no plano, o curso profissionalizante de Auxiliar de Enfermagem.

Vencidas essas etapas burocráticas de negociações, autorização e garantido o comprometimento do Estado em auxiliar no desenvolvimento dos cursos aprovados - Educação Geral e Auxiliar de Enfermagem, iniciou-se o segundo grau no ano de 1995 na Escola Estadual Oberon Floriano Dittert - Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá, agora com a nova denominação de Colégio Estadual Oberon Floriano Dittert - Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de

Maringá integrado ao Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente - CAIC, pois o Estado, em parceria com a União, construiu uma nova estrutura física dentro do campus universitário, nos padrões nacionais. Doravante, o respectivo Colégio, local de desenvolvimento deste estudo, será denominado simplesmente de CAIC/UEM.

A estruturação da proposta pedagógica do CAIC/UEM, para o ensino de segundo grau - período noturno, nos cursos de Educação Geral e Auxiliar de Enfermagem, contemplou a disciplina de Educação Física em sua grade curricular, alocando-a no interior da grade sem deixá-la no início e/ou final de período, da mesma forma que evitou seu desenvolvimento aos sábados. Essa medida teve a intenção de estimular os discentes para uma participação mais efetiva na disciplina. Entretanto, por complicações advindas da sistemática de desenvolvimento da disciplina, ela se tornou um problema para o Colégio. Existiam sérios pontos que estavam inviabilizando a concretização do que se imaginou para ela. Esses pontos, segundo a direção do Colégio, centram-se na figura dos docentes que ministram a disciplina e de um apoio mais direto da própria estrutura pedagógica.

Durante os três anos de funcionamento do segundo grau não foi possível visualizar o desenvolvimento de uma Educação Física que contemplasse o perspectivado quando de sua idealização. O caráter integrador, formativo e participativo, deu lugar ao "laissez faire", ao tempo inútil e à bagunça. Dessa forma, a direção do CAIC/UEM solicitou que fossem apontados caminhos para a concretização do que havia sido idealizado ou, então, a Educação Física deveria ser eliminada da grade do ensino de segundo grau do período noturno.

Dessa forma, na qualidade de consultor e idealizador da proposta apresentada para a implantação da Educação Física para o segundo grau no CAIC/UEM, fomos intimados a responder aos anseios da administração pedagógica do CAIC/UEM. Assim, estruturou-se este estudo, através de uma metodologia participante, com o propósito de analisar a viabilidade de desenvolvimento da disciplina Educação Física dentro dos moldes do projeto pedagógico idealizado para o Colégio.

O estudo está estruturado em cinco capítulos sem a preocupação de se destinar um específico para estudo de revisão bibliográfica. Em todo seu desenvolvimento faz-se análise de trabalhos correlatos e que contribuem direta ou indiretamente nas respectivas discussões dos capítulos.

No Capítulo 1 "**Pensando a educação**", desenvolve-se uma análise sobre os aspectos legais da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei 9.394/96 e suas implicações no desenvolvimento da Educação Física Escolar. São apresentados a situação problema, objetivos e o enfoque metodológico utilizado no estudo.

No Capítulo 2 "**Analisando a realidade**", é apresentado um diagnóstico pormenorizado de toda a situação da Educação Física no período noturno do CAIC/UEM. As aulas são analisadas por intermédio de observações diretas. O docente responsável pela disciplina de Educação Física no noturno e a Coordenação Pedagógica do Colégio, participam da entrevista com o pesquisador e apresentam suas considerações sobre a situação da Educação Física no colégio. Ainda no Capítulo, é apresentado o perfil dos grupos de discentes participantes das turmas que integraram o estudo: segundo ano de Educação Geral e de Auxiliar de Enfermagem, noturno.

No Capítulo 3 "**Definindo a abordagem metodológica**", são apresentadas propostas metodológicas em evidência no país. Para o Capítulo foi desenvolvido um estudo pelo pesquisador junto aos idealizadores das propostas com o propósito de clarear pontos divergentes e comuns que cada uma delas preconiza. Também é definida a proposta metodológica que norteou o desenvolvimento das aulas do estudo.

No Capítulo 4 "**Com a mão na massa**", são apresentadas todas as ações desenvolvidas durante o estudo, a organização das aulas, a estrutura de abordagens participativas, algumas dificuldades e facilidades encontradas nas vivências com as aulas por meio de metodologia de Ensino Aberto. Também são relatadas as experiências vivenciadas durante a organização de eventos como Semana de Ciências do Esporte, Apresentação de Ginástica e Gincana. Neste Capítulo, as aulas são apresentadas e analisadas de forma detalhada nos aspectos de metodologia adotada, participação e autonomia do conhecimento.

No Capítulo 5 "**Avaliando as ações**", são apresentadas as considerações avaliativas do docente responsável pela disciplina de Educação Física dos grupos do estudo e, também, as avaliações dos discentes participantes. Ainda neste Capítulo, de forma complementar, mas de grande valor no conjunto do estudo, uma avaliação realizada pelo pesquisador, por intermédio de observações diretas nas aulas das demais disciplinas que são oferecidas no período noturno, para as turmas envolvidas no estudo.

Por fim, no tópico "**Conclusões**", são tecidos alguns fechamentos possíveis para os objetivos traçados para o estudo. Todavia, é importante salientar que este estudo tem uma característica de intervenção participativa, portanto, coaduna com as idéias de que a sociedade é dinâmica e mutante em suas representações. Dessa forma, entende-se que as idéias conclusivas apresentadas representem o momento vivido dentro de uma determinada situação e período. De forma alguma pretende-se generalizar o que aqui se revelou, entretanto, aceita-se que a experiência em muito pode contribuir para possíveis avanços da área, e para um maior respeito com o aluno trabalhador, buscando com isso, eliminar a mediocridade do ensino noturno.

“A escola é quase um aparelho de distribuição dos indivíduos em categorias sociais pré-determinadas. Favorece os já favorecidos, exclui, repele e desvaloriza os já desfavorecidos. Esse aparelho de distribuição oculta sua natureza, apresentando-se como tecnicamente determinado. Dessa forma, a divisão social do trabalho determina a divisão da escola em duas redes de ensino que levam à reprodução do proletariado e à reprodução da burguesia em redes distintas.”
CARVALHO (1994:19)

CAPÍTULO I

Pensando a educação

a) Considerações preliminares

O ano de 1996 será lembrado por muito tempo como o ano da mudança na educação brasileira. A aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394/96, constituiu-se como um marco de entendimento e conceituação da educação em nosso país. A educação começa a ser vista e entendida pela maioria da população como necessária para um melhor desenvolvimento da condição social. Nunca se comentou tanto, nunca se discutiu tanto e nunca se mudou tanto, de uma só vez, no atinente às tendências educacionais. O senador Darcy Ribeiro, por meio de articulações políticas, conseguiu, apoiado pelo estafe do Ministério da Educação e Desporto, fazer valer suas idéias e propósitos para a educação brasileira, suplantando um trabalho de longa data e muitas reformulações elaboradas por professores de todo o país, liderados por pesquisadores da educação como Saviani, Gadotti, Florestan Fernandes e tantos outros.

A nova Lei recebeu inúmeras críticas e também o reconhecimento de grande parte de educadores, por ser uma Lei que demonstra avanços para o ensino brasileiro. Ela delega responsabilidades aos Conselhos Estaduais de Educação, à escola e aos professores que, em leis anteriores, ficavam centralizadas no MEC. Os Conselhos

Estaduais, as escolas e os professores deverão se organizar a fim de estruturar o ensino nas diversas regiões de nosso país, pois com a LDB 9.394/96 tal estruturação poderá ser diferenciada de região para região, de escola para escola. O MEC abre mão do poder central, contudo, lança os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) com o propósito de mostrar um norte, e utiliza-se de estratégia avaliativa e provões nacionais para verificar se as estruturas elaboradas e o ensino desenvolvido têm atendido a um perfil escolar aceitável. Assim ficam subentendidos dois princípios básicos desta nova LDB: o da flexibilidade, que dá às diversas instâncias do sistema educacional a possibilidade de criar e experimentar; e o da avaliação, sistema do qual o MEC fará uso para a verificação das experiências realizadas e de seus resultados.

Precipitar comentários sobre os efeitos futuros de tal reformulação seria pura especulação acadêmica, a menos que a dita especulação seja extremamente reflexiva e embasada em pesquisas. No momento, distante dessa condição de aprofundamento reflexivo e científico, o que podemos fazer é vislumbrar uma educação mais participativa que se utiliza da distribuição de responsabilidades aos agentes que fazem a educação, professores e alunos, com grandes possibilidades de conquistar espaços antes inatingíveis, ou seja, um reconhecimento social mais efetivo da necessidade de oportunidades educacionais, indistintas de classes sociais, cor, sexo e idade. Uma sociedade só avança se seu povo tiver a possibilidade de possuí-la concretamente, entendê-la e geri-la conscientemente.

Em especial para a Educação Física, a nova Lei, em seu artigo 26 cita:

“os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.”.

E, no parágrafo 3º do mesmo, complementa:

“a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”.

Conforme citado no Art. 21 inciso I da mesma Lei, a Educação Básica é formada pela Educação Infantil (o conjunto de ações desenvolvidas em creches e pré-escolas ou instituições equivalentes), Ensino Fundamental (ensino de 1º grau - 1ª a 8ª série) e Ensino Médio (ensino de 2º grau).

Dessa forma, a Educação Física passa a ser valorizada como componente curricular que deverá integrar a estruturação curricular desde o trabalho da creche até o término do segundo grau. Agora, a tarefa de definir com que frequência e com que conteúdo será desenvolvida nos diversos níveis de ensino ficará a cargo dos Conselhos Estaduais, Planos Pedagógicos das Escolas e, mais diretamente, aos docentes da área.

Colocado dessa forma, o componente curricular “Educação Física” parece já estar ajustado aos novos ditames da Lei 9.394/96 - CFE, e sua inclusão e desenvolvimento se darão de forma natural e clara. Grande engano! Nossas constatações e vivências práticas junto à escola apontam problemas sérios que impedem esse desenvolvimento natural, ou seja, a falta de uma estruturação interna da área, o despreparo docente, o desinteresse discente pelo mundo do movimento (crescente conforme o nível de ensino), a falta de recursos físicos e materiais, a rejeição da área pelas instâncias administrativas das escolas, além de tantos outros problemas, fazem dessa conquista de espaço pedagógico uma luta que não deverá ter trégua tão cedo.

A Educação Física não possui ainda uma organização e sistematização de conteúdos a ser desenvolvida nas escolas. Essa falta de estrutura pedagógica curricular coloca a área dentro de uma ação pedagógica com fim em si mesma, sem sequência ao longo dos anos escolares.

Em artigo sobre a prática pedagógica da Educação Física, OLIVEIRA (1992) ao entrevistar pessoas sobre as experiências com a Educação Física Escolar, revela que com nada, ou quase nada, essa área do conhecimento contribuiu na formação dos mesmos. A repetição dos conteúdos ano a ano durante todo os graus escolares (até o Ensino Superior), a valorização da performance esportiva, a discriminação, a desvinculação dos conteúdos com o dia a dia dos participantes, a falta de intenção formativa dos conteúdos e as estratégias metodológicas autoritárias, fazem da Educação Física Escolar uma área do conhecimento sem significado dentro do processo educacional.

A preocupação com uma formação de maior qualidade, voltada a princípios educativos e formativos, e não simplesmente esportivo com vistas à performance, ainda é muito recente dentro da área da Educação Física e não se coloca como consenso, pelo contrário, é tida como uma corrente de oposição. Isso pode ser constatado com o resgate histórico da produção científica da área da Educação Física por intermédio das Revistas Brasileira de Ciências do Esporte do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte - CBCE, um dos órgãos de maior representatividade dessa produção.

Somente após a reestruturação curricular determinada pelo Parecer 03/87 CFE é que os cursos de graduação em Educação Física começaram a se preocupar em atender a uma formação mais pedagógica e menos esportiva. Esse tempo de mudança ainda é pequeno e com poucas inserções dentro de um contexto macro como o Brasil. Despontam experiências de grupos isolados e organizados por pesquisadores interessados numa mudança mais significativa para a área. Entretanto, essas ações ainda não foram tamanhas a ponto de afirmarmos que já existe um outro quadro na Educação Física Escolar. Os docentes que estão ocupando os cargos escolares ainda são da formação antiga e lá deverão ficar por boa quantidade de tempo. A nova safra de profissionais ainda levará tempo para se colocar em número de destaque no quadro geral. Isso reforça a necessidade de constantes reciclagens e acompanhamentos mais próximos para contribuir em possíveis mudanças.

Resultante de uma desestruturação da área e despreparo docente, surge o desinteresse discente. A repetição de conteúdos da 5ª série do 1º grau (fase de início de trabalho do profissional de Educação Física até 97) ao último semestre da prática desportiva na Universidade (processo pedagógico do basquete, voleibol, andebol e atletismo), ações metodológicas autoritárias, valorização da performance esportiva e desmerecimento aos inaptos do esporte, além de conteúdos sem significação, levam a um quadro estarrecedor, ou seja, a uma grande evasão das aulas de Educação Física que acaba tendo seu dique maior na fase em que jovens e adolescentes cursam o Ensino Médio. Tal constatação também é referendada por CLAYES (1987); RACHEV (1988) e MARTINS JUNIOR (1997), ao afirmarem que com a idade, as contingências para as atividades físicas do estudante decrescem continuamente baseando-se, principalmente, nos motivos de que as atividades propostas pela Educação Física pouco se relacionam

com os interesses e necessidades dos participantes, assim como têm pouca aplicação fora da escola.

Somado a todo esse quadro ainda tem o “gargalo” do vestibular que força os alunos desse período escolar a selecionar as atividades de seu tempo disponível. Com toda certeza, por uma falta de formação adequada e de conhecimentos suficientes sobre os benefícios da atividade motora para uma condição de vida salutar - não trabalhado adequadamente pela Educação Física Escolar em séries anteriores - o jovem acaba por se negar ao direito de momentos de lazer e de convivência social que as atividades físicas proporcionam.

O desinteresse com relação aos conteúdos tradicionais da área na rede escolar tem aumentado e se antecipado em nível de série escolar. Essa ação docente apresentada e a desvinculação do conteúdo com a realidade atual dos participantes, têm afugentado os mesmos de uma participação mais efetiva junto às aulas de Educação Física. É constante a reclamação docente de que os alunos não querem mais saber de nada, são uns molengas, só querem conversar, fazer bagunça e tantos outros motivos mais interessantes do que simplesmente correr atrás da bola.

Ainda para referendar o apresentado, podemos lançar mão do trabalho de MOREIRA (1991) que, de modo geral, ao analisar a prática docente em Educação Física, chega a algumas constatações que se resumem em atitudes formais e autoritárias na relação com os alunos, sendo a aula entendida como sinônimo de cumprimento mecânico e rigoroso dos exercícios. Aponta para uma Educação Física como um produto acabado, conseguido por meio de ordem estabelecida, e não como um processo a ser descoberto e desenvolvido. O esporte competitivo é, nessas aulas, determinado pela obediência fiel às leis que o regulamentam, sem cooperação mútua, preocupado com a vitória e incentivador da lei de tirar vantagem do mais fraco. O corpo do aluno é visto como um objeto a ser manipulado e melhorado em seu rendimento, independentemente de suas condições, sendo o corpo não atlético ridicularizado ou desprezado. O professor de Educação Física não tem prazer em sua ação profissional. Há ausência de prazer e ludicidade nas manifestações dos discentes e distanciamento entre docente e discente nas ações desenvolvidas.

Vinculado a esses desinteresses docente e discente, existe outro grave problema, que é o da falta de material adequado para o desenvolvimento de práticas higiênicas e saudáveis em Educação Física. As instalações, com raras exceções, são precárias e desestimulantes às práticas. Os materiais seguem o mesmo padrão. Os recursos bibliográficos para pesquisa praticamente inexistem.

Somado a esse quadro, existe a falta de significação da área para os administradores escolares. Essas pessoas que hoje administram as escolas passaram pelas aulas de Educação Física (sistema tradicional) e sabem o que elas representam. Isso os leva a perceber que essa área não possui significação na formação geral de seus alunos, relegando a ela as sobras financeiras e o “status” de apêndice curricular. É muito difícil, para esses dirigentes, entender o significado das práticas pedagógicas da Educação Física quando em toda a vida escolar não conseguiram vivenciá-la. Se para os docentes da área ainda é difícil entender e praticar uma nova postura acadêmica, imagine para os que foram alunos desses professores.

Isso tudo resulta em um somatório que nos faz duvidar da implantação e propósitos da nova LDB. O apresentado não é um problema legal, é um problema de ordem interna de uma área que está em formação, que se necessita legitimar junto à população. A Educação Física no Brasil ainda é recente, existe há cerca de meio século e, creio, levará outro tanto para encontrar um caminho mais sólido, não definitivo.

Mas, por outro lado, muita coisa tem sido feita no sentido de se tentar modificar esse significado social que possui a Educação Física Escolar. No último Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte realizado na cidade de Goiânia - GO, em outubro de 1997, houve uma mostra do quanto a área tem produzido em forma de alternativas e experiências para uma resignificação da Educação Física Escolar. Foi um Congresso que contou com a participação aproximada de 1.300 profissionais (formados e em formação), com a apresentação de mais de 500 temas livres onde, só na questão escolar foram mais de 100 trabalhos. E todos considerados de boa e muito boa qualidade pela comissão organizadora.

Outro ponto significativo de que o trabalho em Educação Física tem começado a se modificar pode ser destacado pela tese de doutorado de DARIDO (1997) que demonstra, em oposição ao resultado de MOREIRA (op. cit.), que os professores têm

uma perspectiva ampla em relação ao que se espera da Educação Física no contexto escolar. Procuram estimular uma prática consciente, prazerosa e saudável da atividade motora continuada. Existe uma preocupação geral em atendimento indistinto a todos os participantes. Entretanto, ainda possuem certa dificuldade na ampliação do universo de práticas motoras, centrando-se em conteúdos desportivos. E existe pouca variação em estratégias metodológicas para a abordagem dos conteúdos da área.

Ainda como ponto de destaque para as transformações que têm acontecido com a Educação Física, podemos verificar o trabalho desenvolvido por professores que estão propondo que a Educação Física “transpire menos e pense mais” dentro do sistema escolar. Essa foi a chamada para a Revista Nova Escola (1997:40-45) que destaca o trabalho de professores em Uberlândia, Recife, São Luiz, Florianópolis e São Paulo, no âmbito escolar, mostrando que ela pode ser diferente do modelo tradicional de preparo para a performance e para o esporte institucionalizado.

Contudo, apesar de demonstrado que já se começa uma mudança na prática e propostas de atuação para a Educação Física Escolar, notamos que é pouco frente a todo o quadro nacional e às particularidades existentes em cada região, município e escola.

Com a nova LDB, mesmo com essas experiências e demonstrações de sucesso em novas propostas, corre-se o risco de a Educação Física acabar tendo um espaço menor junto às grades curriculares a serem organizadas nos projetos pedagógicos das escolas. Isso reforça a necessidade de ações e estratégias mais contundentes e eficazes na estruturação e consolidação da Educação Física como uma área do conhecimento imprescindível na educação formal de nossa população. Essas ações poderiam se iniciar dentro da própria escola e com uma participação efetiva do docente de Educação Física, por meio de participações consistentes na estruturação dos diversos projetos pedagógicos, elaboração de planejamentos relevantes e significativos ao mundo dos envolvidos, participação na gestão administrativa da escola em seus mais diversos conselhos, participação nas diretrizes educacionais do Município, Estado e União. Acreditamos que ações com origem nas bases surtem transformações mais efetivas e consistentes.

E essa foi a preocupação corrente durante a realização da 49ª Reunião Anual da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) - Setor da Educação Física, na cidade de Belo Horizonte em julho de 1997: a preocupação de que a Educação Física

perdesse espaço de atuação junto ao sistema educacional. Durante todo o evento foram reservados espaços para discussões sobre a nova LDB (Lei 9.394/96), o que acabou por resultar num documento intitulado “A Educação Física Brasileira e a nova LDB - Carta da 49ª RASBPC - Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte” (1997), no qual se apresenta uma análise preliminar da lei, dando-se indicadores básicos para que os profissionais se organizem na busca de garantia de espaços acadêmicos e na conquista de novos patamares de atuação dentro do sistema educacional.

Mas a nova LDB traz ainda um problema muito sério para a área da Educação Física. Trata-se da questão “facultativa” do componente curricular Educação Física no “ensino noturno para todos os níveis”, conforme apresentado no Parágrafo 3º do Artigo 26.

O Decreto 69.450/71 que regulamenta o Artigo 7º da Lei 5.692/71, em seu Artigo 6º cita que:

“em qualquer nível de todos os sistemas de ensino, é facultativa a participação nas atividades físicas programadas:

- a) aos alunos do curso noturno que comprovarem, mediante carteira profissional ou funcional, devidamente assinada, exercer emprego remunerado em jornada igual ou superior a seis horas;*
- b) aos alunos maiores de trinta anos de idade;*
- c) aos alunos que estiverem prestando serviço militar na tropa;*
- d) aos alunos amparados pelo Decreto-lei nº 1.044/69, mediante laudo do médico assistente do estabelecimento”*

Com essa preocupação apresentada na Lei, tanto na 5.692/71, regulamentada pelo Decreto-lei 69.450/71, como na 9.394/96, fica claro e evidente que o entendimento geral da Educação Física Escolar é de uma atividade com a finalidade de performance motora e não uma disciplina (componente curricular) com fins formadores, culturais e educacionais.

Aqui, para que possamos começar a nos dirigir ao enfoque de nossa pesquisa e não nos perdermos em caminhos ermos, vamos nos aproximar mais do nosso objeto de estudo que é a análise da problemática da Educação Física no período noturno do CAIC/UEM.

Por que ao trabalhador, ao adulto, à mãe, ao cidadão com problemas especiais, são deixados como facultativos os conhecimentos sobre seu corpo, suas capacidades motoras, seu momento de lazer e sua auto-valorização enquanto sujeito social e produtivo?

Ao elaborarmos essa questão, temos claro no que foi apresentado anteriormente, o desconhecimento geral da população e classe dirigente sobre as possibilidades da área da Educação Física no sistema educacional e a morosidade no despertar da grande maioria dos profissionais da área, que ainda possuem uma atuação medíocre.

Infelizmente a produção acadêmica sobre o período noturno é muito reduzida. Afirmo infelizmente por se tratar de uma grande parcela da população que é mal assistida dentro do sistema educacional.

Edgar A. Carvalho ao prefaciar a obra de CARVALHO, C. P. (1994:10) cita que:

“se pensarmos no ensino noturno , esse cotidiano vai apresentar um conjunto de características singulares, pois recebe um alunado que já está inserido na produção capitalista e que chega à escola já esgotado pelas lides do trabalho que o explora e avilta. Resultado disso, é o grande índice de evasões, reprovações, desistências, fato que contribui para a formação de um contingente de força de trabalho cada vez mais desqualificado, pois o que se aprende na escola nada tem a ver com o que se vive no mundo do capital”.

O que dizer, então, da Educação Física Escolar que só ensina a jogar bola e a brincar ou pelo menos ensinava há algum tempo? Sem a menor dúvida, trata-se de uma área dispensável dentro do sistema educacional noturno, pois se destina a uma clientela que, conforme citado acima, vive para a produção. Portanto, sem direito a momentos de ócio, descontração, lazer, valorização do tempo livre. Ter uma “atividade”, diz-se atividade porque ela ainda se desenvolve como tal e não atingiu o grau de “componente curricular” conforme prescreve a nova LDB, que ocupe tempo de outras disciplinas que poderiam estar melhor capacitando o futuro operário é perda de tempo e oneroso para o Estado. Trata-se de uma área que não tem a função produtiva, ou seja, não gera capital. No ensino ela possui a função de ocupação de um espaço para o simples desfrute do momento. Dela não se leva nada para o próximo dia. A função recreativa esgota-se em si mesma.

Desse modo, é melhor que ao trabalhador seja colocado de outra forma, a de ter a opção de decidir se quer ou não possuir conhecimentos sobre as formas de organizar seu tempo livre (se é que tem), valorizar e entender seu corpo, conhecer o mundo da cultura corporal e suas diversas manifestações.

Como apresentamos anteriormente, se é difícil para o próprio profissional enxergar a importância de seu trabalho na escola, imagine então para o aluno que recebe esse trabalho. Por isso, ações que culminem numa melhor fundamentação e desenvolvimento da área nesse segmento escolar e de formação de nossa sociedade, merecem consideração e incentivo.

CARVALHO (1994:40) ao realizar uma leitura da legislação escolar cita que:

*“a partir dos dados referentes ao início do funcionamento dos cursos noturnos e do estudo da legislação escolar - onde se reconhece a existência desses cursos e sua destinação - , nota-se que **nada** foi realmente pensado para adaptá-la às condições específicas dessa clientela, nem para aproveitar a experiência vivida desses alunos.”*

Entender ou simplesmente aceitar que o período noturno tem as mesmas características e componentes que o período diurno é um equívoco que custa caro para toda a estrutura educacional. Adaptações, inovações e enfoques metodológicos diversificados devem ser experimentados a fim de minimizar distorções no aprendizado.

O governo tem lançado mão de inúmeros artifícios para recuperar alunos que estão fora da relação idade/série escolar. Estratégias metodológicas participativas, com a valorização do mundo concreto vivido, estão sendo empregadas com sucesso nessa empreitada para a correção de fluxo escolar. Isso nos faz lembrar bem o trabalho idealizado e desenvolvido por um dos maiores educadores de todo o mundo, o brasileiro Paulo Freire, que sempre insistia na utilização do mundo vivido dos educandos para o trabalho de alfabetização e conscientização. As idéias de Paulo Freire encontram eco nas críticas de Carvalho, ou seja, é necessário que os órgãos institucionais consigam enxergar e possibilitar o atendimento às condições específicas do ensino noturno através de seus atos burocráticos. São inúmeras as diferenciações entre as clientelas, que vão desde a predisposição discente para o estudo no terceiro turno do dia, até as condições de

capacitação docente para o enfrentamento das peculiaridades e necessidades particulares dos envolvidos.

Mas e a Educação Física? Como encaixá-la dentro dessa reformulação proposta? Como mostrar a essa parte da população educacional o valor e a importância dos conhecimentos dessa área para o dia-a-dia de todos nós?

Imaginar o desenvolvimento de um trabalho em larga escala é muito difícil. Várias estratégias governamentais já se frustraram nessa tentativa, desde cursos de reciclagem até estratégias de ensino à distância. Mudança no processo educacional para ser bem sucedida necessita ser lenta, gradual e consistente. Aceitar essa máxima para as transformações na prática educacional foi um dos pontos de ancoragem deste trabalho.

Dessa forma, procurando uma atuação específica no "locus" do problema, a escola noturna, com firme propósito de manter consistência e ganhar qualidade no estudo, procuramos desenvolver este estudo junto ao Colégio Oberon Floriano Dittert - Centro de Ação Integral à Criança e Adolescente da Universidade Estadual de Maringá - (CAIC/UEM), no ensino médio, período noturno, com as turmas de segundo ano de Educação Geral e Profissionalizante em Auxiliar de Enfermagem.

b) Situação problema

O trabalho desenvolvido na formação de professores de Educação Física, por mais de quinze anos, nos deu a possibilidade de visualizar e acompanhar de forma intensa as transformações por que passou e passa essa área do conhecimento. A Educação Física, de entendimento técnico e direcionado à busca da performance motora dentro e fora do sistema educacional, passou a trabalhar de forma mais complexa e aprofundada nas questões educacionais e sociais, propiciando um melhor aproveitamento dos conhecimentos e vivências dentro da prática motora do homem.

A busca de novos enfoques teóricos e práticas relevantes para a Educação Física tem sido muito forte desde a década de oitenta. As transformações sociais ocorridas em nosso país nessa década contribuíram substancialmente para esse despertar da área. Como pontos significativos podemos citar a retomada da democracia em nosso país, a liberdade de imprensa, novas propostas educacionais, incentivo e liberdade na reorganização

curricular da formação de professores de Educação Física (um grande marco na história da Educação Física nacional), o avanço no mundo esportivo e também a grande valorização da performance motora para a manutenção de uma vida mais saudável amplamente divulgada por todos os meios de comunicação.

Diante de todo esse quadro de reformulação e de novos enfoques, surge a necessidade de novas formas de atuação e estratégias didático-metodológicas para a Educação Física Escolar, para além de propostas de performance motora e da prática do desporto institucionalizado.

Como pontos de destaque para apoio dessa necessidade surgem propostas como: Metodologia do Ensino Aberto de HILDEBRANDT e LAGING (1986) também trabalhada pelo GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFSM E UFPe (1991); Fundamentos de uma Abordagem Desenvolvimentista de TANI ; KOKUBUN; MANOEL e PROENÇA (1988); Educação de Corpo Inteiro, baseada nas concepções construtivistas, de FREIRE (1989); Metodologia Crítico-Superadora do COLETIVO DE AUTORES (1992) e, por fim, Metodologia Crítico-Emancipadora de KUNZ (1994).

Esses trabalhos têm estimulado, provocado e demonstrado possibilidades de uma nova prática para a Educação Física Escolar. O amadurecimento para a prática dessas propostas ainda é pequeno. Conforme dito anteriormente, experiências já estão em andamento e têm conseguido sucesso em seus diversos desenvolvimentos. Contudo, ainda não podemos dizer que já possuímos uma prática diferenciada no sistema escolar, apenas experiências em vias de consolidação e na busca de novos espaços dentro do sistema escolar, o que já se trata de um passo significativo na perspectiva de novos horizontes para a área.

Mas queremos chamar a atenção para um ponto que destacamos como fundamental nessa empreitada de reestruturação e consolidação da Educação Física Escolar. Nossa vivência no interior das escolas tem mostrado que muito está por ser feito, pois ações mais próximas aos docentes envolvidos com o desenvolvimento da disciplina necessitam ser empreendidas.

O trabalho de capacitação docente tem sido estimulado em todo o sistema educacional. Porém, o que podemos observar dentro das sistemáticas utilizadas são cursos de curta duração, palestras, pequenos eventos e outros de forma atemporais e sem

seqüência de aprofundamentos. Além disso, na qualidade de consultor da Secretaria de Estado da Educação do Paraná no período de 87 a 92, pudemos visitar várias regiões do Estado e perceber que essa sistemática de reciclagem muito pouco interfere na prática docente cotidiana. Esse tipo de trabalho serve mais para mostrar aos docentes que existe algo diferente e, também, para municiá-los com um discurso de caráter progressista, sem, contudo, provocar mudanças na prática diária dos mesmos.

Em especial, e dentro da problemática apresentada, está o **Ensino Médio do período noturno** do CAIC/UEM. Atuando como membro do Conselho Pedagógico desse Colégio, desde o ano de 1989, e responsável pelo projeto pedagógico da Educação Física, trabalhamos como colaborador na elaboração do projeto de implantação do Ensino Médio na escola. Com a participação citada e também como responsável pelo estágio de acadêmicos da disciplina de Didática do curso de graduação em Educação Física da UEM, onde obtivemos destaque no trabalho realizado junto à comunidade escolar, conseguimos sensibilizar a Direção e todo o Conselho Pedagógico do CAIC/UEM no sentido de contemplar a disciplina da Educação Física, inserindo-a no horário, de modo que não fosse desenvolvida em início ou final de período, bem como, no de final de semana. Tudo isso para estimular e provocar os alunos a participarem das atividades a serem desenvolvidas.

O projeto seguiu as orientações pré-concebidas pela Secretaria de Estado da Educação e perspectivava o desenvolvimento de uma Educação Física informativa, formativa e rica em variação de atividades esportivas, recreativas e culturais.

Entretanto, nada do que foi planejado para a disciplina foi colocado em prática. O que tem acontecido, segundo a Coordenação Pedagógica da escola, é um verdadeiro desrespeito pelos alunos, ocupação de um espaço precioso dos trabalhadores que se dirigem à escola para um aprendizado, bagunça e irresponsabilidade no desenvolvimento de uma prática pedagógica.

No início do ano de 1996, a direção da escola nos convocou para que juntos procurássemos uma solução para o problema, pois já tinham em mente uma solução mais fácil e, agora, facilitada pela nova LDB - Lei 9.394/96, ou seja, a eliminação da disciplina Educação Física da grade curricular ou, na melhor das hipóteses, colocá-la em final de período ou final de semana deixando-a totalmente facultativa. A Lei (LDB) não coloca a

eliminação, mas possibilita que isso aconteça de acordo com o projeto pedagógico e o entendimento dos órgãos gestores das diversas escolas.

A justificativa da escola para essa convocação e irritação com a disciplina se prende a tudo o que a escola oferece (condições físicas, materiais e apoio pedagógico) e ao pouco valor dado pelo docente à organização, criação, participação e desenvolvimento da disciplina, onde a participação é mínima e os conteúdos desenvolvidos em nada atendem ao projeto proposto. A indignação da direção é com o fato de que, desde o ano de 95, quando foi implantado o Ensino Médio na escola, nada foi diferente dentro da disciplina da Educação Física, sendo decrescente, desde então, a participação e envolvimento dos discentes com a mesma.

Essa indignação apresentada pela direção da escola nos colocou em uma situação bastante delicada, pois como mentores da proposta apresentada quando da implantação, não poderíamos deixar de contribuir com a busca de alternativas e a indicação de caminhos consistentes a fim de consolidar a Educação Física nessas séries escolares do período noturno.

Outro ponto do desafio para o enfrentamento na busca de soluções para o problema da viabilidade da Educação Física no período noturno é a pouca produção acadêmica que se possui na área sobre o assunto.

Nos cursos de graduação, e em especial na disciplina de Didática, trabalhamos com idéias e proposições teóricas que visam ao ideal, sem muitas vezes considerar o real vivenciado nas escolas. Os mais diversos congressos e encontros científicos da área indicam, sempre encontraremos presente um trabalho apontando esse distanciamento citado, o de que, o quê se ensina na graduação não condiz com o vivido no cotidiano da escola.

Assim colocado o desafio, e na tentativa de contribuir com um trabalho que pudesse apontar formas de ensino da Educação Física no CAIC/UEM, é que nos propusemos, através de um estudo participativo, vivenciar o desenvolvimento das aulas de Educação Física no referido Colégio e dentro das condições que o mesmo possibilita.

O estudo participativo é uma forma de trabalho científico educacional que sofre uma estruturação e readaptações no seu decorrer, no qual os caminhos vão se consolidando e apontando outros para a sua continuidade. Entretanto, traçar alguns

objetivos básicos para o início do trabalho se faz necessário e, para tanto, organizamos os seguintes objetivos iniciais conforme descritos a seguir.

c) Objetivos

c.1) Objetivo Geral

Analisar, por meio de estudo participativo, a viabilidade do desenvolvimento da disciplina Educação Física numa proposta de Ensino Aberto no Ensino Médio, período noturno, do CAIC/UEM.

c.2) Objetivos Específicos

- 1 - Verificar como se processa o desenvolvimento da disciplina Ed. Física no Ensino Médio, período noturno, do CAIC/UEM;
- 2 - Verificar junto ao docente da disciplina, como se dá o preparo para o seu desenvolvimento e o comprometimento para esse segmento escolar;
- 3 - Elaborar o perfil discente envolvido na pesquisa;
- 4 - Verificar junto à Coordenação Pedagógica, qual o seu entendimento, expectativa e proposta pedagógica para a disciplina Educação Física nesse segmento escolar;
- 5 - Construir junto a discentes e docentes da disciplina, uma proposta de desenvolvimento participativo na disciplina Educação Física;
- 6 - Desenvolver a disciplina Educação Física baseando-se na proposta metodológica do Ensino Aberto.

d) O caminho percorrido

d.1) Metodologia Participante

“Quem passa a vida “em cima do muro”, não faz história, ou é tragado por ela. Por medo do compromisso, inutiliza sua passagem pela história, ou serve a compromissos escusos. Isto significa ...que não há como fazer história, sem “sujar-se” com ela.”

DEMO (1985:110)

A opção por uma pesquisa de vertente metodológica participativa não é tarefa fácil. É difícil para o pesquisador envolver-se numa comunidade, ganhar a confiança, participar, colocar-se como mais um elemento da comunidade e, junto com ela, buscar novos caminhos para uma melhor convivência social.

Despir-se da estratégia empírico-analítica, controladora e rígida nos caminhos técnico-científicos, onde as etapas pré-concebidas e minuciosamente delimitadas para o perfeito desenvolvimento e segurança de um estudo são organizadas, é condição primeira para o envolvimento em um estudo participativo.

Outro ponto de significativa importância para o enfrentamento de estudo participativo é o de eximir-se da condição de dono da verdade e colocar-se na condição de aprendiz junto de todo o processo que se desenvolverá.

SILVA (1991:26), ao refletir a pesquisa participante, executando um amplo levantamento de pesquisas e pesquisadores adeptos dessa modalidade, utiliza-se das análises de Sylvia Van Dijk para conceber a pesquisa participante;

“como um processo educativo, tanto para os investigadores como para os investigados, devendo desenvolver-se em torno de uma problemática...Identifica-se com a educação popular na medida em que o investigador se transforma em educador e vice-versa, isto porque, como investigador em educação popular, é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto no que-fazer educativo”.

A premissa desse enfoque metodológico é o de que o caminho deve ser construído no processo de desenvolvimento das ações pertencentes ao estudo. Nesse percurso de

construção recaem algumas das críticas e preocupações sobre a proposta, ou seja, a possibilidade de uma indefinição teórica com limites mais significativos. Ou como SILVA (1991:187) coloca, *“chega-se a falar em vazio teórico ou pouca clareza no papel da teoria, além de pouca preocupação na busca de respostas teóricas aos problemas colocados, o que pode significar um retorno ao empirismo”*.

Essas preocupações devem ser consideradas em toda a estruturação do trabalho, pois o trato com o conhecimento a ser produzido deve ser o mais rigoroso possível, valorizando as ações e os atores de todo o processo desencadeado pela pesquisa.

No aspecto educacional, a vertente participativa tem se colocado como bastante forte e atuante, tendo como um de seus precursores Paulo Freire que, com seu trabalho no processo de alfabetização de adultos, partia das bases culturais locais dos participantes para avanços significativos da tomada de conhecimento e conscientização.

“Para muitos de nós, a realidade concreta de uma certa área se reduz a um conjunto de dados materiais ou de fatos, cuja existência ou não, de nosso ponto de vista, importa constatar. Para mim, a realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos esses fatos e dados e mais a percepção que deles esteja tendo a população neles envolvida.” (PAULO FREIRE, 1985:35)

Tomar a realidade como ponto central de análise e de como os atores dessa realidade a percebem e a desenvolvem e, junto com eles, buscar novas formas de intervenção nessa realidade é a tarefa principal desse estudo.

Ainda como ponto de reforço à potencialidade dessa modalidade de pesquisa, SILVA (1991:188) cita que:

“no campo educacional, essas práticas, não resta dúvida, têm contribuído para existência de um paradigma emergente no desenvolvimento educacional latino-americano que inspira a maioria das experiências em educação popular, cujo aporte se expressa por colocar a necessidade de se partir da realidade dos participantes; de tomar consciência de sua situação econômico-social; de vincular o conhecimento à ação; de valorizar a cultura popular; de incentivar a organização local e fundamentar-se em relações pedagógicas horizontais”.

Tomando por base as recomendações e preocupações com o estudo participante, adotamos como caminho metodológico para o desenvolvimento do presente estudo os seguintes encaminhamentos:

d.2) Definindo a comunidade estudada

O presente estudo destinou-se a trabalhar com o Ensino Médio, período noturno do CAIC/UEM, que conta com aproximadamente 300 alunos distribuídos em quatro turmas de Educação Geral e três turmas de curso profissionalizante em Auxiliar de Enfermagem.

Para o estudo em particular, pelo método adotado e envolvimento necessário do pesquisador com as turmas, optou-se pelo trabalho com duas turmas de segundo ano, pois já estão no meio do ciclo, adaptadas e acostumadas com todo o desenvolvimento da disciplina até aqui vivido.

d.3) Etapas de desenvolvimento e procedimentos adotados

d.3.1) Conhecendo a realidade

d.3.1.1) Observação das aulas

Inicialmente, a fim de conhecer e se aproximar da realidade vivida no ensino da Educação Física no noturno do Ensino Médio do CAIC/UEM, observamos o desenvolvimento de dez aulas.

A observação se deu de forma direta, com anotações gerais sobre o desenvolvimento das aulas com atenção aos conteúdos oferecidos, estratégia metodológica adotada, papel do docente, papel dos discentes.

d.3.1.2) Entrevista com o docente da disciplina

Conhecer melhor o docente, suas idéias sobre a Educação Física Escolar e o trabalho que desenvolve junto ao ensino noturno da escola, foi a principal razão dessa entrevista. A entrevista teve uma estruturação básica que se prendeu a:

- dados pessoais (nome, idade, graduação - local, data);
- participação em cursos relevantes;
- tempo que leciona;
- tempo que leciona no noturno;
- entendimento sobre o que é Educação Física;
- como analisa o período noturno;
- relação com o que pensa sobre Educação Física e o que coloca em prática;
- estratégias que utiliza para sensibilizar os alunos para as aulas de Educação Física;
- qual o entendimento sobre o Decreto-lei 69.450/71;
- conteúdos que trabalha no ensino noturno;
- formas de avaliação que desenvolve;
- relação que emprega nos conteúdos com o dia-a-dia dos participantes;
- conhecimento sobre a proposta de Educação Física para o Ensino Médio confeccionada pelo Estado do PR.;
- estrutura física e material da escola para o desenvolvimento da disciplina e apoio da administração no oferecimento de reciclagens acadêmicas.

d.3.1.3) Entrevista com os discentes do 2º ano de Educação Geral (EG) e Auxiliar de Enfermagem (AE)

Com o propósito de se elaborar o perfil dos discentes das turmas, realizou-se uma entrevista semi-estruturada com os seguintes pontos de observação:

- dados pessoais (nome, idade, estado civil);
- trabalho;

- opção pelo curso em que participa;
- realização de esforço físico durante o dia;
- prática de esportes;
- conhecimento sobre a prática da atividade física permanente;
- como foi a Educação Física no Ensino Básico (conteúdos, estrutura das aulas, papel do professor, papel do aluno);
- importância/relação do vivenciado na Educação Física com o cotidiano;
- como deve ser a disciplina da Educação Física;
- vivência com o que imagina ideal para a Educação Física;
- nível de satisfação com a atual Educação Física da escola.

d.3.1.4) Entrevista com a Coordenação Pedagógica do CAIC/UEM

Saber qual o entendimento da escola e a expectativa sobre a Educação Física no ensino noturno foram os pontos principais para a estruturação desta entrevista. Como roteiro central da mesma tivemos:

- processo histórico de criação do ensino Médio no CAIC/UEM;
- proposta pedagógica básica para os cursos;
- como é administrar o Ensino Médio (docentes, estrutura, discentes);
- relação do diurno com o noturno - preparo especial;
- reciclagens pedagógicas - preparo especial para o ensino noturno - vínculo do Estado;
- como a Educação Física foi pensada para o Ensino Médio noturno;
- problemas de desenvolvimento da Educação Física;
- avaliação discente sobre a Educação Física;
- avaliação da Coordenação Pedagógica sobre a Educação Física;
- perspectivas futuras para a Educação Física no período noturno.

d.3.2) Envolvendo-se com a disciplina Educação Física no Ensino Médio – período noturno

A partir do momento em que toda a situação foi mapeada e analisada, deu-se início ao envolvimento do pesquisador com a disciplina da Educação Física no Ensino Médio - período noturno, nas turmas de Educação Geral e Auxiliar de Enfermagem. Nesse momento o pesquisador assumiu definitivamente a docência das turmas. Esse envolvimento aconteceu no início do segundo semestre de 1997 e durou até o final do ano, com o desenvolvimento de uma gincana geral que serviu de encerramento para a Semana de Ciências do Esporte.

Como etapas de desenvolvimento das estratégias metodológicas, adotou-se o seguinte encadeamento de ações:

d.3.2.1) Refletindo a situação

- 1) Apresentação do perfil;
- 2) Discussão sobre a importância da disciplina;
- 3) Apresentação de pesquisas;
- 4) Apresentação da proposta da Secretaria de Estado da Educação.

d.3.2.2) Planejando ações

- 1) Apresentação de propostas de ações;
- 2) Seleção de temáticas a serem trabalhadas;
- 3) Discussão (negociação) sobre as formas de desenvolvimento dos temas;
- 4) Apresentação das temáticas selecionadas.

d.3.2.3) Desenvolvimento

- 1) Aulas teóricas;
- 2) Aulas práticas diferenciadas / conteúdos variados;
- 3) Apresentação de mini seminários (sobre o livro) pelos discentes;

- 4) Apresentação de ginástica - desafio proposto pelo docente aos discentes da turma de Educação Geral;
- 5) Apresentação de trabalhos teóricos na Semana de Ciências do Esporte - desafio a todos os participantes da proposta

Essa foi a seqüência de ações adotadas para o desenvolvimento de todo o estudo junto às duas turmas do CAIC/UEM durante o segundo semestre de 1997.

d.3.3) Avaliando os resultados

Para avaliar os resultados, utilizou-se de entrevistas com os discentes de ambas as turmas e que se envolveram diretamente no desenvolvimento do estudo durante todo o semestre. Para a análise das entrevistas, de forma geral, empregou-se a metodologia de análise de conteúdo de BARDIN (1977).

As entrevistas tiveram um roteiro semi-estruturado que se prendeu a:

- análise sobre o que relatou na entrevista anterior e a relação com o que vivenciou durante a experiência;
- avaliação sobre o envolvimento com a disciplina;
- análise da relação dos conteúdos vivenciados com o dia-a-dia e futuras utilizações dos mesmos;
- análise das atividades desenvolvidas (aulas teóricas/ aulas práticas/ livro/ ginástica/ Semana de Ciências do Esporte, etc.)

Como complemento da avaliação, realizou-se uma entrevista com o docente da disciplina, que participou efetivamente de todas as aulas desenvolvidas e é o responsável pela Educação Física no período noturno do CAIC/UEM.

A entrevista semi-estruturada procurou levantar junto ao docente, toda a expectativa do mesmo sobre a experiência realizada e de como ela influiu com a sua forma de entender e praticar a Educação Física. Dessa forma, alguns pontos centrais foram abordados, ou seja:

- credibilidade na proposta apresentada - conceito anterior e posterior à experiência;
- vivências com a forma do trabalho desenvolvido;

- expectativas na estruturação de novos trabalhos para o desenvolvimento da disciplina nos demais níveis escolares;
- preparo para novas conquistas acadêmicas.

A seguir serão apresentadas detalhadamente cada uma das etapas, resultados obtidos e referencial teórico que deram suporte ao desenvolvimento do presente estudo, procurando não perder de vista o seu objeto central que é o de apresentar a viabilidade de desenvolvimento da Educação Física no período noturno utilizando uma proposta metodológica participativa.

*“Hoje, minha certeza é outra - digo “certeza”
porque precisamos de certezas para pensar e
agir - hoje eu creio que é na luta cotidiana, no
dia-a-dia, mudando passo a passo, que a
quantidade de pequenas mudanças numa certa
direção oferece a possibilidade de operar a
grande mudança. Ela poderá acontecer como
resultado de um esforço contínuo, solidário,
paciente”*

GADOTTI (1997:26)

CAPÍTULO II

Analisando a realidade

Para um melhor entendimento do presente Capítulo o dividimos em quatro tópicos básicos que se compuseram da seguinte forma: observação das aulas; entrevista com o docente da disciplina; entrevista com os discentes das turmas e entrevista com a Coordenação Pedagógica do CAIC/UEM.

No tópico "a", estão apresentadas as observações realizadas nas aulas de Educação Física. Estas observações serviram para retratar como se dava o desenvolvimento dessas aulas, suas características, papel docente e discente, o conteúdo tratado e a interação social proporcionada dentro das ações que se realizavam.

No tópico "b", está apresentada uma análise da entrevista realizada com o docente responsável pela disciplina Educação Física no período noturno do CAIC/UEM. Esta análise proporcionou uma visualização geral das razões básicas que o levaram ao tipo de desempenho profissional constatado.

No tópico "c", estão apresentados os perfis dos dois grupos participantes deste estudo. O perfil do grupo de Educação Geral e o perfil do grupo de Auxiliar de Enfermagem, ambos com análises detalhadas para subsidiar um entendimento maior do quadro geral do ensino no noturno do CAIC/UEM.

Por fim, no tópico "d", se apresenta uma análise da entrevista realizada com a Coordenação Pedagógica do CAIC/UEM para elucidações sobre a implantação do Ensino Médio no Colégio, diferenciação entre o ensino noturno e diurno existente, capacitação docente para o enfrentamento do ensino noturno e a disciplina Educação Física nesse período.

a) Observação das aulas

Estávamos no ano de 1997, com uma quantidade enorme de novidades e reformulações dentro da educação que vão desde os aspectos legais até os aspectos didático-pedagógicos específicos das ações cotidianas em aulas, todavia parece que ainda não haviam avisado boa parte dos docentes que atuavam diretamente nas escolas.

Infelizmente, o quadro a ser relatado, pensava-se não mais existir dentro do sistema escolar. Grande engano! Por isso, ressalta-se que ainda muito há por ser feito em termos de uma reestruturação na disciplina da Educação Física e sua prática pedagógica na escola.

As observações somaram um total de dez aulas, estratégia desnecessária, pois com apenas uma aula já seria possível definir o seu perfil de desenvolvimento, tendo em vista que nada muda de uma para outra, independentemente de série ou grau. Mas, por outro lado, foi significativo na medida em que pudemos constatar a mesmice de todas as aulas, independentemente de série ou grau.

Quanto aos conteúdos selecionados para serem trabalhados, pudemos verificar que nada segue um planejamento. Os conteúdos são aleatórios de aula para aula, dependentes da boa vontade dos participantes, que é formada pela minoria de todas as turmas.

Nas turmas de Educação Geral, de primeiro e segundo anos, existe uma maior participação no número de alunos, pois a maioria é do sexo masculino e todos gostam de praticar o futebol de salão, modalidade líder na escolha desses discentes para se jogar em aula. As alunas, em sua grande maioria, ficam sentadas observando os alunos jogarem, quando muito se propõem a uma participação numérica nos jogos e por pouco tempo. Os alunos as ignoram e as deixam "plantadas" em quadra, desmotivando-as por completo. Já

no terceiro ano a situação se complica um pouco mais, decrescendo sobremaneira o interesse pela prática da Educação Física. Os alunos são mais adultos e já conseguem perceber com maior clareza a inutilidade da atividade realizada e preferem, em muitos casos, ficar em sala de aula estudando outras matérias que, segundo eles, trazem melhor retorno (notas, conhecimento, interesse).

Para as turmas de Auxiliar de Enfermagem a experiência é mais complicada ainda. Essas turmas funcionam em atendimento a dois tipos de clientela simultaneamente. Pessoas já graduadas em Ensino Médio e que vêm apenas para cursar as disciplinas específicas da habilitação e pessoas que participam do curso de forma completa. Com isso a heterogeneidade do grupo é muito grande, com grande variação de idades, interesses, experiências e tudo o mais que pode caber em um distanciamento de até 30 anos de idade entre as discentes.

Das turmas de Auxiliar de Enfermagem existentes, aproximadamente 20% delas participam das aulas de Educação Física. A grande maioria já cursou e/ou encaixa-se nos dispositivos do Decreto-lei 69.450/71. Com isso, o desenvolvimento das aulas de Educação Física para essas turmas fica comprometido, e as poucas que procuram participar se desmotivam por não encontrarem conteúdos que atendam aos seus interesses. Em todas as aulas observadas pudemos verificar a participação de no máximo cinco alunas, sem estímulo, com atividades desmotivantes e cansativas - apenas o toque do voleibol e algumas tentativas de jogos de duplas. Atividades que, pela falta de prática, conhecimento e experiência motora insuficiente, acabam por desestimular a uma prática mais animada e com efeitos positivos.

Quanto ao aspecto metodológico, não se pode dizer que exista um, pois o que se pode verificar é a atuação de um docente que chega ao local da aula (o ginásio de esportes), conta o número de pessoas presentes (muito rapidamente, pois o número é constantemente pequeno), pergunta o que fazer a todos (escolhe-se uma modalidade para brincar no grupo - geralmente definida pelo líder), organiza o material necessário para a atividade (busca bola de futebol de salão, basquete ou voleibol - arma a rede, se necessário, consumindo grande parte do tempo), deixa o pessoal brincar na modalidade escolhida e pega o livro para colocar a presença de quem está participando. Os alunos que não participam da atividade, mesmo tendo que participar oficialmente, ficam no ginásio

conversando, lendo, estudando outras matérias e/ou pelo pátio da escola perturbando a normalidade da escola.

No que diz respeito aos papéis desempenhados tanto por docente como por discentes, nos faz lembrar WERNECK (1993) que diz, “*se você finge que ensina eu finjo que aprendo*”. As cenas apresentadas nos mostram claramente esse pacto de convivência com a irresponsabilidade e a falta de postura acadêmica.

O docente adota a postura de um almoxarife, que se responsabiliza pela organização, busca e distribuição de material para uma prática esportiva aleatória de acordo com a definição do pequeno grupo de discentes que se propõe a participar. Já o grupo discente adota a postura de indiferença para a atividade a ser desenvolvida, deixando que a própria atividade exclua e defina os dominadores e líderes do grupo que, invariavelmente, são sempre os mesmos, pois possuem mais habilidades que os demais e se sobressaem chamando a atenção para si e para suas capacidades.

Temos a destacar que por vezes existe a intenção do docente em tentar agrupar, convocar os discentes para uma prática mais sistematizada. Entretanto, o fato de se ter uma postura já conhecida dentro das aulas de “nada-fazer”, atividades livres, desrespeito mútuo e nada de cobrança, faz dessas tentativas apenas tentativas.

Em outros momentos, enquanto os alunos desenvolviam suas brincadeiras em quadra e o docente se aproximava, aproveitávamos para conversar sobre a prática apresentada. Dentre essas conversas o que mais nos chamou a atenção foi a falta de perspectiva apresentada pelo docente para o futuro das aulas de Educação Física na escola. A idéia que nos passou foi a de que aquele profissional, formado há apenas seis anos, já se encontrava esgotado e vazio para o exercício da profissão.

Por outro lado, pudemos observar também uma certa angústia por esse vazio e ineficiência apresentada. O docente reiteradamente frisava em sua fala que não estava mascarando o que acontecia nas aulas costumeiramente, pois queria aproveitar a oportunidade para discutir a Educação Física na escola, que, para ele, deveria ser mais valorizada, deveria ser obrigatória a todos, deveria trabalhar os esportes de forma mais séria. Porém, em nenhum momento houve mostra efetiva dessa intenção e/ou propósito nas práticas desenvolvidas.

As aulas observadas, que seriam melhor definidas como atividades livres, nos deram a dimensão das reclamações apresentadas pela Direção e Coordenação Pedagógica da escola. Nesse momento, mesmo que quiséssemos adotar uma posição, de caráter até mesmo corporativista, em defesa da Educação Física, seria impossível frente ao que foi constatado.

BETTI (1993:240) cita que algumas questões sobre a Educação Física já estão praticamente consolidadas, tais como:

- "a) que a ação profissional em Educação Física/esporte deve basear-se num corpo teórico, interdisciplinar, de conhecimentos, que têm por objeto o estudo do ser humano em movimento numa atividade do tipo esporte, dança, ginástica e jogos. Esse corpo teórico tem sido caracterizado como uma disciplina acadêmica;*
- b) a ênfase da área está no aspecto intelectual e não físico-motor. A posse de habilidades (saber fazer o movimento) não leva necessariamente ao sucesso profissional (ensinar o movimento a outras pessoas);*
- c) saber como ensinar movimentos também não é suficiente. É preciso saber por que ensiná-los ou não a certa clientela, sob as circunstâncias de um certo contexto, em determinadas fases do processo ensino-aprendizagem. Isso implica decisões de natureza filosófica, sociológica, psicológica e biológica, teoricamente fundamentadas (novamente um processo intelectual);*
- d) o conceito de prática em Educação Física/esporte refere-se à prática social; ou seja, a profissão aplica seus conhecimentos em serviços socialmente úteis."*

Conforme constatado e definido por BETTI como alguns conceitos praticamente consolidados na área, podemos afirmar que ainda existe um hiato bastante grande entre a produção teórica e o que realmente se vive dentro das escolas. A produção acadêmica ainda está distante do cotidiano da prática acadêmica curricular escolar. Voltamos a frisar que essa aproximação se dará no momento em que se consiga colocar o pesquisador em contato direto com a realidade, apoiando, sustentando, experimentando e contribuindo com alternativas de capacitação do corpo docente que atua nessa realidade.

Na continuidade do trabalho, com o propósito de conhecer um pouco mais sobre as idéias (entendimento sobre Educação Física; conhecimento sobre o ensino noturno; estratégias que organiza e outros detalhes) e formação do docente (tempo que leciona,

cursos que destaca na formação...) envolvido com a disciplina, realizamos uma entrevista semi-estruturada com o docente.

b) Entrevista com o docente da disciplina

A entrevista realizada com o docente responsável pela disciplina da Educação Física no ensino noturno do CAIC/UEM (ANEXO 1) nos mostra de forma clara como ainda temos muito a fazer na Educação Física Escolar.

As preocupações apresentadas no início deste estudo confirmam-se nas declarações apresentadas pelo docente. A escola ainda está longe de apresentar uma prática diferenciada dentro da Educação Física. O descompromisso social e acadêmico, a descontextualização dos conteúdos com a realidade vivida, a mesmice de todos os anos, a irresponsabilidade no trato com a educação, são pontos que desvalorizam a Educação Física enquanto componente curricular. A experiência do docente na passagem por várias escolas e o relato de que suas atividades eram sempre da mesma forma das que desenvolve no CAIC/UEM, confirma uma realidade que está distante de inovações e práticas renovadas.

O pouco tempo de magistério, se é que podemos dizer seis anos pouco, já deveria ter sido suficiente para que o docente repensasse e reorganizasse a prática acadêmica que desenvolve junto aos seus alunos. Entretanto, o que conseguimos captar na fala do docente foi apenas uma inquietação, uma insatisfação com o que desenvolve, mas nada de novo foi experimentado. Ficou no discurso, assim como a definição do mesmo em relação ao que entende por Educação Física.

Mais uma vez, quando o docente relata o que entende por Educação Física, concretiza-se o que afirmamos anteriormente, ou seja, o docente acaba assumindo um discurso circulante de educação progressista e o apresenta sempre que questionado. Contudo, não passa de invólucro para uma prática empobrecida e sem finalidade educativa. O exemplo é bastante claro de acordo com o relatado nas observações das aulas.

Aceitar que esse docente ainda seja remanescente do modelo de currículo antigo e que por isso teve maiores falhas no processo formativo é compreensível. Entretanto, é

inadmissível que algum professor, de qualquer área que seja, atue no ensino e não se atualize, preparando-se adequadamente para o desenvolvimento de sua área. Isso passa a ser irresponsabilidade, tanto do próprio docente, quanto da administração educacional que não se preocupa com a qualidade dos docentes que emprega.

Conforme FREIRE (1997:57-9), ensinar exige uma *“consciência do inacabamento”* e do reconhecimento do *“condicionamento”* e cita *“gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Essa é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado.”*

A dinâmica da vida nos impulsiona a uma busca constante de novos caminhos, conhecimentos e estratégias para enfrentar o cotidiano. Sentir-se determinado, acabado e pronto, limita por completo qualquer avanço e expectativa de mudanças. O desequilíbrio e a consciência do inacabamento nos propõem um repensar infinito das ações.

Nossas gerações são dependentes diretas de uma boa formação educacional. Num país onde o índice de escolaridade coloca-se entre os piores em nível mundial, seria de se esperar que esses poucos que conseguem ficar na escola pudessem ter uma educação de melhor qualidade. Mas não é verdade, se assim fosse, o índice de permanência na escola seria bem melhor.

Voltando à entrevista, pudemos observar uma nova falha dentro do sistema escolar. O ensino noturno não recebe atenção diferenciada para escolha de docente e/ou conteúdo, metodologia, etc.

O docente ao falar sobre a escolha do noturno para trabalhar cita:

“olha, teve a distribuição de aulas e como ninguém podia vir à noite eu tive de assumir as aulas”

Ainda sobre a questão do noturno e do preparo para ministrar aulas, o docente cita:

“não, isso não existe. A gente simplesmente vem, dá as aulas e pronto”

Fica evidente que a administração escolar não se preocupa com a qualidade do ensino a ser oferecido. As aulas, pelo demonstrado, são leiloadas e quem se dispuser a ministrá-las, as assumirá. É evidente que todos os docentes que estão na escola são profissionais legalizados e autorizados academicamente para ocupar os cargos que fazem

parte do processo. Porém, fica a dúvida se todos se preparam e/ou são preparados para determinadas funções, como é o caso, em específico, do ensino noturno.

SILVA (1984:30) cita que “...os professores com maior titulação ou maior tempo de serviço escolhem aulas da manhã e da tarde... restando para o noturno os professores novatos e menos habilitados.”

A constatação apresentada acima foi novamente estudada e teve reafirmada a sua constatação por CAPORALINI (1991); GONÇALVES (1992) e, ainda, podemos verificar que esse quadro não se alterou em 1997.

Existem muitos problemas administrativos de contratação de docentes: docentes temporários; exagero no rodízio de docentes nas escolas dentro de um único ano; descompromisso do Estado com uma política mais sólida em relação à categoria do magistério; critérios para uma remuneração mais digna e tantos outros problemas que acabam por fazer, da administração escolar, uma roleta russa a cada novo ano. A administração a todo novo ano fica sem saber se poderá contar com o quadro docente do ano anterior ou se ele será modificado. Isso altera totalmente as estratégias planejadas, pois na prática é um fator administrativo que só se normalizará dentro de um ou dois meses depois do início das aulas. Ainda, destaca-se que o rodízio dos docentes não pára após esses dois meses iniciais citados, ele permanece durante todo o ano e, inexoravelmente, compromete tremendamente o andamento normal das atividades e o alcance dos objetivos da proposta pedagógica de qualquer escola. Para uma exemplificação dessa afirmação pode-se citar o caso da disciplina de Química do 2º grau noturno do CAIC/UEM que, durante o ano, trocou três docentes.

GONÇALVES (1992:11) referenda as afirmações apresentadas, com seu trabalho sobre o ensino noturno no Estado do Paraná dizendo que “a rotatividade é mais um obstáculo na constituição de uma identidade com a realidade da escola”.

Esse é um quadro que engloba toda a educação, mas com predomínio no ensino noturno. E como diz CAPORALINI (1991) “é a pobre educação do trabalhador”.

No aspecto de relação entre discentes e envolvimento com as atividades, o docente consegue perceber que existe uma diferença entre o discente do diurno e o discente do noturno.

“...os alunos do diurno participam, fazem o que a gente organiza para as aulas e estão mais dispostos para as atividades. Os alunos do noturno chegam cansados. A maioria trabalha e vem para a escola amarrado, sem o mínimo interesse pelas aulas...”

Assim podemos inferir que o docente consegue enxergar a diferença entre os discentes dos dois períodos que atende. É evidente que pessoas que têm uma noite de sono de, em média, seis horas, acordam cedo e trabalham o dia todo, chegam para as aulas à noite cansados e, muitas vezes, desmotivados.

Centra-se nesse ponto um dos grandes desafios do ensino noturno. Contemplar o trabalhador com um ensino estimulante, rico, gratificante e útil. Não que essas características não devam estar no ensino de forma geral. Trata-se de uma clientela que necessita de trabalho diferenciado, pois é uma clientela diferenciada.

Nesse aspecto entra como mola propulsora do incentivo e do estímulo a seleção de conteúdos significativos, estratégias metodológicas variadas e um contato professor/aluno que seja próximo e responsável, onde haja a possibilidade da co-gestão no processo ensino-aprendizagem.

Mais uma vez, podemos constatar que não é a realidade da escola em questão. O docente entrevistado não possui nem conhecimento da proposta que a Secretaria de Estado da Educação organizou em 1988 para que fosse desenvolvida junto ao Ensino Médio das escolas públicas, a qual apresenta uma fundamentação teórica que procura mostrar um pouco mais as possibilidades de desenvolvimento da Educação Física Escolar e aponta possíveis caminhos de estruturação de conteúdos.

Inexoravelmente as aulas são organizadas e centradas visando ao desenvolvimento, melhor dito, oferecimento, pois não se pode observar que houvesse uma proposta de desenvolvimento, e sim que se tratava da simples prática do esporte performance. Não existe uma preocupação mais efetiva no preparo de material diversificado, aulas diferenciadas, estratégias metodológicas variadas, conteúdos diversos.

A consciência do docente frente aos discentes que trabalha se coloca dentro do que PAULO FREIRE (1983:40) denomina de *"consciência ingênua"*. Trata-se de uma visão limitada sobre a realidade onde atua e sobre o seu papel frente a essa realidade. Existe, de acordo com o observado nas ações e depoimentos do docente, uma condição de

flutuação sobre os reais problemas em que está inserido. É o mesmo que ocupar um espaço apenas por ocupar, sem a preocupação de saber as reais intenções da ocupação daquele espaço e da existência do mesmo.

Como estimular pessoas cansadas e estafadas a ficar dando toques em bolas de voleibol, quicando bolas de basquetebol? Qual o sentido disso para a vida dessas pessoas?

É evidente que o docente não parou para pensar sobre essas questões e atribui o descaso dos discentes ao fato de serem pessoas desestimuladas para a prática da atividade física, pessoas que vivem cansadas. Talvez a melhor questão fosse, quem não o seria, tendo como rotina uma prática dessas?

Existe um traço de preocupação por parte do docente no que diz respeito à utilização dos conteúdos desenvolvidos com o dia-a-dia dos participantes.

“...a grande maioria dos conteúdos não tem influência na vida das pessoas...”

Seria lógico então, perguntar, por que oferecer esses conteúdos aos alunos? Por que não buscar outros que sejam significativos?

A escola possui um plano e diretrizes norteadoras para serem executadas. Quando da implantação e estruturação do Ensino Médio, participamos como colaboradores em sua estruturação e lá incluímos o Projeto do Estado e alguns caminhos a serem percorridos para o desenvolvimento de uma Educação Física significativa.

A resposta do docente se prende a afirmar que:

“... a escola possui um plano mas não dá para a gente seguir...”

Quanto a isso, pode-se verificar que recai novamente num problema administrativo e de coordenação pedagógica. Ou seja, o Colégio possui um plano e um projeto pedagógico, mas o docente faz o que quer dentro da sala de aula.

O Colégio elabora toda uma proposta pedagógica para o desenvolvimento de seus cursos e não se preocupa em acompanhar de perto como se dá o mesmo na prática. A fala do docente deixa isso evidente, pois em nenhum momento se preocupou em acessar e basear suas ações de acordo com os preceitos do planejamento pedagógico do Colégio. A estrutura física, material e bibliográfica não seria impedimento para o desenvolvimento do planejado, pois o Colégio em questão possui todas as condições mínimas necessárias.

Assim, resta entender que existe um problema sério entre a teoria e a prática curricular do Colégio.

Ainda sobre essa questão de plano e proposta do Estado, podemos nos deparar com uma outra constatação, que muitos estudiosos da área relutam em aceitar e teimam em dizer que já abandonamos esse tipo de prática alienante e alienada.

É o fato de que as escolas ainda possuem, e arrisco dizer, em sua grande maioria, profissionais da área da Educação Física que só se preocupam em ensinar a jogar basquetebol, voleibol, andebol e um pouco de atletismo. Aquele velho sistema de uma modalidade a cada bimestre.

Vejamos a resposta do docente sobre essas questões de planos e atividades durante as aulas. O que a experiência desse docente, com apenas seis anos de magistério relata.

“...quando comecei a dar aulas em colégio sempre foi em substituição a outros professores. Então, quando chegava na escola, o planejamento já estava pronto, era só segui-lo...”

...os planos eram a aplicação das modalidades. Em cada bimestre a gente trabalhava com uma modalidade...”

É muito fácil trabalhar com a Educação Física dessa forma. Basta um pouco de conhecimento técnico e razoável domínio prático e está pronto um profissional para desenvolver essas aulas. Mesmo quando queremos pensar que essa forma de prática já está abolida, ainda constatamos que não é verdade. Ela ainda é muito presente em todas as escolas. Para esse tipo de prática não se faz necessário uma formação em nível de Ensino Superior. Basta uma atuação técnica para dar conta dessas atividades.

Mas temos algo de novo no ar, com certeza. É a insatisfação discente e a angústia docente pela busca de uma nova forma de atuar. Entretanto, cai-se no problema citado anteriormente. As formas de capacitação do quadro docente do magistério atuam mais como inibidoras do que verdadeiramente estimuladoras às possíveis mudanças dentro da sala de aula.

Como atuar com um docente como o que acabamos de entrevistar? Ministrando um mini curso e mandando-o aplicar nas aulas diárias? É evidente que as dificuldades desse docente seriam inúmeras e as chances de tentativas repetidas seriam inviáveis. O

docente cairia no descrédito dos discentes, perderia o moral, ficaria sem chances de coordenar as atividades novamente. O risco é bastante grande nessa modalidade e leva a um desestímulo contínuo, ao enfrentamento de novas alternativas metodológicas.

“...a gente tenta mudar, mas os alunos só querem saber de jogar. Aí a gente fica sem saída...”

E assim vão se levando as aulas de Educação Física. Essa é a argumentação mais ouvida por quem ministra cursos de capacitação docente. *"A teoria é bonita, boa, mas a realidade não permite que coloquemos em prática. Os alunos são terríveis, só querem saber de jogar bola"*.

O despreparo docente manifesta-se na primeira barreira encontrada, o descompromisso que os discentes possuem com o sistema educacional. Se existe um chamamento para a participação nas decisões, existe uma negação imediata deles. Se existe uma possibilidade de acrescentar conteúdos novos e ricos, existe uma recusa dos discentes. Se existe uma convocação para a experimentação de novas práticas, novas alternativas e experiências, existe um motim por parte dos discentes.

Com isso é necessário se pensar que esse quadro estabelecido tem suas origens históricas e devem ser consideradas. O descompromisso discente não acontece simplesmente por ser da índole do jovem e adolescente o descompromisso. Tem que se considerar aí o que a escola fez e faz no desenvolvimento de seus currículos, que causam tanto desinteresse e desmotivação. Seria a inutilidade dos conteúdos tratados e o excesso de autoridade docente? Seria a tristeza existente dentro da escola que acaba por desmotivar o discente a uma participação mais efetiva?

Ora, são todos fatores que estão diretamente relacionados a esse quadro caótico em que se desenvolve a educação em nossos dias atuais. Refletir sobre formas de superação e experimentar novas alternativas é o mínimo que se pode fazer quando se quer que esse quadro se reverta e a escola possa ocupar lugar de destaque e importância social. O prazer e a alegria são sentimentos fundantes na concepção e desenvolvimento de uma educação crítica, criativa, participativa e competente.

Entretanto, enfrentar esse quadro de negação e tristeza exige do docente muita estrutura e acompanhamento de perto para poder suportar todas as forças contrárias atuantes. FREIRE e SHOR (1986:37) afirmam que *“... se você experimenta uma*

transição na direção da educação libertadora, talvez você precise de constantes êxitos para se convencer de que tomou a direção certa”.

Somente passando pela busca e pelos percalços de um avanço pedagógico é que poderemos entender o que é um apoio no enfrentamento dessas ações negativas. Os discentes são frutos de todo um processo de educação alienante. Esperar que eles tomem a frente e aceitem uma mudança e consigam entender novas abordagens pedagógicas de imediato, seria muito amadorismo. Aí está uma formação necessária, a capacidade de enxergar além das barreiras colocadas e tentar superá-las com a melhor competência possível.

Por fim, após essa breve entrevista com o docente do CAIC/UEM, conseguimos amadurecer a idéia de um trabalho integrado, onde a participação do mesmo é o ponto central da questão, pois será o pólo disseminador da proposta a ser experimentada. Firmado esse primeiro contato, demos continuidade ao trabalho elaborando uma entrevista com os discentes das turmas participantes do estudo a fim de estabelecermos o perfil das turmas.

c) Entrevista com os discentes das turmas

As duas turmas envolvidas no estudo são bastante distintas e nos forneceram a possibilidade de visualizar de forma bastante clara a distinção entre o ensino profissionalizante, no caso o de Auxiliar de Enfermagem (AE), e o ensino dito Educação Geral (EG).

É importante destacar que a estratégia colocada para a elaboração inicial desse perfil se prendia ao compromisso dos discentes em responder a um questionário. O questionário foi entregue nas salas, foi esclarecida detalhadamente cada uma das questões, bem como o objetivo geral. Definiu-se o prazo de uma semana para a sua entrega. Decorrido o prazo, para nossa surpresa, apenas uns poucos discentes haviam respondido o instrumento criado.

Essa atitude vivenciada sugeriu um sentido de dificuldade com o trabalho a ser desenvolvido. O “se entregar” à proposta lançada ainda estava distante de acontecer, tendo em vista a indisposição dos discentes em colaborar com a primeira solicitação.

Dessa forma, organizou-se a estratégia da entrevista com o mesmo roteiro elaborado para o questionário então proposto. Durante as entrevistas, ao serem questionados sobre o fato de não terem respondido ao questionário, afirmavam que era muito longo e que dava preguiça de respondê-lo. Essas respostas mostravam claramente um desdém com a disciplina, na qual não importava ter ou não uma atividade séria dentro dela. Isso tudo confirma nossas observações das aulas, em que o interesse se mostrava da mesma forma, inexistente.

Mas as entrevistas aconteceram de forma normal e todos puderam participar, inclusive as alunas dispensadas do curso de Auxiliar de Enfermagem que só participam das disciplinas específicas da habilitação.

Outro ponto para o qual gostaríamos de chamar a atenção foi a linha de entrevista que adotamos. Toda a entrevista esteve estruturada no sentido de executar um levantamento sobre a atual condição do discente em seus dados pessoais (idade, estado civil, trabalho), um traço biográfico sobre a experiência com a disciplina Educação Física ao longo de sua vida estudantil e também fora dela, conhecimentos sobre a prática da atividade física livre e, por fim, satisfação com a disciplina Educação Física que tem na escola, conforme roteiro apresentado no tópico de metodologia.

Os resultados das entrevistas foram agrupados e serão expostos a seguir de forma separada por turma, pois entendemos ser importante destacar as diferenças existentes entre os dois perfis apresentados.

c.1) Perfil dos discentes do 2º ano de Educação Geral do CAIC/UEM

O total de alunos participantes da turma foi de trinta e um (31) discentes. A idade média chegou aos 17,5 anos. Do grupo apenas uma discente era casada e já possuía um filho. Destaca-se que a idade da mãe é de dezessete anos, dezesseis quando teve a criança. Para uma melhor visualização e entendimento do perfil levantado, encontram-se, no ANEXO 4, os gráficos desenvolvidos para ilustração dos dados coletados.

Em relação à idade, pode-se dizer que o grupo está dentro de uma média de normalidade para os padrões brasileiros no ensino de Educação Geral. Salientamos que o nível de participação nesse nível de ensino tem crescido consideravelmente nos últimos

anos. De acordo com o Ministério da Educação e Desporto, o Ensino Médio já absorve 12% do número de estudantes ativos no país (MEC, 1996:11).

Outro dado interessante apresentado pelo MEC (1996:31) é de que,

“o ensino noturno, responsável por quase 60% do total de matrículas, é predominante em todas as regiões do País e apresenta tendências à expansão nas três redes do setor público (Federal, Estadual e Municipal)... Sem dúvida, a predominância do ensino noturno deve-se ao próprio desenho da estrutura do sistema, pois as escolas, em geral, oferecem vagas para o ensino fundamental no período diurno e ensino médio à noite.”

Essa é uma tendência para a população brasileira que possui um contingente de trabalhadores cada vez maior. E o mercado de trabalho está sempre exigindo uma melhor qualificação da mão de obra. Faz parte do processo evolutivo mundial, onde a produção está diretamente atrelada ao conhecimento.

Sobre a questão de trabalho, o grupo possui 65% de trabalhadores e 35% de não trabalhadores. É importante frisar que desses 35%, faz parte um número significativo de jovens que assumem as tarefas domésticas, desde limpeza, compras e a preparação da alimentação diária, pois tanto o pai quanto a mãe trabalham fora.

Agora, partindo para a especificidade da Educação Física, procuramos saber um pouco sobre o esforço físico realizado durante o dia, prática de esporte e conhecimento sobre a atividade física permanente.

Em relação ao esforço físico realizado diariamente, demos quatro alternativas para que eles se enquadrassem. Intenso, moderado, fraco e nenhum. O nível intenso referia-se a um trabalho onde as capacidades motoras e físicas fossem exigidas durante grande parte do tempo. O nível moderado é relativo a atividades não tão fortes mas de constância razoável durante todo o dia. Para exemplificar usava-se a demonstração dos serviços de um office-boy que caminha muito, pedala muito, anda muito, fica em pé quase o tempo todo. Ou então, da dona de casa nos afazeres gerais de limpeza, lavar roupa, passar, etc. Em relação ao fraco já se caracterizava o trabalho mais sedentário de escritório, computação, bancário. E nenhum para os casos em que não se exercia praticamente nenhum esforço físico durante o dia.

A turma se dividiu em relação a essa questão da seguinte forma: 13% realizam esforço intenso durante o dia, são atletas amadores de atletismo e participam de treinamento diários e intensos; 42% fazem um esforço moderado, enquadrando-se dentro das funções que vão desde borracheiro, serviços domésticos e office-boy; 29% realizam esforços considerados fracos, pois ocupam posições de auxiliar de escritório, bancários e secretárias e; 16% não realizam esforço nenhum, simplesmente estudam, assistem televisão, não praticam esporte, não gostam da atividade física e estudam à noite por pura conveniência em estudar com um grupo mais maduro, no qual se exige menos em termos de trabalho e provas.

Quanto a uma prática permanente de atividade física, chegou-se aos seguintes dados: 71% da turma não pratica nenhuma atividade física além das que são oferecidas pelas duas aulas semanais de Educação Física da escola; 13% tem uma prática constante por serem atletas e 16% tem uma prática apenas recreativa e sem nenhuma regra de frequência, somente quando aparece uma oportunidade de praticar junto com amigos de forma ocasional.

E para completar esse quadro sobre a atividade física, perguntamos sobre os conhecimentos que possuíam em relação à prática da atividade física permanente.

Aqui foi interessante observar o interesse que muitos demonstraram em afirmar conhecimentos sobre a prática da atividade física.

“É importante porque ajuda a emagrecer;

A gente fica em forma;

Todos têm de ter atividade física;

Devem ser praticadas pela manhã;

Começar de leve e ir aumentando o ritmo.....”

Após as colocações dos entrevistados começávamos a questionar: qual a melhor forma de organizar uma atividade física, qual o controle adequado, como organizar atividades variadas? Bastavam alguns segundos e logo vinha a resposta: *“Ah, isso eu não sei não”*.

Mas mesmo assim, 13% dos entrevistados saíram imaginando que possuíam conhecimentos sobre a prática da atividade física. Os demais 87% afirmaram não possuir nenhum conhecimento sobre a questão.

Um ponto interessante e que chamou a atenção nas entrevistas foi o depoimento de uma discente que, logo após a questão e a complementação com as demais colocações sobre como, quanto, aonde, a melhor forma, citou:

“Olha, isso seria um ótimo conteúdo da Educação Física. Ela deixaria de ser tão monótona e só tratar de jogos. E o jogo é só para os bons, pois a maioria fica apenas assistindo, sem estímulo para aquela prática. Seria importante a gente ter um pouco de conhecimento.”

Isso demonstra de forma incisiva o quanto a Educação Física vivenciada desagrada na sua forma de desenvolvimento. E, o interessante, é a percepção da discente do quanto essa área pode vir a contribuir com sua formação. Uma percepção que o docente em toda a atividade que organiza não consegue ter.

Dando continuidade à entrevista, chegou-se ao ponto onde procurou-se resgatar um pouco da vivência de todos com a Educação Física Escolar. Como eram as aulas de Educação Física no 1º grau, quais conteúdos eram desenvolvidos, a postura do docente e a postura discente na organização e nas aulas.

As respostas referentes às experiências com a Educação Física Escolar pareciam estar ensaiadas. Com uma unanimidade geral os discentes disseram que as aulas de Educação Física aconteciam de forma recreativa e esportiva, com aspectos teóricos relacionados às regras e técnicas de posicionamentos dos esportes praticados em aulas.

Essa constatação referenda a afirmação de que a Educação Física Escolar ainda se prende no ensino e prática do esporte institucionalizado, sem uma preocupação maior com a ampliação e com o estudo da complexidade do mundo do movimento humano.

HILDEBRANDT (1985:34) apontou essa complexidade:

“sob o ponto de vista crítico de educação como educação para a capacidade de ação, o Esporte não pode ser considerado nas aulas de forma parcial, somente dentro de uma visão objetiva...”

Ao se privilegiar, dentro das aulas de Educação Física, essa forma de prática, onde a preocupação é somente com o aprendizado de uma série de movimentos desvinculados de um sentido subjetivo e crítico, estar-se-á perpetuando a condição de atividade dentro

do sistema educacional e não a consolidação de uma disciplina com corpo de conhecimento significativo para a formação dos participantes do processo.

Entender o esporte institucionalizado como um elemento fundamental no desenvolvimento das aulas de Educação Física é matéria vencida. O que não se pode aceitar é entendê-lo como finalidade da Educação Física Escolar. O esporte é um dos elementos a ser utilizado dentre uma gama de outras vivências que devem ser experienciadas nas aulas, onde podemos destacar as manifestações da cultura corporal atreladas aos jogos, às danças, às ginásticas e aos esportes. Prender-se exclusivamente ao ensino do esporte em sua dimensão objetiva, prática e conhecimento de regras e posicionamentos técnicos, é empobrecer demais esse espaço educacional.

Ampliar as vivências e aprofundar o grau de complexidade de entendimento do mundo do movimento, nas aulas de Educação Física, poderá contribuir para a consolidação e autonomia dos mesmos.

Ainda dentro dessa questão, foi interessante observar uma diferenciação que existe entre o ensino noturno e o ensino diurno.

Algumas respostas complementadas com comentários citavam:

Experiência no diurno:

“Onde estudei a gente tinha aulas teóricas, com trabalhos e seminários. Os assuntos eram sobre a história dos esportes, regras e coisas do esporte”

“A professora sempre alertava a gente sobre os exercícios, algumas correções e alguns cuidados. Mas isso acontecia muito rápido e quando a gente estava fazendo o exercício. Tanto é que não me lembro de nada”

“Na oitava série a gente teve a presença de estagiárias do curso de Educação Física. Elas deram outros conteúdos, intercalaram aulas teóricas e práticas. Foi interessante.”

Experiência no noturno:

“Estudei à noite. O professora só deixava a bola e a gente jogava. Quando a professora faltava a gente ia na secretaria pegava a bola e fazia o mesmo.”

Conforme podemos observar, mesmo dentro de toda a pobreza apresentada no desenvolvimento das aulas de Educação Física, o ensino no noturno consegue ser ainda pior do que o que se apresenta no ensino diurno. Será que os participantes do ensino

noturno não merecem, minimamente, a mesma atenção que os demais de outros turnos escolares?

Como diz CAPORALINI (1991:25) *“é a pobre escolarização dos que trabalham”*. Em se tratando de Educação Física, é o que fica evidenciado nas declarações dos entrevistados.

Ainda sobre as aulas de Educação Física vivenciadas no 1º grau, questionamos como elas se desenvolviam, o papel do docente e o papel do discente. As respostas, mais uma vez, foram unânimes.

Todas as aulas eram comandadas pelos docentes, com pouca ou nenhuma participação discente. As únicas participações eram em relação à escolha de algumas brincadeiras e/ou jogos durante a prática. As aulas, em quase sua totalidade, eram sobre os esportes.

As respostas reforçam a idéia de que aulas de Educação Física são sinônimo de sessões de treinamento com vistas à performance física e não espaços abertos à discussão e ampliação dos conhecimentos sobre o mundo do movimento humano e suas manifestações.

Outro ponto a salientar é a contínua postura autoritária assumida pelos docentes onde perpetuam-se as premissas da *“educação bancária”* apontada por Paulo Freire. O professor sabe, organiza e fala. O aluno não sabe, não organiza e não fala.

A postura docente apresentada não é novidade dentro de uma área que tem sua história atrelada aos fundamentos militares. O rompimento com esse tipo de atitude e prática docente, mesmo imaginando já estar mais ameno nos dias atuais, deverá levar um tempo considerável para ser superado e modificado.

A estrutura das aulas não apresenta muitas variações, os entrevistados citaram:

“A professora chegava, como de costume, dava um pequeno aquecimento, dividia a turma e deixava a gente ficar jogando. Nós vimos quase que exclusivamente voleibol, pois era o esporte que ela gostava e dominava.”

“Havia a predominância de quem sabia jogar sobre quem não sabia. Até para a escolha das atividades isso também interferia”

A professora GONÇALVES (1986:150) ao realizar reflexões sobre as aulas de Educação Física disse:

“Grande parte das aulas de Educação Física não foge às características gerais das outras disciplinas em relação ao controle do corpo. Na maioria das vezes, a aula de Educação Física na escola não constitui, como deveria se esperar, momentos de autênticas experiências de movimento, mas sim momentos onde o objetivo primordial é a disciplina do corpo. Esta é obtida através da realização de movimentos mecânicos isolados, sem sentido para o aluno, dissociados de afetos e lembranças, presos a padrões e transmitidos por comando pelo professor. O tempo e o espaço são pré-determinados e fixados pelo professor, bem como as ações motoras a serem realizadas. Estas, em geral, são guiadas por um plano racional elaborado unicamente pelo professor, distante das experiências de movimentos livres que o aluno tem fora da escola.”

As reflexões apresentadas pela professora Gonçalves ainda são atuais, pois não conseguimos observar, dentre as considerações feitas pelos entrevistados, modificações que pudessem ser consideradas significativas e que apontassem uma mudança de quadro. Infelizmente ainda estamos distantes do momento em que as propostas teóricas chegarão às práticas cotidianas das escolas.

Na tentativa de detectar se os discentes conseguiam perceber alguma importância nas aulas de Educação Física, perguntamos como que o vivenciado na aulas contribui e/ou participa na vida diária dos mesmos.

Para 10% dos entrevistados as experiências e conhecimentos tratados têm pouca relação com as suas vidas diárias. Para 13% dos entrevistados as experiências têm uma participação indireta, pois têm relação com o esporte que praticam e são importantes. Para a grande maioria, 77% dos entrevistados, as experiências com Educação Física não têm relação nenhuma com suas vidas diárias.

Isso demonstra o quanto a Educação Física Escolar está distante de atender aos anseios e necessidades de seus participantes. É imperioso que se repense a disciplina e sua importância na formação de nossos jovens. Entender que o processo educacional está diretamente vinculado com a formação integral de seus participantes e que estes buscam a autonomia frente aos conhecimentos ali tratados, é ponto fundamental na reestruturação da Educação Física e sua prática educativa.

Procurando descobrir como os entrevistados imaginavam a Educação Física, perguntamos como deveria ser a Educação Física na escola.

Para 10% dos entrevistados a Educação Física deveria ser isso mesmo, incluindo apenas algumas coisas diferentes. Deve ficar como está. Já para 90% do entrevistados, ela deveria ser alguma coisa útil e importante para o dia a dia. A Educação Física tem que trabalhar outros conteúdos, outros esportes, para que a gente possa conhecer mais.

Novamente a percepção discente fala mais alto. Os discentes têm claro quando uma área do conhecimento contribui ou não para a sua formação. Não podemos nos iludir e achar que pelo fato de eles imaginarem uma coisa diferente aceitem uma carga de trabalho mais carregada. Para isso será necessário um trabalho árduo e de longa duração. O discurso também chega no nível discente, não podemos crer em declarações de amor à primeira vista.

Mas os discentes dão algumas pistas de como imaginam uma disciplina de Educação Física diferente:

“Deveria ter conteúdos teóricos e ensinar a gente a conhecer o corpo, conhecer melhor os esportes e também organizar atividades esportivas”

“Deveria discutir conhecimentos que a gente possa aproveitar quando sair da escola”

“A Educação Física precisa ter mais tempo para ser melhor e mais aprofundada”

Essas pistas deveriam estar sendo contempladas há muito tempo pelo docente. Entretanto e, infelizmente, isso ainda está distante de acontecer nas práticas vivenciadas pelos entrevistados. Uma prática diferenciada exige estudo, boa vontade, coragem no enfrentamento de novas alternativas didáticas, apoio e acompanhamento de perto para discussões e organização de caminhos alternativos.

Tal consideração fica bem evidente na fala a seguir:

“Acho que ela tem que ser isso aí. Não tem que mudar. O pessoal não vai aceitar uma mudança da Educação Física de forma brusca, com por exemplo, ficar dentro da sala de aula. A turma não vai querer. Para desenvolver coisa diferente o professor vai ter que ser bom, tem que ter moral e conhecer o assunto, senão vai ficar uma bagunça na sala.”

Nada mais pé no chão e consciente do que a fala desse entrevistado. Para propor e desenvolver uma estratégia alternativa de ensino para qualquer área do conhecimento, tem que se ter bem claras as dificuldades a serem enfrentadas, as exigências que o modelo alternativo solicita e preparação adequada para evitar frustrações e retrocessos.

Em relação à Educação Física, apresentar modelos alternativos onde se exige um compromisso muito maior de que a simples entrega em práticas corporais, um compromisso com o conhecimento, com a descoberta, com experiências diversificadas da cultura corporal, com a produção acadêmica, modifica por completo o papel tradicional do docente da Educação Física. Essa nova prática exige dedicação e preparo adequado para o seu enfrentamento e a conseqüente conquista do discente. O momento da Educação Física é entendido como momento da descontração, da prática livre, do brincar. E isso não se pode mais aceitar dentro do sistema educacional e dentro de uma disciplina acadêmica, ela necessita ocupar o espaço informativo e formativo que propiciará aos seus participantes a autonomia frente a atividade física permanente e saudável.

Como nos diz KUNZ (1994:131):

“É necessário que cada disciplina se torne um verdadeiro campo de estudos e pesquisa. Também, para a Educação Física. Afinal de contas os alunos visitam a escola para estudar e não para se divertir (embora o estudo possa se tornar algo divertido) ou para praticar jogos e esporte (embora essa prática também tenha a sua importância).”

Somente atuando de forma competente, crítica e consciente, dentro do Sistema Educacional, poderemos mudar esse quadro e conceito que possui a Educação Física Escolar.

Por fim, questionou-se os discentes para saber qual o nível de satisfação em relação a Educação Física que estavam tendo no curso.

Mesmo essa turma tendo uma freqüência maior em número de pessoas nas aulas, melhor dito, sessão de jogos de futebol de salão, o resultado foi muito triste. Desses, 93% sentem pouca ou nenhuma satisfação com a disciplina da Educação Física contra 7% que sentem razoável e muita satisfação.

Esse resultado descredencia por completo o desenvolvimento da disciplina para o período noturno da escola. Assim fica muito fácil para a administração colocar essa

disciplina em final de período ou em final de semana, podendo ainda suspender a disciplina utilizando a carga horária para outra de “maior necessidade”.

Na continuidade iremos apresentar o perfil do curso de Auxiliar de Enfermagem.

c.2) Perfil dos discentes do 2º ano de Auxiliar de Enfermagem do CAIC/UEM

O total de alunos da turma, participantes das entrevistas, foi de vinte e seis (26) discentes. O grupo de Auxiliar de Enfermagem engloba um número de pessoas de maior idade, onde a média fica em torno de 25 anos. Bem distante dos 17 anos médio da turma de Educação Geral apresentada anteriormente. Para uma melhor visualização e entendimento do perfil levantado encontram-se, no ANEXO 4, os gráficos desenvolvidos para ilustração dos dados coletados.

A heterogeneidade do grupo é bastante grande, com idades variando de 16 a 46 anos. Isso causa uma diferença significativa na forma de encarar o ensino e as opções que ele oferece. Algumas participantes são casadas e/ou divorciadas e o curso assume uma outra dimensão de importância, que vai além daquela de simplesmente conseguir um grau acadêmico. Do grupo, 65% é constituído de solteiros, 27% de casados e 8% de divorciados.

Com relação à atividade remunerada, apenas 46% do grupo exerce algum tipo de trabalho fora de casa. Aqui é bom comentar que grande parte dos que não trabalham fora exercem funções dentro de casa, onde a responsabilidade de limpeza, manutenção geral, alimentação e filhos ficam por sua conta. Temos a comentar também que o grupo já está estagiando em hospitais da cidade. Esse estágio inviabiliza o exercício de outro trabalho, sendo uma das justificativas por parte do grupo sem atividade remunerada, que apenas espera finalizar o estágio para arrumar emprego.

Quando se fala em educação de nível médio para o trabalhador no Brasil logo vem a idéia de curso terminal, principalmente em se tratando de curso de Ensino Médio Profissionalizante. Entretanto, não foi o que conseguimos constatar junto ao grupo pesquisado. Um percentual de 57% dos entrevistados pretende continuar os estudos em nível superior, especificamente na área da enfermagem. Outros 12% pretendem cursar a faculdade mas em áreas diferentes, medicina, odontologia, pedagogia e outros. Os

demais 31% dos entrevistados dizem que querem exercer a profissão de Auxiliar de enfermagem e parar por aí.

As respostas apresentam um propósito interessante, mas por outro lado demonstram a total falta de percepção da qualidade de ensino que estão recebendo. O que pudemos perceber dos entrevistados, quanto a essa questão, foi que a opção de resposta pela continuidade dos estudos estava mais vinculada a resguardar um status perante o entrevistador do que propriamente uma intenção final. Todavia, fica registrado que 69% do grupo tem intenções de seguir estudos.

Em relação ao esforço físico diário, seguiu-se a mesma sistemática adotada com o grupo da Educação Geral. No grupo, apenas 4% exerce uma atividade considerada intensa, com treinamento diário em atletismo. O tipo de esforço moderado é realizado por 38% dos entrevistados, com trabalhos domésticos, em hospitais, clínicas e na zeladoria de escolas. Já um esforço fraco é realizado por 27% do grupo, que se ocupavam com atividades de escritório, de banco, de babá. E um grande percentual, 31%, não realizam esforço algum. Esse é o grupo de pessoas que passa o dia em casa, têm uma assistência regular da família e o esforço físico máximo foi realizado durante o desenvolvimento do estágio do curso.

Dos vinte e seis discentes entrevistados, apenas um (4%) pratica atividade física de forma regular. No grupo, 23% têm uma prática recreativa sem constância (práticas ocasionais). E 73% não se dedicam e nem praticam nenhuma forma de atividade física dirigida de forma regular.

Ainda na linha da prática da atividade física, questionou-se sobre os conhecimentos da prática da atividade física permanente. Da mesma forma que o observado na turma de Educação Geral, 8% imaginam ter um conhecimento sobre a questão. Porém, quando questionados sobre detalhes específicos da prática, tais como, qual o controle básico a se ter durante o desenvolvimento de uma atividade física, ficamos sem respostas. Essa era apenas uma das questões, além de outras como quantidade, qualidade, vestimenta, transpiração, etc. Mesmo sem terem conhecimento algum, saíram imaginando que possuíam o suficiente. Para 92% dos entrevistados ficou claro o total desconhecimento sobre a prática da atividade física permanente.

As respostas até aqui apresentadas nos mostram que, para a grande maioria dos entrevistados, a vivência com a Educação Física não passou de experiências pobres e com objetivos imediatos que se encerravam na própria atividade. Os resultados desse grupo coincidem com os do grupo da Educação Geral.

Da mesma forma que no grupo da Educação Geral, procuramos resgatar a vivência desses discentes com a Educação Física no ensino de 1º grau. Do grupo, 8% nunca tiveram vivência com aulas de Educação Física; sempre foram liberados. Os demais 92% que participaram de aulas de Educação Física afirmaram que as mesmas aconteciam de forma recreativa e esportiva, com teoria apenas sobre os esportes praticados, histórico, regras e posicionamentos técnicos.

As respostas em nada diferiram do grupo de Educação Geral. Porém, uma coisa foi muito interessante nesse grupo de Auxiliar de Enfermagem. Conseguiu-se ouvir o depoimento de pessoas que cursaram o primeiro grau em décadas bem distantes. Os depoimentos começam na década de sessenta chegando até a década de noventa.

Depoimento da década de sessenta:

“Tive Educação Física só no ginásio (hoje 5ª a 8ª série) e era só esporte. Para as meninas era ginástica e para os meninos era só jogar bola. As avaliações eram em relação ao condicionamento físico”

Depoimento da década de setenta:

“Naquela época a gente tinha um pouco de orientação sexual nas aulas de Educação Física. As turmas eram separadas por sexo.”

“Fiz muito pouco as aulas de Educação Física. Não gostava e não era cobrada. Estudei no Ensino Noturno e as aulas eram exclusivamente de prática de esporte.”

“Estudei no noturno. Detestava a Educação Física, pois a gente ia lá só para jogar. Eu dava um jeito e não participava.”

Depoimento da década de oitenta:

“Não participava das aulas. Os professores eram muito agressivos, brutos e não tinham compromisso com o fator educação, apenas com o treinamento. E, como não possuía habilidades especiais, era sempre colocada à margem das atividades, jogos, etc.”

“Eu estudei no noturno de 5ª a 8ª série. Quando a turma jogava voleibol eu fazia relatório para o professor. Quando tinha basquete eu participava, pois gostava mais.”

“Estudava à noite. As atividades sempre foram livres, fazia quem queria.”

Depoimento da década de noventa:

“A gente teve uma experiência interessante. Foi com uma professora que dava uma fundamentação teórica das atividades que eram desenvolvidas. A gente viu dança, ginástica, mas a maioria das aulas era de esporte.”

Esses depoimentos em ordem cronológica nos dão justificativas, mais do que sólidas, para explicar o porquê de a Educação Física estar à margem do processo educacional. São quarenta anos de uma prática sem fundamentação adequada e desvinculada totalmente de princípios educacionais e formativos. No período dos depoimentos a preocupação da Educação Física Escolar passou de uma performance física (objetivos relacionados ao preparo para o trabalho) para uma performance motora esportiva (objetivos relacionados ao preparo para o desporto). Aqui faltou apenas o período anterior, que foi o relacionado ao período militar, onde o objetivo básico das atividades desenvolvidas era o de preparar para o combate, estar sempre pronto para as eventualidades militares e governamentais.

Isso demonstra o quanto essa área esteve dominada e atrelada a forças e relações distantes dos princípios educacionais básicos: cultura, formação, produção e transmissão do conhecimento. As declarações são mostras claras do caráter pífio que a Educação Física sempre teve no processo educacional.

Outro ponto de destaque nas respostas é o constante descaso com o Ensino Noturno. Ficou demonstrada a distinção existente entre os diferentes turnos de ensino e entre as clientela atendidas. Para o diurno, bem ou mal, existia uma linha de conduta - militar; para o trabalho ou para o desporto. Para o noturno sempre imperou o entendimento de que qualquer coisa vale. Fazia quem queria, o que queria e da forma que queria.

Em nenhum momento pôde-se perceber preocupação com o conhecimento a ser transmitido. O que se pôde constatar foi a eterna preocupação com o desenvolvimento de uma atividade prática sem maiores pretensões.

Ainda sobre esse resgate, perguntamos como eram estruturadas as aulas. Nas respostas de 96% dos entrevistados as aulas de Educação Física eram comandadas pelos docentes com pouca ou nenhuma participação dos discentes. As únicas participações eram em relação à escolha de alguma brincadeira e/ou esporte a ser praticado. Os 8% restantes não freqüentaram aulas de Educação Física.

Seria ilusório pensar em outro tipo de resposta que não essa depois do que foi apresentado na questão anterior.

Pode-se destacar algumas respostas dos entrevistados:

“Os professores eram totalmente autoritários. A relação com eles era muito ruim, existia muita distância”

“Em muitas situações os professores só davam a bola e a turma se organizava sozinha para os jogos”

“Nós tínhamos muita ginástica. A gente saía quebrada das aulas. No dia seguinte a turma só sabia reclamar”

“A professora só gostava de voleibol. Nossas aulas eram só de voleibol”

As declarações confirmam o que já foi apresentado. Os discentes são os que devem executar e o docente o que deve ensinar e mandar dentro da relação aula. O descaso com os interesses, necessidades e anseios dos participantes do processo ficam encobertos e não são trabalhados.

As aulas de Educação Física são entendidas e desenvolvidas mais como sessões de treinamento do que um momento de produção acadêmica com fins formativos. A prática do esporte e da atividade física como um todo são elementos fundamentais da área, são construções sociais significativas de serem trabalhadas e estudadas. O que não se aceita mais é o permanente entendimento de que essas atividades são finalidades da Educação Física Escolar.

Pensar uma aula de Educação Física como formadora de atletas para o esporte performance ou de campeões de saúde, não cabe mais dentro dos princípios atuais de educação. Ela é o espaço ideal, na formação de nossos jovens, para a discussão dos fenômenos culturais atrelados à atividade motora como um todo.

GONÇALVES (1986:158) colocou que:

“A Educação Física, ocorrendo em um contexto de interação social, pode auxiliar o aluno, através da reflexão sobre os regulamentos, na formação de uma consciência crítica, que é a base de toda a ação concreta transformadora da realidade social.”

Ao ignorarmos essa condição educacional da Educação Física, estaremos negando aos participantes possibilidades de avanços sociais individuais e coletivos.

Dando continuidade às entrevistas, questionou-se sobre quais as contribuições proporcionadas pela Educação Física durante o período escolar.

Para 8% dos entrevistados, a Educação Física trouxe um significado positivo, pois adoram o esporte e ela contribuiu para o entendimento e prática deste. Para 4% não foi possível responder, pois não participaram de aulas de Educação Física em suas formações de 1º grau. Já para 88% dos entrevistados a vivência não contribuiu com nada.

Os depoimentos mais interessantes foram:

“A Educação Física é inútil. A gente não aprende nada significativo lá”

“Ela teria participação se eu fosse atleta”

“A Educação Física não me faz falta. Apenas me sinto triste quando o pessoal da igreja vai se recrear jogando e eu não posso participar por não ter sido iniciada adequadamente. Então eu fico de fora, assim como nas aulas de Educação Física”

“Ela não participa de minha vida diária, ou melhor, ela tem coisas importantes que vão desde o sentar, correr, etc. Mas a gente não dá valor, a gente não presta atenção devida e acaba não utilizando”

“Olha, os conteúdos foram importantes e têm significado para mim. Eu gosto do esporte. Mas os conteúdos trabalhados não trazem nada além da prática do esporte.”

A mágoa e o descaso com a Educação Física é evidente nas declarações apresentadas. A Educação Física não consegue ser eficiente nem na forma mais tradicional que é no ensino de um esporte.

Ficou constatado nas declarações o desenvolvimento de uma prática autoritária, destinada única e exclusivamente à prática do esporte, despojada de qualquer outro princípio educacional, desinformada e sem validade para o cotidiano dos participantes.

Na questão onde perguntou-se sobre como deveria ser a Educação Física, foi unânime a resposta de que a Educação Física deveria ser útil e importante para o dia a

dia. Ela deveria trabalhar outros conteúdos, seria importante que passasse conteúdos teóricos e que estes fossem significativos e que pudessem ser utilizados fora da escola.

“A Educação Física deveria nos passar conhecimentos sobre o nosso corpo”

“Seria importante a gente conhecer um pouco sobre os efeitos dos exercícios no nosso corpo, como cuidar de traumatismos esportivos e outros”

Novamente pode-se constatar que existe um espaço a ser conquistado junto aos discentes. É necessário que haja interesse e competência suficientes para transformar as sessões de Educação Física em aulas e, nelas, trabalhar com conhecimentos significativos.

E, por fim, os entrevistados ao serem questionados sobre o nível de satisfação com a Educação Física que estão recebendo na escola, responderam unânimes que o nível de satisfação é pouco ou nenhum.

Isso demonstra, juntamente com os resultados da turma de Educação Geral, que as reclamações provenientes da Administração e Coordenação Pedagógica da escola se justificam. A disciplina não vem cumprindo o seu papel e, o que é pior, vem afetando negativamente toda uma comunidade que necessita de um trabalho sério e comprometido com os princípios educacionais da formação, informação, consciência crítica e transformações sociais.

A população que estuda no período noturno, cada vez maior, hoje estimada em 60% dos estudantes matriculados no setor público (MEC, 1996:31), merece toda a atenção e cuidado na formação que recebe. Não é possível entendê-los menos capazes ou inferiores para o ensino. A realização de um trabalho educacional sério e comprometido com conquistas sociais deve transcender o ensino refratário e excludente, assumindo uma postura crítica e competente no trato com a construção e transmissão do conhecimento.

Na sequência, a fim de se dar continuidade ao mapeamento geral da situação da Educação Física no noturno do CAIC, apresenta-se uma análise da entrevista realizada com a Coordenação Pedagógica do CAIC/UEM.

d) Entrevista com a Coordenação Pedagógica do CAIC/UEM

A entrevista com a Coordenação Pedagógica do CAIC/UEM teve como função ampliar a visão e o entendimento da situação real do Ensino Noturno na escola. As informações obtidas desvendam a situação do ensino público de forma geral.

Com o intuito de organizar a exposição e análise da entrevista, ela foi dividida em tópicos para facilitar seu entendimento: implantação do segundo grau; o corpo docente; diferenças na oferta de Educação Geral e Auxiliar de Enfermagem; Ensino Diurno e Noturno - diferenças; capacitação docente para as especificidades do noturno e Educação Física no noturno.

d.1) Implantação do 2º grau

O CAIC/UEM é originário do Colégio de Aplicação Pedagógico da Universidade Estadual de Maringá - CAP/UEM. O Colégio já funcionava há mais de vinte anos e sempre sonhou em completar a formação oferecida. Trabalhar todos os níveis de ensino.

Depois de vários anos tentando essa complementação na oferta dos níveis escolares e, tendo uma experiência de sucesso no ensino de 1ª a 4ª e da 5ª a 8ª séries, conseguiu, junto ao Núcleo Regional de Ensino e Secretaria de Estado da Educação, a liberação para o funcionamento do Ensino Médio.

A idéia básica do ensino Médio, inicialmente, era a oferta do ensino de Educação Geral. Porém, em negociação com o Núcleo Regional de Ensino, para a efetivação da autorização de funcionamento do Ensino Médio, a escola teria de oferecer também o ensino profissionalizante, na área de Auxiliar de Enfermagem. Segundo o Núcleo havia uma demanda suficiente para a implantação do curso; e todos os recursos ao pleno desenvolvimento do mesmo seriam garantidos. Da mesma forma que todo o projeto de laboratório e equipamentos destinados ao curso de Educação Geral. Feito o acordo, deu-se início à implantação e desenvolvimento dos mesmos.

Mas pelo constatado, o apoio material até agora é só promessa:

“Nós tínhamos programado alguns laboratórios para o funcionamento do curso de EG e recebemos a proposta de implantação do AE com a promessa de receber os laboratórios logo em seguida. Estamos esperando esses laboratórios até hoje”

Os cursos estão funcionando desde 1995 apenas com recursos provenientes das estratégias criadas pela escola em promoções culturais, acadêmicas e esportivas. Para quem vive no ensino público isso não causa mais espanto, só aumenta a frustração e o desânimo em organizar propostas inovadoras.

Quanto à proposta pedagógica básica, a equipe administrativa e a Coordenação Pedagógica da escola se preocuparam em oferecer o que de mais atual e avançado existia em educação. O Conselho Pedagógico da escola é constituído por professores que em sua maioria atende aos cursos de graduação que a Universidade Estadual de Maringá oferece. A estruturação das disciplinas passou pelo crivo de especialistas, e foi estudada detalhadamente para que pudesse atender a uma formação de qualidade e aprofundamento, suficientes nas áreas do conhecimento.

Pensando em oferecer uma formação ampla e voltada para um entendimento social mais apurado, a escola já propunha a inclusão das disciplinas de Sociologia e Filosofia na grade curricular dos dois cursos. Mesmo antes da determinação legal.

“A idéia era a de organizar um projeto que desse vazão aos nossos sonhos, não sonhos inatingíveis, mas sonhos possíveis de serem concretizados. O que seria possível fazer com o Ensino Médio para que ele pudesse ter toda a excelência de um curso de qualidade”

Essa era a idéia de concretizar um sonho. Mas as forças que impedem o desenvolvimento de um ensino público de qualidade começaram a agir. Corte de verbas, impossibilidade de contratação de corpo docente capacitado e outras estratégias básicas que impedem a efetivação de idéias e propostas mais arrojadas.

O sonho começa a ruir:

“Infelizmente com o início do processo a gente teve de reorganizar o programa, a grade curricular e o desenvolvimento da mesma, pois foi um acúmulo de frustrações desde então. Nós pensávamos que poderíamos continuar a ter os privilégios até então obtidos junto ao Núcleo, ou seja, escolher os professores como acontecia com o primeiro grau. Pensávamos em contar com a disponibilidade de alguns professores da UEM para auxílio no desenvolvimento de algumas disciplinas, onde a carga horária das mesmas seria computada na carga horária de trabalho desses professores junto aos seus departamentos. A grade curricular foi alterada e a carga horária das disciplinas teve de ser totalmente reduzida. Acabou ficando no tradicional como acontece com as demais escolas. A diferença foi que continuamos a oferecer a filosofia e a sociologia já naquela época, em 1995. Então a gente teve de alterar todo o programa das disciplinas tendo em vista a redução da carga horária das mesmas. E quanto ao corpo docente, a grande

maioria é de professores contratados, temporários, com uma rotatividade exagerada e que acaba prejudicando por completo toda a proposta pedagógica sonhada. No diurno a gente conseguiu ter um número maior de professores efetivos novos e antigos. No noturno a coisa é complicada, poucos são da escola. E o mais agravante ainda é que muitos deixavam o processo no meio do caminho. Nós tivemos casos onde a disciplina chegou a ter três professores no ano. Isso compromete muito todo o processo de ensino - aprendizagem.”

E esse quadro de frustração é geral no ensino público. Os problemas são muitos e os caminhos para soluções estão quase sempre nas mãos dos dirigentes governamentais que pouco fazem para reverter o quadro.

Estudiosos e pesquisadores do ensino, em especial do Ensino Noturno e de Ensino Médio, tais como: GAMA (1993); PIMENTA E GONÇALVES (1992); CAPORALINI (1991); CARVALHO (1994); KUENZER (1992 e 1997); GONÇALVES (1992); PUCCI, OLIVEIRA e SGUISSARDI (1995), também apontam os problemas relatados pela Coordenação Pedagógica do CAIC/UEM, como limitadores ao desenvolvimento e avanços de um ensino de qualidade.

d.2) O corpo docente

“Quanto aos professores, “levam uma vida igual à dos alunos”. Dão aulas nos dois períodos e, muitas vezes, à noite. Daí, a grande dificuldade da direção organizar o horário do período noturno, porque os professores relutam em aceitar a atribuição das últimas aulas. É muito comum a ocorrência de licenças durante o semestre, ocasionando mudanças de professores.”

CARVALHO (1994:44)

Se a citação acima não tivesse de estar em formato oficial da ABNT, nós poderíamos pensar se tratar do CAIC/UEM. Isso é para demonstrar que o que se vive dentro da realidade do CAIC/UEM não foge ao que se constata nas demais escolas da rede pública brasileira.

O CAIC/UEM só conseguiu contornar a situação de seu quadro docente no último ano de 1997. Desde sua implantação tem sido uma batalha na tentativa de se obter um quadro mais permanente e participativo. Mas, de acordo com a Coordenação Pedagógica:

“...estamos muito longe de um razoável.”

Outro grave problema que ocorre com essa rotatividade docente, é a falta de vínculo com os discentes e com o projeto pedagógico da escola. É sempre uma incógnita a permanência do docente e o tempo dessa permanência. Isso compromete todo o desenvolvimento de um trabalho mais participativo e próximo dos discentes.

Com relação à qualidade do ensino Médio, a Coordenação Pedagógica afirma que a pouca qualidade não é exclusividade do CAIC/UEM; mesmo em escolas que já funcionam há mais tempo e que possuem um corpo docente mais permanente, a qualidade ainda deixa a desejar. Em se tratando do noturno isso ainda é pior:

“No noturno existe uma característica mais complicada ainda. O professor da noite se envolve ainda menos do que o do dia. O professor do dia acaba se envolvendo um pouquinho mais, em simulados, em atividades extras, mas pouco. O professor do noturno é mais complicado. Raramente se oferece para participar de alguma atividade, está sempre ocupado, cansado. A escola, em grande parte, é apenas para completar uma carga horária de trabalho. Outra profissão, outras atividades, resto de carga-horária de outros colégios e assim por diante.”

Como se pode perceber, sendo o corpo docente o responsável direto pela possibilidade de sucesso de qualquer curso, isso está distante de acontecer dentro da situação apresentada. O sonho ainda está distante de se concretizar.

d.3) Diferença na oferta de Educação Geral e Auxiliar de Enfermagem

As colocações da Coordenação Pedagógica, mais uma vez, demonstram o interesse em um atendimento de qualidade e de igualdade no trato com as especificidades dos cursos. Oferecer um curso de Educação Geral que pudesse dar conta de preparar suficientemente os postulantes ao Ensino Superior, pois seria o destino previsto para os que dele fizessem parte. Para o curso de Auxiliar de Enfermagem, ofertar um curso com caráter terminal de qualidade, e também, com conhecimentos que possibilitassem avanços a quem quisesse continuar os estudos em nível de terceiro grau.

Nova frustração devido às poucas condições oferecidas pelos órgãos governamentais, pela pouca qualidade do quadro docente que se envolveu com os cursos e pela clientela participante dos cursos.

O apoio logístico ficou a desejar. Nada até o momento foi repassado pelo Estado para o desenvolvimento normal dos cursos. Os laboratórios são deficitários, os equipamentos necessários ao bom desenvolvimento dos cursos são em número reduzido, além da pouca verba para o acervo bibliográfico.

A clientela participante dos cursos profissionalizantes noturno é totalmente heterogênea. Isso atua como um fator complicador com a pouca estrutura e experiência que possui o corpo docente.

O corpo docente, inexperiente e com pouco tempo para se dedicar ao aprofundamento dos estudos, acaba por nivelar por baixo e por se preocupar em atender os conteúdos propostos, sem uma atenção maior com os participantes dos cursos.

No ensino profissionalizante o quadro se agrava, pois possui disciplinas ministradas por um corpo docente diferenciado, que tem um grupo técnico para as disciplinas específicas da formação e outro para as disciplinas do núcleo comum. A falta de entrosamento e de abordagens pedagógicas transversais impedem qualquer forma de avanço na qualidade do ensino oferecido. São coisas estanques.

Imagine um grupo constituído por pessoas de faixa etária com variação de até 30 anos, pessoas que não estudam há mais de 20 anos, pessoas que têm dificuldades nas matérias básicas do 1º grau e adolescentes interessados em prosseguir estudos após o 2º grau. Esse é o quadro real da população envolvida no ensino profissionalizante de Auxiliar de Enfermagem do CAIC/UEM. E, quando se quer que essas pessoas logrem sucesso, deve-se repensar e reorganizar adequadamente o ensino que se oferece.

Essa heterogeneidade tem se constituído um grande problema para o entrosamento didático pedagógico necessário ao bom desenvolvimento dos cursos. Além dos problemas citados existe o da falta de relação entre o que se ensina e o que se vive no cotidiano.

“Solicitamos aos professores do núcleo comum - português, matemática, física, biologia e outras - que direcionassem e que escolhessem conteúdos que se relacionassem diretamente com o trabalho desses técnicos. Mas isso aconteceu com poucos, pois eles têm dificuldade de enxergar ou de aplicar os conteúdos no ambiente de trabalho desses futuros técnicos - hospitais, laboratórios, clínicas...”

Isso está no discurso de qualquer professor. Olha, no curso de EG a gente consegue ver algumas áreas procurando realizar essa ligação. Mas são poucas as disciplinas que têm conseguido isso. É uma tarefa bastante difícil, o professor sente

dificuldade e tem uma resistência grande para modificar os conteúdos tradicionais e apresentá-los relacionando-os com o cotidiano”

Conforme CAPORALINI (1991:31):

“A transmissão de um conjunto de conhecimentos desvinculado do cotidiano a quem se destina, de um saber pronto e acabado, sempre ocupou o primeiro plano das preocupações de uma escola voltada basicamente para a consolidação e a manutenção da dominação econômica e político-ideológica na sociedade capitalista... Por essas razões, a história e o conhecimento das classes dominadas apresentam-se descontínuos e compartimentalizados.”

Isso reforça a idéia de romper com o ensino reprodutor, atemporal e sem significado. É de fundamental importância a preocupação em se organizar, construir e desenvolver conteúdos que tenham relação com o cotidiano e que possam ser percebidos pelos participantes do processo educacional. O ensino de aplicação tende a ser estimulante e, cheio de significado, tende a ser valorizado e apreendido.

d.4) Ensino diurno e noturno - diferenças

Existe uma diferença gritante entre um turno e outro. Os discentes têm interesses e estruturas diferentes. Os docentes, mesmo trabalhando nos dois turnos, tendem a entender e vivenciar o noturno como um “bico” e a visualizar os discentes como menos capacitados. A estrutura curricular - carga-horária das aulas - é menor.

“...a diferença é sentida em vários aspectos: o aluno do noturno é diferente do aluno do diurno, o aluno do diurno é mais adolescente, um adolescente ainda na tutela da família que tem casa, comida, roupinha lavada, sossego, enquanto o aluno do noturno, mesmo o do primeiro ano em idade próxima à do diurno, apresenta-se com mais maturidade. No segundo grau noturno as vivências são diferenciadas, trabalham em sua grande maioria. Os professores que atuam nos dois períodos utilizam as mesmas estratégias, metodologias. Eles não ajustam o desenvolvimento da disciplina considerando a clientela, parece ser a mesma receita. Os professores não se enxergam no processo, a coisa parece uma roupa padrão. Com relação a carga horária, a diferença é pequena, mas o noturno tem menos horas do que o diurno. E para o noturno isso já é muito comprometedor. Quaisquer dez minutos a menos faz a diferença”

Não bastassem os problemas decorrentes da falta de preparo, somam-se os citados pela Coordenação Pedagógica. É lamentável o quadro em que se encontra o ensino noturno. Muitas vezes chega a ser inacreditável que isso aconteça. Que o ensino se desenvolva da forma como foi relatado pelo depoimento da Coordenação Pedagógica.

d.5) Capacitação docente para as especificidades do Ensino Noturno

Os docentes de forma geral não possuem "hora disponibilidade" para estudos e preparo das aulas a serem ministradas. Mesmo fazendo parte das promessas de campanhas eleitorais, até o momento nada está garantido ao docente que tem de ministrar a quantidade de horas totais referentes ao seu padrão. O padrão de 20 horas corresponde a 20 horas em sala de aula. Isso compromete qualquer iniciativa de avanço nas estratégias didático-metodológicas, pois sem a possibilidade de estudos e de tempo para discussões e aperfeiçoamento, fica impossível avançar.

De acordo com a Coordenação Pedagógica, no início do ano, quando os docentes ainda não estão com todo o dia tomado pelas atividades em sala de aula, pois estão se colocando nas escolas, sobra um tempo para poucos estudos. Contudo, é pouco e passageiro, muito mais dependente da boa vontade dos docentes do que de condições adequadas para tal atividade. Aqui não se vai nem comentar a questão da remuneração docente, pois se trata de um dos pontos críticos desse quadro, onde o docente chega a assumir perto de 60 horas aula por semana para ter condição de subsistência mínima. É aviltante a remuneração docente frente à importância desse profissional na constituição de uma sociedade.

O ensino e os docentes têm uma receita pedagógica única e a aplicam indistintamente do turno escolar. O que se pode perceber é o entendimento de que, para o Ensino Noturno, existe uma certa complacência com os discente, que são, muitas vezes, entendidos como menos capacitados, trabalhadores cansados e assim por diante.

CARVALHO (1994:49) ouviu depoimentos de docentes que afirmavam:

“Não se sabe se os alunos que estudam à noite realmente trabalham. Supõe-se que sim, porque eles trazem atestado. Então, exige-se menos deles. Não dou trabalho para fazer

em casa. Dou exercícios, preparo prova, faço estudar, tudo em classe.”

“Chega-se à classe do noturno com o espírito preparado para encontrar alunos mais atrasados, de pior disciplina. Não se sabe se eles são todos assim ou se em parte já há uma predisposição nossa e dos alunos, pois os alunos que estudam à noite já sabem que o estudo é mais fraco. Tenho alunos do período da manhã que pedem para estudar à noite para estudarem menos”

As entrevistas realizadas por Carvalho conferem com o depoimento da Coordenação Pedagógica do CAIC/UEM que afirma:

“...E sem contar que o Ensino Médio Noturno acaba por sofrer de uma série de preconceitos do próprio professor. Aquele professor generoso que releva o aluno que trabalhou o dia todo, o aluno que chega cansado, reclamando da vida. Então o professor ameniza as exigências, os conteúdos são reduzidos, as avaliações são mais simples, o esforço do professor também entra no ritmo mais lento. Esse é um quadro inverso do necessário, pois é esse aluno que precisa de novos esforços, novas estratégias, precisa ser estimulado e precisa de riqueza de conteúdo. E por outro lado existe também aquele professor que é intransigente, autoritário e que não considera as peculiaridades do noturno. É um quadro complexo”

As afirmações apresentadas demonstram o quanto de descaso existe com um setor do ensino que merece ser melhor trabalhado, exigindo, dessa forma, uma preparação adequada que possa levar em conta suas especificidades.

Esses depoimentos conferem com o comentado anteriormente. Existe uma diferença considerável no trato entre os turnos escolares. Tanto por parte de docentes e administração, como dos próprios discentes. Superar esses "pré conceitos" é condição fundamental na busca de uma qualidade de ensino, um ensino mais homogêneo e que possibilite chances de avanços a todos os seus participantes.

d.6) Educação Física no noturno

A Educação Física no Ensino Médio sofre por falta de significado e importância dentro do sistema educacional. Isso já foi demonstrado anteriormente pelo descaso e pela repetição de conteúdos que oferece durante as séries escolares.

No CAIC/UEM, pelo fato de ter participado dos estudos de implantação do Ensino Médio na escola, conseguiu-se apresentar uma proposta diferenciada de desenvolvimento dessa disciplina. Uma proposta baseada nos princípios apresentados pela Secretaria de Estado da Educação - setor de Ensino Médio, e voltada para uma formação com vistas à autonomia no trato com as atividades motoras e esportivas.

Na proposta, a Educação Física encaixou-se na grade curricular do segundo grau sem que fosse colocada em início ou fim de período e nem em final de semana. Essa estratégia administrativa deveria contribuir no sentido de estimular, ao menos de forma inicial, a participação dos alunos nas aulas. As aulas seriam programadas dentro de conteúdos teóricos e práticos. As experiências teóricas com Educação Física deveriam oferecer a consistência e fundamentação adequada às vivências práticas.

E, de acordo com a Coordenação Pedagógica, a Educação Física:

“... teve a mesma importância. Ela recebeu o mesmo tratamento que português, matemática, física, química. Ela foi muito pensada. Ela não entrou simplesmente porque tinha que entrar, força legal. Ela fez parte do projeto porque a gente tinha uma meta para ela. Uma meta de formação geral e com vistas à autonomia”

Projetar em Educação Física já se tem tornado algo mais corriqueiro. Entretanto, colocar os projetos em prática não tem sido uma tarefa fácil e de vitórias. Muito pelo contrário, as barreiras da docência e da falta de legitimidade frente à comunidade têm se constituído como verdadeiras muralhas a impedir o pleno desenvolvimento das mesmas.

Na fala da Coordenação Pedagógica, sobre o porquê de não se conseguir colocar os projetos em prática, pode-se sentir o quanto isso bloqueia e magoa, pois ainda se está muito distante de ações mais efetivas na prática educativa.

Quando se questionou se o projeto não foi desenvolvido por um problema docente, a resposta foi a seguinte:

“É, também aconteceu isso. Mas a gente tem outros problemas. O aluno que chega nesse nível já vem com um determinado conceito de Educação Física que fica muito difícil se alterar alguma coisa. O aluno tem muita resistência em assumir uma nova perspectiva de aula de Educação Física. E se o aluno pode escapar não tenha dúvida, ele foge mesmo. Por outro lado o professor deixa correr solto. Não exige do aluno. Existe por parte de ambos o entendimento de que a Educação Física deva ser prática. O professor ainda não está preparado suficientemente para a nova tendência. É muito difícil. Existe um distanciamento entre a teoria e a prática. É um quadro bastante complicado o que se apresenta, pois temos os alunos de um lado com um conceito pré

definido - jogar bola - e de outro um professor despreparado e com intenção de assumir uma nova postura, ficando só na intenção. As mudanças não acontecem, e a coisa se desenvolve de tal forma entre docente e discente que ambos acabam por se acomodar. Mas isso não é uma exclusividade da Educação Física. Isso tem acontecido também com Português, Matemática e outras áreas.”

É interessante se observar como as pessoas de fora da área conseguem perceber o que acontece, e os próprios envolvidos não. Por isso, ao se analisar uma situação, é fundamental que se distancie da mesma a fim de enxergá-la na condição de expectador e, dessa condição, mapear os papéis desenvolvidos pelo atores.

O discurso de que a Educação Física já é outra não confere com o que se conseguiu detectar na realidade. Ainda existe muita distância entre o que se fala e o que se pratica no processo ensino-aprendizagem da Educação Física. E, pelo que foi citado, não é exclusividade só da Educação Física, pois as demais áreas do conhecimento têm passado pelo mesmo problema de falta de relação entre discurso e prática pedagógica.

Outro ponto que deve servir como preocupação é a não existência de uma discussão mais aprofundada sobre o trabalho docente da Educação Física no Ensino Noturno. O docente assume as aulas sem que haja maiores estudos e análises sobre as características do turno. Não existe preparação adequada de todo o quadro docente para as especificidades do noturno. A preocupação não é a de ampliar e distinguir o Ensino Noturno do Diurno, pelo contrário, é buscar alternativas onde não haja distanciamentos entre os turnos escolares, de modo que todos possam receber um ensino de qualidade.

Do ponto de vista discente, pois existe o conselho discente dentro da escola no qual se reúnem as turmas e a Coordenação Pedagógica para uma avaliação de todo o processo ensino-aprendizagem, a falta de significância dada à Educação Física chega a provocar indignação, tamanha a desconsideração com as atividades desenvolvidas.

Como resultado dessas reuniões a Coordenação Pedagógica atesta:

“Vamos falar no geral e depois a gente pode especificar sobre o noturno. De maneira geral os alunos falam muito sobre os problemas que conseguem detectar e que os incomodam. Ou seja, a Educação Física não provoca nada neles a ponto de não ser discutida. Todos gostam, a seu modo, de momentos livres onde possam brincar, jogar bola. Quanto à avaliação geral os alunos não ligam se têm notas boas ou ruins. Eles sabem que no final a Educação Física vai passar e que ela também não servirá para bloquear futuros avanços. Isso eles têm bem claro. No noturno existe uma relação mais adulta que facilita um diálogo mais acalorado, entretanto, nem sempre mais verdadeiro

ou real. E sabem também o que é importante para eles ou não. Em outras disciplinas acabam tendo que realizar certas atividades que fogem ao entendimento, mas fazem porque elas reprovam. Com a Educação Física a coisa já fica mais difícil, pois se eles não querem a atividade eles não fazem porque sabem que isso tanto faz. E assim eles vão levando”

Como querer colher sem plantar? Como esperar resultados positivos quando existe uma prática sem consistência e significado?

Está-se diante de uma situação muito complicada e que exige uma atuação e análise severa para provocar redirecionamentos substanciais.

Por um lado, se tem uma disciplina (atividade) que não contempla em conteúdos, estratégias, envolvimento docente e discente e significância no processo ensino-aprendizagem. Por outro lado, se tem uma estrutura escolar que não contribui significativamente para a mudança do quadro, mesmo entendendo e enxergando que as vivências apresentadas poderiam ter muito mais a oferecer.

O quadro geral apresentado demonstra uma transferência de culpa e de responsabilidade pelos péssimos resultados obtidos. O docente tem convicção de que faz o necessário, mesmo descontente com o que faz, crê estar no sistema (formação de professores, escolas e administração escolar) a precariedade da ação que desenvolve. Os discentes não aprovam o que recebem, mas aceitam porque conseguem camuflar o tempo dispendido com outras atividades de interesse, o bate papo, o cigarro, as brincadeiras, o tempo livre entre as demais aulas. A administração e Coordenação Pedagógica ameaçam a suspensão da atividade, pois da forma como vem sendo desenvolvida, consideram-na inócua e perda de tempo. Porém, não contribuem exigindo uma nova postura acadêmica do docente. A oferta de condições de reciclagem até que acontecem, mas de forma distante da ideal, que seria, o acompanhamento constante, o apoio durante as atividades desenvolvidas além da cobrança no aprofundamento dos estudos para conseqüente melhora no processo de ensino-aprendizagem.

“Para não viver uma situação igual à do suicídio do escorpião, o professor, a partir das indignações vividas, deve aguçar a sua capacidade de arbítrio, analisando profundamente a razão de ser de suas práticas pedagógicas e modificando-as radicalmente. A indignação pela indignação é inútil à medida que estamos vivendo um momento da história deste país em que não basta se indignar, ser contra, apontar erros. É preciso ser a favor de alguma coisa, de algum tipo de país, de algum jeito de ser. Em outras palavras, é preciso trabalhar em prol de uma nova sociedade, de um novo homem, com valores e atitudes diferentes dos que estão aí. Permanecer na indignação é não só conviver com a inutilidade, é aceitar abertamente a burrice, permitindo que as forças reacionárias, detentoras dos privilégios continuem a moldar, por intermédio da escola, o destino das novas gerações. Ou então deixar que o destino dessas gerações resulte exclusivamente de causas estranhas à vontade dos professores e de si próprias, caindo na esfera da sorte, fado ou fortuna o que vai significar, sem dúvida, a permanência da organização social vigente.”
SILVA (1993:68)

CAPÍTULO III

Definindo a abordagem metodológica

Antes do início direto da intervenção junto às turmas, procedeu-se a um estudo sobre as atuais tendências metodológicas dentro da área da Educação Física. Esse processo foi necessário e útil para uma fundamentação geral aos procedimentos subsequentes do desenvolvimento da proposta.

O presente trabalho baseou-se na proposta de ensino aberta que é trabalhada por HILDEBRANDT e LAGING (1986) e também GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFSM e UFPe (1991). Entretanto, uma visualização das tendências em evidência forneceu maior segurança e sustentação teórica ao seu pleno desenvolvimento.

A seguir, apresenta-se o resgate geral das tendências estudadas. Na seqüência, de forma mais detalhada, retoma-se a Metodologia de Ensino Aberta para a devida fundamentação, necessária para o desenvolvimento deste trabalho.

a) Metodologias emergentes no ensino da Educação Física

Os aspectos metodológicos que envolvem a Educação Física não diferem substancialmente das demais áreas do conhecimento. A busca por uma estratégia metodológica que possa dar conta das novas necessidades educacionais é uma constante. O ensino busca, historicamente, organizar meios e formas metodológicas que possam ser colocadas em prática a fim de assegurar um melhor aproveitamento e atendimento às necessidades e exigências dos participantes do processo educacional.

As tendências educacionais, trabalhadas por Libâneo e Saviani, já foram suficientemente apresentadas em bibliografia educacional. Apenas para referência, podemos recuperar a classificação organizada por LIBÂNEO (1983), que demonstra que o ensino passou por um período denominado de tradicional, no qual apareceram as tendências Liberal Conservadora, Renovada Progressista e Renovada Não-Progressista e, por um período denominado Progressista, onde apareceram as tendências Progressista Libertária, Progressista Libertadora e Progressista dos Conteúdos.

Em relação a Educação Física nós temos os trabalhos desenvolvidos por GHIRALDELLI JR. (1989) que, a partir de um levantamento histórico, destaca “... cinco tendências da Educação Física Brasileira: a Educação Física Higienista (1930); a Educação Física Militarista (1930-1945); a Educação Física Pedagogicista (1945-1964); a Educação Física Competitivista (pós 64) e, finalmente a Educação Física Popular”.

Dentre as tendências apresentadas por Guiraldelli Jr. pode-se observar na prática cotidiana da Educação Física Escolar, ainda nos dias de hoje, a supremacia da tendência Competitivista, ou seja, um ensino *centrado no professor, em metas definidas, de intenção racionalista e no produto*, com promoção do esporte performance tendo nesse o caráter de *fim* e não de *meio* dentro do processo. A Educação Física Escolar segue um contínuo esportivo repetitivo desde a quinta série do primeiro grau, finalizando com o enfoque recreativo no terceiro grau (OLIVEIRA, 1992).

E quais seriam os fatores que poderiam estar impedindo que novas tendências educacionais e novas formas de abordagens de conteúdos dentro da escola pudessem ser colocadas em prática?

Para responder a esta questão, pode-se citar alguns pontos que estariam contribuindo com esse imobilismo pedagógico dentro da área da Educação Física: a falta de preparo dos professores para o enfrentamento de novas estratégias metodológicas; a falta de interesse em vivenciar novas abordagens metodológicas; o excesso de comodismo; a condição de refratário ao conhecimento que os docentes assumem no ensino; o medo da instabilidade frente a novos conteúdos e estratégias metodológicas, pois seria um risco assumir a dúvida frente ao aluno, quando no entendimento tradicional o professor tem de saber e o aluno apenas aprender.

Assumir uma nova postura educacional, estar aberto a novos entendimentos e práticas pedagógicas, aceitar o aluno como participante e não como objeto a ser lapidado e, também, aceitar-se como aprendiz dentro do processo ensino aprendizagem não é uma postura fácil de se conseguir. Uma mudança de entendimentos, conceitos e hábitos demanda tempo, muita dedicação e, acima de tudo, muita coragem. Acreditar nesse processo de transformação é acreditar que uma mudança só se dará de forma gradativa e a longo prazo. Esperar mudanças repentinas no processo educacional é ignorar o processo de amadurecimento individual que deve brotar no interior de cada indivíduo, onde o mesmo possa enxergar-se e enxergar o processo social dentro de uma visão mais real e com possibilidade de uma atuação crítica. Nesse aspecto FLEURI (1991:62) comenta que atuar criticamente significa:

“agir, sabendo que as normas não são neutras: elas podem reforçar alguns interesses e negar outros. Importante é saber a favor de que e contra que estamos agindo! Esta clareza nos dá condições de enfrentar com mais segurança as ambigüidades e contradições inerentes ao nosso trabalho.”

Entretanto, mesmo frente a esse quadro de dificuldades e incertezas na apresentação de propostas metodológicas, a área da Educação Física tem, nos últimos anos, procurado criar estratégias e apresentar novas formas reflexivas do entendimento e aplicação da Educação Física na escola. Esse esforço, mais uma vez, vemos que tem sido

pequeno frente aos problemas gerais que a área possui em relação ao entendimento de toda a comunidade sobre a Educação Física.

O trabalho em busca de uma competência profissional poderá trazer novo alento à área e possibilitar a legitimação da Educação Física no sistema educacional.

A Educação Física tem criado estratégias e encaminhamentos metodológicos diversificados. Almeja-se o oferecimento de uma “disciplina” de Educação Física no sistema escolar com enfoque para a formação integral, bem como a constituição de um corpo de conhecimentos historicamente produzidos e úteis a todos, visando à autonomia no trato com os mesmos.

Hoje, a Educação Física conta com várias propostas metodológicas de destaque, porém, pelas repercussões que atingiram, destacamos: metodologia do ensino aberto; metodologia crítico-superadora; metodologia construtivista e metodologia crítico-emancipadora.

A seguir, serão apresentados pontos de destaque dentro de cada uma das tendências metodológicas citadas, lembrando que os dados aqui apresentados são frutos de respostas oferecidas ao pesquisador diretamente pelos idealizadores e/ou participantes das propostas: ensino aberto (Oliveira); crítico-superadora (Castellani Filho); construtivista (Freire) e crítico-emancipadora (Kunz). Os pontos abordados serão: **idealizadores da proposta** (os responsáveis pela criação e apresentação da proposta); **referencial teórico** (quais os pesquisadores e/ou teorias que deram fundamentação teórica à proposta); **tendência educacional** (classificação dentro das tendências educacionais); **objeto de estudo** (em específico a Educação Física, qual seria o entendimento de objeto de estudo da proposta); **objetivos gerais** (quais são os objetivos gerais que a proposta apresenta para ser trabalhada na Educação Física) ; **seriação escolar** (a proposta apresenta alguma sugestão de alteração na seriação escolar vigente ou ela se aplica normalmente à mesma); **conteúdos básicos** (quais são os conteúdos básicos definidos pela proposta para serem trabalhados na Educação Física); **enfoque metodológico** (como é entendido o aspecto metodológico dentro da proposta, procurando apresentar o papel do aluno, professor, conteúdo); **relação professor-aluno** (como se dá a relação professor - aluno no desenvolvimento da proposta) e **sistema de avaliação adotado** (qual é a forma de avaliação adotada pela proposta).

a.1) Metodologia do ensino aberto

Idealizadores: Reiner Hildebrandt & Ralf Laging (Alemanha)

Grupo de Trabalho Pedagógico (Brasil)

Referencial Teórico:

Teoria Sociológica do Interacionismo Simbólico (Mead/Blumer)

Teoria Libertadora (Paulo Freire)

O interacionismo simbólico entende interação como sendo um processo interpretativo, e BLUMER (1981) indicou três hipóteses básicas:

1ª) O atributo simbólico é justificado pela premissa de que os homens agem baseados nos significados em relação a coisas e pessoas;

2ª) Estes significados são adquiridos em interações sociais;

3ª) Estes significados podem ser modificados por meio de processos interpretativos.

Tendência Educacional:

Progressista crítica

Objeto de Estudo:

O mundo do movimento e suas manifestações e implicações sociais

Objetivos Gerais:

Trabalhar o mundo do movimento em sua amplitude e complexidade com a intenção de proporcionar, aos participantes, autonomia para as capacidades de ação.

Seriação Escolar:

Pode ser trabalhada dentro da atual estrutura curricular escolar. Preocupa-se mais em como trabalhar, acessar e tornar significativo os conteúdos aos participantes.

Conteúdos Básicos:

O mundo do movimento e suas relações com os outros e as coisas;

Os conteúdos são construídos utilizando-se temas geradores.

Enfoque Metodológico:

Desenvolve-se por meio de ações problematizadoras;

As ações metodológicas são organizadas de forma a conduzir ao aumento no nível de complexidade dos temas tratados e realiza-se em uma ação participativa, no qual

professor e alunos interagem na resolução de problemas e no estabelecimento de temas geradores;

O ensino aberto exprime-se pela “subjetividade” dos participantes. Aqui entram as intenções do professor e os objetivos de ação dos alunos.

O Grupo de Trabalho Pedagógico defende uma aula de Educação Física:

- a)- que procura uma ligação do aprender escolar com a vida de movimento dos alunos;
- b)- que não olha para o esporte só como rendimento;
- c)- que considera as necessidades e interesses, medos e aflições dos alunos, e que não os reduz a condições prévias de aprendizagem motora;
- d)- que mantém o caráter de brincadeira no movimento e na forma natural dos alunos, isto é, que faça com que isso se desenvolva na discussão social;
- e)- que considera a relação entre movimento, percepção e realização;
- f)- que possibilite aos alunos a participação em todas as etapas do processo ensino - aprendizagem

Relação Professor-Aluno:

Estabelece-se dentro de uma ação co-participativa que se amplia conforme o amadurecimento e responsabilidade assumida pelos integrantes do grupo. O engajamento, competência e responsabilidade docente são fatores fundamentais para a efetivação e ampliação das ações pedagógicas no ensino aberto.

Avaliação:

Privilegia a avaliação do processo ensino-aprendizagem.

Livros que tratam do assunto:

Concepções Abertas no ensino da Educação Física (Hildebrandt & Laging, 1986)

Visão Didática da Educação Física (Grupo de Trabalho Pedagógico, 1991)

a.2) Metodologia crítico-superadora

Idealizadores:

Coletivo de Autores

Referencial Teórico:

Teoria do Materialismo Histórico-Dialético

Tendência Educacional:

Progressista crítica

Crítico-Superadora porque tem a Concepção Histórico-Crítica como ponto de partida. Ela entende ser o **conhecimento** elemento de mediação entre o aluno e o seu **apreender** (no sentido de construir, demonstrar, compreender e explicar para poder intervir) da **realidade social complexa** em que vive. Porém, diferentemente dela, privilegia uma dinâmica curricular que valoriza, na constituição do processo pedagógico, a intenção dos diversos elementos (trato do conhecimento, tempo e espaço pedagógico ...) e segmentos sociais (professores, funcionários, alunos e seus pais, comunidade e órgãos administrativos...).

Objeto de Estudo:

Temas inerentes à Cultura Corporal do Homem e da Mulher brasileiros, entendendo-a como uma dimensão da cultura. Busca desenvolver a apreensão, por parte do aluno, da Cultura Corporal, como parte constitutiva da sua realidade social complexa.

Objetivos Gerais:

Desenvolver a apreensão, por parte do aluno, da sua Cultura Corporal, entendendo-a como parte constitutiva da sua realidade social complexa.

Seriação Escolar:

Propõe a estruturação em ciclos de escolarização:

1º Ciclo: (pré à 3ª. série) - ciclo de organização da identificação dos dados da realidade;

2º Ciclo: (4ª à 6ª série) - ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento;

3º Ciclo: (7ª à 8ª série) - ciclo de aplicação da sistematização do conhecimento;

4º Ciclo: (2º grau) - ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento.

Conteúdos Básicos:

São os temas que, historicamente, compõem a Cultura Corporal do Homem e da Mulher brasileiros: Jogo / Ginástica / Dança e Esportes.

Enfoque Metodológico:

Propõe olhar para as práticas constitutivas da Cultura Corporal, como “Práticas Sociais”, vale dizer, produzidas pela ação (trabalho) humana com vistas a atender determinadas necessidades sociais. Dessa forma, as atividades corporais, esportivas ou não, componentes da nossa Cultura Corporal, são vivenciadas - tanto naquilo que

possuem de “fazer” corporal, quanto na necessidade de se refletir sobre o significado/sentido desse mesmo “fazer”.

Relação Professor-Aluno:

Defende o prevalecer da Diretividade Pedagógica (SNYDERS, 1978). Cabe ao professor explicar, a priori, a intencionalidade de suas ações pedagógicas, pois ela não é neutra. É Diagnóstica (parte de uma leitura/interpretação da realidade, de uma determinada forma de estar no mundo), Judicativa (estabelece juízo de valor) e Teleológica (é ensopada de intenções, metas, fins a alcançar). Tal ação pedagógica tem no conhecimento sobre a realidade, manifesta pelo aluno, o seu ponto de partida. Como seu horizonte de trabalho pedagógico, tem o de qualificar o conhecimento do aluno sobre aquela mesma realidade - no sentido de dotá-lo de maior complexidade -, de tal forma que ela, realidade, é a mesma ... e é diferente!

Avaliação:

Privilegia a avaliação do processo Ensino-Aprendizagem

Livro que trata do assunto:

Metodologia do ensino da Educação Física (Coletivo de Autores, 1992)

a.3) Metodologia construtivista

Apesar de o trabalho não ser considerado totalmente construtivista pelo próprio autor que não gosta de classificação, denominou-se o mesmo como tal por apresentar, dentro da área da Educação Física, a ligação mais próxima a essa proposta metodológica. Essa proposta metodológica foi iniciada por Emilia Ferreiro baseada em estudos de Piaget, seguida por Ana Teberosky. Hoje, vários grupos de educadores estão trabalhando nessa proposta com a intenção de redirecioná-la e aperfeiçoá-la. Na educação já se trabalha com a linha denominada de socioconstrutivismo, um avanço, segundo os educadores, do construtivismo original.

Idealizador:

João Batista Freire (na Educação Física)

Referencial Teórico:

Piaget, especialmente com as obras “O nascimento da inteligência na criança” e “O possível e o necessário, fazer e compreender”.

Tendência Educacional:

Construtivista (com tendência ao socioconstrutivismo)

Objeto de Estudo:

Motricidade Humana, entendida como o conjunto de habilidades que permitem ao homem produzir conhecimento e se expressar.

Objetivos Gerais:

Ensinar as pessoas a se saberem corpo. Ou seja, terem consciência de que são corpo. Mais especificamente, seria ensinar as habilidades que permitem as expressões no mundo.

Seriação Escolar:

Pode ser adaptada ao currículo atual, mas aponta para alterações no currículo, inclusive na seriação.

Conteúdos Básicos:

Trabalhar, inicialmente, com a cultura dos próprios participantes, de modo a tornar o conhecimento significativo. Trabalhar com a educação dos sentidos, educação da motricidade, educação do símbolo.

Enfoque metodológico:

Trabalha com a metodologia do conflito. A partir do que o sujeito sabe, sugere mudanças no conteúdo, criando o conflito entre o que se sabe e o que é preciso ser aprendido. Do conflito viria a consciência do fazer.

Relação Professor-Aluno:

Todos participam do processo de construção do conhecimento.

Avaliação:

Este aspecto necessita ser ainda melhor trabalhado. O autor da proposta não se sente à vontade para falar do tema, o que não quer dizer que não o domine, apenas ressalta que para uma tomada de posição seria necessária uma dedicação especial para seu estudo.

Livro que trata do assunto:

Educação de corpo inteiro (FREIRE, 1989)

a.4) Metodologia crítico-emancipadora**Idealizador:**

Elenor Kunz (1994)

Referencial Teórico:

Teoria Sociológica da Razão Comunicativa (Habermas)

Tendência Educacional:

Progressista Crítica

Objeto de Estudo:

Movimento Humano - esporte e suas transformações sociais

Objetivos Gerais:

Conhecer e aplicar o movimento conscientemente, libertando-se de estruturas coercitivas;

Refuncionalizar o movimento.

Seriação Escolar:

Não aponta e/ou trabalha alguma proposta neste sentido

Conteúdos Básicos:

O movimento humano por meio do esporte, da dança e das atividades lúdicas

Enfoque Metodológico:

A estratégia didático-metodológica prende-se às categorias de ação: trabalho, interação e linguagem.

Uma aula deve ter como caminho a ser percorrido em seu desenvolvimento: 1) Arranjo material - organização aceitável e viável de instrumentação adequada para o desenvolvimento das aulas; 2) Transcendência de limites pela experimentação - extrapolar as possibilidades básicas propostas pelos materiais e regras; 3) Transcendência de limites pela aprendizagem - ampliação ilimitada das possibilidades de aprendizagem; 4) Transcendência de limites - criando possibilidade de avanços em todas as propostas vivenciadas e discutidas.

Relação Professor-Aluno:

Fundamenta-se dentro de uma ação comunicativa problematizadora, visando a uma interação responsável e produtiva.

Avaliação:

Privilegia a avaliação do processo Ensino-Aprendizagem.

Livros que tratam do assunto:

Educação Física: ensino e mudanças (KUNZ, 1991)

Transformação didático-pedagógica do esporte (KUNZ, 1994)

De acordo com o apresentado, pode-se perceber a existência de outros olhos sobre a Educação Física Escolar. Utilizando-se de referenciais teóricos distintos, os autores nos mostram a intenção da construção e desenvolvimento de uma Educação Física Escolar diferenciada da realidade existente. Porém, o objetivo em todas as propostas é muito similar, ou seja, o de oferecer uma disciplina recheada de conteúdos significativos e que tenha sentido na formação dos participantes.

É intenção clara em todas as propostas a “autonomia” frente aos conhecimentos tratados no ensino, assim como, enfatiza-se a necessidade da seriedade da ação docente e da responsabilidade com o processo ensino-aprendizagem.

Ao pretendermos que a Educação Física realmente tenha um novo entendimento e aceitação junto a toda comunidade, é imprescindível uma retomada de ações metodológicas e de conteúdos significativos.

Em todas as propostas metodológicas apresentadas o papel do professor é fundamental, assim como a consideração com o conhecimento historicamente produzido e o conhecimento vivenciado pelos participantes do processo. Os conteúdos e as ações metodológicas são interdependentes e exigem competência e responsabilidade de todos os que se envolvem no processo ensino-aprendizagem.

Outro aspecto significativo é o compromisso que o COLETIVO DE AUTORES (1992) assume, ao apresentar a metodologia crítico-superadora, buscando a construção de uma sociedade igualitária e dentro da perspectiva socialista. Esse compromisso sócio-político está mais claro e explicitado na proposta citada do que nas demais, contudo,

pode-se também constatar junto aos demais idealizadores que mesmo sem esse compromisso explícito suas idéias voltam-se à construção de uma sociedade mais justa, humana e igualitária.

Por fim, para servir de alerta e se precaver contra visões fantasiosas e ilusórias, BETTI (1991:167) diz que:

“o discurso sócio-político, que lidera o processo de transformação na Educação Física brasileira atual, propõe um modelo de personalidade que desenha um homem crítico, criativo e consciente, e os instrumentos disponíveis no processo ensino-aprendizagem para acionar tais propostas, são a polarização em torno da ludicidade, controle interno, não-formalidade, cooperação, flexibilidade das regras, solução de problemas e honestidade. Pode-se prever um esmorecimento deste discurso se não houver percepção suficiente para acionar esta operacionalização”.

Dessa forma, como já salientado no início do tópico, as novas idéias e propostas metodológicas sofrem em suas implantações, por motivos decorrentes da falta de percepção do papel social que tem a educação e seus integrantes como um todo.

Para olhar a realidade e sobre ela refletir o novo, é necessário que a ousadia suplante o medo. Contudo, para ousar é preciso compromisso e competência, pois a toda iniciativa mal estruturada existe um retrocesso perigoso e comprometedor de novas gerações.

b) Metodologia do ensino aberto - a escolhida

“...transformar a experiência educativa em puro treinamento é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar.”

FREIRE (1997:37)

A concepção metodológica de ensino aberto chegou ao Brasil na década de oitenta com a vinda do Prof. Dr. Reiner Hildebrandt, um dos autores da proposta, que veio para atuar no curso de mestrado em Ciências do Movimento Humano do Centro de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria - RS. Nesse período foi editado o livro originário da proposta “Concepções abertas no ensino da Educação Física”.

O envolvimento do Prof. Dr. Reiner com parte dos mestrandos do curso em Santa Maria - RS e também com professores da Universidade Federal de Pernambuco, originou um segundo livro da proposta com exemplos brasileiros, intitulado “Visão didática da Educação Física: análises críticas e exemplos práticos de aulas”, que acabou sendo editado no ano de 1991.

Os dois livros, bem como todo o trabalho desenvolvido pelos docentes que se envolveram com a proposta, acabaram por provocar discussões e serviram de subsídios para inúmeros trabalhos dentro da área. Grande parte das produções acadêmicas relacionadas à temática metodológica da Educação Física brasileira utiliza como referencial as produções citadas.

O choque provocado quando da apresentação dessa nova forma de trabalhar a Educação Física foi muito grande e chegou a criar fortes resistências. Mas isso não é novidade. A resistência a mudanças é uma característica marcante do professor de tendência tradicionalista.

Como entender que o aluno poderá participar do processo de escolha de atividades? Como entender que a Educação Física não irá desenvolver o seu conteúdo perspectivando exclusivamente a construção do atleta? Como entender que a Educação Física é muito mais do que a prática de atividade? Como entender a Educação Física participante na construção do sujeito e não simplesmente do atleta?

Essas e tantas outras questões iniciais suscitaram uma nova forma de enxergar a Educação Física Escolar. No momento em que o importante era dominar novas formas de gasto energético, novas técnicas de processos pedagógicos aos esportes, aprendizagem motora, biomecânica, aparece, para contribuir com a Educação Física Escolar, uma nova proposta que avança e olha também pelo aspecto social. Entender a criança e o adolescente em processo de formação e integrantes ativos da sociedade em que vivem, resgatar a importância da co-gestão no processo ensino-aprendizagem e estimular os

participantes a assumirem as responsabilidades por todo o processo de que fazem parte, são alguns dos pontos iniciais para se trabalhar a Educação Física Escolar dentro dessa concepção metodológica.

De acordo com HILDEBRANDT (1985:28) a educação

“é uma parte de socialização geral, isto é, aquele setor de interações conscientes e socialmente regulamentadas, nas quais o jovem, no seu processo de desenvolvimento, é qualificado a aprender produtos culturais de uma sociedade e prosseguir no seu desenvolvimento, e neste processo de qualificação tornar-se uma pessoa independente e responsável”.

A definição de Hildebrandt para a educação avança no sentido em que procura construir junto aos participantes a autonomia para as capacidades de ações.

GONÇALVES (1986:152) ao refletir sobre as aulas de Educação Física escreveu que:

“A Educação Física se dá no campo da interação social. Pela natureza de sua prática (integrando jogos, ginástica, esporte e dança), essencialmente ligada a regulamentos, a Educação Física pode ser um momento significativo para o desenvolvimento da capacidade reflexiva do aluno, ajudando-o a formar uma consciência crítica, base da inovação e transformação das condições sociais.”

As possibilidades de intervenção social por meio da reflexão dos conteúdos relacionados à Educação Física, são imensas. Nesse sentido é importante considerar SANTIN (1985:119), *“as mudanças no mundo da ação humana só acontecem quando precedidas pelas mudanças no mundo do pensamento”*. Ou seja, as possibilidades existirão se as práticas deixarem de ser apenas mecânicas, refratárias, infundadas e sem relação direta com a realidade vivida pelos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Dessa forma a participação e o envolvimento integral em todas as etapas do processo ensino-aprendizagem podem contribuir significativamente com as capacidades cognitivas e com uma visão crítica da sociedade. Os discentes necessitam ser convocados e estimulados a assumir as responsabilidades pelo ensino que recebem, juntamente com todos os demais envolvidos, a fim de que consigam enxergar a realidade, enxergarem-se nela e, dentro do possível, modificá-la.

HILDEBRANDT (1985:29) define que:

“A educação, que está interessada em um sujeito capaz de atuar realiza-se com uma ação comunicativa. Com isso, entende-se uma ação que não tem por objetivo transmitir significados, mas sim, visa muito mais a compreensão das diretrizes e objetivos de ação. Através da atuação na prática e da reflexão, deve ser possibilitado ao educando uma compreensão do “seu mundo” e da realidade social, uma conscientização das condições, possibilidades e conseqüências de seu agir: explicação e reflexão própria, em vez de manipulação. Para isto, é necessário encarar seriamente as crianças e os jovens como sujeitos que são capazes de atuar em seu mundo.

A ação pedagógica deve se realizar no horizonte de experiências da criança e do jovem, para possibilitar a estes amplos conhecimentos, escalas de valores, modelos de ação, desenvolvendo sua capacidade de ação.”

As possibilidades das capacidades de ações estão diretamente relacionadas com as capacidades de entendimento e interpretação do mundo vivido. A sua transcendência será conseguida por meio do esclarecimento e da busca de novos patamares sócio-culturais.

O GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO (1991) destaca as três legitimações básicas do ensino aberto: didático-pedagógica, humana e político-social.

Dentro da legitimação didático-pedagógica procura deixar clara a intenção de desenvolvimento de uma educação que visa à autonomia e à valorização da relação ensino e cotidiano. *“A ação pedagógica deve se realizar no horizonte de experiências da criança e do jovem, para possibilitar a estes amplos conhecimentos, escalas de valores, modelos de ação, desenvolvendo, assim, a sua capacidade de atuar.”* (p.34)

Ainda como parte da legitimação didático-pedagógica, o GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO (1991:39) comenta que no desenvolvimento das aulas estas devem orientar-se:

“No aluno: neste o professor abandona o monopólio absoluto do planejamento e da decisão e oferece aos alunos espaços substanciais de ação e de decisão. Nas aulas, os alunos podem apresentar suas imagens, idéias e interesses, com respeito ao movimento, jogos e esporte, para participar na decisão sobre planejamento e realização da aula.

No processo: o andamento da aula e as ações desenvolvidas é que estão no centro do interesse didático e, com isso, o modo pelo qual os alunos têm relação conjunta e relação com a matéria. Trata-se das diversas maneiras para aprender e fazer esporte, das possibilidades diversas para resolver problemas motores e sociais dos alunos e do professor e, com isso, da ação autônoma e social dos alunos.

Nos problemas: tem origem numa situação problemática. Por exemplo: criar um jogo com uma situação apresentada pelos alunos na aula ou com um problema resultante da própria aula. O importante é que as soluções não são fixadas anteriormente. Os alunos devem criar, experimentar e avaliar conjuntamente e com a ajuda do professor as várias possibilidades de soluções.

Na ação comunicativa: tem interesse didático na comunicação entre os alunos e professor. O mais importante com isso é a interação de alunos e professor. Ao abandonar o monopólio das decisões o professor passa a ser o orientador do aluno. Com isso, os alunos podem integrar suas idéias, necessidades e impressões na aula e discuti-las com o professor.”

A conquista e o pleno desenvolvimento de ações orientadas nos alunos, nos processos, nos problemas e de ação comunicativa não se dá de forma espontânea e fácil. É trabalho árduo e de longo percurso onde, somente depois de muito esforço, surgirão possíveis mostras de sinais positivos. E essa legitimação só poderá acontecer considerando-se também as legitimações humana e político-social. Não existe uma sem o desenvolvimento da outra. É como se falássemos de um corpo sem cabeça.

Vencer as barreiras do individualismo e da racionalidade possibilitará a conquista da legitimação humana. As estruturas sociais direcionam e condicionam ao individualismo. Romper com estas estruturas e procurar a solidariedade, a ação mútua e o compromisso social no desenvolvimento das ações pedagógicas, poderá contribuir sobremaneira no estabelecimento de uma nova sociedade. Longe aqui de se considerar que a educação e estratégias metodológicas possam provocar mudanças sociais. Mesmo Paulo Freire, um dos maiores defensores da educação e conhecedor de suas possibilidades, esclarece que a educação não é a mola das transformações sociais justamente porque possui essa condição. As forças dominantes e autoritárias de nossa sociedade inviabilizam essa condição da educação. Entretanto, vale reforçar a intenção de

que a educação, sem ingenuidade, pode contribuir substancialmente na construção de uma nova sociedade. Acreditar e desenvolvê-la dando condições às suas múltiplas possibilidades criativa, formativa e integrativa pode auxiliar nesse propósito.

O GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO (1991:46) apresenta três exigências para que se trabalhe a ação humana na educação e na aula:

- “1 - Professor e aluno planejam a aula conjuntamente, isto é, os alunos aprendem a assumir responsabilidades para o futuro;*
- 2 - Os processos de aprendizagem devem ser realizados com abertura às experiências;*
- 3 - Os conteúdos de aprendizagem devem referir-se a relações de vida cotidiana fora da escola”.*

Não basta existir apenas a intenção de se ter um ensino participativo. A participação se dará no momento em que existir a responsabilidade com as ações que serão desenvolvidas. E a responsabilidade acontece no momento em que espaços são abertos na co-gestão das aulas. Pode-se perguntar a algum discente que tipo de responsabilidade ele possui com o programa a ser desenvolvido. A resposta, com raras exceções, será nenhuma, pois é senso comum que isso é exclusividade do docente. Como se fosse o docente o único que precisasse do conteúdo a ser desenvolvido em aula.

Despertar os integrantes do processo, tanto discentes como docentes, para o mútuo compromisso com as ações didático-pedagógicas é condição *“sine qua non”* à conquista de novos patamares educacionais.

Outro ponto de destaque é a abertura do ensino às experiências. Aulas são momentos mágicos que devem ser valorizados e ricos nas possibilidades da experimentação. HILDEBRANDT (1993:141), ao falar sobre experiência e destacá-la como uma categoria central na teoria didática das aulas abertas, cita que:

- “a) ...não podemos ignorar a determinação do conhecimento científico no mundo da vida - o conhecimento técnico em pontos de nossa vida diária. Mas fica claro também que nós não podemos desprezar o conhecimento cotidiano, a experiência do mundo de vida. Os dois âmbitos da experiência e do conhecimento diferenciam-se claramente na maneira da sua produção. Isto se torna importante para reflexões didáticas.*
- b) se o processo de cientificação é ligado com uma perda da experiência do mundo da vida, torna-se necessário*

examinar se estas perdas atingem fundamentos existenciais humanos e se a racionalidade da ciência mostra-se como uma grande hipocrisia.”

Sem perder em consistência e em valor dentro da ação educacional - aula, o docente necessita olhar com atenção para o cotidiano e para a experiência dos participantes. Considerar as experiências e utilizá-las como elementos constitutivos das ações didáticas pode contribuir substancialmente para o envolvimento e compromisso de todos que fazem parte do processo.

Porque sem o compromisso poucas são as chances de existir a responsabilidade. Sem a responsabilidade o interesse desaparece. Sem o interesse o ensino é mecânico. E o ensino mecânico não provoca atração. E sem atração o ensino é sacrifício.

E é justamente aí que se encontra um dos grandes problemas educacionais. O ensino ser entendido como sacrifício, desmotivante. Romper com esse quadro e torná-lo mais humano e atraente deve ser uma busca constante. Trazer o cotidiano para dentro das discussões de aula pode significar o início de uma retomada em direção ao compromisso e à participação.

E, como último ponto de legitimação destacado pelo GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO (1991:48), está a legitimação “político-social”.

Uma proposta metodológica que se preocupa com sujeitos autônomos, criativos e críticos não pode ignorar o mundo onde a escola se insere. Este é mais um dos pontos que sustenta a proposta da metodologia aberta às experiências, ou seja, discutir os conteúdos de forma contextualizados e esclarecendo seus propósitos dentro de todo o processo. Não é aceitável que se passem momentos nos bancos escolares no desenvolvimento de ações desvinculadas de propósitos e objetivos que sejam úteis aos que do processo fazem parte. O desenvolvimento de atividades isoladas e de caráter terminal na própria ação deve ser evitado e substituído por outras de valor e ricas em significados.

“Aulas abertas a experiência não significam...meras técnicas de ensino que podem ser utilizadas aleatoriamente. Significam, principalmente, a concretude de posições filosófico-políticas e pedagógicas, no sentido de participação efetiva no processo de superação histórica. No sentido de busca das transformações sociais.”
(GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO, 1991:52)

A superação no entendimento e prática de aula como atividade e de metodologia como técnica de ensino - receita, poderão contribuir na estruturação de uma educação mais atenta aos descaminhos das desigualdades e injustiças sociais.

Experiências desenvolvidas no transcorrer das disciplinas do curso de doutoramento em Educação Física na Faculdade de Educação Física – Unicamp, que acabaram por resultar na elaboração de dois livros “Educação Física: contribuições à formação profissional” (GALLARDO et alii, 1997) e “Didática de Educação Física. A criança em movimento: jogo, prazer e transformação” (GALLARDO, OLIVEIRA e ARAVENA, 1998), servem como exemplos de que propostas participativas e consistentes possuem espaço dentro da escola e podem contribuir, substancialmente, na formação de nossas crianças, jovens e adolescentes.

Dessa forma, a opção que se fez pelo uso desta proposta metodológica – Ensino Aberto - neste estudo, se vincula ao pleno acordo, do pesquisador, com suas linhas filosófico-educacionais e nas suas possibilidades de desenvolvimento.

No próximo capítulo se dará início à exposição de todo o trabalho desenvolvido junto aos alunos do ensino noturno do CAIC/UEM - segundo grau.

"Educar para a cidadania significa prover os indivíduos de instrumentos para a plena realização desta participação motivada e competente, desta simbiose entre interesses pessoais e sociais, desta disposição para sentir em si as dores do mundo"
MACHADO (1997:47)

CAPÍTULO IV

Com a mão na massa

Neste capítulo será apresentado o "modus operandi" do estudo junto aos discentes das turmas nele envolvidas.

Como primeiro ponto será apresentado o tópico "reflexões iniciais da situação como suporte ao planejamento". Nesse tópico será demonstrada a abordagem desenvolvida em relação ao tema Educação Física junto aos discentes nas duas turmas, onde se apresentou e se discutiu o perfil dos grupos, distintamente, e, a partir dele, se elaboraram considerações para demonstrar a importância de trabalhar a Educação Física para além da simples vivência prática.

Dando prosseguimento ao capítulo será apresentada a forma como se buscou a participação dos discentes em todo o processo desenvolvido. Nesse tópico serão demonstradas formas de negociações que envolvem esse tipo de estratégia metodológica, onde o convite à participação é de suma importância para o futuro sucesso das ações a serem desencadeadas. As aulas desenvolvidas são apresentadas e comentadas resumidamente. Isso possibilitará uma visualização geral do trabalho e dos obstáculos que se enfrentaram no desenvolvimento do estudo.

Por fim será apresentada uma análise geral das aulas, demonstrando e discutindo as respectivas dificuldades e/ou facilidades encontradas, assim como um panorama geral da participação dos discentes.

a) Reflexões iniciais da situação como suporte ao planejamento

O primeiro encontro foi marcado pela incerteza e pela expectativa de ambos os lados. Da parte docente a expectativa em apresentar algo que pudesse cativar os discentes com o propósito de conquistá-los para que, juntos, vivenciassem uma Educação Física de forma diferenciada. Uma Educação Física que pudesse ser significativa e útil ao cotidiano dos participantes do estudo, da forma como eles pleitearam durante os encontros realizados para o levantamento do perfil do grupo. Da parte discente pode-se perceber a esperança de que se apresentasse algo diferente e agradável, sem muito compromisso e dificuldades. Algo que estivesse mais próximo daquilo que recebiam constantemente, mas com um pouco mais de compromisso.

Para este contato inicial, já como algo bastante diferente para eles, desenvolveu-se uma aula teórica. Foi um encontro longo, pois teve-se a oportunidade de ocupar duas aulas do período devido à ausência de um professor. Isto possibilitou um contato maior e conseguiu-se expor um panorama geral da situação e alguns indicadores de como se poderia desenvolver as ações durante o semestre.

Como ponto de partida foi apresentado um pequeno resgate histórico da Educação Física, procurando pontuar questões que levaram àquela prática que eles constantemente tinham dentro da escola. A estratégia permitiu discutir um pouco como o processo histórico afeta a todos e a necessidade de se possuir esse conhecimento para entender a realidade e, baseado nisso, perspectivar o futuro.

Na sequência foi apresentada a proposta elaborada pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná para a Educação Física em nível de segundo grau. A proposta do Estado é inovadora no sentido de entender a Educação Física como disciplina e não como atividade, mesmo ela tendo sido elaborada em fins de 87, quando ainda vigorava a Lei de Diretrizes e Bases - LDB 5.692/71, onde a mesma era citada como atividade. Ao se apresentarem os temas sugeridos pela proposta aos alunos, tais como: a cultura do movimento; a Educação Física e a pesquisa; a prática de atividade física e sua relação com a saúde; as capacidades físicas relacionadas aos esportes; a política e organização desportiva; o jogo como fator de educação e outros, suscitou uma perspectiva diferente sobre a Educação Física por parte dos discentes. Eles nunca tinham visto ou vivenciado

algo como o que se propunha em relação aos temas. Ao se esclarecer em breves palavras cada um dos temas da proposta do Estado, surgiam inúmeras perguntas, sendo necessário, por vezes, solicitar que aguardassem o momento oportuno para que o assunto pudesse ser discutido em sua plenitude. Isso demonstrou a curiosidade dos mesmos em relação a vários temas que a Educação Física poderia atender no desenvolvimento de suas aulas.

Depois desses dois primeiros passos deu-se início à apresentação do perfil do grupo. Quem eles eram, trabalhos que desenvolviam, que tipo de atividades realizavam, experiência em relação à atividade física, conhecimento sobre atividade física, necessidade de atividade física, conceito sobre Educação Física Escolar, expectativa com a disciplina e a experiência a ser realizada durante o semestre. Esse perfil mostrou claramente que o grupo não se conhecia. Foi importante esse fato, pois tiveram a chance de enxergar-se em relação ao grupo a que pertencem. Isto possibilitou uma aproximação maior entre eles. O fato de apresentar claramente a situação, sem mascarar, abriu as portas para um relacionamento mais próximo entre docente e discentes. Os encontros tiveram esse ponto positivo, o de esclarecer a situação e aproximar as diferenças, mesmo porque não era intenção constituir um hiato entre docente e discente, ao contrário, a relação mais próxima e parceira contribuiria para o desenvolvimento de ações mais livres e prazerosas. Foi extremamente positiva a apresentação deste perfil para se mostrar, também, que não se estava criando distorções em relação aos envolvidos no estudo.

E, para finalizar esta primeira etapa da conversa junto aos alunos, apresentou-se uma pesquisa que retratava o conhecimento da comunidade maringaense sobre a prática de atividade física permanente. Essa pesquisa teve a intenção de demonstrar-lhes que não eram os únicos a não possuir conhecimentos sobre a prática da atividade física. A pesquisa possibilitou questioná-los e incentivá-los a enxergar o que tinham na escola e a função da Educação Física na escola. Questionou-se também sobre o que eles, ao findarem os estudos, levariam para a vida cotidiana e, por fim, que autonomia a escola e, em especial, a Educação Física, estava lhes proporcionando em relação aos conhecimentos tratados ali. Isso abriu margem para discutir-se um pouco sobre as funções da educação na vida do cidadão de forma geral.

Após estes passos iniciais, tinha-se um problema em evidência, o que fazer a partir desse momento? A estratégia tinha surtido efeito, ou seja, os discentes estavam em situação

de espera para o próximo passo. E o próximo passo seria o de apresentar uma proposta de desenvolvimento da disciplina.

Evidentemente já havia algo preparado para deflagrar o processo de planejamento participativo com o grupo. Tomando-se por base o respondido nos encontros para o levantamento do perfil dos discentes, selecionou-se uma série de conteúdos que poderiam ser abordados durante o semestre de forma consistente e que atenderiam aos conhecimentos básicos relacionados às atividades físicas e recreativas.

Entretanto, antes de uma apresentação desse plano básico já preparado, solicitou-se aos discentes que se reunissem em grupos e que, após considerações sobre o discutido até o momento e, considerando as intenções e necessidades do grupo, apresentassem o que gostariam que fosse desenvolvido durante o semestre do estudo. Não foi novidade alguma o resultado do teste. As sugestões prenderam-se a basquetebol, futsal, voleibol e capoeira. Nada mais lógico para o momento, mesmo tendo sido frustrante ouvir isso após toda a explicação anterior dos planos do Estado, da realidade constatada, das necessidades educacionais e formativas da disciplina e da necessidade de autonomia frente a conhecimentos tratados dentro da escola. Isso faz parte do processo: pois entender que os alunos não estão preparados para avanços com "varinha de condão" é condição indispensável, caso contrário, a depressão e o desânimo tomam conta da situação e toda a boa intenção escoa-se pelo ralo.

A participação é a tônica desse processo. Entretanto, faz-se necessário entender como esse processo de participação deverá crescer com o desenvolvimento do trabalho. Esperar que os alunos que vêm de um processo cômodo e tradicional agilizem-se e prontifiquem-se de imediato é esperar demais. Devemos considerar, em nossas expectativas, a história de vida dos participantes e respeitá-las para possibilitarmos avanços.

FREIRE e SHOR (1986:133) comentam que:

"os alunos têm o direito de participar, e nós não temos o direito de dizer isso porque eles rejeitam a participação, então assumimos a posição de lhes dar a formação totalmente. Não! Temos que reconhecer que os alunos não podem entender seus próprios direitos, porque estão tão ideologizados que rejeitam sua própria liberdade, seu próprio desenvolvimento crítico, dado o currículo tradicional. Então,

tenho de aprender com eles, como ir além desses limites, além da rejeição de seus direitos."

Além das impossibilidades momentâneas de participação, os alunos também têm a limitação de entendimento do que a Educação Física pode fazer por eles. Esperar que nesse momento eles venham a sugerir profundos e complexos temas para se desenvolver em aula seria ingenuidade e desconsideração ao próprio perfil levantado. Seria por demais satisfatório que em uma primeira reunião eles já captassem novos entendimentos sobre a Educação Física e sua função educacional. Este é um processo educacional e, portanto, lento, pois não se pretende que seja imposto e castrador, mas participativo e consciente.

Bem, tomando novo fôlego e considerando o profundo sentido pedagógico na fala de Freire e Shor, demos início à exposição de alguns tópicos que consideramos necessários para o primeiro momento, ou seja, apresentamos com detalhes cada um deles e procuramos relacioná-los com os temas sugeridos pelos discentes.

Tópicos apresentados para serem desenvolvidos durante o semestre:

- a) Avaliação postural
- b) Avaliação física
- c) Estudo das valências físicas
- d) Estudo de formas de trabalhos das valências físicas
- e) Determinação de atividades baseadas nas avaliações físicas
- f) Análise de atividades compensatórias ao esforço diário
- g) Estudo e vivência de ginásticas
- h) Vivência de processos de relaxamento
- i) O lazer e sua aplicação na vida diária
- j) A organização do desporto mundial

Sugestão de evento a realizar:

* Feira de Ciências do Esporte do CAIC/UEM

O relacionamento dos temas apresentados junto com as sugestões dos discentes apareceram da seguinte forma: ao se trabalhar o futsal, estudava-se o que era necessário para o usufruto adequado da atividade: valências físicas, motoras e formas de trabalho que

poderiam contribuir na melhora da performance geral. Da mesma forma com a capoeira, basquetebol e o voleibol. Este esclarecimento amenizou a situação e possibilitou um relacionamento, mesmo que "suspeito", por parte dos discentes com a proposta, mas de certa forma mais aceitável. O que deixou transparecer no olhar dos discentes para o momento foi "vamos ver até onde isso vai, vamos apostar".

De fato ocorreu um certo entristecimento por parte dos discentes. Eles não esperavam ter que estudar também na disciplina de Educação Física. Neste aspecto não foi possível esmorecer, porém, apresentamos uma razoável relação entre o que eles haviam sugerido e a proposta. As modalidades apresentadas pelos discentes seriam o fator norteador para as discussões teóricas. Pronto, "discussões teóricas". Outro grande problema a ser resolvido com bastante diplomacia para não complicar a paciência e predisposição inicial do grupo. Os discentes nem queriam pensar em aulas teóricas de Educação Física. A aula de Educação Física é para sair e se recrear (entenda-se recrear como bater papo, fumar, namorar e, alguns, jogar bola). Neste ponto foi necessária uma certa resistência e arte de convencimento para demovê-los do conceito de que a aula de Educação Física é para "sair". Após argumentações de ambos os lados acabou-se aceitando a divisão por uma aula teórica e uma aula prática.

Como suporte à estratégia adotada para o planejamento consideramos as determinações apresentadas por HILDEBRANDT e LAGING (1986:35-7):

Planejamento como dependente das pessoas participantes da aula: os participantes devem estar estimulados e envolvidos integralmente nas atividades que serão desenvolvidas, por isso a necessidade de atividades motivacionais nessa fase de estruturação do plano, para o empenho na tarefa de planejar em conjunto;

Planejamento como mapa cartográfico didático: entender que um planejamento tem de possibilitar a navegação por diversos caminhos e não em direção única. Não se pode entender aqui que o navegar por diversos caminhos seja abandonar completamente o norte estabelecido, é importante sempre tê-lo como referencial para que, apesar dos desvios, possa se chegar ao destino pretendido;

Planejamento como preparação para atingir as necessidades dos alunos: que se deve considerar os interesses e necessidades dos participantes, acrescentando e propiciando novos e significativos olhares e conteúdos à formação oferecida;

Planejamento como preparação para os meios de solução: o desenvolvimento de um ensino participativo está atrelado a uma metodologia de ensino por descoberta e solução de problemas; dessa forma, é preciso pensar sobre meios auxiliares e indicadores para servir como formas de solução aos problemas apresentados;

Planejamento como abertura de perspectivas de planejamento: as ações problematizadoras e os novos caminhos trilhados no desenvolvimento do ensino devem culminar na oferta de indicadores para novos planejamentos. Dessa forma, o professor não pode deixar que as novas idéias e oportunidades educacionais que surgem durante as aulas se percam sem que sejam contempladas em planejamentos futuros;

Planejamento não quer dizer ter algo preparado para todas as reações dos alunos: é muito comum o professor achar que ao não atender uma reação dos alunos ele perdeu o “norte” da situação educacional. Essa “sensação” pode ser superada através de um planejamento que tenha linhas mestras bem definidas, sendo os aspectos complementares constituintes do processo, modificando-se, aprofundando-se os objetivos originais e/ou acrescentando novos.

A idéia para o momento foi justamente a apresentada pelos autores acima, ou seja, criar caminhos que demonstrassem um norte, porém sem que se fechassem em uma via única. A experiência tinha por finalidade propiciar as diversas intervenções e manifestações possíveis. Após os primeiros contatos isso ficou bastante evidente, isto é, para o momento era imprescindível que os discentes se sentissem atuantes e que suas sugestões fossem contempladas. Nada seria pior do que uma recusa às suas idéias e sugestões. Assim, após ponderações e considerações diversas, tanto de docente quanto de discentes, com um certo recuo do docente, pois entende-se que os discentes estão em desvantagem na possibilidade de argumentação sendo, portanto, um recuo por parte do docente providencial ao momento, chegou-se a um plano que contemplava as idéias gerais dos discentes como elementos básicos no atendimento aos tópicos lançados pelo docente. Naquele momento, uma estratégia convincente e aglutinadora.

Por fim, ficou a proposta do grupo relacionada às modalidades de basquetebol, voleibol, futsal e capoeira tendo, a mesma, um vínculo direto com os temas sugeridos pelo docente (pesquisador).

Na sequência iremos apresentar o desenvolvimento de todas as aulas, tanto para o grupo de Educação Geral como para o grupo de Auxiliar de Enfermagem. É interessante destacar a diferenciação existente entre as duas turmas, o que auxilia a confirmação de que não existe método único e receita pré-concebida para ações educacionais quando se pretende um ensino que seja participativo e voltado aos interesses e necessidades de seus integrantes.

Para melhor visualização estruturou-se um demonstrativo geral da experiência realizada onde constam: o número da aula - tema central - característica da abordagem (teórica ou prática) - um breve resumo do desenvolvimento da aula e também o que convencionou-se de resultados/observações, com breves comentários sobre o desenrolar da aula. É importante destacar que o livro escolhido para os trabalhos leitura e exposição foi “Os Senhores dos Anéis” de Vyy Simson e Andrew Jennings. Em grande parte das aulas será definido como tema “apresentação do livro”.

b) Apresentação das aulas desenvolvidas durante a experiência

O relato a seguir é demonstrativo de todas as aulas que fizeram parte da experiência realizada com os alunos do segundo grau - segunda série - de Educação Geral e de Auxiliar de Enfermagem.

As aulas relatadas possuem um momento descritivo das ações desencadeadas e um breve comentário denominado "resultados/observações" sem, contudo, um aprofundamento nas discussões. A discussão se dará no próximo tópico.

b.1) Aulas desenvolvidas com a Turma de Educação Geral

Nº 01

Tema: Reflexões iniciais sobre a Educação Física

Aula Teórica

Desenvolvimento:

Esse encontro teve como objetivo abrir caminhos para o desenvolvimento de uma Educação Física que pudesse contribuir com os anseios e necessidades dos participantes. Inicialmente discutiu-se sobre o que é Educação Física, com o propósito de deixar claro o papel formador que a área possui dentro do sistema escolar. Utilizou-se como subsídio dessa argumentação a proposta desenvolvida pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, que faz uso das manifestações da cultura corporal como elementos a serem trabalhados

dentro da disciplina Educação Física. Na sequência, apresentou-se o perfil do grupo para demonstrar o quanto todos se dizem insatisfeitos com o desenvolvimento atual da disciplina, a falta de conhecimento sobre as atividades físicas, o corpo, o movimento e também o que esperam da disciplina. Após as apresentações, deu-se início a uma argumentação de como poderíamos estruturar a disciplina a fim de que ela pudesse começar a atender as falhas detectadas e os anseios do grupo. Por fim, após algumas argumentações do que é escola, do que é Educação Física, do que é o trabalho, chegou-se a algumas ponderações interessantes e que deveriam nortear os trabalhos futuros, ou seja, a apresentação e desenvolvimento de conteúdos úteis, agradáveis e que contribuíssem com o cotidiano. Foi um compromisso assumido pelo grupo. A primeira definição foi a implantação de aulas teóricas. Não foi fácil convencer o grupo dessa necessidade, pois mesmo com toda a argumentação apresentada a idéia de Educação Física é prática e muito superficial. Foi a primeira barreira a superar. Ficou para a próxima aula o início do planejamento das atividades.

Resultados/Observações:

O grupo se apresenta de forma bastante resistente. Qualquer proposta que possa mexer com a situação do grupo é imediatamente recusada. As reflexões iniciais colocando todos em posição frágil, ou seja, sem possibilidade de contra-argumentação, deu a chance de apresentar uma nova forma de desenvolver a disciplina. Os discentes foram resistentes na proposta de se terem aulas teóricas, mas não tiveram condições de contra argumentar, pois estavam sem base para apresentar propostas. Houve uma aceitação inicial, mas ficou bastante claro que sem a devida preparação e a apresentação de temas interessantes essa proposta seria imediatamente abandonada.

Nº 02 Tema: Apresentação do trabalho - planejamento parcial Aula Teórica

Desenvolvimento:

Entrega de material - capítulos do livro “Os senhores dos Anéis” (SIMSON e JENNINGS, 1992). Entrega de dois textos sobre atividade física e saúde. Após a leitura, uma pequena discussão sobre os temas de que tratavam os artigos. Após essa pequena discussão, que ficou para ser finalizada em atividades ao longo do semestre, deu-se início ao planejamento. A turma foi dividida em pequenos grupos para discutir e sugerir atividades para o semestre. Ao final colocaram-se as sugestões no quadro e ficou acordado que as mesmas deveriam ser contempladas no plano geral. Tarefa: Os alunos deveriam pesquisar sobre a atividade em circuitos e atividades aeróbicas.

Resultados/Observações:

O grupo é grande e desacostumado a trabalhos coletivos. Dificuldades em cativar o grupo. Na leitura dos textos pode-se perceber a grande dificuldade que os discentes possuem de entendimento teórico, a falta de conhecimento geral e o descompromisso com o aprendizado de forma em geral.

Nº 03

Tema: Desenvolvimento de um circuito aeróbico**Aula Prática****Desenvolvimento:**

Esclarecimentos teóricos (rápido) e organização de dois grupos para o trabalho prático. Trabalho prático em estações - um avalia e o outro executa. Foi a primeira aula prática e todos tiveram um impacto na forma diferente de condução da aula. A aula foi orientada ao conhecimento e não ao simples esforço físico. O pouco espaço de tempo destinado à aula exigiu ações rápidas e objetivas para o amplo aproveitamento do conteúdo tratado. Após a experiência prática houve uma pequena rodada de esclarecimentos sobre a atividade, pois o tempo já havia se esgotado.

Resultados/Observações:

O grupo teve boa participação. Não se teve tempo para a apresentação da pesquisa – tarefa de casa - que acabou ficando para a próxima aula. Observa-se dificuldade social. Ainda não existe o compromisso de que se falou nas aulas anteriores.

Nº 04

Tema: Apresentação do planejamento - Postura Corporal - cuidados necessários**Aula Teórica****Desenvolvimento:**

Apresentação da proposta de plano para aprovação do grupo. O plano apresentou uma série de conteúdos que eles não sugeriram, pois nem sabiam da existência dos mesmos (ginástica artística, calistênica - gincana e outros). Porém, o que eles sugeriram - os esportes futsal e voleibol e também a dança, estavam contemplados no plano. Foi necessário um esclarecimento detalhado do mesmo para a aprovação por parte dos discentes. Na sequência houve uma exposição teórica detalhada sobre os desvios posturais. Formas de prevenção e exercícios para possíveis correções.

Resultados/Observações:

Houve interesse pelo assunto e boa participação do grupo com o debate. Pouco tempo. A prática ficou para a próxima aula teórica. Existe um desrespeito muito grande entre os alunos. Chega-se ao ponto de xingamentos entre eles. Medidas drásticas de advertências tiveram de ser adotadas para chamar a atenção e cobrar respeito mútuo no grupo. A aula foi interrompida e o fato discutido abertamente mostrando-se a necessidade do respeito e da ação social que ali estava se desenvolvendo. Os discentes têm dificuldades em ficar na sala de aula.

Nº 05

Tema: Desenvolvimento de um circuito anaeróbico**Aula Prática****Desenvolvimento:**

Esclarecimentos teóricos (rápidos) - pré-teste para determinação da carga - trabalho com 50% - apenas para a vivência da atividade. Houve grande participação do grupo. Tanto os alunos como as alunas participaram da atividade. O grupo gosta de se envolver em práticas. Assim como na aula prática anterior o tempo para reflexões finais ficou prejudicado. O

tema seria abordado teoricamente em oportunidade futura. Foi cobrada a tarefa de pesquisa - apenas dois alunos trouxeram material.

Resultados/Observações:

O grupo participou ativamente. Existe uma visão de cooperação inicial para os trabalhos. Porém, sem considerar este fato como progresso consolidado. Esta constatação tem se observado apenas em atividades práticas.

Nº 06 Tema: Avaliação da Postura Corporal

Aula Teórica

Desenvolvimento:

Retomou-se o trabalho teórico sobre o assunto e foram apresentadas as fichas de avaliação, dando uma noção do que se avalia e como se avalia a postura. Os esclarecimentos teóricos foram chamativos e interessaram a todos. Houve uma boa acolhida ao tema. Infelizmente ainda se manifestou um comportamento agressivo e isso provocou novos momentos de reflexão sobre respeito, cooperação e o que é a educação para a vida de todos que ali se encontravam. Estes momentos têm sido importantes.

Resultados/Observações:

Houve inibição e poucos voluntários para a exposição. O grupo misto, e nessa faixa etária, sofre com problemas de auto-afirmação perante os demais. Devagar o grupo foi se soltando. Os líderes começaram a se mostrar. Existe uma liderança negativa no grupo e foi importante ela ser detectada, pois isso determinará outras estratégias de abordagem.

Nº 07 Tema: Corrida de Velocidade

Aula Prática

Desenvolvimento:

A temática surgiu devido às observações nas aulas práticas anteriores. Os alunos têm problemas na corrida. Foi necessária uma barganha com o tema. Ao final da aula seria possibilitado um jogo de futsal. As atividades preparadas e a problematização em relação ao tema tomaram 90% da aula. Contudo, os alunos conseguiram verificar as deficiências que possuíam em relação a essa habilidade motora básica. Isto servirá para exemplos futuros com o grupo.

Resultados/Observações:

O grupo acabou se envolvendo com a estratégia adotada, o que acabou por resultar numa participação ativa. O sentido de grupo começa a ocupar lugar entre os participantes. Durante as atividades práticas também se observa uma discriminação entre os aptos e os inaptos, contudo, a força e tamanho determinam a condição de exclusão ou não. As mulheres são quase que totalmente expulsas das atividades. Um assunto para se retomar em ações futuras.

Nº 08

Tema: Apresentações do Livro - Introdução a Dobras Cutâneas**Aula Teórica****Desenvolvimento:**

A falta de experiência em exposição oral levou o grupo a realizar uma apresentação confusa e sem muita organização. Foi necessária uma retomada por parte do docente para esclarecimentos gerais e possibilidade de entendimento do assunto. Não foi possível o trabalho sobre Dobras Cutâneas na aula por falta de tempo.

Resultados/Observações:

Salientou-se na aula a falta de respeito mútuo durante a exposição. O receio observado anteriormente de uma recaída no aspecto social concretizou-se. A aula foi difícil e exigiu uma postura totalmente fechada. Tentou se negociar em ações mais abertas, mas foi em vão. O procedimento teve de ser fechado momentaneamente.

Nº 09

Tema: Transformação das regras**Aula Prática****Desenvolvimento:**

Criar jogos transformando as regras do futsal com o objetivo de se chegar ao jogo do voleibol. Foi esclarecido ao grupo as regras das transformações possíveis (regras constitutivas e regulativas) e todos foram convocados a participar. A aula foi filmada para futura discussão. A estratégia adotada servirá para as discussões sobre relacionamentos, respeito mútuo, auxílio, companheirismo, educação e sociedade.

Resultados/Observações:

As mulheres do grupo tiveram pouca participação. As regras foram rapidamente transformadas para se chegar ao voleibol. Não se comentou muito, pois a filmagem teve a intenção de usar todo o tempo e construir uma estratégia para discussão na próxima aula prática.

Nº 10

Tema: Apresentações do Livro. Introdução ao tema Dobras Cutâneas**Aula Teórica****Desenvolvimento:**

O grupo se apresentou de forma mais organizada, porém sem a devida clareza e estudo adequado. Foi necessária uma complementação do docente. O tema dobras cutâneas foi apresentado parcialmente na forma teórica para uma visão geral dos alunos. O tempo curto da aula inviabiliza aprofundamentos adequados. O conteúdo deverá ser complementado na próxima aula.

Resultados/Observações:

Observou-se novamente a falta de respeito com o próximo. Foi necessária a chamada de atenção constante. A aula tem sido constantemente interrompida para a chamada de atenção dos discentes. Isso tem tomado bastante tempo da aula, mas consideramos este assunto um ponto significativo na condição da cidadania e respeito aos avanços futuros. Houve

interesse pelo tema abordado, pois ele nunca tinha sido discutido ou trabalhado pelos discentes.

Nº 11 Tema: Respeito ao próximo e coletividade

Aula Teórica

Desenvolvimento:

A aula foi na sala de vídeo. Foi apresentado o vídeo da aula que teve o tema “transformando as regras”. Após uma rápida exposição voltou-se ao filme e foram escolhidos momentos específicos para a discussão - momentos de agressividade, desconsideração ao próximo, desrespeito às limitações, desrespeito às regras instituídas pelo grupo, baixa produtividade dentre outras. Procurou-se discutir de forma aberta os problemas detectados e vinculá-los aos vivenciados em sala de aula. Sem dúvida alguma essa aula marcará os passos seguinte do grupo. Existiu um descortinamento e baixa de guarda em relação ao convívio existente no grupo. As queixas foram colocadas para fora e discutidas abertamente no grupo. As discussões iniciaram-se nas ações internas do grupo e extrapolaram para o convívio social maior, o emprego, a sociedade, a família e os companheiros. Foi uma experiência riquíssima no âmbito social e didático.

Resultados/Observações:

Houve uma reclamação geral no início, pois a aula deveria ser prática. Mas a aula acabou sendo de enorme valia. Discutiram-se claramente os problemas de falta de harmonia e respeito que existe no grupo. Todos externaram as queixas. Foi uma aula marcante para todos.

Nº 12 Tema: Apresentação do Livro - Dobras Cutâneas

Aula Teórica

Desenvolvimento:

O grupo responsável pela apresentação não se preparou adequadamente e não apresentou o tema. O docente fez a vez do grupo. A turma decidiu por uma punição aos faltosos. Finalizou-se a teoria sobre as dobras cutâneas e foram feitas as medidas de composição corporal de todos. Como de costume, uma certa resistência inicial e adesão com o passar da tarefa. O grupo gostou de ser avaliado e aplicar individualmente as fórmulas e localizar a composição na tabela específica. Houve grande participação na atividade.

Resultados/Observações:

Retomaram-se as discussões sobre responsabilidade, respeito e cooperação. O grupo foi severo e exigiu punição aos faltosos (nota menor). Tanto docente quanto discentes estão num momento delicado de aproximação. Agora é um momento crucial para a conquista do grupo e da demonstração da importância dos conteúdos. Momento de expectativa e espera.

Nº 13 Tema: Atividades aeróbicas e Anaeróbicas: uma combinação importante

Aula Prática

Desenvolvimento:

Fez-se uma rápida recapitulação do tema para recordar o grupo sobre o que ele envolve. Após essa retomada teórica, desenvolveram-se várias atividades práticas com o propósito

de demonstrar a variação que as atividades provocam no organismo e como elas devem ser controladas. Ao final da aula refletiu-se parcialmente sobre cada uma das atividades para sua melhor compreensão.

Resultados/Observações:

O grupo está mais coeso e participativo na aula. Houve uma grande participação feminina. Mesmo a aula tendo um formato meio cansativo, devido ao ritmo das atividades, o grupo não se alterou e cooperou com todo o desenvolvimento. As discussões finais foram ricas.

Nº 14 Tema: Apresentação do Livro - organização de atividades aeróbicas e anaeróbicas Aula Teórica

Desenvolvimento:

A dificuldade em expor continuou. O grupo é muito imaturo e sem experiência na ação comunicativa. Nota-se uma falha de formação, eles apenas ouvem e não participam nem falam. Após as exposições, que foram complementadas pelo docente, ouve uma explanação completa sobre as atividades aeróbicas e anaeróbicas, e de como eles podem organizar atividades no dia a dia respeitando e considerando as necessidades gerais do organismo.

Resultados/Observações:

As exposições ainda sofrem com a falta de preparo. Insiste-se com a atividade teórica, não só pelo resultado de conteúdo e discussões, mas pela oportunidade de os alunos passarem pela experiência de exposição oral. Isso pode contribuir positivamente na formação dos mesmos. Os assuntos organizados para as aulas têm sido interessantes e a grande maioria dos discentes tem demonstrado curiosidade através de muitos questionamentos e atenção no transcorrer da aula. Já se nota uma diferença significativa no comportamento do grupo, onde não se coloca a necessidade de constantes chamadas de atenção para o tema.

Nº 15 Tema: Coordenação e Agilidade: movimentos básicos da Capoeira e do Voleibol Aula Prática

Desenvolvimento:

Uma rápida demonstração sobre o que é e a necessidade de um trabalho constante dessas valências. Uma relação direta das mesmas com o cotidiano. Uso de música para o trabalho com a capoeira (para os discentes isso foi inédito). As atividades foram animadas. Observou-se uma grande deficiência em relação ao ritmo, e agilidade para o desenvolvimento das atividades relacionadas à capoeira. Destacou-se essa dificuldade junto aos discentes mostrando, da mesma forma que na corrida, como eles necessitam rever as atividades motoras de base. Finalizou-se com um pouco de voleibol para que se descontraíssem e pudessem também observar as valências dentro do esporte de que gostam.

Resultados/Observações:

A aula teve uma sintonia muito agradável entre os discentes, docente e conteúdos. Nota-se que os discentes possuem vergonha da falta de domínio motor. Foi importante vivenciar e discutir que eles não possuem o domínio que imaginam possuir. Foi uma experiência rica

em detalhes para futuras discussões. O entrosamento no grupo mostra-se de forma mais harmoniosa.

Nº 16 Tema: Apresentação do Livro - Coordenação e Agilidade: aspectos teóricos Aula Teórica

Desenvolvimento:

Nova baixa na apresentação do livro. Nota-se que os grupos formados apenas por homens têm maior dificuldade com a tarefa. O grupo faltoso também deverá ser punido com nota. O docente apresentou os capítulos do livro. A temática da aula foi muito bem recebida e aproveitada pelos alunos. Houve grande interesse no entendimento das questões neurológicas e de estímulos. É espantosa a falta de conhecimento sobre o corpo humano que todos demonstram. Foram distribuídos os trabalhos para a Semana de Ciências do Esporte. Os alunos escolheram temáticas discutidas em aula e outras que ainda seriam discutidas de acordo com o interesse de cada um.

Resultados/Observações:

A instabilidade no comprometimento com as atividades propostas ainda é forte. É necessária uma constante chamada de atenção, e demonstração da importância dessa conduta para a vida diária. Eles necessitam ouvir isso com muita frequência. O grupo teve o conhecimento sobre a estrutura da Semana de Ciências do Esporte.

Nº 17 Tema: Coordenação e Agilidade: experiência com ginástica e voleibol Aula Prática

Desenvolvimento:

A aula teve uma característica mais fechada e voltada para um trabalho de ginástica calistênica e aos fundamentos do voleibol. O trabalho inicial de calistenia foi novo para os alunos que nunca tinham vivido a experiência. Foi lançada a idéia de fazermos uma apresentação na Semana de Ciências do Esporte. Os discentes aceitaram, porém sem uma devida avaliação sobre a aceitação. Na fundamentação do voleibol foi destacado o tema coordenação e agilidade em cada uma das situações criadas. Os alunos tiveram a chance de observar a importância do conhecimento tratado de forma prática dentro de uma atividade esportiva de que gostam, mas que nunca tinham parado para analisar quanto a postura, o centro de gravidade, a coordenação necessária e outros detalhes.

Resultados/Observações:

O grupo adora as atividades práticas. Não podemos deixar que isso seja perdido e desmotivado. Mesmo numa aula onde as possibilidades de co-decisão são menores, os alunos conseguem enxergar o seu valor e a seriedade do trabalho. Está sendo interessante a variação metodológica para que todos sintam as diferenças em participar ou não. O receber pronto é mais fácil, dizem eles. Não podemos deixar que isso seja uma constante. Eles devem ser estimulados a participar e a decidir. O comportamento durante as atividades práticas é muito bom.

Resultados/Observações:

Vive-se uma fase de muita harmonia dentro do grupo. O respeito ao próximo, ao docente e aos temas tratados tem sido evidente. Isso causa alegria, pois observa-se que o trabalho desenvolvido tem dado resultado. O grupo está mais unido e participativo. Os temas também têm contribuído para esse interesse e participação, o que demonstra que uma vinculação entre o conteúdo e o cotidiano pode aproximar e despertar o interesse nos assuntos de aula.

Nº 21 Tema: Força e equilíbrio corporal

Aula Prática

Desenvolvimento:

Houve uma breve recapitulação da teoria sobre força e, na sequência, o início de atividades com a utilização da força relacionando-a ao centro de gravidade. Para se demonstrar a necessidade da relação entre as duas valências. A correção dos exercícios foi a tônica da aula, pois necessitam de muita atenção. Destacou-se o trabalho de resistência muscular localizada, resistência de força e força explosiva. A relação com as atividades do cotidiano foi uma constante durante a aula. Pode-se relembrar e relacionar as atividades em aeróbicas e anaeróbicas.

Resultados/Observações:

O entrosamento do grupo demonstra forte tendência para a harmonia. Está havendo colaboração e participação ativa durante as atividades. Outro ponto de destaque positivo tem sido as conversas durante as atividades. São conversas de correções, apoio e também de atenção aos companheiros e à atividade propriamente dita. Estas observações têm estimulado o desenvolvimento do trabalho com o grupo. Existe, aparentemente, um amadurecimento geral na relação interna do grupo.

Nº 22 Tema: Apresentação do Livro - Fontes energéticas

Aula Teórica

Desenvolvimento:

O grupo tem demonstrado grande dificuldade na exposição dos capítulos do livro. Solicitaram a possibilidade de um maior apoio na tarefa. O pouco tempo não possibilita condições de estudos maiores. Foi esclarecido que o apoio permanece e que se tentará dar continuidade à tarefa. A complementação às apresentações continua por parte do docente. A exposição do tema "fontes energéticas" despertou interesse em todos, pois está diretamente relacionado ao cotidiano dos mesmos. Muitos questionamentos impossibilitaram a conclusão do tema, devendo ser complementado na aula subsequente.

Resultados/Observações:

As observações são positivas. Os alunos têm colaborado além da expectativa. Está havendo um respeito considerável com a disciplina e a mesma começa a ganhar valor junto aos alunos. Existe uma participação da turma por completo. Alunos e alunas se dividem nas argumentações. O interesse nos conteúdos tem sido um dos motivos da boa participação e dedicação às aulas.

Nº 23 Tema: Força e equilíbrio corporal na prática da ginástica Aula Prática

Desenvolvimento:

O grupo vivenciou nessa aula uma experiência com ginástica aeróbica e repetiu o trabalho com ginástica calistênica. A ginástica calistênica ocupou maior parte do tempo, pois está em processo de montagem de uma série para ser apresentada na abertura da Semana de Ciências do Esporte. O grupo tem vivenciado movimentos e discutido uma organização adequada dos mesmos. Fase de construção. Ao final da aula possibilitou-se um momento para reflexão das experiências vivenciadas. Discutiu-se onde se aplicavam os conhecimentos de força e equilíbrio na ginástica. Como trabalhar essas valências no dia a dia. A aula foi totalmente participativa e interativa. A construção da série calistênica teve completa participação discente.

Resultados/Observações:

As atividades têm cativado os alunos à participação. Tem sido muito boa a frequência em aula. O grupo que ficava só observando começa a ter uma participação maior. Os aspectos relacionados ao respeito e cooperação com as ações em aula têm sido contemplados de forma satisfatória. Não há motivo para reclamações do grupo.

**Nº 24 Tema: Prova teórica da matéria aplicada no semestre
Aula Teórica**

Desenvolvimento:

Os alunos se espantaram com a prova aplicada. Nunca tinham vivenciado isso em Educação Física. Foi interessante observar os alunos preocupados com os conteúdos cobrados. As provas foram elaboradas em três modelos. Foi outra novidade para os alunos, pois as questões eram as mesmas, mas os distratores variavam conforme o modelo. Eles não perceberam isso durante a realização da prova.

Resultados/Observações:

Houve colaboração e presteza no desenvolvimento da prova. Foi solicitado que não olhassem a prova do vizinho, pois a mesma tinha a função de verificar o nível de aprendizagem dos conteúdos ministrados como sendo uma avaliação do docente e não do grupo. Apenas uns poucos arriscaram uma olhadela para o lado. No final se arrependeram ao saberem que as provas tinham alternativas diferentes. Mas o saldo foi altamente positivo.

**Nº 25 Tema: Ensaio de Ginástica Calistênica e Voleibol Recreativo
Aula Prática**

Desenvolvimento:

O grupo se reuniu para discutir as formações de entrada e saída, assim como toda a série a ser estruturada. Alguns alunos trouxeram exemplos de exercícios que poderiam ser colocados na série. Experimentaram-se várias estruturas para a série sem uma definição conclusiva. Decidiu-se também pela escolha de que a série deveria ter uma música de

e toda a estrutura necessária. A grande maioria trabalhou de forma dedicada. Apenas uns poucos ficaram de fora das atividades por motivos particulares.

Resultados/Observações:

Foi surpreendente verificar tanta dedicação e envolvimento por parte dos discentes. As atividades superaram as expectativas da escola e da coordenação pedagógica que não acreditavam no desfecho positivo do trabalho.

Nº 29 Tema: Organização final da Semana de Ciências do Esporte

Aula Teórica

Desenvolvimento:

Os alunos vieram à escola para a organização dos espaços dos “standes” e para o ensaio final da apresentação da série de calistenia. Os grupos já estavam praticamente definidos e houve poucas baixas.

Resultados/Observações:

Todos os envolvidos estavam presentes na organização dos espaços. A responsabilidade foi colocada à prova e foi correspondida.

Nº 30 Tema: Apresentações da Semana de Ciências do Esporte Aula Mista

Desenvolvimento:

A abertura foi fantástica. Houve uma abertura especial para o grupo do noturno com uma apresentação de Capoeira de uma escola convidada. Várias apresentações de alunas do diurno e a apresentação da calistenia por parte dos discentes do grupo. Foi a única apresentação de um grupo de “alunos” do período noturno, e, de ginástica calistênica, na escola, até os dias de hoje. Sucesso na apresentação do grupo. Após houve a exposição nos “standes” onde os alunos estavam prestando esclarecimentos sobre os assuntos escolhidos. Dois grupos se organizaram individualmente em uma sala de aula e deram aulas para os diversos visitantes - (natação e primeiros socorros). Foi mais um destaque do trabalho. Acrescenta-se que somente as turmas da pesquisa apresentaram trabalhos (equipes dos dois segundo anos - Educação Geral e Auxiliar de Enfermagem), as demais apenas visitaram.

Resultados/Observações:

O envolvimento dos alunos foi total. Os que deixaram de participar por um motivo ou outro, já se mostravam arrependidos durante as exposições. Ficou demonstrado que a cooperação e a responsabilidade do grupo com as atividades propostas foram plenamente atendidas.

Nº 31 Tema: Gincana Comemorativa

Aula Prática

Desenvolvimento:

Como o grupo todo não participou dos jogos da Semana, programou-se uma gincana comemorativa envolvendo todo o turno noturno da escola. A participação foi grande e quase todas as turmas estiveram presentes. Apenas uma turma do terceiro ano não foi, pois estava em avaliação. O roteiro da gincana foi bastante envolvente e todos ficaram até o

final, quase onze e meia da noite - além do período normal. A direção da escola conseguiu livros para a premiação das equipes vencedoras.

Resultados/Observações:

Foi possível verificar o entrosamento do grupo e o sentido de união que começa a nascer. Infelizmente não obtiveram sucesso na gincana, mas ficou registrada a intenção cooperativa. Destaca-se que a derrota deve ser um tema a ser trabalhado oportunamente com o grupo. O saldo foi altamente positivo.

Nº 32 Tema: Programação de Atividades Física

Aula Teórica

Desenvolvimento:

Considerada a última aula teórica do trabalho, propôs-se o desenvolvimento de uma aula onde ocorresse o fechamento dos conteúdos até aqui tratados, dando condições para que todos pudessem autonomamente cuidar da organização de suas atividades físicas. Tratou-se dos cuidados necessários à atividade e de como se organizarem programas. Foi uma aula muito rica e cheia de questionamentos, pois todos tinham muito interesse em relação ao assunto.

Resultados/Observações:

Já não existem mais observações de desconforto junto ao grupo. Existe uma relação prazerosa e de mútuo interesse nos assuntos tratados. O respeito e a consideração de ambos os lados mantêm as atividades dentro de uma normalidade de interação social adequada.

Nº 33 Tema: Ginástica Geral

Aula Prática

Desenvolvimento:

Essa aula foi um presente, tanto para docente quanto para discentes, pois os discentes puderam vivenciar pela primeira vez o mini-tramp e saltar executando cambalhotas, meio mortal e mortal. Foi uma aula de vivência prática com características recreativa e cooperativa. Digna para o fechamento de todo o processo.

Resultados/Observações:

Uma aula para encerramento. Totalmente agradável e prazerosa em todos os aspectos. Docente e discente se auxiliaram e vivenciaram mutuamente as ações da aula.

b.2) Aulas desenvolvidas com a Turma de Auxiliar de Enfermagem

Alguns esclarecimentos iniciais são importantes para o entendimento geral do comportamento e estratégias adotadas junto ao grupo de Auxiliar de Enfermagem. O grupo todo é composto por vinte e seis alunos (vinte e cinco do sexo feminino e um do sexo masculino). Do total de alunos, apenas dez participam das aulas de Educação Física e de todas as disciplinas que compõem a grade curricular de formação. Os demais participam

apenas de disciplinas específicas da formação de Auxiliar de Enfermagem - disciplinas específicas, pois já possuem o segundo grau e estão participando apenas para se habilitarem na área.

A redução para apenas dez alunos complica sobremaneira o desenvolvimento de atividades práticas com o grupo, mesmo porque ainda se têm os alunos que são dispensados com base no Artigo 6º do Decreto Lei 69.450/71. Com isso, o grupo ficava reduzido, por vezes, a um total de seis alunos que tinham a obrigatoriedade de freqüentar as aulas.

Outro agravante para o desenvolvimento das aulas com um maior número de alunos era a colocação da disciplina no horário inicial das atividades do dia (Quarta-feira) - as duas primeiras aulas. Isso facilitava a vida de muitos deles, pois podiam sair do serviço e ir para casa, descansar um pouco, fazer as tarefas das demais matérias, estudar para prova e inúmeras outras atividades que não a de assistir aulas de Educação Física. A freqüência aumentava apenas fora dos períodos de prova e quando não tinham nenhum trabalho a apresentar.

Desta forma, procurou-se, no início dos contatos, vincular as ações a serem planejadas com o cotidiano das atividades do Auxiliar de Enfermagem. Como temas, se aventava a possibilidade de discutir a LER (lesões por esforços repetitivos), trabalhos de relaxamento e alongamentos, princípios ergonômicos das ações motoras do Auxiliar de Enfermagem, entre outras.

A estratégia atraiu inclusive os alunos que já tinham vivenciado o segundo grau. Assim, pode-se contar esporadicamente com um grupo de dez a quinze discentes. Mas isso acontecia em períodos distantes de avaliações das demais áreas, pois quando se tinha avaliação nas outras áreas o grupo se reduzia sensivelmente, chegando a ficar com apenas três ou quatro discentes. Esta oscilação comprometeu consideravelmente o andamento normal das atividades programadas, como se poderá verificar no relato das aulas a seguir.

Nº 01 Tema: Apresentação do trabalho a ser desenvolvido - planejamento parcial das atividades
Aula Teórica

Desenvolvimento:

Entrega de material - capítulos do livro "Os Senhores dos Anéis" (SIMSON e JENNINGS, 1992) - a turma é pequena e muitos capítulos serão apresentados de forma individual. Entrega de dois textos sobre atividade física e saúde para leitura em aula e posterior discussão. Apresentação de temas que poderão ser desenvolvidos durante a experiência no

semestre. Discussão sobre temas para serem contemplados no planejamento. A sugestão de temas relacionados ao cotidiano dos Auxiliares de Enfermagem agradou o grupo.

Resultados/Observações:

Durante a aula houve boa participação, pois se trata de um grupo mais maduro e consciente da necessidade de informações úteis e confiáveis. Apresentaram grande dificuldade nas leituras e no entendimento dos textos, demonstrando falta de conhecimento sobre o corpo humano e sobre atividade física em geral. Mesmo sendo um curso de Auxiliar de Enfermagem, os alunos demonstraram uma assustadora falta de preparo e de aprofundamento de conhecimentos específicos sobre o corpo humano. Após uma breve explanação sobre os artigos, que deverão ser retomados em momentos oportunos, deu-se início ao trabalho de seleção de temas para a composição do planejamento das atividades. Dividiu-se a turma em três grupos, já demonstrando a predileção entre os parceiros, e cada um contribuiu com a apresentação de várias temáticas que desejassem discutir e desenvolver. Porém, da mesma forma que na turma anterior, os temas se prenderam à pouca vivência que possuíam em relação à Educação Física, ou seja, sugeriram basquete, voleibol, ginástica e capoeira. Da mesma forma que na turma de Educação Geral, discutiu-se e ponderou-se sobre as temáticas e acordou-se sobre a integração das idéias. Para tanto, se faria uso das sugestões dos discentes como elementos para o desenvolvimento das temáticas apresentadas pelo docente.

Nº 02 Tema: Apresentação teórica sobre cuidados posturais e avaliação postural Aula Teórica

Desenvolvimento:

Apresentação teórica do que seja uma boa postura e dos cuidados que devemos ter para mantê-la. Apresentação dos diversos problemas posturais e seus desvios. Formas de tratamento e exercícios de recuperação. Apresentação de como se realiza uma avaliação postural - utilização de um posturógrafo. Realização de avaliações no grupo presente. O tema procurou apresentar os problemas vinculados ao desenvolvimento das atividades do Auxiliar de Enfermagem que tem um dia com intensa atividade motora e sobrecarga nos membros inferiores, pois permanece durante longo período em pé. Essa vinculação, no momento em que eles estão realizando os estágios, serviu para uma observação direta do conteúdo com a futura profissão.

Resultados/Observações:

Apenas seis alunos participaram da aula. Foi interessante a participação e o grande questionamento durante a apresentação. O tema despertou interesse, principalmente pela relação com o cotidiano dos mesmos. No momento da avaliação houve uma certa resistência. Nota-se um temor com a visão sobre o corpo, vergonha, medo, discriminação. Foram necessárias argumentações sobre o corpo e a prontidão de uma estagiária de Educação Física, que acompanhava a aula, para a realização da avaliação dos discentes. O docente teve de se retirar da sala. Compreensível para o momento. Assim podemos verificar o quanto o corpo é desconsiderado nas discussões da área e, em específico, nas aulas de Educação Física na escola.

Nº 03 Tema: Apresentação da proposta de planejamento e apresentação teórica e prática sobre avaliação da composição corporal Aula Teórica

Desenvolvimento:

Apresentação da estrutura final do planejamento e dos temas relacionados com as sugestões de atividades por parte dos discentes. A seguir, uma explanação teórica do tema composição corporal e formas de avaliação da mesma. Durante a explanação teórica procurou-se demonstrar a importância deste conhecimento para a estimativa de atividades físicas, cuidados necessários com alimentação dentre outros. A avaliação foi exemplificada através do único homem da turma. Os demais puderam verificar como se realiza a tomada das dobras cutâneas, manipular o aparelho (compasso), aplicar a fórmula para determinar o índice e verificar a posição nas tabelas específicas. De início ninguém queria participar das tomadas de medidas. Após a primeira realização todo o grupo resolveu participar e verificar como estavam em relação a massa magra e gorda.

Resultados/Observações:

Foi uma aula com muita interação e participação ativa de todos os discentes. O tema atingiu a todos indistintamente. Nesta aula a frequência foi acentuada, aproximadamente quinze pessoas estavam presentes. Esse foi o número final de presentes. Por ser a primeira aula da noite sempre chegam atrasados. Os questionamentos foram intensos e muitas dúvidas puderam ser dirimidas no transcurso da aula. Os discentes têm carência de conhecimentos específicos sobre seus corpos e sobre uma forma adequada de mantê-los em estado saudável. A temática foi muito interessante para eles.

Nº 04 Tema: Apresentação do Livro - Fontes Energéticas I

Aula Teórica

Desenvolvimento:

Iniciou-se a aula com a apresentação dos dois primeiros capítulos do livro "Os Senhores dos Anéis". Muita dificuldade de entendimento por parte da apresentadora, pois não possuía nenhum conhecimento do que estava falando. Foi necessária a interferência do docente para esclarecimentos adicionais para que o grupo pudesse entender melhor a explicação da discente e também para que conseguissem compreender o desencadeamento do livro. Os discentes revelaram que nunca tinham participado de atividade como esta. A discussão dos capítulos tomou muito tempo da aula, devido à necessidade de esclarecimentos gerais sobre Olimpíadas, COI - COB - Federações Esportivas e a administração esportiva em nível nacional e internacional. Isso tudo foi novidade para o grupo que nunca tinha recebido informações sobre a administração esportiva e como ela era composta. Na sequência iniciou-se o tema relacionado às fontes energéticas. O tema recuperou os trabalhos dos artigos entregues em aula anterior como forma inicial de discussão. O tempo foi curto e o trabalho apenas teve início nesta aula.

Resultados/Observações:

A participação foi pequena para o desenvolvimento desta aula. Apenas oito discentes estavam presentes. Pôde-se perceber que o enfrentamento de trabalhos individuais afugenta o grupo. Essa foi uma primeira impressão, confirmada a posteriori. O grupo apresenta

muita dificuldade para entendimentos macros, devendo ser redimensionadas as estratégias de abordagens do esporte mundial. O tema sobre fontes energéticas despertou grande interesse do grupo. Os questionamentos foram muitos e todos tiveram uma participação ativa.

Nº 05 Tema: Apresentação do Livro - Fontes Energéticas II

Aula Teórica

Desenvolvimento:

A presença dos discentes se manteve nos oito integrantes do grupo. Iniciou-se a aula com quinze minutos de atraso devido ao pequeno número de participantes pontuais. Somente após transcorrido este período é que se teve o número de oito presentes. A apresentação foi novamente de baixa qualidade por parte da discente responsável pelo tema do dia. Ainda existe muita dificuldade em assimilar o que venha a ser o esporte mundial. O docente retomou o tema, mas de forma bastante rápida e solicitou a todos que se dedicassem a uma visita até a biblioteca e observassem os documentos relacionados ao mundo esportivo. Na sequência retomou-se o tema das fontes energéticas. Como na aula anterior foram muitas as questões e interações ocorridas no transcorrer desta aula. O tema variou desde os fatores bioquímicos das fontes energéticas até procedimentos alimentares para períodos pré-competitivos. Observou-se bastante interesse do grupo e houve uma predisposição docente para se retomar o assunto caso alguém tivesse interesse. Foi salientado que este poderia ser um tema a ser abordado durante a Feira de Ciências do Esporte no final do ano. Algumas alunas pediram material adicional para estudar. Foram prontamente atendidas.

Resultados/Observações:

As temáticas abordadas têm causado interesse considerável junto aos discentes. Os questionamentos em grande quantidade e variedade têm sido prova dessa observação. Os contatos têm transcorrido dentro de uma harmonia muito prazerosa. Apenas a dedicação fora do horário de aula é que não tem correspondido a essa observação. O trabalho em relação ao livro e a busca de outros assuntos não têm se constituído em sucesso. Entretanto, mesmo esta sendo a quinta aula (décima, pois são geminadas), e todas teóricas, ainda não houve uma reclamação direta sobre este fato.

Nº 06 Tema: Apresentação do Livro - A importância da Flexibilidade e da Elasticidade na saúde

Aula Teórica

Desenvolvimento:

A aula começou novamente com um atraso de quinze minutos. O grupo foi chamado à atenção e todos reivindicaram esse tempo a mais para um preparativo pessoal ao enfrentamento das aulas do dia. Após esse dia, ficou acordado que nossa aula começaria normalmente no horário, e que os discentes que tivessem a necessidade do atraso fizessem uso do mesmo, desde que não ultrapassassem os quinze minutos. Os discentes que não participavam oficialmente da disciplina tinham plena liberdade quanto ao horário de chegada. Iniciou-se a aula com a apresentação dos capítulos correspondentes ao dia. Como nas apresentações anteriores, essa também foi muito fraca e teve de ser retomada pelo docente para esclarecimentos maiores e retirada de possíveis dúvidas. Na sequência deu-se

início ao tema relacionado à flexibilidade e elasticidade. Assim, como nos temas de composição corporal e postura, houve uma explicação teórica sobre o tema e, após, uma apresentação das formas de avaliação sobre as valências discutidas no dia. Da mesma forma que em aulas anteriores, aconteceu uma saraivada de questionamentos sobre o tema. Os discentes realmente estão carentes de conhecimentos gerais sobre seus corpos. Discutiu-se a importância de trabalhos relacionados à temática do dia para o exercício da profissão do Auxiliar de Enfermagem.

Resultados/Observações:

O interesse dos presentes é cada vez mais ávido. Como nas aulas anteriores os temas apresentados têm chamado à atenção dos discentes. Isto tem servido como ânimo para aprofundar certos pontos do estudo apresentados a eles. A relação direta das temáticas com seu cotidiano tem oportunizado uma visão diferenciada da Educação Física e de sua função dentro da escola. Pela primeira vez os discentes começaram a questionar se não haveria a parte prática da disciplina. Discutiu-se sobre a predisposição dos mesmos em participar de atividades práticas. O interesse foi fraco.

Nº 07 Tema: Apresentação do Livro - A ginástica para o dia a dia

Aula mista

Desenvolvimento:

A aula teve início no horário marcado, mesmo com uma frequência pequena - apenas quatro discentes. As apresentadoras dos capítulos do dia estavam presentes e fizeram uma apresentação razoável do tema. Foi a primeira vez que a apresentação referente ao livro teve um preparo e leituras adicionais para ilustrar o que se estava expondo. Não foram necessárias, neste dia, complementações por parte do docente. Após a exposição das alunas deu-se início ao tema sobre ginástica para o dia a dia. A temática foi abordada teoricamente e logo após foram apresentadas formas práticas de se trabalhar a ginástica. As apresentações aconteceram dentro da sala de aula sem a necessidade de espaços abertos, pois se tratava de um programa destinado à ginástica que deve ser praticada diariamente para manutenção geral. Nas atividades foi dada atenção especial aos cuidados na execução, melhor forma de realização, roupas adequadas, trabalho de alongamento e de relaxamento. A participação na execução foi pequena, pois os discentes normalmente não vêm preparados para atividades diferenciadas. Isto serviu para alertá-los de que na aula seguinte estava programada atividade prática e que, portanto, todos deveriam trazer vestimenta adequada. Assim como nas aulas anteriores a interação foi grande e também os questionamentos relacionados à atividade desenvolvida. Não têm existido problemas de relacionamento junto ao grupo, ao contrário, está existindo uma harmonia considerável e produtiva.

Resultados/Observações:

Houve o desenvolvimento de uma aula sem maiores problemas e/ou observações necessárias. O grupo tem colaborado e participado de forma integrada às atividades propostas. Apesar de se ter iniciado a aula com apenas quatro discentes, os demais foram chegando gradativamente e tivemos, ao final, dez alunos.

Nº 12

Tema: Apresentação do Livro - Força e equilíbrio**Aula Teórica****Desenvolvimento:**

A aula começou com a apresentação dos capítulos do livro pela discente escalada. Como normalmente tem acontecido, a explanação foi fraca e sem suporte de outras referências. O docente, já acostumado, retomou o assunto e complementou. Esta estratégia tem se mantido devido ao interesse de que o assunto seja, no mínimo, apresentado aos discentes. As dificuldades do grupo em arrumar tempo para a simples leitura são grandes. Conciliar tempo e interesse é ainda mais complicado. Na seqüência foram abordados os temas relacionados à força e ao equilíbrio. Resgatou-se a experiência da vivência prática da última aula para exemplificações sobre essas valências físicas. O tema foi bastante interessante para todos. Os questionamentos comprovaram este fato. Outro ponto de interesse em relação ao tema foi a ligação que os discentes conseguiram fazer entre ele e as atividades que desenvolvem no cotidiano. O grupo se apresenta maduro e consciente nas discussões, mesmo com toda a deficiência de conhecimento básico.

Resultados/Observações:

O grupo participante esteve presente em toda a aula. A primeira impressão é de que, a relação mais próxima e participativa existente entre docente e discente, tinha cativado o grupo, levando-o a uma maior integração. A aula transcorreu dentro de uma normalidade pedagógica. Existiu uma grande participação em relação ao tema tratado, com argumentações constantes e vinculação com o cotidiano. Ainda estava difícil de se encontrar estratégia para prender os discentes ao tema geral da Educação Física. O que foi observado é uma participação no momento da aula, entretanto, fora desse espaço, parece existir um vácuo, um distanciamento. Mesmo assim, constata-se uma evolução geral em relação à área e a função da Educação Física na escola.

Nº 13

Tema: Escolha de trabalhos para a Semana de Ciências do Esporte -
discussão e orientação para a organização e pesquisa - Revisão
da matéria**Aula Teórica****Desenvolvimento:**

Para esta aula o espaço estava reservado para escolha das temáticas a serem apresentadas durante a Semana de Ciências do Esporte. A quantidade de discentes presente foi muito boa - doze. A turma se dividiu em três grupos e coletivamente selecionaram os temas: Hipertensão e atividade física; Primeiros socorros e Fontes energéticas da atividade física. Os temas surpreenderam pela importância que detêm, ou seja, uma vinculação forte entre saúde e atividade física. Após a definição dos temas e a organização de uma estrutura básica para os trabalhos, iniciou-se uma breve revisão dos conteúdos tratados até o momento, pois estava programada uma avaliação para o próximo encontro. Foi destacado que a avaliação tinha a função de verificar o desenvolvimento dado até o momento à disciplina e que serviria para possíveis reformulações.

Resultados/Observações:

O compromisso assumido pelo grupo em se dedicar aos trabalhos da Semana serviu para demonstrar o quanto todos estavam apoiando a idéia. Ninguém tinha vivência de como poderia ser apresentado um tema em Feira de Ciências do Esporte. O evento servirá também para prepará-los para comunicações públicas, além da aquisição de novos conhecimentos. A entrega do grupo nos sensibilizou e estimulou a atendê-lo fora de qualquer horário pré-determinado. Ficou acordado, junto aos discentes, que materiais adicionais seriam organizados pelo docente para subsidiá-los na organização dos trabalhos. Houve uma elevada integração no desenvolvimento da aula. Em relação à avaliação não se observaram preocupações maiores.

Nº 14 Tema: Prova Teórica da matéria aplicada até o momento

Aula Teórica**Desenvolvimento:**

A aula começou com os quinze minutos de atraso combinado. Sem maiores problemas as provas foram entregues e os discentes ocuparam todo o tempo disponível para resolvê-la. Da mesma forma que na turma de Educação Geral, foi solicitado que não observassem as provas dos amigos. As provas estavam com as mesmas questões, entretanto, os distratores estavam alterados. Não houve problemas maiores com a realização da atividade.

Resultados/Observações:

As atividades da aula transcorreram de forma normal e sem maiores problemas. O encontro foi marcado pela harmonia e responsabilidade com a ação planejada.

Nº 15 Tema: Apresentação do Livro - correção da prova teórica e discussões sobre o envolvimento com a disciplina

Desenvolvimento:

Para esta aula estava organizado o encerramento das apresentações do livro. Os discentes que restavam iriam fazer as apresentações. Como normalmente aconteceu durante todo esse processo, foi necessária a intervenção do docente para complementar as informações e também apresentar o fechamento do trabalho sobre o livro "Os Senhores dos Anéis". O grupo reclamou da atividade por ser chata e cansativa em alguns momentos, porém, reconheceu a completa ignorância que possuía em relação ao tema. Por fim, considerou-se a atividade importante, mas que deveria ser repensada a forma de desenvolvê-la. A seguir fez-se a correção das provas. Foi interessante mostrar a diferença existente entre elas. Alguns ficaram preocupados, pois tinham "colado". Mas o resultado foi muito positivo. O grupo como um todo teve um rendimento muito acima do esperado. O aproveitamento médio foi de 65%. Por fim, discutiu-se um pouco sobre a necessidade de envolvimento com a disciplina e com os trabalhos programados para ser apresentados durante a Semana de Ciências do Esporte. Houve consenso e o grupo mostrou-se unido e integrado.

Resultados/Observações:

Existe uma diferença significativa entre as duas turmas. A maturidade do grupo de auxiliar de Enfermagem é muito maior, mesmo a idade sendo próxima. Isso nos leva a imaginar que a convivência com um grupo mais maduro (os demais discentes que não participam da Educação Física têm idade superior) auxilie nessa condição de responsabilidade. Com o grupo não existem problemas de relacionamento, o que existe é a necessidade de constante convocação à participação.

Nº 16 Tema: Discussão sobre os trabalhos da Semana de Ciências do Esporte e distribuição de material para consulta Aula Teórica

Desenvolvimento:

O objetivo deste encontro foi o de discutir detalhadamente cada um dos trabalhos que seriam apresentados na Semana de Ciências do Esporte. Os grupos se reuniram e organizaram a apresentação, fazendo uma breve exposição para toda a turma. O docente conseguiu material adicional para subsidiar as exposições. Houve colaboração por parte de todos os envolvidos.

Resultados/Observações:

Como costumeiramente tem ocorrido, o grupo se mostrou participativo e solidário. Houve perfeita integração e a ordem foi colaboração. Todos se envolveram satisfatoriamente no desenvolvimento dos trabalhos.

Nº 17 Tema: Apresentações da Semana de Ciências do Esporte Atividade Teórica

Desenvolvimento:

A noite foi completamente feliz. Inicialmente tivemos a apresentação de ginástica do grupo da Educação Geral - inédita na escola, e depois as exposições dos diversos grupos participantes do estudo. As demais turmas da escola (período noturno) apenas assistiram, nada desenvolveram. Foi um momento de grande satisfação, pois podíamos verificar na prática os ensinamentos e discussões realizadas em sala de aula. O resultado estava consolidado com muito sucesso. Os grupos de Auxiliar de Enfermagem superaram qualquer expectativa, pois trataram de temas importantes e de muito significado ao cotidiano de todos nós. Houve um consenso em relação ao sucesso atingido. A Coordenação Pedagógica da escola não esperava tal envolvimento e a seriedade que os trabalhos atingiram.

Resultados/Observações:

Desnecessário comentar a grande vibração observada em todos os envolvidos nos trabalhos. Foi a primeira vez que estavam participando de uma atividade desta natureza e a fizeram com muita seriedade e responsabilidade. Extremamente positiva a iniciativa e o envolvimento de todos os discentes.

Nº 18 Tema: Gincana Comemorativa**Atividade Prática****Desenvolvimento:**

O ensino noturno não teve participação nos jogos esportivos da Semana de Ciências do Esporte. Uma série de problemas envolve essa não participação, desde a impossibilidade de participar durante o dia das atividades até a própria organização das equipes para tal. Mas pode-se perceber que isso não foi problema. O que se propôs então, foi a organização de uma gincana comemorativa com todas as turmas do noturno. A gincana se realizou logo no dia seguinte à exposição dos trabalhos da Semana. Novamente constatou-se ser esta uma atividade inédita para os discentes. Os trabalhos realizados na Gincana foram de total integração. Extrapolou-se até o horário de encerrar as atividades, tamanho foi o envolvimento obtido. Os discentes saíram solicitando reedição da atividade.

Resultados/Observações:

Nota-se que o ensino de uma forma geral tem negligenciado formas alternativas de atividades para o grupo de estudantes do período noturno. A falta de atividades diferenciadas e integradoras desestimula uma maior participação dos discentes. Se existir uma preocupação nessa oferta, com certeza, novos olhares sobre a escola existirão por parte dos discentes. Isso é imprescindível para uma mudança desse quadro caótico que existe no ensino noturno. As atividades desenvolvidas nesse encontro foram prazerosas e de grande envolvimento. A grande maioria dos discentes do noturno estava presente na atividade. Os discentes das turmas envolvidas que não participaram diretamente na atividade contribuíram na organização. Apenas uma turma não participou devido ao fato de estar em fase de avaliação.

Nº 19 TEMA: Confraternização - Amigo Secreto**Encontro Social****Desenvolvimento:**

Com a presença de todos os discentes e professores que atuavam com o grupo desenvolveu-se a festa de encerramento do ano. Foi uma atividade muito alegre e participativa no seu todo. Houve a colaboração de todos para a sua realização. O grupo se integrou e aproveitou o momento com provas de carinho e amizade.

Resultados/Observações:

Este foi um momento de congraçamento geral. Foi o fechamento de uma atividade muito agradável e consolidadora de idéias fixas de que a Educação Física pode contribuir em muito na formação de nossos jovens e adolescentes. O espaço da Educação Física no processo educacional deve ser preservado e valorizado. O mito de que a Educação Física no ensino noturno não passa de atividade recreativa fica, aqui, sepultado. Ela assume, em nossa forma de entender e trabalhar, sólida postura de disciplina formadora e contribuinte na estruturação de uma sociedade mais justa e igualitária. Disso não nos resta dúvida. Para

este momento não nos resta outra coisa a citar a não ser o sentido de dever cumprido. O prazer de ver que o trabalho desenvolvido resultou numa mostra significativa da importância da Educação Física na escola e também como um direito do aluno trabalhador.

c) Análise geral das aulas

Para o desenvolvimento deste tópico adotaremos a seguinte estratégia de análise. Inicialmente será discutida a questão do convite à participação, seguindo-se comentários sobre o conhecimento trabalhado e a autonomia e, por fim, análise da metodologia adotada no desenvolvimento das aulas do estudo.

c.1) O convite à participação

Não seria possível iniciar estas reflexões sem lembrar Paulo Freire. Destacar um ou outro escrito desse fantástico educador, para falar sobre participação na educação seria, em nosso entender, desrespeitoso. Toda a obra de Paulo Freire nos estimula a considerar a participação discente e o mundo que o rodeia. Temos a salientar que esse é o ponto inicial de todo o trabalho, partir das bases constituídas no "locus" do grupo estudado. Essa é, nas idéias e propósitos de Paulo Freire, a condição primeira de um ensino com vistas à autonomia.

Assim, pela conduta metodológica adotada para o presente estudo, e por esta ser representativa de nossa forma de entender e praticar a educação, o primeiro passo a conquistar foi a participação dos grupos envolvidos.

É notório o estado de dominação exercido pelo processo educacional de forma geral. Estimular os discentes a acordar e se enxergar dentro do processo em que vivem não é tarefa fácil. Porém, o convite e estimulação à participação e à responsabilidade coloca-se como condição "sine qua non" aos propósitos preconizados pelo ensino idealizado por Paulo Freire e que, por sua vez, serviu de base à concepção da metodologia de Ensino Aberto de HILDEBRANDT & LAGING (1986), adotada para este estudo.

Dessa forma, o processo vivido junto aos grupos estudados foi marcante em relação a esse propósito. Conforme se pode observar no transcorrer das aulas apresentadas, a participação e o envolvimento com os temas tratados ocorreu dentro de um "crescendo"

considerável. Quando se assume um grupo para com ele trabalhar dentro do processo educacional, existe sempre a fase de adaptação, ou melhor colocado, a fase de descobertas e rearranjos sociais de convívio. Não foi diferente conosco no transcorrer deste estudo. Aconteceu exatamente assim, ou seja, uma aproximação cautelosa e uma conquista gradativa da confiança por intermédio da competência acadêmica e social.

As conversas iniciais com os discentes, apresentadas no CAPÍTULO II, demonstram a preocupação e um certo receio com o enfrentamento de novas perspectivas para a Educação Física. Existia, desde o início, uma certa preocupação com o que viria a ser a Educação Física que se estava propondo. Entretanto, pôde-se perceber claramente uma diferenciação entre a receptividade do grupo da Educação Geral em relação ao grupo de Auxiliar de Enfermagem. A maturidade, observada no grupo de Auxiliar de Enfermagem, foi o que pesou para o desenvolvimento de uma relação mais amena. Outro ponto que contribuiu para isso foi o número reduzido de discentes nesse último grupo.

Assim, estratégias diferenciadas foram adotadas para a chamada à participação. Em relação ao grupo de Educação Geral foi necessário que se fechasse, quase que por completo, o canal de comunicação para que, no mínimo, fôssemos escutados. Os arranjos metodológicos adotados, inicialmente, tiveram que ser reorganizados e redimensionados para que se trabalhasse o fator interação social com maior intensidade nos primeiros encontros.

Os trabalhos coletivos, os estudos individualizados e os trabalhos de avaliação recíproca foram abandonados no início. Teve-se que partir para ações mais fechadas como aulas expositivas, leituras de textos individuais, trabalhos em sala e atividades práticas dirigidas. O coletivo teve de ser conquistado de forma gradativa. Conforme relatado, somente nas aulas de números nove e dez é que se conseguiu uma estratégia mais eficaz em relação ao relacionamento do grupo. Esse momento foi marcado como o momento da superação, o momento da transformação social do grupo. Todos tiveram a oportunidade de se posicionar e falar francamente suas angústias em relação à escola e ao grupo. O saldo foi altamente positivo. Após esse fato o grupo adotou uma nova postura em relação ao docente (pesquisador) e aos conteúdos da disciplina.

A demonstração de preocupação com o que estava acontecendo com o grupo e a educação que estavam recebendo dentro da escola, por parte do docente, serviu para a união

geral. Foi fundamental o grupo perceber que existia alguém que se preocupava com eles além dos conteúdos das disciplinas. Esse é um posicionamento e procedimento metodológico que os docentes poderiam praticar com maior intensidade em suas disciplinas.

PAULO FREIRE (1997:8-9) cita que:

"ensinar não é transferir conhecimento; ensinar exige bom senso; ensinar exige a apreensão da realidade; ensinar exige alegria e esperança; ensinar exige a convicção de que a mudança é possível; ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade; ensinar exige comprometimento; ensinar exige saber escutar; ensinar exige disponibilidade para o diálogo; ensinar exige querer bem aos educandos..."

A magia do amor no ato de educar está sendo corrompida pelo atropelo social criado pelo próprio homem. São inúmeros os fatores que estão contribuindo com esse desafeto na educação, fatores que vão desde o pouco reconhecimento social do papel do educador na sociedade até a baixa qualidade da formação docente. Recuperar essa magia e esse encanto da docência é tarefa sobre a qual devemos nos debruçar constantemente.

Ao existir a combinação de competência com o reconhecimento do grupo e a busca conjunta de novos conhecimentos para atendimento aos anseios do mesmo, instituiu-se o pacto da afinidade, cooperação, colaboração e construção conjunta. Uma relação harmoniosa de cumplicidade e responsabilidade. O grupo de Educação Geral aprendeu o que significava a união, a participação e o que isso representava para eles. Essa descoberta nos emocionava a cada novo encontro, pois é muito gostoso poder contribuir com a formação de um grupo que entende o que é respeito e o coloca em prática, não por medo de represálias, mas por entender a necessidade dele para o convívio e o progresso de todos - docente e discentes. Essa questão é bem trabalhada por MATURANA e REZEPKA (1995) ao abordarem os temas da "capacitação e da formação humana". No processo educacional não pode existir a exclusão de um ou outro, pois as consequências seriam desastrosas. Apenas instrumentalizar os educandos, sem que os mesmos consigam se enxergar como sujeitos do processo e participantes, é aceitar o ensino apenas como forma de preparo ao trabalho. Superar essa visão reducionista do ato de educar é tarefa de educadores comprometidos com novos e dignos patamares para a educação.

No tocante ao grupo de Auxiliar de Enfermagem, pôde-se encontrar um quadro já muito mais resolvido nas questões de participação e responsabilidade. Desde os primeiros encontros já se observava claramente essa diferenciação. Os únicos inconvenientes ocorridos se deveram aos atrasos e ao cumprimento de algumas poucas tarefas. No mais, o relacionamento com o grupo se deu de forma harmoniosa e satisfatória, como se pôde perceber pelo relato das aulas. A convivência do grupo com pessoas de maior idade e com responsabilidades diferenciadas contribuiu positivamente no perfil encontrado. A participação do grupo se dava, no planejamento e no desenvolvimento das atividades, sem maiores problemas.

Os acontecimentos que culminaram com o envolvimento efetivo de todos os presentes nos dá suporte para afirmarmos que aconteceu um avanço significativo no entendimento e prática de ações participativas e de responsabilidade. Com isso cremos ter atingido uma das tarefas que PAULO FREIRE (1997:46) determina para a ação docente:

"Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do "tu", que me faz assumir a radicalidade do meu "eu". "

c.2) O conhecimento trabalhado e a autonomia

As entrevistas realizadas com os discentes envolvidos no estudo, forneceram subsídios para a organização de um roteiro de conteúdos que pudesse atendê-los para além das atividades práticas. Todos, indistintamente, ao serem questionados em relação à relevância dos conhecimentos tratados na disciplina de Educação Física, reclamaram da ineficácia de sua falta de objetividade. A Educação Física foi classificada como a disciplina do tempo livre, da prática com fim em si mesma, ou seja, para o momento. Nesse sentido, os discentes solicitaram que se tratasse de conteúdos mais significativos e que tivessem relação com o cotidiano.

Dessa forma, baseando-se nessa expectativa dos discentes e preocupados em organizar um roteiro de conteúdos que contribuisse com o cotidiano deles, organizou-se o roteiro apresentado no item "a" do CAPÍTULO IV. A idéia geral foi a de oportunizar aos discentes uma micro visão dos conhecimentos que a Educação Física vem trabalhando, ao longo de tempos, e como esses conhecimentos têm relação direta com suas vidas.

A apresentação inicial acabou por não agradar ao grupo, pois não tinha uma visão mais pormenorizada dos temas. Esse posicionamento adverso era esperado e óbvio, pois quando se solicitou que sugerissem temas para as aulas o que se viu foi o corriqueiro, o senso comum - basquetebol, futsal e voleibol. Seria fácil, para o momento, contemplá-los como normalmente se faz e dizer que se está aplicando uma metodologia participante. Isto seria tomado como incompetência e despreparo absoluto. O momento criado serviu para discussões melhor estruturadas e a defesa de conteúdos que poderiam ser mais significativos ao processo. Em uma metodologia participativa o docente não se exime das responsabilidades e da definição do norte que o ensino deve tomar. Como dito no tópico anterior, a busca da participação deve ser uma constante em todo o processo e não somente em um ou outro ponto do mesmo. Com isso, quer se deixar clara a função do docente e dos conteúdos que contribuem na capacitação e formação geral de nossos jovens e adolescentes.

A riqueza do ato educativo está na capacidade argumentativa e comunicativa da ação por ele desencadeada. Deixar-se levar por falsos equívocos pedagógicos, compromete sobremaneira novas propostas e avanços que podem ser significativos ao ato educativo.

De acordo com KUNZ (1994:136):

"A competência comunicativa...não cai do céu, precisa ser ensinada, exercitada em aula. Conseguir isto numa aula é muito mais difícil do que ensinar movimentos novos aos alunos, mas passa a ter uma importância fundamental para o desenvolvimento de um "pensar crítico" do aluno...O professor deve constantemente desafiar os alunos ao diálogo."

A valorização das ações dialógicas no processo educacional deve ser uma constante para que possa contribuir para o amadurecimento dos participantes e para a construção de conhecimentos sólidos e contextualizados.

Assim, se privilegiou um roteiro de conteúdos para a capacitação que tinha o propósito de contribuir com a autonomia dos envolvidos no que diz respeito à atividade física livre e, para tanto, foram selecionados os conteúdos: capacidades físicas; formas de avaliação das capacidades físicas e da composição corporal e postural; atividades práticas demonstrativas das formas de desenvolvimento e avaliação e realização prática de jogos que contemplassem na plenitude essas capacidades discutidas (conforme sugerido pelos discentes). No tocante à formação geral se discutiram textos relacionados ao "dopping"; à atividade física na sociedade atual; mitos e verdades do esporte performance e o livro "Os Senhores dos Anéis".

Os conteúdos foram estudados de forma que os envolvidos pudessem ter um aproveitamento e entendimento adequados, para tanto, procuraram-se estratégias que estabelecessem uma relação direta entre a teoria e a prática do cotidiano dos discentes. Esse relacionamento se deu de forma bastante clara e fácil, ou seja, ao se abordarem os conteúdos em aula exemplificava-se com ações do cotidiano. O trabalho aeróbico do "office-boy", o trabalho de força do servente, a falta de trabalho motor do digitador, a necessidade de trabalhos compensatórios após esforços repetitivos e outras relações. Os discentes, com o passar das aulas, conseguiam detectar as relações existentes mesmo antes de serem apresentadas pelo docente. Isso facilitou o entendimento, assim como um maior interesse por parte dos discentes.

Em relação ao grupo de Auxiliar de Enfermagem, o relacionamento dos conteúdos com as ações durante os estágios e o futuro desenvolvimento da profissão contribuiu sobremaneira para o interesse e participação de todos.

Dessa forma, entende-se, que uma escolha adequada de conteúdos significativos seja ponto de vital importância para o desenvolvimento de uma Educação Física sólida e imprescindível dentro do processo educacional. Não apenas para experiência/pesquisa ou para grupos seletos, mas para todo o sistema de ensino. Isso poderá contribuir para a mudança da "representatividade social" (PEDRA, 1997) que a área possui.

Ao relacionar os conteúdos tratados com o cotidiano, houve uma preocupação constante de que os discentes tivessem autonomia em relação aos mesmos. Com isso, se estaria dando um fechamento adequado aos propósitos educacionais, ou seja, a autonomia dos participantes sobre os conhecimentos ali trabalhados. Isto propiciou que os discentes

manipulassem os conhecimentos em suas atividades normais e que tivessem um retorno imediato do aprendido em sala de aula. Essa autonomia liberta o discente para vôos maiores através das asas do conhecimento.

c.3) A metodologia adotada no desenvolvimento das aulas

HILDEBRANDT e LAGING (1986:21) elaboraram uma hipótese para a consolidação da metodologia de Ensino Aberto:

"Somente quando estivermos, como professores, em condições de abrir o ensino para as necessidades e os interesses subjetivos dos alunos ou, em outras palavras, somente quando o aluno tiver a oportunidade, em aula, de vivenciar sua ação como subjetivamente importante, somente quando ele tiver a possibilidade de conquistar colocações positivas e manutenções de valores em relação ao esporte, somente quando ele puder desenvolver um interesse para a prática da Educação Física e elevar a sua prontidão afetiva de aprendizagem, somente, então, ele considerará a prática da Educação Física como algo que faz sentido e identificar-se-á com o objetivo que quer alcançar na aula de Educação Física".

Conciliar abertura do processo metodológico com o despertar de interesse dos discentes e levá-los a participar com responsabilidade nas ações desencadeadas, no processo educacional, não se resume em uma resposta simples ou à opção metodológica por um ou outro método. Requer o entendimento diferenciado do que é educação. Quando entendemos e queremos uma educação que contribua para com a formação de sujeitos autônomos, então teremos como meta superar as dificuldades e entendimento de que se estará trabalhando contra o curso normal das ações até então trabalhadas. Isso representa estudar e ter o processo histórico na mão, manuseá-lo e considerá-lo nas tomadas de decisões.

Ao se falar, no tópico "c.1", **Convite à participação**, sobre as dificuldades em cativar os discentes à participação, mostrou-se um pouco do quanto é complicado estimular pessoas que não conseguem se enxergar nas ações em que participam. A participação se dá de forma mecânica e seguindo, muitas vezes, o destino determinado por outros. Em um processo que se pretendeu participativo, quebrar essa resistência cega era imprescindível.

Atingir a subjetividade dos discentes era a meta desejada no que diz respeito às ações metodológicas desencadeadas durante todo o processo. Entretanto, como se pôde perceber, existiu a necessidade de um redimensionamento em todo o processo de abertura estruturado. O estudo diagnóstico foi realizado, porém, concluiu-se que o mesmo não conseguiu levantar o panorama geral dos grupos em situação de "sala de aula". O papel desempenhado nas entrevistas e nas aulas observadas ainda diferiam substancialmente da realidade vivenciada no ambiente de "sala de aula". O grupo de Educação Geral era um grupo totalmente alienado e distante do que se poderia convenir de "modelo de bons modos". Os relatos das aulas apresentados demonstram claramente esse quadro. Já o grupo de Auxiliar de Enfermagem era maduro e resolvido em seus propósitos.

Dessa forma, a abordagem metodológica para os grupos também se desenvolveu de forma diferenciada.

No grupo de Educação Geral foi necessário se fechar o processo e resolver questões básicas de relacionamentos pessoais como respeito ao próximo, companheirismo, boas maneiras, educação de base. Somente após um mínimo de avanço dentro desses quesitos é que se pôde caminhar com ações mais dialógicas e participativas. O monólogo e a adoção de ações mais fechadas tiveram um papel inicial de demonstração de conhecimento, envolvimento com os assuntos, responsabilidade e respeito com todo o processo que ali se estava tentando desenvolver.

O grupo de Auxiliar de Enfermagem teve uma abordagem metodológica com ênfase participativa desde o início dos trabalhos. Conforme apresentado, as relações eram mais maduras e de um interesse aparentemente mútuo: o conhecimento. Esse interesse se confirmou ao final dos trabalhos.

Com isso, questões subjetivas foram também ganhando espaço na relação ensino-aprendizagem. O envolvimento dos grupos com as ações que se desenvolviam se deu de forma crescente e positiva. O relato das aulas demonstra esse crescimento e a abertura que acabou por existir ao final do processo. Entretanto, em nenhum momento se deixou de trabalhar pontos de conteúdos e de aprofundar os conhecimentos. O que aconteceu foi um momento de despertar comum sobre a importância do que se estava trabalhando e a vinculação desse trabalho com o cotidiano dos discentes. Ao se conseguir mostrar esta

vinculação houve uma inversão na conceituação, por parte discente, da importância daquele espaço educacional.

Após o transcorrer de algumas aulas iniciais, já se percebia a diferenciação no entendimento das aulas teóricas. As aulas se desenvolviam sem maiores resistências, pelo contrário, com participação e muitas intervenções argumentativas sobre os conteúdos tratados.

Em se tratando do atendimento à subjetividade discente, pôde-se perceber que a mesma foi atendida até onde era possível para o momento. Nesse aspecto temos a considerar que a subjetividade individual pôde ser atendida até onde não interferia na subjetividade grupal. Dessa forma, procurou-se, dentro do possível, conciliar um atendimento razoável entre o interesse em transmitir conteúdos significativos de formação, atender aos interesses individuais e também aos anseios coletivos.

Nesse sentido, MACHADO (1997: 50-1), ao falar sobre a qualidade na educação, nos diz que:

"No universo escolar, são muito freqüentes ainda situações em que o "cliente" (aluno? pai? Professor?...) não pode ser apenas "satisfeito", onde não é possível oferecer apenas o de que ele gosta ou que ele procura. Ao educador compete, muitas vezes, a coerção legítima, que gera a insatisfação imediata na busca de resultados ou valores que não poderão ser apreciados senão, talvez, em um futuro remoto. Faz parte do papel do professor, assumir responsabilidades diante da realidade que vivencia, ainda que isto acarrete o risco de ter-se "clientes" insatisfeitos em razão de eventuais interesses aparentemente contrariados. Um professor pode e deve correr riscos como esse... Tanto do ponto de vista conceitual quanto do ponto de vista prático, a formação do cidadão não pode, portanto, em nenhuma circunstância, ser reduzida à mera satisfação do cliente."

As palavras do Professor Nilson Machado reforçam todas as considerações apresentadas nas reflexões sobre o planejamento, assim como, o desencadeamento apresentado no aspecto metodológico. Na ação didática é imprescindível que se considere a subjetividade do discente (cliente), porém, a busca de novos e mais altos patamares de subjetividade deve ser almejada. Com isso, queremos deixar claro que a inserção dos conhecimentos historicamente produzidos tem espaço e deve ser trabalhada no processo

educacional. Ao se fazer a opção por metodologias participativas, não se está querendo negar essa função educacional, como costumeiramente se entende e pratica dando-se uma conotação de "laissez faire" ao ensino participativo. Este é um equívoco que tem comprometido avanços no processo educacional há muito tempo.

Assim, entendemos que o crescimento metodológico obtido em todo o estudo se deveu ao envolvimento conseguido junto aos discentes e ao valor significativo dos conteúdos trabalhados em todo o processo.

c.3.1 - A interação proporcionada pela metodologia adotada

A definição básica para o termo "interação" é "influência recíproca". Na ação social institucionalizada "aula" existe o que denominamos de "Interação Social", que por sua vez significa a "relação interpessoal entre, pelo menos, dois indivíduos, pela qual os comportamentos destes indivíduos influenciam-se mutuamente e modificam-se individualmente" (GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL, 1995:3191).

A aula é um dos poucos momentos sociais organizados onde essa influência sobre os comportamentos podem ser efetivamente experimentados e incentivados. Assim, a escolha de estratégias e conteúdos que possam contribuir com essas possíveis transformações comportamentais é de fundamental importância para o avanço social do grupo. Os docentes devem procurar perceber como andam as relações interpessoais dos grupos e como os conteúdos trabalhados têm vinculação com os interesses dos envolvidos. Desta forma, a motivação estará presente e demandará o desenvolvimento de ações didático-pedagógicas mais consistentes e significativas na formação de todos que atuam no processo.

ABREU (1982) comenta que é a motivação é a base do comportamento e da aprendizagem. Com isso, torna-se imperioso o conhecimento de como se desenrolam as ações para que o fator da motivação não seja esquecido e sucumbido frente aos interesses capitais do vencer os conteúdos, das avaliações conteudistas, das ações autoritárias e da fraca interação.

Tomando-se por base essas preocupações e a intenção em manter um clima favorável de relacionamento entre docente, discentes e conteúdos tratados, organizou-se

uma escala de níveis de interação para o acompanhamento das aulas ministradas no estudo a fim de propiciar uma visualização do nível de "Interação" ocorrida. Organizou-se uma escala baseada em cinco níveis que tiveram a seguinte denominação: 1 - baixa interação; 2 - pouca interação; 3 - razoável interação; 4 - boa interação e 5 - muita interação.

Níveis de Interação organizados para análise das aulas desenvolvidas no presente estudo

NÍVEIS	DESCRIÇÃO
5 - Muita Interação	Quando existe harmonia plena entre os objetivos traçados para as ações didático-pedagógicas. As ações se desenvolvem dentro dos princípios da cooperação, participação e integração entre discentes, docente e conteúdos. Grande possibilidade de ganhos sociais e acadêmicos, coletivos e individuais.
4 - Boa Interação	Quando existe harmonia entre os objetivos traçados para as ações didático-pedagógicas, porém, com dedicação abaixo do possível nos princípios da cooperação, participação e integração entre discentes, docentes e conteúdos. Possibilidades de trocas interpessoais com resultados positivos individuais e coletivos.
3 - Razoável Interação	Quando existe entrosamento entre os objetivos traçados para as ações didático-pedagógicas, porém com pouca dedicação nos princípios da cooperação, participação e integração entre discentes, docentes e conteúdos. Prejuízo no desencadeamento normal das atividades. Avanços acadêmicos limitados com poucas chances de um relacionamento interpessoal mais significativo.
2 - Pouca Interação	Quando não existe entrosamento suficiente entre os objetivos traçados para as ações didático-pedagógicas e a conduta do grupo se apresenta com pouca cooperação, participação e integração, com prejuízo sensível no desenvolvimento normal das atividades. Condições muito limitadas de avanços interpessoais e conseqüente valorização dos trabalhos desenvolvidos.
1 - Baixa Interação	Quando é impossível o desencadeamento normal das ações didático-pedagógica planejadas, onde inexiste a possibilidade de avanços nos princípios de cooperação, participação e integração. O sistema metodológico tem de ser praticamente fechado. Como conseqüência se torna muito reduzida a possibilidade de trocas interpessoais e possíveis avanços acadêmicos.

Tomando-se por base a classificação e denominação acima, pode-se organizar gráficos demonstrativos que possibilitaram a visualização de como o processo de interação se apresentou no decorrer de todas as aulas vivenciadas no estudo (ANEXO 6).

Conforme se pôde observar a interação ocorreu de forma crescente em todo o processo de desenvolvimento do estudo. Isso comprova a necessidade que existe de se dar tempo suficiente no desenvolvimento das novas experiências didático-pedagógicas para que elas consigam resultados mais significativos. O tempo pode ser encurtado de acordo com a perseverança, competência, entusiasmo, motivação e criatividade docente, assim como com a conquista do grupo discente para os novos horizontes traçados para suas formações.

Nos gráficos (ANEXO 6) pode-se perceber um período de grande instabilidade no início dos trabalhos. Foram necessárias mais de dez aulas para que os grupos conseguissem encontrar uma estabilidade social (lembrando que no grupo de Auxiliar de Enfermagem as aulas eram geminadas). De acordo com a descrição das aulas pode-se ter bem claro como foi essa conquista e os encaminhamentos necessários para se alçar vôos mais altos de relacionamento e de reconhecimento da importância dos conteúdos ali tratados.

Considerando as dificuldades e especificidades dos cursos noturnos, pode-se dizer que houve um entrosamento e uma cumplicidade acadêmica muito significativa no final do estudo. As ações desenvolvidas não sofriam resistência, pelo contrário, eram incentivadas e convenientemente desenvolvidas, com participação e envolvimento geral de docente e discentes.

c.3.2) O Ensino Aberto e as possibilidades de co-decisão vivenciadas

"As concepções de ensino são abertas quando os alunos participam das decisões em relação aos objetivos, conteúdos e âmbitos de transmissão ou dentro deste complexo de decisão. O grau de abertura depende do grau de possibilidade de co-decisão. As possibilidades de decisão dos alunos são determinadas cada vez mais pela decisão prévia do professor".

HILDEBRANDT & LAGING (1986:15)

Vivenciar uma metodologia de ensino participativa requer um período de aproximação e conquista comum entre os atores envolvidos no processo. O que se

vivenciou nesta experiência foi exatamente isto, uma conquista constante de novos espaços de aproximação e de envolvimento.

Durante todo o relato deste estudo procurou-se deixar claro que as experiências até então realizadas com metodologias participantes são de difícil implantação e requerem paciência, competência, comprometimento com a qualidade das ações e coragem. O caminho a ser percorrido na implantação desta modalidade metodológica é árduo e necessita de muita perseverança.

Os avanços conquistados na relação discente, docente e conteúdo foram evidentes, conforme se pode constatar no relato descritivo das aulas. Pode-se dizer que houve um avanço, contudo, ainda distante do que poderia ser considerado como a plenitude da Metodologia do Ensino Aberto. O que se pôde constatar no decorrer da experiência foi o ganho significativo de credibilidade da área da Educação Física no conceito dos discentes, com o trato de conhecimentos significativos e relacionados ao cotidiano, assim como o avanço nas questões sociais dos grupos envolvidos que, através do encadeamento de ações participativas, envolveram-se mutuamente e com responsabilidade nas tarefas programadas.

De acordo com HILDEBRANDT & LAGING (1986) o grau de abertura do processo metodológico depende do grau de possibilidade de co-decisão e essa decisão é dependente da decisão prévia do docente. Neste aspecto pode-se dizer que houve um crescimento considerável nas possibilidades de co-decisão conquistadas pelos discentes. Em muitas das situações criadas houve a preocupação de respeitar as decisões dos discentes para, então, definir-se por uma ou outra.

Porém, conforme HILDEBRANDT & LAGING (1986:15)

"Atribuir a competência de decisão aos alunos sem ensinar-lhes a usar esta competência não é ensino aberto. Isso reproduziria irrefletidamente as solicitações de rendimento regulamentado, a dessubjetivação de ação e ordenações hierárquicas de determinadas estruturas, a concorrência, o momento social e institucional, aproximando-se assim mais do objetivo "conformidade" que de qualquer outro objetivo educacional solicitado, como emancipação, criatividade, competência social etc."

Preocupados em não deixar que o convite à participação fosse simplesmente uma etapa a ser vencida na estratégia metodológica escolhida, mas sim um destaque fundamental e que conseguisse mexer com os conceitos dos discentes, procurou-se cobrar

constantemente seus pontos de vista e comprometimento na planificação e execução das ações. Este envolvimento foi difícil, mas crescente no decorrer das aulas desenvolvidas, confirmando as falas de PAULO FREIRE (1997) quando diz que convocar os alunos a participar e a assumir responsabilidades no processo educacional não é tarefa fácil.

No ensino noturno esse fato agrava-se muito. Os discentes estão cansados da maratona diária de atividades, desmotivados com a escola e com os conteúdos que são forçados a memorizar. Quebrar essa barreira e incentivá-los à participação representou romper conceitos que existiam sobre a área da Educação Física, incentivá-los a ouvir sobre os conhecimentos produzidos em Educação Física e Esportes, mostrar-lhes a importância destes conhecimentos para o desfrute de uma vida saudável e, também, a utilização dos conhecimentos como benefícios ao desenvolvimento dos trabalhos diários, além das chances de integração social propiciadas no desenvolvimento das atividades. Isto demandou tempo e muita argumentação para demovê-los da visão preconceituosa que existia.

Felizmente, após uma série de aulas conseguiram avanços que podem ser considerados significativos dentro das possibilidades de co-decisão da metodologia de Ensino Aberto. Os discentes tiveram participação em todo o processo desenvolvido. Embora tenha sido uma participação estimulada no início dos trabalhos, acabou tornando-se uma participação espontânea e efetiva após a décima terceira aula com a turma de Educação Geral e décima aula com a turma de Auxiliar de Enfermagem.

Utilizando-se o modelo de possibilidade de co-decisão apresentado por HILDEBRANDT & LAGING (1986:25-6), demonstrado no ANEXO 7, as aulas desenvolvidas podem ser classificadas como modelos "C" e "B". Houve um crescimento nas possibilidades de co-decisão proporcionadas durante o processo desenvolvido. É necessário salientar que para isso havia a intenção prévia do docente em ceder espaços de co-decisão nas aulas. Esse é um ponto fundamental destacado pelos idealizadores da proposta metodológica. Com isso, pôde-se verificar o avanço conquistado pelos discentes no decorrer das aulas.

Nos objetivos pôde-se perceber claramente um respeito ao quadro conceptual do docente com chances de participação discente. No decorrer das aulas houve um recuo nos

objetivos do docente com o atendimento aos anseios discentes. Isso possibilitou uma aproximação e responsabilidade maior dos discentes com as ações desenvolvidas.

Os conteúdos foram debatidos em condições desiguais no início dos procedimentos e, posteriormente, selecionados respeitando-se os objetivos da disciplina e os interesses dos discentes. Os interesses subjetivos dos discentes foram contemplados dentro das possibilidades das temáticas centrais pré-determinadas pelo grupo.

A transmissão dos conteúdos iniciou-se com a metodologia expositiva e acabou com a metodologia de resolução de problemas. É evidente que durante o processo vivido houve momentos em que as ações tiveram que ser fechadas, contudo, esta necessidade surgiu em alguns momentos para que avanços maiores fossem possibilitados no futuro, como de fato ocorreu e se verifica claramente nos relatos das aulas. No fim aconteceu o pacto da integração e do despertar da responsabilidade com as ações desenvolvidas, as aulas acabaram por transcorrer dentro de princípios integradores e cooperativos.

Os resultados da aprendizagem basearam-se no quadro conceptual do docente de forma inicial e acabaram por se basear na orientação de ações discentes. Havia uma preocupação inicial bastante grande de que os discentes assimilassem os conteúdos tratados nas aulas, contudo, a relação dos conteúdos com os afazeres diários dos discentes acabou facilitando essa apreensão e domínio de forma considerada razoável.

Com isso, pode-se afirmar que as possibilidades de co-decisão não foram fechadas em nenhum momento do processo e que, por outro lado, também não conseguiram ser atendidas plenamente a fim de considerá-las com alto grau de co-decisão, ou classificação "A" dos modelos de Hildebrandt & Laging. O que se pode afirmar categoricamente é que houve o desenvolvimento das concepções de Ensino Aberto e que o mesmo conseguiu avançar de uma estrutura fechada para um grau médio de possibilidades de co-decisão. Portanto, altamente significativo, considerando-se o quadro inicial das atividades e o histórico dos grupos envolvidos.

De acordo com JESUS (1996:15) "na relação pedagógica, o importante é o professor possuir instrumentos cognitivos que lhe permitam interpretar adequadamente as situações com que se confronta e ter uma flexibilidade relacional que lhe possibilite, nas situações concretas, uma resolução eficaz".

Nem sempre é fácil conseguir fazer uso adequado de estratégias metodológicas para se conseguir avanços na relação pedagógica. Porém, pode-se citar aqui alguns instrumentos úteis e válidos ao sucesso obtido no desenvolvimento das aulas deste estudo, nomeadamente, o diálogo, a negociação criativa, a compreensão, o encorajamento, o respeito, as expectativas positivas, a fascinação, a motivação, a coragem e o entendimento e aceitação do constante estado de inacabamento docente.

"O método gera um processo de mudança e termina por identificar-se com ele, posto que a pedagogia coincide com um estilo muito exato de prática social, o da tomada de consciência, ou melhor, o da conscientização. Certamente, esta objetivação - condicionada pela posição que o indivíduo ocupa na sociedade - pode alcançar diferentes níveis: a superação de uma atitude mágica dá, gradualmente, primeiro uma opinião vaga - freqüentemente tomada de outrem -, depois uma apreensão não crítica dos fatos e, enfim, no caso da conscientização, uma captação correta e crítica dos verdadeiros mecanismos dos fenômenos naturais ou humanos."
FREIRE (1980:77)

CAPÍTULO V

Avaliando as ações

Este capítulo tem por finalidade apresentar as avaliações do docente de Educação Física, responsável pelas turmas do CAIC/UEM e dos discentes integrantes das turmas estudadas, em relação ao trabalho desenvolvido. Inicialmente será apresentada a avaliação do docente, realizada por meio de uma entrevista com o pesquisador. A entrevista na íntegra pode ser encontrada no ANEXO 3. Na sequência, os discentes apresentam suas considerações sobre o envolvimento com a Educação Física durante o estudo e uma avaliação final em relação à forma como foi trabalhada durante o semestre. Por fim, algumas considerações sobre observações realizadas pelo pesquisador junto às demais disciplinas da formação dos discentes envolvidos no estudo.

a) Com a palavra o docente da disciplina Educação Física no CAIC/UEM

Inicialmente, faz-se necessário esclarecer que o docente participou efetivamente em todas as aulas desenvolvidas durante o estudo. Houve uma dedicação completa de sua parte na organização e estruturação de todas as ações desencadeadas no semestre. Dessa forma,

pôde-se perceber o interesse do docente em participar no desenvolvimento de uma Educação Física diferenciada da rotineira.

Na entrevista, o docente deixou claro como se apresenta o desenvolvimento da Educação Física na rede escolar. Confirmou o que foi dito na primeira entrevista, ou seja, que a Educação Física Escolar tem uma conotação de atividade e se desenvolve com a finalidade de instruir os participantes sobre o desporto. As atividades são práticas e têm uma função recreativa com fim em si mesma. Isso causa angústia a quem gostaria de desenvolver algo diferente e que fosse mais significativo na formação das crianças, jovens e adolescentes.

Ficou bastante claro na fala do docente essa angústia por uma Educação Física que fosse mais significativa.

"Sinceramente, não sabia mais o que fazer com o pessoal do noturno. É que sou originário daquele sistema onde as aulas são para o treinamento, para o esporte... Também já estava questionando e estava insatisfeito com aquele tipo de aula. Perguntava o que aquele tipo de aula contribuía com os alunos do noturno, estava preocupado e muito insatisfeito. Com o que eu contribuía ensinando esse pessoal a dar toque, a jogar futebol ou basquetebol?"

Essa angústia ainda não é generalizada no sistema educacional, em específico na Educação Física. É comum o que relatou o docente sobre o aliciamento que os novos docentes recebem ao chegar numa escola. Por melhor que seja a formação oferecida na Universidade, ao se deparar com a realidade, existe a força contrária do sistema: quarenta horas aula (sem horas para estudo - planejamento); baixa remuneração que, praticamente, obriga o docente ao terceiro turno de trabalho para manter um nível mínimo de qualidade de vida; outros docentes da área sem estímulo para ações mais contundentes; bloqueio administrativo a ações inovadoras; desestímulo do discente ao enfrentamento de estudos; escola desmotivante. O quadro não é nada favorável a quem pretende ser diferente.

Aliado a esse quadro desmotivador existe a barreira da "coragem" e "preparo" para a mudança. Seguir o novo significa muito estudo, dedicação e atualização constante. O docente, mesmo angustiado com o que desenvolvia, não se sentia motivado a essa busca de atualização, pois não conseguia enxergar como a sua atividade poderia ser diferente.

A ação docente, podemos aqui afirmar, é um dom que precisa ser constantemente revitalizado e atualizado. Ao se fazer a opção pelo magistério está se fazendo a opção pela

busca constante de novos conhecimentos, pelo movimento ininterrupto na caça ao novo, no significativo, no inédito, na criação e recriação, numa sociedade mais justa e igualitária.

O docente não pode sentar sobre um conhecimento construído em uma determinada época, num determinado contexto, com um determinado sentido e nele se respaldar pela ação docente de sua vida. O conhecimento é constantemente reciclado, inovado, recriado. Isso exige rever as ações docentes e educacionais constantemente. O mundo é recriado cada vez mais rápido. Atualmente, estar desatualizado significa não ter lido o jornal de ontem e não ter acessado a Internet hoje. A velocidade do conhecimento é muito grande e o docente não pode se dar ao luxo de se sustentar no ensino com um único bloco de conhecimento. Isso tem contribuído com a grande desmotivação dos discentes no sistema educacional.

É de fundamental importância que o docente se sinta sempre incompleto. Esse sentido de inacabamento coloca o docente na busca constante. Isso cria a instabilidade momentânea e a estabilidade futura sempre em patamares superiores. "Ensinar exige consciência do inacabamento" (FREIRE, 1997:55).

Na avaliação do docente, pode-se perceber também que existiram dúvidas e receios na colocação de novas estratégias. Esse é um problema que se pode observar em muitas realidades. Existe uma resistência bastante grande ao estudo e ao trato de conhecimentos mais consistentes na área da Educação Física. Parece ser senso comum que a aula de Educação Física deva se desenvolver sempre de forma prática e recreativa. É muito difícil, para o docente, enxergar o lado formador da área.

O posicionamento de dúvida em relação às aulas teóricas ficou constatado na fala do docente ao afirmar que os alunos não estavam gostando das aulas teóricas, no início. Isso serve de subsídio para muitos docentes justificarem a ausência de aulas teóricas e de aprofundamento de conhecimentos. É fala comum dos docentes de Educação Física na escola que "os alunos não gostam de aulas teóricas", "os alunos não querem aulas teóricas", "os alunos não têm interesse na teoria". Esse posicionamento só vem confirmar o despreparo docente ao enfrentamento e oferta de aulas melhor preparadas e de conhecimentos que possam vincular-se ao cotidiano dos participantes. Ficou demonstrado que, em todo o estudo, ao se conseguir esse relacionamento com o cotidiano e a demonstração do significado dos conteúdos, não existem barreiras para essa docência mais consistente e séria dentro da escola, inclusive com a Educação Física.

Contudo, o docente se redime da dúvida e enfatiza a aprovação geral das ações desencadeadas, ao afirmar que com o passar do tempo os discentes aceitaram e reconheceram o valor do discutido em aula, assim como valorizaram as novas idéias de trabalhos realizados.

Essas afirmações comprovam o fato positivo do envolvimento do docente em todo o estudo. Ao vivenciar o desenrolar das ações, desde o planejamento até a ação propriamente dita, pode perceber o quanto é necessário se trabalhar para que o sucesso seja obtido. Ficou demonstrado também, a alegria do docente em verificar que a Educação Física poderia ser trabalhada de forma diferente.

"Sem dúvida. A vivência com você durante esse semestre foi, para mim, um curso. Aprendi coisas que nunca tinha visto ou aprendido na graduação. Acho que todos que trabalham com escola deveriam ter a chance dessa experiência. Foi muito interessante e rico. Mas é como falei. De agora em diante vou trabalhar uma Educação Física de forma bem diferente daquilo que vinha fazendo. Não sei se vou conseguir da forma como você apresentou, mas vou tentar chegar o mais próximo possível. Inclusive com as outras escolas onde trabalho vou modificar as aulas".

Esta fala do docente demonstra claramente a satisfação em relação ao trabalho desenvolvido e o comprometimento obtido. A idéia não era a de criar monstros pedagógicos que distanciassem a teoria da prática cotidiana da escola. Pelo contrário, a idéia foi propiciar a vinculação da produção acadêmica com a realidade escolar. Esse compromisso parece ter sido realizado, pois houve um reconhecimento e vivência do docente na possibilidade prática de se trabalhar o conteúdo da "academia".

Isso foi reforçado novamente quando se apresentou a ele, durante a entrevista, o fato de que os conteúdos tratados durante o estudo já tinham sido vivenciados na sua formação. Esse é um outro problema que se detecta na formação, ou seja, não existe a vinculação entre os conteúdos tratados e uma visualização de como esses conteúdos podem ser trabalhados no "locus" de destino, a escola.

"A experiência foi importante. Muitas coisas que você desenvolveu eu já tinha visto e nem lembrava mais. Fui atrás de material e comecei a ler novamente. Fui até a biblioteca e separei uma série de materiais para novos estudos, pois já os tinha visto durante o curso. Foi importante dar uma mexida nisso novamente".

Essa vinculação e inter-relação das diversas áreas do conhecimento deve ser constante na ação do docente na escola. Não se pode falar de esporte sem que se fale da

organização política, social, fator histórico, ações motoras envolvidas, aspectos biológicos, fisiológicos e anatômicos, dentre outros. Restringir a ação docente na Educação Física ao adestramento motor não se concebe mais. Esses conhecimentos estão presentes na formação do profissional da Educação Física. É necessário que ele consiga enxergar de forma diferente o papel que tem na formação de nossas crianças, jovens e adolescentes.

Isso se pode constatar com o docente envolvido neste estudo. Houve um repensar geral sobre a ação e o papel que desempenhava. Ao se definir como educador e não como técnico, demonstrou que o estudo mexeu com a concepção e forma de entender a Educação Física. Muito além disso, propiciou a ele uma forma de colocar em prática essa concepção teórica.

Por fim, ao se solicitar que o mesmo falasse sobre a proposta como um todo e de como havia recebido as idéias apresentadas o docente concluiu:

"Com certeza coragem não falta. Quanto ao fato de acreditar, no início, olha, não sei. Como é que eu posso dizer. Quando você veio com essa proposta eu comentava com outros professores, o pessoal mais velho da área e muitos diziam que a Educação Física tinha que ir para a quadra mesmo, jogar bola, nada de muito papo furado. Os professores e amigos de outras áreas já achavam que na verdade a Educação Física tinha que passar conteúdo mesmo. Você vê, o pessoal que não é da área tem uma visão melhor do que o nosso pessoal, o pessoal que está ligado à área. Não é incrível! E com o passar do projeto eu também fui mudando. A minha forma de ver e entender a Educação Física também foi mudando. Eu queria mudar e não sabia se era o caminho certo. E daí caminhamos e a gente foi vendo que deu certo. Não é porque estamos juntos não, mas foi legal e deu certo. Hoje já acredito que sem aqueles temas teóricos as aulas vão ficar vazias, sem sentido".

Dessa forma, na opinião do docente, o trabalho teve uma avaliação positiva e conseguiu contribuir para a reorganização e reestruturação de suas idéias no que diz respeito à Educação Física Escolar, especificamente no noturno.

b) Com a palavra os discentes envolvidos no estudo

Como o trabalho se desenvolveu em duas turmas distintas com formações diferenciadas em Educação Geral e Auxiliar de Enfermagem, para uma melhor visualização das avaliações realizadas, separaram as apresentações.

As entrevistas foram gravadas em vídeo e em cassete para que se evitasse a necessidade de confirmação futura sobre o relatado, conforme se verificou após a primeira

entrevista que foi gravada apenas em cassete. Essa sistemática não prejudicou a fala dos discentes, pois procurou-se manter um ambiente descontraído durante toda a entrevista.

b.1) Avaliação discente - Educação Geral

Para essa avaliação final, pôde-se contar com a colaboração de vinte e cinco discentes da turma de Educação Geral. Os outros seis discentes que faziam parte da turma, que era de trinta e um, desistiram do curso antes do término dos estudos.

Inicialmente se questionaram os discentes sobre a credibilidade que a proposta apresentava. As respostas em relação a esse item foram bastante diversificadas, sendo a desconfiança, mais aceita, colocada por eles como "não acreditava" e "mais ou menos". Os discentes justificavam essa resposta apontando a inexperiência em relação ao que se projetava para a disciplina, ou seja, o desenvolvimento de aulas teóricas, trabalhos de pesquisa, leituras, aulas práticas de avaliação física, ginástica e outros. O fato de nunca terem vivenciado esses conteúdos e/ou aulas teóricas de Educação Física fortalecia a convicção de que a experiência não seria um sucesso.

Por outro lado, os discentes que acreditavam na proposta, a minoria, justificaram a crença no otimismo dizendo que nada poderia ser pior do que o que já estavam vivenciando. Assim, uma experiência inovadora só poderia dar certo ou, no pior, empatar.

Entende-se perfeitamente esse posicionamento dos discentes. É difícil acreditar ou, ao menos, perspectivar coisas melhores quando só viram displicência e descaso com o ensino que receberam. Uma pessoa de fora, distante do convívio diário, vem e fala maravilhas e de como tudo poderia ser diferente, sem dúvida, é de causar grande estranheza. Por isso, entendeu-se a reação dos discentes frente ao desenvolvimento deste estudo.

Na sequência, solicitou-se que os discentes fizessem uma análise sobre o que tinham vivenciado em Educação Física durante a vida escolar e o que vivenciaram no último semestre, durante o estudo realizado.

As respostas foram as mais positivas. Não houve uma resposta sequer que desabonasse o realizado durante o semestre do estudo. Abaixo algumas das respostas que representam o pensamento dos discentes.

"Antes a gente não tinha Educação Física, a gente só jogava."

"As aulas foram mais interessantes, com conteúdos importantes e que a gente pode usar no cotidiano."

"A diferença foi gritante. Antes nós não tínhamos nada, era só perda de tempo. Agora a gente pode ver coisas bem diferentes e úteis."

"Mudou 100%. A gente teve o que fazer e como fazer. Foi muito diferente, não foi apenas para aprender regras de esportes."

"Mudança teve sim, só que eu acho que deveria ser por um período maior. "

"Mudou totalmente. A maioria dos alunos participou e a gente começou a ver outra Educação Física."

"Diferença, teve, é claro. Os conteúdos foram variados e vistos de forma mais profunda."

"Não dá nem para comparar. Isso mudou a minha forma de entender a Educação Física. Até quero ter o meu time para treinar, quero ser professor de Educação Física."

"Nós nunca tivemos nada diferente. Achei que teve muita coisa nova, na sala, nas atividades práticas, a gincana, o livro para leitura. Foi muito diferente. Em todas as aulas a gente teve explicações do porque das coisas que a gente estava fazendo ou ia fazer. Não tinha nada ao acaso, sempre planejado e discutido. A gente aprendeu bastante."

"O que eu vi nos últimos seis meses é totalmente diferente do que eu vi em toda a minha vida em Educação Física. Isso está bem dentro daquilo que eu imaginava para a Educação Física, o que ela deveria ter. Acho que deveria ter mais aulas durante a semana. A gente vai levar muita coisa do que aprendeu aqui."

As declarações dos discentes demonstram o quanto a proposta apresentada mexeu com o preconceito em relação a Educação Física. O receio inicial sobre se a idéia daria certo foi substituído pela visualização e prática de uma disciplina realmente séria e útil ao cotidiano dos participantes. O estudo possibilitou aos discentes a chance de análise do quanto a Educação Física pode contribuir com o cotidiano e com o entendimento social maior.

O reconhecimento unânime aprova por completo a possibilidade de desenvolvimento de uma Educação Física para além da prática e da recreação. A simples ocupação de tempo deverá dar lugar ao desenvolvimento de uma disciplina séria e que consiga atender a uma formação consistente que prepare ao entendimento das ações motoras em todas as suas complexidades.

O receio da aceitação, por parte dos discentes, quanto ao desenvolvimento de ações didáticas mais sérias (teóricas, trabalhos de pesquisa, leituras, trabalhos coletivos, práticas planejadas, etc...) vai por terra ao se verificar que existe uma aceitação geral, desde que as mesmas estejam vinculadas ao cotidiano e sejam significativas para o mundo dos

participantes. Isso vem diretamente ao encontro do que se tem preconizado nas diretrizes gerais para o desenvolvimento do Ensino Médio conforme Parecer da Câmara de Educação Básica - CEB 15/98 e Resolução CEB 03 de 26 de junho de 1998 (MEC, 1998)

Dando continuidade à avaliação discente, questionou-se sobre o envolvimento dos mesmo em relação à disciplina durante o estudo. É sempre muito importante verificar o quanto o processo se manteve aberto a ações de co-gestão.

"O envolvimento geral foi muito bom, teve muita dedicação."

"Teve muita participação."

"Houve um boa participação, acho que poderia ter tido mais."

"Houve uma mudança no comportamento. Não no geral, mas ajudou a união de muita gente. Você ter assistido outras aulas e acompanhado foi muito bom para o grupo."

"Houve uma integração maior sim. O caso de você ter participado conosco na organização do time de futsal. Isso tudo aproximou a gente e o grupo todo."

"Sabe, eu acho que o grupo amadureceu. Teve convite para todo mundo vir ao final de semana brincar, jogar. Foi interessante essa experiência."

A ação docente não se pode limitar à sala de aula e aos conteúdos específicos da disciplina. Os depoimentos apresentados demonstram isso claramente. Ao se extrapolar a ação para um relacionamento além dos conteúdos e da sala de aula, provocam-se mudanças substanciais no entrosamento geral. O envolvimento do pesquisador no estímulo a ações extra-classe (fora do período e de cunho recreativo) para vivências práticas dos conteúdos tratados no desenvolvimento da disciplina, aproximou e criou um vínculo além da relação professor/aluno. Esse relacionamento criado contribuiu para a aproximação e co-gestão da disciplina.

O envolvimento dos discentes se deu de forma natural e gradativa. Não se pode dizer que houve uma co-gestão integral, nem seria possível no curto espaço de tempo de desenvolvimento do estudo. Entretanto, houve um progresso significativo nesse particular. O relato das aulas retrata claramente essa abertura e participação crescente dos discentes. Isso demonstra que houve uma conquista mútua de confiança e responsabilidade no desenvolvimento das ações da disciplina.

Para saber um pouco mais do relacionamento dos conteúdos tratados com o cotidiano dos discentes, questionou-se sobre a possível relação. As respostas foram as mais positivas possíveis, conforme pode-se observar abaixo.

"Total relação. A flexibilidade, a frequência dos exercícios, alongamentos, ginástica e todos os demais conteúdos"

"Os temas trabalhados irão ajudar no meu trabalho, no meu esporte e no dia a dia em geral, foi muito bom."

"O conteúdo já está me auxiliando no dia a dia. No meu trabalho em compensação de movimentos, no levantamento de peso e outras coisas."

"Sim, todos os conteúdos tratados servem para o nosso cotidiano. Acho que precisaria mais para eu ter confiança, mas já ajudou muito".

"Agora eu entendo os esforços que faço durante o dia. Isso é importante para mim."

"Todo o conhecimento tratado foi importante. A gente viu desde o andar corretamente. Isso a gente usa no cotidiano".

"Eu pratico bastante esporte. As aulas me ajudaram a entender melhor o que faço."

"Com certeza tem relação com o cotidiano. Se todos prestaram atenção nas aulas conseguirão ver essa relação. Tudo estava ligado. Foi muito válido, só sinto que não vai continuar assim."

Os depoimentos comprovam a vinculação proporcionada entre os conteúdos tratados com o cotidiano dos discentes. Nas falas pode-se verificar o entendimento da importância da disciplina com a vida particular de cada um. O relacionamento se deu por meio da análise do esforço da bicicleta, da faxina de casa, das ações motoras do levantamento de peso, das lesões por esforços repetitivos e outros. Essa vinculação proporcionou aplicação imediata dos conteúdos tratados no estudo.

Em relação às atividades desenvolvidas, questionou-se sobre a aprovação dos discentes em relação a: aulas práticas, aulas teóricas, leitura do livro "Os Senhores dos Anéis", Semana de Ciências do Esporte e a apresentação de ginástica.

As respostas foram unânimes de aprovação geral sobre as atividades desenvolvidas. As aulas práticas e teóricas foram equilibradas e deram consistência aos conteúdos tratados. Houve uma pequena resistência em relação às aulas teóricas, mas que foi vencida com a argumentação de que são necessárias para embasar o que se desenvolve nas práticas. Essa colocação convenceu a resistência apresentada.

Com relação à leitura do livro, também existiu aprovação geral, pois os discentes nunca tinham visto e/ou comentado o assunto. Não se sabia o que é o COI, COB, eleição de cidades sedes das Olimpíadas e outros assuntos relativos aos aros olímpicos. Contudo, houve reclamações gerais sobre a forma de desenvolvimento da experiência, pois ao se colocar a discussão dos capítulos sob responsabilidades dos discentes, houve muitas falhas. Compreensível para o momento, mas isso acabou prejudicando um desencadeamento mais

harmonioso. Por isso a intervenção do docente se deu em todas as etapas. Abaixo alguns depoimentos sobre a experiência.

"Foi bom, eu não sabia de nada daquilo. Os outros colégios não estudam nada disso."

"Não pretendo seguir carreira na Educação Física, mas o livro ajudou a entender um pouco mais."

"Eu nem sabia o que era o COI, qual o papel do João Havelange e tudo aquilo que a gente leu e discutiu."

"Foi importante, a gente aprendeu muitas coisas que nem tinha ouvido falar."

"Eu gosto muito do esporte e sempre leio bastante. Nem imaginava tudo aquilo, a organização o processo de eleição das cidades. Serviu muito para cultura geral."

"Foi importante o livro, mas faltou colaboração do grupo. Eu não sabia nada daquilo e me ajudou muito no entendimento geral."

"Eu nem imaginava tudo aquilo. Se me contassem eu não acreditaria. É importante a gente conhecer melhor e mais profundamente as coisas."

O propósito da leitura era de estimular os discentes a essa prática, assim como, colocá-los na situação de expositores. A experiência de se dirigir à frente do grupo e colocar com as próprias palavras a leitura realizada já atingiu o mínimo desejado para a atividade. São experiências de que não esquecerão jamais. A escola é o espaço ideal para as experiências e o preparo ao enfrentamento de situações similares na vida real. Esses jovens necessitam aprender a se apresentar, a conversar, a expor as idéias. Essa tarefa é da escola como um todo. O conteúdo escolhido para a atividade, sem dúvida, pode clarear um pouco as idéias sobre o mundo esportivo.

Em relação à Semana de Ciências do Esporte, teve-se novamente a aprovação geral dos discentes. Essa atividade contribui substancialmente para o envolvimento e o aprofundamento de estudos. É sempre muito importante propiciar condições, dentro da escola, para que os discentes consigam manipular os conhecimentos ali tratados. Nada mais apropriado do que uma mini Feira de Ciências (Semana de Ciências do Esporte) para essa tarefa. Aqui os discentes tiveram a chance de apresentar o que aprenderam durante o semestre de forma livre e criativa. Assim como a tarefa anterior, a leitura e exposição do livro também era inédita para os discentes e teve aprovação geral e reclamações quanto a não participação das demais turmas. É que as outras turmas do noturno, que não faziam parte do estudo (1º e 3º anos de Educação Geral e Auxiliar de Enfermagem), não apresentaram trabalhos e pouco contribuíram para o desenvolvimento da Semana. Em

contra-partida, serviu para demonstrar a diferença entre o ensino que tiveram e o que as demais turmas estavam recebendo. Ficou muito evidente essa diferenciação.

Como último ponto de análise, ficou a apresentação da ginástica pelo grupo de discentes da Educação Geral. Essa apresentação foi uma grata satisfação para o pesquisador e para todos os discentes envolvidos no estudo. A proposta foi feita de forma despretensiosa e acabou sendo uma vedete no desenrolar das ações junto ao grupo. Houve uma aprovação geral da atividade, tanto por quem participou efetivamente da apresentação, quanto pelos que apenas contribuíram e/ou assistiram. Foi um sucesso na escola.

"A experiência foi muito legal. Não sabia que existia esse tipo de ginástica. Me senti muito bem. Tremi no início e depois fui me adaptando e foi lindo o pessoal gritando. Foi fantástico."

"A gente pensa que não tem coragem mas chega na hora e vai. Teve gente que eu pensei que não iria e que acabou participando e gostando."

"Foi muito legal. Nunca tinha feito isso na escola."

"Foi muito bacana. No início tremi bastante, mas depois todo mundo veio cumprimentar a gente, elogiar, foi muito legal."

O reconhecimento geral da apresentação ficou estampado na felicidade irradiada pelos discentes. Foi muito gratificante ter lhes propiciado essa experiência, pois se superaram em questões como timidez, falta de ritmo, inexperiência e outras. O importante foi o pacto de responsabilidade assumido. Isso contribuiu também para o entrosamento geral do grupo. Houve uma cumplicidade geral e, essa cumplicidade, é fundamental para ações integradoras no ensino.

Foram desenvolvidas outras atividades com o grupo. Contudo, a que mais chamou a atenção foi a gincana geral. Mais uma experiência inédita dentro da escola. Por incrível que possa parecer, os discentes ainda não tinham vivenciado atividade dessa natureza dentro da escola. Assim, como as demais, houve uma aprovação geral.

Por fim, solicitaram-se aos discentes algumas considerações gerais sobre o trabalho desenvolvido e tivemos os seguintes depoimentos:

"Nunca tinha visto os aparelhos de ginástica ao vivo, só pela televisão. Foi muito legal."

"A gente teve bastante coisa diferente. Isso animou e estimulou o grupo todo. Foi muito bom."

"A experiência mudou a minha imagem em relação à Educação Física"

"Nunca tinha participado de aulas teóricas em Educação Física, achei que foi muito importante para mim e acho que para o grupo todo."

"Acabou tendo uma participação muito maior do grupo."

"A Educação Física que a gente teve aqui eu nunca tive não. Teve gente que comentou que seria interessante esse trabalho vir desde o início da escola, lá na primeira série."

"A Educação Física agora tem outra função. Antes a gente via a Educação Física só como jogar bola, voleibol, futebol. Agora eu sei sobre o esforço que faço quando ando de bicicleta, quando caminho e as atividades do meu cotidiano."

"Agora eu vejo que a Educação Física serve para alguma coisa. Pode nos ensinar sobre a postura, composição corporal, ginástica, esporte. Antes a gente não dava valor, era só esporte."

"Eu nunca tive isso em Educação Física. Hoje se eu for fazer o curso de Educação Física eu já sei como deverei atuar. Foi muito importante"

"Eu já me inscrevi para tentar o vestibular em Educação Física, só para experimentar e me preparar para o futuro. Agora eu sei como poderei atuar se vir a ser professor de Educação Física"

"Nossa, aquela aula de ginástica entrou para a história dos meninos. Ficavam falando o tempo todo. Eles adoraram a experiência".

"Acho que é difícil para os outros professores fazerem isso que a gente teve aqui. Eles teriam de estudar bastante para poder acompanhar. Talvez os novos professores, porque os velhos já não estudam mais."

O comentários finais demonstram o quanto os discentes entenderam e aprovaram os estudo desenvolvido. O reconhecimento da Educação Física como disciplina importante e contribuinte em suas formações foi totalmente significativo para o sucesso deste estudo.

b.2) Avaliação discente - Auxiliar de Enfermagem

Participaram desta entrevista de avaliação apenas doze discentes. Foram os que tiveram uma ligação direta com a disciplina e com o desenvolvimento do estudo como um todo. Deve-se salientar que não houve uma participação efetiva em todas as aulas, pois apenas seis tinham essa obrigação, já que os demais eram dispensados e/ou já haviam cumprido o crédito em curso de segundo grau já realizado.

Entretanto, uma avaliação com doze discentes pode representar bem o que se desenvolveu e o que de significativo esse estudo representou.

Inicialmente se questionou sobre a relação entre o que vivenciaram durante a vida escolar e o que o estudo apresentou durante o semestre no desenvolvimento da disciplina de Educação Física.

Da mesma forma que o grupo de Educação Geral, houve um reconhecimento geral da diferenciação existente entre o que tinham como experiência e o que foi proporcionado durante o semestre.

"Com certeza foi diferente. Antes era uma monotonia, não mudava nunca. Mudou muito."

"Bom, eu gostei das aulas porque nos deram informações consistentes sobre o corpo humano, isso é importante para o nosso curso de auxiliar de enfermagem, como organizar e planejar uma atividade e todas aquelas coisas. A aula sobre o coração foi muito legal. É uma pena que a gente não coloque em prática. Mas prometo que vou tentar."

"No início eu participava pouco, mas devagar fui chegando e prestando mais atenção nas aulas e gostei muito. Apreendi bastante coisa nas aulas."

"Olha, teve diferença sim, foi para melhor. Pelo que observei no ano passado e tenho observado agora, muita coisa mudou. Os meus meninos (filhos) que participam na Educação Geral têm comentado muito bem. E os conteúdos teóricos que você tem desenvolvido tem relação direta conosco. A postura, a composição corporal, os conteúdos de forma geral. Não sei como falar direito, mas a verdade é que melhorou muito. Mesmo com a pouca participação a gente percebe a diferença nos conteúdos trabalhados."

"Foi diferente, foi legal. Muita gente no início não achou porque ficava na sala de aula. Mas foi importante porque a gente aprendeu coisas diferentes. A aula sobre a atividade física foi muito importante."

"Gostei muito, aumentou nosso conhecimento e muitas coisas a gente utiliza no cotidiano. Os temas abordados de postura, calorias, exercícios aeróbicos e anaeróbicos, ginástica de relaxamento, que tipo de atividade realizar e quais as funções e muitos outros."

"Eu sou suspeita, porque não assisti todas as aulas. Eu sou dispensada. Mas achei muito interessante e importante para nós. É coisa que a gente não sabia, teoria mesmo."

"Teve diferença. Bem, de acordo com o que eu disse na primeira entrevista, foi realmente muito diferente. Nós aprendemos mais coisas, tivemos conhecimentos que nunca imaginava. Nunca tive isso em Educação Física."

"Eu acho que foi mais aproveitada. Tivemos conteúdos significativos. Achei que valeu a pena. Os conteúdos relacionados ao hospital, na profissão. O trabalho de relaxamento que tivemos nós já pudemos aplicar com o pessoal que volta da quimioterapia, pois eles voltam muito tensos. Foi muito bom."

O relato dos discentes deixa evidente a aprovação e a constatação da diferenciação existente entre o que tiveram em suas vidas acadêmicas e o vivenciado durante o estudo no último semestre. Houve o reconhecimento até de discentes que não estavam envolvidos diretamente, mas que participavam esporadicamente das atividades da disciplina.

Os depoimentos comprovam a aprovação e a total vinculação do que se discutiu em aula com o cotidiano de cada um. A aplicação imediata do que se discutia em aula reverteu-se em interesse e dedicação com as temáticas das aulas. Houve uma preocupação constante

com esse fato, ou seja, vincular os conteúdos com a vida de trabalho do Auxiliar de Enfermagem. Isso, pelos depoimentos, esteve presente e foi atendido.

Dando sequência à entrevista, os discentes opinaram sobre o envolvimento com a disciplina durante o semestre. Houve consenso geral de que a participação foi efetiva em todos os sentidos, desde o planejamento até o desenvolvimento das ações. Com o grupo pequeno e existindo possibilidade de um relacionamento mais aberto, essa participação se deu de forma natural e bastante tranqüila. O grupo, por se colocar de forma mais madura, tinha uma atuação mais crítica em relação a todas as ações desencadeadas. Não existiram problemas conforme se pôde observar no relato das aulas apresentadas. Esse foi um item em que não houve necessidade de se investir muito durante o estudo, devido ao clima altamente favorável que se encontrou.

Dando continuidade à entrevista, questionou-se sobre a relação do que foi estudado com o cotidiano dos envolvidos. Esse questionamento realizou-se apenas para reforçar o dito na questão inicial, pois já havia ficado evidente essa ligação, conforme os depoimentos apresentados. Entretanto, procuraram novas evidências dessa relação e os discentes voltaram a confirmá-la, assim como sua importância para o cotidiano e para a prática de uma vida com hábitos mais saudáveis.

"Tudo foi proveitoso. Tudo que foi discutido está diretamente relacionado com a minha área de atuação futura."

"Sem dúvida. Tem relação com o nosso dia a dia e são importantes."

"Bastante. Em especial a gente pode dizer dos exercícios de relaxamento. Utilizo todos os dias, tem sido muito bom, ajuda bastante no meu dia a dia."

"Acho que sim. Foi proveitoso e a gente vai poder usar sempre."

"Foram importantes sim, às vezes aplico as experiências das aulas no dia a dia. Quando quero me organizar numa atividade física, como, de que forma. Hoje já tenho segurança num mínimo sobre a atividade física."

"Sem dúvida. Tem relação com o nosso dia a dia e são importantes. Os trabalhos aeróbicos e anaeróbicos. Isso tem relação em todo o nosso dia."

"Tudo foi muito interessante, as aulas de relaxamento. Isso a gente tem aproveitado o tempo todo, principalmente agora no final do ano que a gente está sobrecarregado. Os outros conteúdos também foram importantes e têm relação com o nosso dia a dia. A gente é que precisa parar para pensar, não é verdade?"

A preocupação em vincular os conteúdos ao cotidiano dos discentes foi plenamente atendida, conforme o depoimento dos mesmos. Outro ponto a destacar nessa vinculação, foi a relação com o cotidiano da vida hospitalar, principal ambiente de trabalho dos futuros Auxiliares de Enfermagem. Isso ajudou em muito a cativar o interesse dos discentes. Os

conteúdos eram estudados exemplificando-se a rotina do hospital e das tarefas afetas a ele. Assim, não tinha motivo para dispersar os pensamentos durante as aulas, caso contrário, pontos significativos das abordagens seriam perdidos. Foi uma estratégia útil, necessária de ser aplicada. Não só pelo interesse em cativar os discentes, mas pela importância que existe em se vincularem os conhecimentos discutidos na escola com a realidade a que se destinam.

Prosseguindo-se com a entrevista, questionou-se sobre as atividades centrais que foram desenvolvidas junto ao grupo: leitura do livro "Os Senhores dos Anéis"; aulas práticas; aulas teóricas e Semana de Ciências do Esporte.

Em relação à leitura do livro, houve uma aprovação geral, com considerações sobre a estratégia adotada e o pouco interesse de algumas pessoas. Contudo, existiu um reconhecimento geral da importância do trabalho e do total desconhecimento que possuíam sobre o tema.

"Não, não conhecia nada não. Tudo que a gente vê de novo é importante. Aquilo que a gente visualiza e serve para o nosso crescimento é importante. O livro mostrou coisas importantes sobre as Olimpíadas, a organização do esporte."

"Foi importante porque a gente conseguiu enxergar um pouquinho além do espetáculo das olimpíadas. Foi interessante aprender essas coisas."

"Não, não possuía nenhum conhecimento sobre o tema do livro. No início foi aquilo, queria ir para a quadra, mas como disse, devagar a gente foi gostando e foi muito bom, aprendi muito."

"Não sabia tudo, mas alguma coisa sim. Por outro lado, pude ver que não eram aprofundados da forma como a gente viu. Foi importante essa discussão"

"Foi importante. A gente deveria ter lido o livro inteiro. Muitas coisas que a gente não sabia foram colocadas. Aquelas apostilas também ajudaram bastante são coisas super interessante e que volta e meia eu pego para ler."

"Foi muito bom. Eu não sabia de nada daquilo, o que acontece nos bastidores dos jogos e tal. Nunca imaginei que tivesse tanto poder por detrás, na organização."

"Foi muito importante, porque a gente não conhecia nada sobre o que lemos e descobrimos muitas coisas novas. A organização esportiva e tudo o que cerca, ou quase tudo. É importante a gente conhecer como são as coisas por detrás do espetáculo."

A idéia geral do trabalho em relação à leitura foi plenamente atendida. Os discentes puderam enxergar um pouco mais sobre o que acontece no mundo esportivo e como ele é organizado. Não se possibilitou, durante as discussões, que ficasse apenas a imagem negativa de problemas da organização. Foi apresentado o lado positivo e de como o esporte contribui nas estruturas sociais. A importância do esporte no convívio social e na prática particular de cada cidadão.

Com relação às aulas, houve aprovação completa da sistemática utilizada no seu desenvolvimento. O relato apresentado dá conta dessa representação, tamanho e envolvimento e participação efetiva dos discentes. Assim, o único detalhe a ser considerado foi a necessidade de organização de um maior número de atividades práticas, pois o grupo se sentiu um tanto prejudicado nesse quesito. Também considerou-se que o próprio grupo não se predispôs ao enfrentamento de tais atividades por não se preparar adequadamente para elas. Todavia, esse ponto deverá ser considerado em trabalhos futuros, após a finalização deste estudo, onde estratégias de facilitação deverão ser providenciadas.

No que diz respeito ao desenvolvimento da Semana de Ciências do Esporte, houve uma surpresa geral, tamanho o envolvimento de todo o grupo. Todos ficaram surpresos com os trabalhos que desenvolveram. Também de forma inédita para grande parte deles, a mini feira de Ciências (Semana de Ciências do Esporte) serviu como uma experiência ímpar em suas formações. É inacreditável que até esse período escolar esses discentes, em sua grande maioria, ainda não tenham tido experiências diversificadas de ensino.

Os discentes se posicionaram da seguinte forma em relação à participação na Semana de Ciências do Esporte.

"Adorei, foi muito legal. Participei muito e foi muito bom."

"Foi legal. O pessoal acabou participando mesmo."

"Olha, o nosso trabalho de primeiros socorros foi muito útil. Realmente aprendi coisas que nem sabia. Nem nas disciplinas do curso a gente aprendeu. Agora já tenho uma noção maior sobre o que fazer em casos de socorros. Foi muito importante."

"Sim, foi legal, apesar de eu não poder visitar toda a feira. A gente ficou na sala apresentando e não deu tempo para visitar os colegas. Foi muita gente assistir a nossa exposição. Acho que foi legal. As pessoas comentaram muito bem."

"Nossa. Para nós que fazemos a enfermagem os primeiros socorros são fundamentais. Era o nosso tema e isso foi muito legal. O grupo mesmo desunido no início acabou surpreendendo no final. Nossa apresentação foi elogiada e ganhamos até camiseta de presente."

De fato, o ocorrido na Semana de Ciência do Esporte foi de deixar o grupo orgulhoso e envaidecido. Foram os únicos discentes do noturno a apresentar trabalhos. As demais turmas apenas visitaram os "stands" das turmas de segundo ano da Educação Geral e de Auxiliar de Enfermagem.

Outro ponto que marcou o evento, particularmente para os grupos, foi o envolvimento que todos acabaram tendo. A participação e discussão nos grupos começou

de forma muito tacanha e inibida, mas foi tomando corpo e o envolvimento foi crescente durante todo o processo. Todo o evento acabou por ser um sucesso.

Também foram desenvolvidas outras atividades com o grupo. E, da mesma forma que no grupo da Educação Geral, a que mais chamou a atenção foi a gincana geral. Todos solicitaram que a experiência fosse repetida por mais vezes.

Por fim, algumas considerações finais dos discentes de Auxiliar de Enfermagem sobre o estudo desenvolvido e a Educação Física.

"Olha o grupo é difícil mesmo. Não é fácil de trabalhar. Acho que o professor tem que ter autoridade. Foi isso, você chegou e teve autoridade, nos mostrou como seriam desenvolvidas as aulas. Isso foi importante, não é para agradar todo mundo não. E a coisa foi indo. Educação Física é educação é passar alguma coisa importante para a nossa formação."

"Sem dúvida foi muito importante a disciplina este semestre. A idéia de considerá-la como disciplina específica seria bom. Esclarecer bem a todos e colocar da forma como foi desenvolvida para que ela possa contribuir no geral. Com a Educação Física a gente vai aprender a trabalhar com o corpo. Nós vivemos isso na enfermagem, mas não sabemos lidar com o corpo."

"Olha, gostei muito e achei super interessante todas as atividades. Agora já sabemos um pouquinho sobre a gente e a atividade física."

"Agora eu consigo ver a diferença. Antes era aquele negócio de ir para a quadra e pegar uma bola para jogar. Era recreação mesmo. Agora eu vejo diferente, a Educação Física é outra coisa. Tem coisas muito importantes e que nos auxiliam no dia a dia. Mudou muito, tenho outro conceito sobre Educação Física."

"Mudou o meu conceito sobre Educação Física. O pessoal até reclamou no início porque as aulas tiveram uma mudança radical. Mas foi para melhor, a gente começou a aprende coisas importantes. Nada daquele negócio de ir para a quadra e conversar e jogar, só jogar."

Com os depoimentos apresentados, pode-se entender que a proposta foi plenamente atendida e reconhecida pelos discentes de Auxiliar de Enfermagem. Problemas existiram, sem dúvida, entretanto, o saldo positivo foi muito grande e significativo.

c) Observações sobre as demais disciplinas

"à noite, a escola é o reino do faz de conta"

CARVALHO (1994:66)

Este tópico tem a função de relatar um pouco o quadro docente geral da escola onde se desenvolveu o estudo, mais especificamente sobre os docentes que atuam junto às turmas do estudo.

A iniciativa de se realizarem estas breves observações se deveu aos inúmeros encontros ocorridos na sala de docentes da escola. Nesses encontros dos intervalos das aulas, o que se ouvia com constância eram reclamações do comportamento dispersivo e agressivo apresentado pelos discentes.

Essa postura de "queixa constante", por parte dos docentes, estimulou a realização destas observações para se ter uma visão mais acurada sobre o desenvolvimento de suas aulas.

As queixas dos docentes não correspondiam com as experiências que se realizavam neste estudo. Houve, de fato, inicialmente, um clima de desconforto, mas que foi gradativamente cedendo espaço a ações mais integradoras, participativas e de co-gestão. O ambiente com as turmas do estudo não correspondia com o relato e as queixas realizadas pelos demais docentes.

Assim, na tentativa de identificar possíveis pontos que esclarecessem o ambiente descrito pelos docentes, assistiu-se às aulas de: português, matemática, química, sociologia, história, física, geografia, espanhol, biologia, enfermagem em doenças transmissíveis e enfermagem médica. Outras disciplinas específicas de Auxiliar de Enfermagem não foram analisadas, pois se entendia que o levantamento realizado seria suficiente para o propósito, que era o de ter um panorama da relação docente/discente no noturno.

Infelizmente as observações realizadas causaram espanto e um enorme entristecimento. O que se conseguiu observar na relação docente/discente foi algo que beira o assustador.

Os docentes, via de regra, chegam à sala, fazem a chamada, verificam onde pararam a matéria na aula anterior e dão continuidade, sem nada a observar ou considerar junto aos discentes.

Os discentes, como regra, ignoram os docentes, ignoram as matérias, ignoram a importância do ato social "aula", ali desenvolvido.

Observando-se como um quadro colocado na parede, pode-se ter a seguinte imagem: o docente à frente, três ou quatro discentes próximos ao docente (variando esse número para mais ou menos dependendo da disciplina) e o restante dos discentes ao fundo conversando sobre futebol, festas, meninas, televisão, novela e outros assuntos que não o relativo à aula que estava se desenvolvendo no momento.

A posição do pesquisador, nesse quadro, era ao fundo com os discentes que estavam distantes das ações da aula. Não havia inibição, por parte desses, com a presença do pesquisador, pelo contrário, comentavam abertamente a situação com reclamações constantes sobre o desinteresse em relação ao conteúdo tratado, à sistemática adotada pelos docentes, à postura arrogante que os docentes possuíam, à falta de relação dos conteúdos com o cotidiano e coisas do gênero. Outra observação realizada pelos discentes foi a de que os docentes, ao verificarem a presença do pesquisador, davam atenção que não era comum em dias normais, sem sua presença. Essa é uma prática que se pode considerar como normal no observado e, por isso, deve ser considerada na análise. A observação interfere na conduta do observado, normalmente elevando o nível de atuação.

Na condição de observador não se podia conceber como os docentes eram capazes de desenvolver a aula apenas para três, quatro, cinco ou seis alunos e ignorar os demais. O clima com a "turma do fundão" era simplesmente insuportável. Não se ouvia o que estava sendo exposto, não se entendia nada e o docente continuava impassível, parecia estar em um outro ambiente, totalmente indiferente ao que ali ocorria.

Em relação aos conteúdos e suas apresentações, notou-se que os docentes não faziam a mínima questão de relacioná-los ao cotidiano, ao usual, ao prático. Esta afirmação não pode ser generalizada, porém, atinge a grande maioria dos docentes observados.

Ao final das aulas, questionava-se um número de quatro ou cinco discentes sobre as condutas observadas e a constância das mesmas em dias normais (sem a presença do pesquisador). As respostas eram diretas e objetivas. A aula de hoje foi muito boa, o docente explicou, não nos humilhou, colaborou com o desenvolvimento dos exercícios e coisas assim. Entretanto, ao se questionar sobre o significado dos conteúdos estudados, nenhum discente foi categórico em afirmar para quê os mesmos serviam. Isso comprova as observações realizadas sobre a desvinculação do que se estuda ali com a realidade vivida pelos discentes.

Não existe, pelo que se observou, uma preocupação docente em estimular os estudos, o desenvolvimento de estratégias metodológicas diferenciadas, ou seja, amor na ação docente. Pelo contrário, e infelizmente, o que se observou foi uma obrigação difícil e árdua de ser cumprida. Os docentes estavam cansados, desgastados, tristes e totalmente

desmotivados com as responsabilidades pedagógicas. Assim, fica a questão, como é que os discentes se sentirão estimulados ao ensino, ao aprendizado, ao novo, ao conhecimento?

Para os discentes, *"o que realmente interessa é conseguir passar de ano, apesar da certeza de que estão aprendendo muito pouco"* (CARVALHO, 1994:62).

Os trabalhos de pesquisadores e estudiosos da educação, em específico ao ensino noturno, apresentados ao longo deste estudo, são reflexos claros e verdadeiros da realidade aqui observada.

Infelizmente não conseguimos enxergar algo que pudesse contradizer todas as críticas que se fazem ao Ensino Noturno e suas dificuldades, que vão desde as tarefas administrativas, passando por empenho discente, até dedicação docente. O quadro é realmente alarmante e necessita, com uma certa urgência, ser redefinido e reorganizado. Caso contrário, a situação continuará a ser de farsa completa, onde discentes dizem que vão à escola para aprender e docentes, nessa mesma escola, dizem que ensinam. Na verdade está havendo um pacto da mediocridade e do nivelamento por baixo. O ensino é deficitário, a formação oferecida é de baixa qualidade e discriminante e todos fingem não enxergar.

Da mesma forma que os docentes não enxergam os alunos ao fundo da sala, aqui querendo dizer a grande maioria, não conseguem enxergar a incongruência no ato que desenvolvem.

Assim, ao se recordarem as reclamações ouvidas na sala dos docentes no horário do intervalo, não há como concordar com os mesmos, pois o ato docente que desenvolvem não os qualifica a ter respeito, consideração, carinho e admiração por parte de seus discentes.

Somente após uma revisão geral se poderá almejar mudanças que possam ser mais significativas e efetivas, em termos de resultados positivos dentro do processo educacional que aqui se desenvolve. O fato de se terem conseguido avanços no desenvolvimento da disciplina Educação Física, com a utilização de estratégias diferenciadas e conteúdos consistentes e relacionados com o cotidiano dos discentes, só comprova que, ao se querer mudar, e se doando de forma consciente à mudança, ela acontecerá e terá apoio de todos os envolvidos. Isso foi bastante demonstrado no relato das aulas vivenciadas junto aos discentes da escola.

Estas observações comprovam que existe a necessidade premente de uma reestruturação na escola para que se possa almejar avanços sérios. O aluno trabalhador

merece todo o respeito e deve ser considerado como todos dentro da sociedade. Não se pode conceber que ao Ensino Diurno se dê mais atenção do que ao Ensino Noturno. Grande parcela de nossa população estuda nesse período e, portanto, não pode ser negligenciada e discriminada.

A própria CONSTITUIÇÃO FEDERAL (1988) consubstancia essa afirmação ao citar em seus artigos:

"Art. 3º - IV: estabelece que o país tem como objetivo promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Art. 5º - todos são iguais perante a Lei.

Art. 206 - prevê igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. "

Dessa forma, verifica-se que está havendo equívocos no trato com o aluno trabalhador. É necessário um repensar, com medidas reparadoras urgentes, para que se possa propiciar igualdade nas condições de formação desse aluno trabalhador. O quadro apresentado não pode persistir com o presságio de prejuízos irreparáveis às nossas gerações futuras.

Por fim, deixamos aqui as constatações de CARVALHO (1994:66) ao pesquisar o Ensino Noturno:

"como acreditar em uma educação que tem como uma de suas premissas aceitar as fraudes e mascarar a realidade? Seja no caso de atestados para estudar à noite, seja para a dispensa das aulas de Educação Física, ou para justificar faltas, a escola sabe que pactua com mentiras, mentiras que às vezes ela mesma exige que sejam ditas."

Espera-se que a escola não compactue com mentiras e que possa eliminar a mediocridade para, enfim, alçar vôos mais audaciosos na busca de ações pedagógicas consistentes e verdadeiras no trato com os ideais de uma sociedade mais justa e igualitária.

CONCLUSÕES

Os procedimentos metodológicos escolhidos para o desenvolvimento deste estudo, a metodologia utilizada para as aulas, a concepção de educação adotada, a relação professor aluno buscada, a relação conteúdo/cotidiano estimulada e construída, a interação social desencadeada e a cidadania respeitada, sempre foram estimuladas pelas palavras e ensinamentos de PAULO FREIRE.

A condição de "inacabamento" assumida serviu de mola propulsora à busca, ao interesse, ao estímulo, ao desafio e ao amor à prática docente.

Essa perspectiva educacional necessita agora, por uma questão metodológica, apresentar conclusões de um estudo que não se encerra nunca, pois na condição de "inacabamento" estará sempre aberto e com novas etapas a serem vencidas, superadas. Entretanto, como prática acadêmica, deverão ser apontados caminhos conclusivos a este estudo e uma proposta de possíveis encaminhamentos futuros aos avanços almejados.

Dessa forma, evitando-se relatos extensos, pois entende-se que esclarecimentos mais profundos foram dados de forma consistente ao longo do presente estudo, será realizada uma conclusão pautada nos objetivos estabelecidos e, com base neles, pequenos esclarecimentos para elucidação de eventuais pontos obscuros.

A realidade encontrada no Ensino Noturno do CAIC/UEM, no desenvolvimento da disciplina Educação Física, é uma realidade que há muito vem sendo criticada nos mais diversos estudos realizados por pesquisadores e estudiosos da área. O que se pôde constatar foi o desenvolvimento de uma prática ultrapassada e sem significado educacional de valor para a formação dos envolvidos.

A atuação docente, por sua vez, era condizente com o quadro observado no desenrolar das aulas. Uma postura desvinculada de qualquer princípio pedagógico que estivesse ligado à formação e/ou ao trato com o conhecimento. As ações, em sua totalidade,

eram aleatórias, sem propósito formativo, sem consistência de fundamentação teórica e desvinculadas de qualquer projeto pedagógico da escola e das diretrizes elaboradas pela Secretaria de Estado da Educação.

Os **discentes** eram, em sua maioria, trabalhadores já efetivados no mercado de trabalho ou em fase de inclusão. Boa parte dos discentes, que não estavam vinculados ao mercado de trabalho formal, exerciam atividades dentro do mercado informal. O mercado informal aqui colocado como; lavagem de roupas, babás, trabalhos domésticos gerais e outros. O grupo restante, de não trabalhadores, tinha o propósito de busca de emprego.

Com relação à Educação Física, a experiência demonstrada pelos discentes, de forma geral, era a vivência desportiva e recreativa. O resgate biográfico dos discentes pode contribuir na estruturação de um panorama bastante enriquecedor do histórico da Educação Física Escolar. O grupo de discentes possuía vivências com a Educação Física desde a década de sessenta e, o mais incrível, os relatos não se diferenciaram das vivências dos discentes da década de noventa. As aulas desenvolvidas na década de sessenta possuíam apenas de forma diferenciada a ginástica e a postura mais enérgica do docente. No restante, o propósito era o mesmo, ou seja, ações com a finalidade de preparo ao desporto, práticas recreativas e nada de estudos mais consistentes ou que levassem à autonomia frente aos conhecimentos relacionados ao mundo motor.

O **anseio discente** pelo desenvolvimento de uma disciplina de Educação Física mais responsável e formativa era evidente na fala de todos. Para essa consideração faz-se necessário esclarecer que o que se entendia por responsável e formativa era, na visão dos discentes, o desenvolvimento de práticas esportivas mais sérias, com processos pedagógicos que possibilitassem a aquisição de habilidades esportivas de melhor qualidade e a prática de atividades de condicionamento físico. Essa visão não pode ser criticada e/ou simplesmente negada. Esse é o referencial que a sociedade possui sobre a aula de Educação Física. A representação social de que a Educação Física na escola tem a função de trabalhar com o objetivo de preparar ao desporto, ser o local de descoberta de talentos esportivos e de local específico ao condicionamento físico.

Infelizmente, percebeu-se que essa prática e conceito vem de longa data. Quebrar essa referência e entendimento não é algo que acontecerá de um momento para outro ou de forma única. O processo de construção de uma nova representação social demanda muitos

fatores dentre os quais pode-se citar: a postura docente, o desenvolvimento de conteúdos consistentes, a demonstração do valor pedagógico da Educação Física na formação de crianças, jovens e adolescentes, a integração pedagógica e vinculação dos conteúdos ao cotidiano dos envolvidos no processo educacional, além de muitos outros pontos que estão direta ou indiretamente envolvidos nessa construção.

A **escola estudada**, por sua vez, havia possibilitado e estimulado o desenvolvimento de uma Educação Física diferenciada. Na verdade, a escola perspectivava uma Educação Física bem diferente da que estava em desenvolvimento. Houve toda uma preocupação em encaixar a disciplina no meio da grade curricular, evitando-se que iniciasse ou terminasse o período, pois isso poderia estimular a baixa frequência. Não se colocou a disciplina em finais de semana, pelo mesmo motivo. Estruturou-se um pequeno roteiro pedagógico para o desenvolvimento da disciplina quando da elaboração do projeto do Ensino Médio na escola. A escola possuía todos os recursos necessários para o desenvolvimento de atividades práticas e teóricas. Enfim, a escola cumpriu o papel administrativo adequadamente. Porém, não foi correspondida em seus anseios com o desenvolvimento de uma disciplina formativa e integradora.

A escola, por outro lado, não se preocupou em trabalhar de forma diferenciada a formação de seus docentes do período noturno. Não se quer dizer aqui diferenciar o nível de qualidade, pelo contrário, trabalhar formas pedagógicas que consigam dar a mesma qualidade dos outros períodos considerando-se as peculiaridades do período noturno. O período noturno possui diferenças que necessitam ser consideradas no desenvolvimento das diversas disciplinas. Isso ficou bastante evidente nas discussões do estudo e no referencial utilizado. Assim, medidas que possam contribuir com essas características educacionais são necessárias para o avanço e equilíbrio dentro da escola.

Em relação à condição participativa, constatou-se que ela é totalmente viável, porém constitui um caminho difícil de ser percorrido. Existe a necessidade básica para o desenvolvimento de estratégias participativas, a convicção de que ela pode ser o passo inicial para o desvelar da realidade e das potencialidades encobertas pelo autoritarismo do sistema educacional. Acreditar nisso, lutar contra as resistências gerais que se impõem ao desenvolvimento de estratégias participativas no ensino e estar consistentemente preparado, fundamentado no conhecimento exige dedicação e persistência. Conforme o que foi

apresentado, pode-se ter duas realidades distintas de enfrentamento desse problema. Um grupo bastante receptivo a ações participativas, mesmo sendo relapso em alguns pontos. Outro grupo bastante resistente e dependente de ações mais austeras para o convite à participação.

A **experiência** foi rica em exemplos de como a participação pode ser estimulada com realidades distintas. Porém, o que ficou marcado foi o saldo positivo de que se a proposta é entendida e realizada como vivência de todos, mesmo que em pequenas doses, ela se torna consistente e assume patamares de referência maiores e mais significativos. Ações participativas são difíceis de serem desenvolvidas no ensino e isso coloca barreiras que, em muitas vezes, inibe docentes ao seu enfrentamento. Ultrapassar essas barreiras é condição vital para avanços no ensino.

A **Educação Física trabalhada** neste estudo utilizou-se da metodologia de Ensino Aberto e conseguiu que existissem possibilidades de co-gestão fundamentais. Os discentes tiveram a chance de opinar, criar, discutir, falar, criticar, sugerir novos enfoques e sentirem-se partes atuantes do todo. O envolvimento do docente (pesquisador) com os problemas dos grupos facilitou e integrou simbioticamente docente e discentes. Esse pacto de cumplicidade é importante de ser firmado na ação docente que se diz participativa. Não o pacto da mediocridade, mas o pacto da ajuda mútua, da conquista, da busca por melhores condições, do ensino de qualidade, do respeito, da cooperação, da integração. Ao se conquistar esse pacto, os avanços interativos são evidentes e positivos.

Os depoimentos apresentados pelos discentes e também pelo docente participante do estudo, foram reveladores desse pacto. Existiu uma harmonia positiva em toda a experiência. Essa harmonia foi uma conquista de ambas as partes. Não foi algo que estava pronto e aberto. Pelo contrário, foram necessários esforços de docente e discente na busca do equilíbrio nas ações que se desenvolviam. E essa constatação referenda o que afirmam PAULO FREIRE e IRA SHOR (1986) e ROBERTO FREIRE e FAUSTO BRITO (1987), ou seja, a revolução é do individual para o coletivo, a liberdade é algo individual e deve brotar no interior do indivíduo. A revolução e liberdade nos grupos se iniciaram no momento em que eles, individualmente, se reconheceram, individualmente livres revolucionários. Esses autores falam lindamente sobre esses temas e esse estudo pode constatar, na prática, como os "elementos" de um processo pedagógico podem e se

transformam em "sujeitos" no processo pedagógico. Essa, sem dúvida, foi uma das grandes conquistas desse estudo.

Porém, constatou-se também que as mazelas do Ensino Noturno são por demais complicadas e carecem de estudos e propostas administrativas mais contundentes ao pleno saneamento das mesmas. Pode-se verificar que existe um descompromisso docente com os projetos pedagógicos da escola e um desrespeito com a formação do aluno trabalhador. Notou-se de forma evidente o descrédito que se atribui à formação no Ensino Noturno, por parte docente. Evidenciou-se também que os discentes, cientes desse descompromisso e preocupados apenas com a titulação acadêmica, coadunam e se sentem impotentes para lutar por melhores condições. Com isso acaba se constituindo o quadro formado pelo pacto da mediocridade. Infelizmente pode-se constatar também que estão longe as medidas que podem diminuir essas discrepâncias do Ensino Noturno.

Por fim, teve-se a certeza de que **a disciplina Educação Física é totalmente viável no Ensino Noturno** e que pode ser desenvolvida com a utilização de ações participativas sem maiores dificuldades e/ou problemas. As dúvidas, receios e medos sobre a aplicação de uma disciplina séria e comprometida com uma formação mais consistente foram totalmente desmitificadas. Houve plena aceitação e compromisso com o desenvolvimento de ações sérias, importantes e significativas na formação dos participantes. A tarefa não foi fácil e nem tampouco plena de acertos. Ela constituiu-se de muito esforço, dedicação, empenho e busca da compreensão da realidade onde se inseria. Afinal, essa é a tarefa primeira do docente interessado em provocar mudanças significativas no cotidiano escolar e, por consequência, social.

Entende-se, dessa forma, que a tarefa obteve pleno êxito em seu objetivo maior que era o de analisar, por intermédio de estudo participativo, a viabilidade da disciplina Educação Física no período noturno. Entretanto, extrapolando os dados aqui discutidos e analisados, cremos poder inferir que a situação da Educação Física, no ensino noturno, no Brasil, pouco difere do quadro relatado neste estudo. Dessa forma, fica evidente a necessidade de ações mais diretas e efetivas no processo de formação dos profissionais da área, com o propósito de aproximar o discurso da prática real das escolas e de suas necessidades, bem como dar condições aos profissionais de rompimento com as práticas pedagógicas tradicionais e refratárias do conhecimento.

Assim, ao finalizar este estudo, indica-se que trabalhos da mesma natureza devam ser desenvolvidos pelas demais áreas do conhecimento a fim de que as constatações relatadas possam ser minimizadas em futuro próximo, facilitando e elevando o nível do ensino do aluno trabalhador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M.V. Motivos e organizações cognitivas na construção da personalidade. *Revista Portuguesa de Psicologia*. v.16, p. 331-42, 1982.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa - Portugal: Edições 70, 1977.
- BETTI, Mauro. *Educação Física e sociedade*. São Paulo: Ed. Movimento, 1991.
- BETTI, Mauro. Perspectivas na formação profissional. In: MOREIRA, Wagner (org.). *Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI*. 2ª Ed. São Paulo: Papyrus, 1993.
- BLUMER, H. *Der methodologische Standort des Symbolischen Interaktionismus*. In: Arbeitsgruppe Bielefelder Soziologen - Alltagswissen, Interaktion und gesellschaftliche Wirklichkeit 1+2, Opladen, Westdeutscher, p. 80-146, 1981.
- BRASIL. Decreto-lei nº 6.9450 - MEC. SCHUCH, Vitor Francisco. *Legislação mínima da educação no Brasil*. 5ª Ed. Porto Alegre: Sagra, 1984, p. 102-107.
- BRASI. Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases do ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências. SCHUCH, Vitor Francisco. *Legislação mínima da educação no Brasil*. 5ª Ed. Porto Alegre: Sagra, 1984, p. 28-42.
- BRASIL. Lei nº 9.394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. SOUZA, Paulo Nathanael P. de e SILVA, Eurides Brito da. *Como entender e aplicar a nova LDB: Lei 9.394/96*. São Paulo: Pioneira, 1997. 140p.
- BRASIL. Resolução nº 03 de 16 de junho de 1987. Fixa os mínimos de conteúdos e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena). *Diário Oficial da União de 22/06/87*. Brasília: Seção I, p. 9.635.
- BRASIL. *Constituições: República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988. 292p.
- CAPORALINI, Maria Bernadete S. Cecília. *A transmissão do conhecimento e o ensino noturno*. Campinas - SP.: Papyrus, 1991.
- CARVALHO, Célia Pezzolo de. *Ensino noturno: realidade e ilusão*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1994. 120p. (Coleção Questões da nossa época; v. 27).
- CLAYES, U. Juventude e fair-play. *Revista Desporto e Sociedade*. Lisboa: D.G.D., n.76, 1987.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. A Educação Física Brasileira e a nova LDB - Carta da 49ª RASBPC - CBCE. 49ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. Belo Horizonte: Universidade Federal de Belo Horizonte, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer nº 15 de 01 de junho de 1998*. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Relatora Conselheira Guiomar Namó de Mello, Brasília, 25 jun. 1998.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Resolução nº 3 de 26 de junho de 1998*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Presidente da Câmara de Educação Básica do CNE Ulysses de Oliveira Panisset, Brasília, 26 de junho de 1998.

DARIDO, Suraya Cristina. Professores de Educação Física: procedimentos, avanços e dificuldades. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v. 18, n. 3, p. 192-206, maio/1997.

DEMO, Pedro. Elementos metodológicos da pesquisa participante. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Repensando a pesquisa participante*. 2ª Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense S/A, 1985.

ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998.

FLEURI, Reinaldo Matias. *Educar para quê?* 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Editora Scipione Ltda., 1989.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3ª Ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. *Educação e Mudança*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. Criando métodos de pesquisa participante: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Pesquisa participante*. 5ª Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense S/A, 1985.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1997.

- FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Roberto e BRITO, Fausto. *Utopia e paixão: a política do cotidiano*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- GADOTTI, Moacir. *Escola cidadã*. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 1997. (Coleção Questões de Nossa Época; v.24).
- GALLARDO, Jorge S. Pérez (Org.). *Educação Física: contribuições à formação profissional*. Ijuí – RS: UNIJUÍ, 1997.
- GALLARDO, Jorge S. P., OLIVEIRA, Amauri A. B. de e ARAVENA, César J. Oliva. *Didática de Educação Física. A criança em movimento: jogo, prazer e transformação*. São Paulo: FTD, 1998.
- GAMA, Zacarias Jaegger. *Avaliação na escola de 2º grau*. Campinas - SP.: Papirus, 1993.
- GHIRALDELLI JR., Paulo. *Educação Física Progressista*. São Paulo: Loyola, 1989.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Reflexões sobre as aulas de Educação Física. *Revista Kinesis*, Santa Maria - RS., v.2, n.2, p.145-159, jul./dez., 1986.
- GONÇALVES, Rose Mary Gimenez. *O curso de Educação Geral Noturno no 2º Grau Regular: o controvertido acesso à educação - uma experiência paranaense*. Curitiba, 1992. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná.
- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe - UFSM. *Visão didática da Educação Física: análises críticas e exemplos práticos de aulas*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991.
- HILDEBRANDT, Reiner. Reflexões pedagógicas sobre currículo em Educação Física. *Revista Kinesis*, Santa Maria - RS, v.1, n.1, p.27-34, jan./jul. 1985.
- _____. Experiência: uma Categoria Central na Teoria Didática das Aulas Abertas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Maringá - PR, v.14, n.3, p. 140-5, maio/1993.
- HILDEBRANDT, Reiner & LAGING, Ralf. *Concepções abertas no ensino da Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- JESUS, Saul Neves de. *Influência do professor sobre os alunos*. Lisboa: Edições ASA, 1996.

- KUENZER, Acacia. *Ensino de 2º grau: o trabalho como princípio educativo*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. *Ensino médio e profissional: as políticas do Estado neoliberal*. São Paulo: Cortez, 1997.
- KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí - RS: Editora UNIJUÍ, 1994.
- _____. Elenor. *Educação Física: ensino e mudança*. Ijuí - RS: UNIJUÍ Editora, 1991.
- LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. *Revista da Associação Nacional da Educação - ANDE*. São Paulo, ano 3, n.6, 1983.
- MACHADO, Nilson José. *Ensaio transversais: cidadania e educação*. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.
- MARTINS JUNIOR, Joaquim. *A atual Educação Física Escolar motiva os alunos para a prática das atividades físico-motoras na comunidade?* Curitiba, 1997. Pesquisa Bibliográfica (Departamento de Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.
- MATURANA, Humberto e REZEPKA, Sima Nisis. *Formacion Humana y Capacitacion*. Santiago - Chile: UNICEF/CHILE - DOLMEN EDICIONES, 1995.
- MEC. Ministério da Educação e do Desporto. *Desenvolvimento da educação no Brasil*. Brasília, 1996.
- MOREIRA, Wagner Wey. *Educação Física Escolar: uma abordagem fenomenológica*. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 1991. 200p.
- OLIVEIRA, Amauri A. Bássoli. Analisando a prática pedagógica da Educação Física. *Revista da Associação dos Professores de Educação Física de Londrina*, Londrina - PR., v. VII, n.03, p.11-14, julho 1992.
- PEDRA, José Alberto. *Currículo, conhecimento e suas representações*. Campinas - SP.: Papirus, 1997.
- PIMENTA, Selma Garrido & GONÇALVES, Carlos Luiz. *Reverendo o ensino de 2º grau: propondo a formação de professores*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton R. de e SGUISSARDI, Valdemar. *O ensino noturno e os trabalhadores*. 2ª Ed. São Carlos - SP.: Editora da UFSCar, 1995.

- RACHEV, K. School problems for increasing the physical fitness of students. In: *Anais do Congresso Mundial da FIEP*. Porto, p.39, 1988.
- REVISTA NOVA ESCOLA. São Paulo: Editora Abril, n. 106, outubro de 1997. p.40-45.
- SANTIN, Silvino. Reflexões antropológicas sobre a Educação Física e o esporte escolar. *Revista Kinesis*, Santa Maria - RS., v.1, n.2, p.119-130, jul./dez., 1985.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Magistério e mediocridade*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- SILVA, Maria Ozanira da Silva e. *Refletindo a pesquisa participante*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- SILVA, Teresa Roserley N. da & NOGUEIRA, Madza Julita. *A escola pública e o desafio do curso noturno*. São Paulo, Cortez / Autores Associados, 1984.
- SNYDERS, Georges. *Para onde vão as pedagogias não-diretivas?* 2ª Ed. Lisboa - Portugal: Moraes Editores, 1978.
- TANI, Go et al. *Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: E.P.U.: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- WERNECK, Hamilton. *Se você finge que ensina eu finjo que aprendo*. Petrópolis - RJ.: Vozes, 1993.

ANEXOS

ANEXO 1

Entrevista com o Professor responsável pela disciplina Educação Física no período noturno do CAIC/UEM

ANEXO 2

Entrevista com a Professora Coordenadora Pedagógica do CAIC/UEM

ANEXO 3

Entrevista com o Professor responsável pela disciplina Educação Física no período noturno do CAIC/UEM – avaliação

ANEXO 4

Perfil dos discentes do segundo ano do curso de Auxiliar de Enfermagem – período noturno – CAIC/UEM

ANEXO 5

Perfil dos discentes do segundo ano do curso de Educação Geral – período noturno – CAIC/UEM

ANEXO 6

Gráficos da interação ocorrida nas turmas de Educação Geral e Auxiliar de Enfermagem

ANEXO 7

Quadro dos Modelos de diferentes possibilidades de co-decisão de Reiner Hildebrandt & Ralf Laging

ANEXO 1

Entrevista com o Professor responsável pela disciplina Educação Física - período noturno - CAIC/UEM

- 1) Professor, inicialmente gostaria de saber alguns dados pessoais e acadêmicos, tais como idade, tempo de formado, cursos em que participou após a graduação e coisas assim?

Bem, tenho 31 anos. Sou formado na turma de 89, portanto oito anos de formado. Mas só trabalho com escola há seis anos. Ainda não tive a oportunidade de participar de cursos extras, a não ser os que a escola aqui nos oferece. Específico da área ainda não deu para participar.

- 2) Com o curso noturno você já trabalha há muito tempo?

Não, comecei a trabalhar esse ano. São apenas seis meses. Mas aqui no CAIC eu já trabalho há um ano e meio.

- 3) Como foi a escolha para trabalhar com o noturno?

Olha, teve a distribuição de aulas e como ninguém podia vir à noite eu tive de assumir as aulas. Isso também me ajudou porque tive mais tempo para outras atividades.

- 4) Ao assumir as aulas do noturno você teve uma preparação especial para trabalhar com esse turno escolar ou não?

Não, isso não existe. A gente simplesmente vem, dá as aulas e pronto.

- 5) Você consegue observar alguma diferença entre os alunos do diurno em comparação com os alunos do noturno?

Claro, os alunos do diurno participam, fazem o que a gente organiza para as aulas e estão mais dispostos para as atividades. Os alunos no noturno já chegam cansados. A maioria trabalha e vem para a escola amarrado, sem o mínimo interesse pelas aulas. Quando se dispõem a fazer alguma coisa é para jogar bola (futebol de salão ou voleibol), o esporte preferido deles.

- 6) Qual é o seu conceito de Educação Física?

Olha, a Educação Física no meu modo de ver, é uma disciplina que deve cuidar do corpo, da saúde do indivíduo, proporcionando a ele um bem estar físico e social, através de atividades físicas, recreativas, individuais e em grupos. Nas escolas e nas comunidades. Deve promover a integração das pessoas através do esporte.

7) Você consegue colocar em prática o que entende, o seu conceito de Educação Física?

No diurno a gente consegue colocar um pouco em prática. Existe uma colaboração maior por parte dos alunos. Agora, no noturno a coisa pega. Você está vendo, os alunos não colaboram. Não dá para fazer nada, eles não se animam, estão sempre cansados, nunca trazem roupas para as práticas e coisas assim.

8) Você utiliza alguma estratégia especial em relação ao Decreto-lei 69.450/71?

Não. O que a gente faz é mandar os alunos produzirem trabalhos teóricos sobre os esportes. Histórico, regras e coisas assim.

9) Você concorda com o que determina esse Decreto-lei?

Não, eu acho que todo mundo tem, independente de faixa etária, sexo, trabalho, condições de participar das aulas de Educação Física. Basta apenas que ela seja adaptada para certo tipo de aluno. É isso que precisa ser feito, não tem porque não fazer a Educação Física na escola.

10) Quais são os conteúdos que você trabalha nas turmas, tanto diurno quanto noturno?

A gente trabalha ginástica de condicionamento, as noções dos fundamentos dos esportes e as regras.

11) Existe alguma forma de avaliação?

Não, apenas a participação e interesse dos alunos. Eles sabem que não reprovam em Educação Física.

12) Você já analisou se os conteúdos que desenvolve em aulas têm relação com a vida diária dos participantes?

Sim. Em alguns casos. Acredito que eles podem ajudar um pouco no futuro, quando eles têm interesse em aprender a jogar, entender algum tipo de esporte, ser atleta. Mas na grande maioria eu acho que não tem influência na vida das pessoas.

13) Você, quando fez o planejamento para disciplina, tomou conhecimento do documento elaborado pela Secretaria de Estado da Educação apontando diretrizes para o ensino de segundo grau?

Olha, a escola possui um plano mas não dá para a gente seguir. Quanto a esse documento eu não conheço.

14) Por quê você não tem o conhecimento desse documento. Todas as escolas receberam o documento?

Quando comecei a dar aulas em colégios sempre foi em substituição a outros professores. Então, quando chegava na escola, o planejamento já estava pronto, era só segui-los.

15) Como eram esses planos?

Ah! Era a aplicação das modalidades. Em cada bimestre a gente trabalhava com uma modalidade.

16) Em todas as séries era isso, ou seja, fundamentos das modalidades e jogos?

É isso aí. Isso é que chama a atenção, porque as outras matérias têm uma sequência e na nossa isso não acontece, é sempre a mesma coisa.

17) Você tenta modificar as atividades que desenvolve para variar as aulas?

A gente tenta, mas os alunos só querem saber de jogar. Aí a gente fica sem saída.

18) Você acha que os alunos gostam de matemática, português, física, geografia? Será que se os alunos gostassem só de soma a professora de matemática só iria ensinar a soma?

É, a gente tem que mudar. Mas não é fácil, os alunos não colaboram, a escola passa todo mundo. Tem que mudar muita coisa. Isso me deixa preocupado. Eu sei que o que estou fazendo não é muito certo, mas por onde ir, como mudar as aulas? As vezes eu vou dar aula teórica, passo as regras da modalidade no quadro e quando faço isso me pergunto o porque daquilo. Não sei responder, só sei que não serve para muita coisa.

19) Bem, para finalizar, a escola oferece todas as condições físicas e materiais para o desenvolvimento da disciplina?

Nossa, aqui a gente tem quase tudo o que precisa. Tem um belo ginásio, material, salas, tudo.

20) Professor, a gente quer auxiliar nessa sua angústia, a de desenvolver uma Educação Física diferente. Vamos tentar desenvolver, juntos, uma forma participativa de aula de Educação Física onde todos esses problemas deverão ser discutidos. Posso contar com sua colaboração e participação efetiva?

É o que estamos precisando. Acho bastante difícil mas a gente está aí para colaborar e aprender.

ANEXO 2

Entrevista com a Professora Coordenadora Pedagógica do CAIC/UEM

- 1) Como foi o processo histórico de implantação do segundo grau no CAP (Colégio de Aplicação) - hoje CAIC/UEM?

O segundo grau era um sonho do Colégio. O CAP já existe há aproximadamente vinte anos e desde a sua criação já se pensava em ter o segundo grau também. Nós queremos ter uma visão completa da formação que oferecemos. A gente pretendia ter o aluno desde o pré até o segundo grau, uma visão do todo da formação educacional. E esse sonho começa a concretizar-se com a qualidade de ensino que estávamos conseguindo ter no ensino de 1ª à 4ª e 5ª à 8ª séries. Isso nos motivou ainda mais a planejar a criação desse segundo grau. Outro ponto que contribuiu significativamente para a efetivação do mesmo foi um acordo verbal entre o Núcleo Regional de Ensino e o CAP. Nós teríamos a liberação de implantação do segundo grau - Educação Geral - se também ofertássemos o segundo grau profissionalizante em Auxiliar de Enfermagem. Foi feito o acordo e demos início ao segundo grau no CAP.

- 2) Então o curso de Auxiliar de Enfermagem foi uma proposta do Núcleo?

É, nós nem sabíamos que existia esse curso. A gente tinha conhecimento do Técnico em Enfermagem e não do Auxiliar de Enfermagem (AE). Mas o governo queira implantar o curso aqui, o de curture em outra escola e assim por diante. E como a gente já tinha dado entrada na solicitação do curso de Educação Geral (EG) concordamos com a implantação do Auxiliar de Enfermagem (AE). Nós tínhamos programado alguns laboratórios para o funcionamento do curso de EG e recebemos a proposta de implantação do AE com a promessa de receber os laboratórios logo em seguida. Estamos esperando esses laboratórios até hoje.

- 3) Qual era a proposta pedagógica básica para os cursos?

Olha, naquela época nós compusemos uma comissão com especialistas para a montagem dos projetos pedagógicos. Você fazia parte dessa comissão, você lembra? A idéia era a de organizar um projeto que desse vazão aos nossos sonhos, não sonhos inatingíveis, mas sonhos possíveis de serem concretizados. O que seria possível fazer com o segundo grau para que ele pudesse ter toda a excelência de um curso de qualidade. Então foi montada essa comissão com professores do terceiro grau para que preparassem toda uma grade, um programa, para que os alunos pudessem ter acesso a disciplinas significativas, disciplinas que não eram comuns naquela época e que também se priorizassem conteúdos importantes e direcionados aos interesses da possível clientela. Foi montado esse projeto, a grade com uma carga horária extensa e que ocuparia quase todo

o dia dos participantes. A grade já contemplava áreas como filosofia, sociologia e demais disciplinas que agora não me lembro e que naquele momento não se falava nisso no segundo grau e que nós já estávamos prevendo. Infelizmente com o início do processo a gente teve de reorganizar o programa, a grade curricular e o desenvolvimento da mesma, pois foi um acúmulo de frustrações desde então. Nós pensávamos que poderíamos continuar a ter os privilégios até então obtidos junto ao Núcleo, ou seja, escolher os professores como acontecia com o primeiro grau. Pensávamos em contar com a disponibilidade de alguns professores da UEM para auxílio no desenvolvimento de algumas disciplinas, onde a carga horária das mesmas seria computada na carga horária de trabalho desses professores junto aos seus departamentos. A grade curricular foi alterada e a carga horária das disciplinas teve de ser totalmente reduzida. Acabou ficando no tradicional como acontece com as demais escolas. A diferença foi de que continuamos a oferecer a filosofia e a sociologia já naquela época. Então a gente teve de alterar todo o programa das disciplinas tendo em vista a redução da carga horária das mesmas. E quanto ao corpo docente, a grande maioria é de professores contratados, temporários, com uma rotatividade exagerada e que acaba prejudicando por completo toda a proposta pedagógica sonhada. No diurno a gente conseguiu ter um número maior de professores efetivos novos e antigos. No noturno a coisa é complicada, poucos são da escola. E o mais agravante ainda é que muitos deixavam o processo no meio do caminho. Nós tivemos casos onde a disciplina chegou a ter três professores no ano. Isso compromete muito todo o processo de ensino - aprendizagem.

4) Desde que foi implantado o segundo grau, não se conseguiu manter um corpo docente de um ano para o outro?

Não, nem mesmo por um ano nós conseguimos manter o mesmo corpo docente. No ano passado os alunos tiveram de reposição mais de noventa aulas. Eles ficaram muito tempo sem professor de matemática. Agora melhorou um pouco. No início nós tínhamos poucas aulas, eram poucas turmas. Nenhum professor conseguia vir para o CAIC trazendo um padrão completo, tinha de completar aulas com outros colégios. E ninguém queria isso. Os professores só passavam por aqui. Quando dava para eles completarem a carga horária em seus colégios de origem eles nos deixavam na mão. Só agora no último ano que a gente conseguiu contornar um pouquinho essa situação, mas estamos muito longe de um razoável.

5) Os professores não chegam a criar vínculos com os alunos?

Não. Nem com os alunos e nem com a escola, nem com a proposta. Na questão do compromisso com o projeto pedagógico da escola o professor nem considera. O professor trabalha na perspectiva de que o trabalho é por tempo determinado que ele vai interromper logo. No ano que vem ele nem sabe se retorna à escola. É muito difícil.

6) Você está em contato constante com as demais escolas de Maringá e região. Os problemas citados também ocorrem com as demais?

Olha, a qualidade do ensino de segundo grau está muito ruim no geral. Mesmo em escolas onde se tem o corpo docente por longo período - dez, doze anos, o mesmo grupo trabalhando, a gente não consegue observar diferença que seja significativa no resultado. O envolvimento não acontece. No noturno tem uma característica mais complicada ainda. O professor da noite se envolve ainda menos do que o do dia. O professor do dia acaba se envolvendo um pouquinho mais, em simulados, em atividades extras, mas pouco. O professor do noturno é mais complicado. Raramente se oferece para participar de alguma atividade, está sempre ocupado, cansado. A escola, em grande parte, é apenas para completar uma carga horária de trabalho. Outra profissão, outras atividades, resto de carga-horária de outros colégios e assim por diante.

- 7) É claro que existe uma diferenciação nas propostas de desenvolvimento dos cursos de EG e AE, você poderia especificá-las para nós?

Quando nós montamos os projetos pensamos que no curso de EG a grade teria um direcionamento à preparação para o terceiro grau, vestibular. Uma preparação mais consistente. O profissionalizante deveria organizar uma formação de cultura geral, e entender bem as questões técnicas, específicas do curso. Ai, quando o curso começa a gente se depara com a clientela, as expectativas dessa clientela, o quadro de professores que ainda não está preparado para enfrentar esse aluno. Veja bem, o professor chega e pega um quadro bastante diferente do comum, ou seja, um grupo de alunos muito heterogêneo, pessoas de bastante idade com adolescentes, pessoas que já não estudam há muito tempo, pessoas com dificuldades nos conhecimentos básicos de primeiro grau, sem leitura, sem escrita adequada, interesses divergentes na clientela. Ai o professor fica naquela dúvida, dar conta dos conteúdos propostos para o ano, atender às deficiências dos alunos. E nesse processo a gente observa que o professor se preocupa com o conteúdo e o aluno tem que se virar. O aprendizado fica para um outro plano. Ainda sobre o profissionalizante, solicitamos aos professores que direcionem os conteúdos ao trabalho a ser desenvolvido por esses futuros técnicos. Solicitamos também aos professores do núcleo comum - português, matemática, física, biologia e outras - que direcionem ou que escolham conteúdos que se relacionem diretamente com o trabalho desses técnicos. Mas isso aconteceu com poucos, pois eles têm dificuldade de enxergar ou de aplicar os conteúdos no ambiente de trabalho desses futuros técnicos - hospitais, laboratórios, clínicas.

- 8) Olha, você fala sobre o fato de o professor relacionar os conteúdos tratados com o dia a dia do futuro profissional. As tendências pedagógico - metodológicas apontam para esse direcionamento de forma geral. Como você analisa essa relação no EG e no AE, os professores conseguem realizar essa ligação com o dia a dia?

Amauri, isso está no discurso de qualquer professor. Olha, no curso de EG a gente consegue ver algumas áreas procurando realizar essa ligação. Mas são poucas as disciplinas que têm conseguido isso. É uma tarefa bastante difícil, o professor sente dificuldade e tem uma resistência grande para modificar o cotidiano.

- 9) Bem, o segundo grau foi implantado com a intenção de uma formação geral, ou seja, a criança entraria aqui e só sairia para a faculdade. Assim, a gente poderia ter uma visão geral de todo o processo, de todo o desenvolvimento desses alunos. O projeto pedagógico montado está sendo colocado em ação, está se desenvolvendo conforme o previsto?

Não, a gente teve todo um sonho. O sonho foi sonhado por um grupo que ficou alguns anos em cima dele. Em especial para o EG. No caso do AE ele também foi desejado como um curso profissionalizante de ponta, de qualidade. Infelizmente, o quadro docente acabou não se envolvendo com o desenvolvimento desse projeto pelas razões já citadas.

- 10) Vamos falar um pouquinho sobre o diurno e noturno, questões de qualidade/quantidade, docentes. Os docentes são os mesmos para os períodos?

Poucos, são poucos os que participam dos dois períodos de trabalho. Agora, a diferença é sentida em vários aspectos: o aluno do noturno é diferente do aluno do diurno, o aluno do diurno é mais adolescente, um adolescente ainda na tutela da família - casa comida - roupinha lavada, sossego - o aluno do noturno, mesmo o do primeiro ano em idade próxima da do diurno, apresenta-se com mais maturidade. No segundo grau noturno as vivências são diferenciadas, trabalham em sua grande maioria. Os professores que atuam nos dois períodos utilizam as mesmas estratégias, metodologias. Eles não ajustam o desenvolvimento da disciplina considerando a clientela, parece ser a mesma receita. Os professores não se enxergam no processo, a coisa parece uma roupa padrão. Com relação a carga horária, a diferença é pequena, mas o noturno tem menos horas do que o diurno. E para o noturno isso já é muito comprometedor. Qualquer dez minutos a menos faz a diferença.

- 11) Bem, com a experiência que estamos vivendo junto ao segundo grau noturno, a gente pode perceber uma diferença muito grande de clientela. Os professores que atuam com o noturno têm um preparo especial para esse nível de ensino, para essa clientela trabalhadora? Olha, não é fácil um sujeito que levanta cedo, trabalha o dia todo e depois vem direto para a escola e fica até onze da noite estudando. Tem uma noite de sono de aproximadamente cinco ou seis horas. Isso exige estratégias diferentes de abordagens de conteúdos. O CAIC se preocupa com isso?

O corpo docente não está preparado para lidar com estas diferenças. E tem outra questão também que é muito complicada. Para lidar com o professor do diurno é complicado porque ele não tem carga-horária para que a gente sente com ele e possa estudar. Não existe hora disponibilidade - para estudar, para preparar as aulas, refletir sobre a prática pedagógica. No início do ano alguns se comprometem a estudar e vêm com boa vontade. Com o passar do tempo ele é obrigado a completar a carga horária e acabou a disponibilidade para participar. Fica muito comprometido o ensino e a preparação. Nós temos uma expectativa com o segundo grau e esperamos que o aluno

chegue dominando determinados conteúdos, o que não acontece. E isso somado a falta de tempo e de compromisso docente acaba por deixar todo o processo falho. É muito ruim essa situação. Como estratégia a gente tem que viabilizar a retomada da hora de estudo do docente. Isso é uma briga administrativa, depois a gente tem que organizar reuniões para estudos, aprofundamentos, experiências práticas e outras estratégias que possam ser criadas.

12) Professora, eu nunca soube que o Estado tenha organizado um curso específico para o ensino noturno. Já existiu?

Não. Que a gente saiba não. E sem contar que o segundo grau noturno acaba por sofrer de uma série de preconceitos do próprio professor. Aquele professor generoso que releva o aluno que trabalhou o dia todo, o aluno que chega cansado, reclamando da vida. Então o professor ameniza as exigências, os conteúdos são reduzidos, as avaliações são mais simples, o esforço do professor também entra no ritmo mais lento. Esse é um quadro inverso do necessário, pois é esse aluno que precisa de novos esforços, novas estratégias, precisa ser estimulado e precisa de riqueza de conteúdo. E por outro lado existe também aquele professor que é intransigente, autoritário e que não considera as peculiaridades do noturno. É um quadro complexo.

13) Como que a Educação Física foi pensada para integrar a grade curricular do segundo grau?

Olha, com a mesma atenção que as demais disciplinas. Eu acho que foi pela primeira vez. É pela primeira vez mesmo. Porque até então a Educação Física aparecia porque tinha que fazer parte da grade. Ela seria colocada de turno alternado, final de semana ou último horário. A gente ia apenas cumprir o que determinava a Lei. Ai quando você começou a fazer parte da comissão é que mudou todo o conceito, ela passou a ser tão sonhada e tão planejada como as demais disciplinas. Mas frustrou tanto como as outras. Nada aconteceu.

14) E era isso que eu ia te perguntar. A gente planejou de forma que ela tivesse o mesmo nível de importância que as demais, a gente sonhou com isso, uma disciplina integrada à grade, com parte teórica determinada, uma disciplina com tendência à formação para a autonomia. E porque que ela não conseguiu ser implantada a contento?

Ela teve a mesma importância. Ela recebeu o mesmo tratamento que português, matemática, física, química. Ela foi muito pensada. Ela não entrou porque tinha que entrar. Ela fez parte do projeto porque a gente tinha uma meta com ela. Uma meta de formação geral e com vistas à autonomia.

15) E porque isso não foi atingido, no seu ponto de vista? Foi também um problema docente?

É também aconteceu isso. Mas a gente tem outros problemas. O aluno que chega nesse nível ele já vem com um determinado conceito de Educação Física que fica muito difícil você alterar alguma coisa. O aluno tem muita resistência em assumir uma nova perspectiva de aula de Educação Física. E se o aluno pode escapar não tenha dúvida, ele foge mesmo. Por outro lado o professor deixa correr solto. Não exige do aluno. Existe por parte de ambos o entendimento de que a Educação Física deva ser prática. O professor ainda não está preparado suficientemente para a nova tendência. É muito difícil. Existe um distanciamento entre a teoria e a prática. É um quadro bastante complicado o que se apresenta, pois temos os alunos de um lado com um conceito pré definido - jogar bola - e de outro um professor despreparado e com intenção de assumir uma nova postura, ficando só na intenção. As mudanças não acontecem e a coisa se desenvolve de tal forma entre docente e discente que ambos acabam por se acomodar. Mas isso não é uma exclusividade da Educação Física. Isso tem acontecido também com Português, Matemática e outras áreas.

16) É, quando você fala que o aluno não vem preparado, ele não vem preparado pra nada, não é só para Ed. Física?

É, é igual para matemática. Em relação a cada disciplina, em razão do que ele viveu ao longo da formação, ele traz uma imagem e um conceito da disciplina. E aí no segundo grau, quando ele tem uma brecha procura escapar. A Ed. Física por ser desenvolvida na quadra, livre, o aluno sai e nem dá bola para o professor. Nas demais disciplinas ao menos o aluno está dentro da sala de aula, pode não estar prestando atenção ou até fazendo outra coisa, mas não está fora passeando, está sob controle de local. E hoje, na Educação Física a aula serve para jogar determinado esporte. E isso já cansou e a grande maioria não participa.

17) O CAIC sempre foi uma referência no cuidado com a capacitação docente. Existe uma preocupação com a qualidade de ensino. Como é isso com a Educação Física, os professores participam desses cursos, eles são cobrados?

São cobrados, só que o envolvimento ainda é diferente do professor de outras áreas. Isso é muito complicado. É uma coisa difícil, o professor não gosta muito de estudar, ler. E com a Educação Física isso é ainda pior. Os momentos dos nossos grupos de estudo são momentos difíceis. E para o pessoal da Educação Física isso é mais sofrido ainda. Parece que a Educação Física só se preocupa com a questão do corpo. Não existe uma preocupação com o todo do aspecto educacional. Dessa forma, trabalhos de reflexão sobre questões maiores e abrangentes da educação são momentos de muito sofrimento para esse profissional.

18) E com relação a questão da avaliação discente que a escola realiza. Como os alunos analisam a Educação Física?

Vamos falar no geral e depois a gente pode especificar sobre o noturno. De maneira geral os alunos falam muito sobre os problemas que eles conseguem detectar e que os incomodam. Ou seja, a Educação Física não provoca nada neles a ponto de não ser discutida. Todos gostam, a seu modo, de momentos livres onde possam brincar, jogar bola. Quanto a avaliação geral os alunos não ligam se têm notas boas ou ruins. Eles sabem que no final a Educação Física vai passar e que ela também não servirá para bloquear futuros avanços. Isso eles têm bem claro.

No noturno existe uma relação mais adulta e facilita um diálogo mais acalorado, entretanto, nem sempre mais verdadeiro ou real. E sabem também o que é importante para eles ou não. Em outras disciplinas acabam tendo que realizar certas atividades que fogem ao entendimento, mas fazem porque elas reprovam. Com a Educação Física a coisa já fica mais difícil, pois se eles não querem a atividade eles não fazem porque sabem que isso tanto faz. E assim eles vão levando.

19) E numa avaliação da Coordenação da Escola, a Educação Física como está?

Olha, é muito complicada a situação da Educação Física. Você pode ver de perto ao analisar as aulas. O professor sai com os alunos, vai para a quadra, dá uma bola e os poucos que se interessam por aquele momento brincam. Como se viessem para a escola para brincar. Isso não é educação, isso não é seriedade. A gente necessita com urgência de uma mudança nesse quadro, pois caso contrário essa carga horária será destinada a outra área do conhecimento, e você sabe que ela existe ainda porque você está aqui. A gente precisa mudar esse quadro.

20) E quais são os planos para a Educação Física no futuro? A nova LDB?

Veja bem, a gente já estava pensando em retirá-la do noturno mesmo antes da nova LDB. Essa carga horária vai ser importante para outras áreas. Mas vamos relevar se você conseguir um trabalho consistente e que a gente possa ver na prática todo aquele plano inicial quando da idealização desses cursos.

No geral, a gente está tendo um trabalho com 1ª a 4ª série que está indo muito bem, com uma outra postura docente, com abordagens de conteúdos significativos. Nas séries seguintes a coisa continua da mesma forma que a gente já conhece e a preocupação continua. Para essas séries faz-se necessário um trabalho como o das outras áreas, com acompanhamento, avaliação e cobrança. Depois que o professor conseguir incorporar uma nova prática a gente poderá fazer só o acompanhamento. Enquanto o professor não fizer isso a avaliação e a cobrança são necessárias para forçá-lo a experimentar novas posturas e alternativas variadas. Olha, a prática do professor é muito resistente. O professor vai a cursos, assiste palestras, participa de reuniões, acha que tudo é muito bom e maravilhoso, mas não consegue sair do tradicional, pára no primeiro obstáculo. E isso não é uma exclusividade do professor de Educação Física. Isso acontece com todas as áreas. O

ensino precisa de uma mudança geral. E isso tem que começar com o professor. O professor precisa ter acompanhamento e assessoria mais de perto. A visão geral do docente é o de que ele é o dono da verdade e o que sabe tudo. Isso, depois de tantos exemplos e discussões sobre, ainda é muito forte no professor. Na prática do dia a dia da escola esse quadro ainda não muda. Por isso, insisto na necessidade de um acompanhamento, avaliação e cobrança. O professor precisa se colocar no processo, em parceria com os alunos, também como construtor do conhecimento. O professor precisa parar de trabalhar com o conceito de detentor de verdades absolutas.

Mas para isso é necessário que haja tempo para os momentos de reflexão. E essa disponibilidade de tempo o professor perdeu.

21) Então a situação não está nada boa?

É, não está fácil não. Em relação a Educação Física a gente entende a necessidade dela. Tanto que colocamos em situação especial, com o mesmo peso das demais disciplinas. O problema foi que ela não correspondeu.

Quanto a tirar ou não da grade, prá gente independia do aspecto legal. Ou seja, nós vemos nela muito mais que um artigo na Lei. Nós queríamos que ela desse conta de atender aos alunos com um conhecimento consistente e útil, pois sabemos do valor da mesma. Infelizmente isso ainda não acontece. Mas estamos confiantes no seu trabalho e nas possibilidades que ele pode trazer. Mas volto a insistir que é muito importante recuperarmos a hora atividade (estudo), pois o professor precisa de um tempo para se dedicar aos estudos. Mesmo que sejam apenas duas horas semanais. Nós temos experiência de que isso é moroso, lento, mas é indispensável quando se procura desencadear mudanças significativas.

ANEXO 3

Entrevista com o Professor responsável pela disciplina Educação Física – período noturno - CAIC/UEM - avaliação

Amauri:

Bem, como foi a nossa experiência? Qual é a sua avaliação em relação a ela?

Professor:

Olha Amauri, eu sinceramente gostei muito. Achei uma coisa diferente. Foi muito positiva. Olha, desde o momento que você chegou aqui eu não escondi nada. Eu fiz questão de mostrar tudo, tudo o que acontecia aqui na quadra, na sala, não escondi nada. No princípio eu pensei, o Amauri vem aqui e acho que vou preparar uma aula, mas acabei pensando melhor e apresentei tudo como acontece, sem mudar nada. Isso para mostrar que eu também não estava satisfeito. Para mim estava sendo muito difícil o noturno. Sinceramente, não sabia mais o que fazer com o pessoal do noturno. É que vim daquele sistema do treinamento onde as aulas são para o treinamento, para o esporte. Nas turmas da manhã eles aceitam melhor esse tipo de aula, já o noturno é diferente, eles não gostam muito e participam pouco. Eu também já estava questionando, estava insatisfeito com aquele tipo de aula e perguntava em que aquele tipo de aula contribuía com os alunos do noturno. Estava preocupado e muito insatisfeito. Com o que eu contribuía ensinando esse pessoal a dar toque, a jogar futebol ou basquetebol. Nas aulas a gente chegava e dava um pequeno aquecimento e ia para o jogo. Até que ponto isso é válido? E tinha um programa que era dividido em bimestres, ou seja, para cada bimestre iria trabalhar uma modalidade, basquete, voleibol, andebol e futebol. E isso eu fazia normalmente com o diurno, mas com o noturno eles ficavam pedindo o futebol, só queriam o futebol. E aí fiquei pensando, porque não atender aos alunos, pensei se isso não seria melhor. Então decidi e, praticamente, ficamos trabalhando só o futebol com aulas práticas. Aí você veio com a idéia das aulas teóricas. Sempre quis dar aulas teóricas, mas ficava pensando o que trabalhar nas aulas teóricas, histórico, regras essas coisas eu não queria. E depois que vi você trabalhando mudei um pouco o meu conceito sobre as aulas teóricas. Posso estar enganado, mas estou achando agora que as aulas teóricas são mais fáceis de serem ministradas do que as aulas práticas. Porque a prática dentro dessa nova forma de aplicar envolve conteúdos muito diversificados e que a gente não domina totalmente. Já a teoria se encontra com facilidade nos livros e nos cadernos da faculdade. É que a gente nunca prestou atenção em como trabalhar esses conteúdos com os alunos na escola. Fomos formados para trabalhar só o aspecto prático e o esporte. E quando ia dar algumas aulas teóricas e dava regras e histórico, eu ficava me perguntando para que aquilo ia servir, não conseguia ver sentido nas aulas. Eu ficava muito insatisfeito com aquelas aulas, da mesma forma que os alunos.

Não sabia por onde começar uma mudança. Agora, depois das experiências que tive nas suas aulas (aulas ministradas aos alunos), comecei a perceber melhor a Educação Física na escola. Já estou pensando em fazer alguns cursos, estou separando material para pesquisa, lendo artigos, livros. Agora já estou até colocando em prática nas outras turmas

esse esquema de aula teórica. Está sendo positivo, os alunos estão aceitando, colaborando e participando nas aulas.

Com relação aos alunos, no começo, quando você chegou com as aulas teóricas e esse esquema de aula prática, eles reclamavam para mim. Isso era normal, mesmo que você utilizasse o meu esquema de aula eles iriam reclamar. Sempre fui CLT e pegava aulas de forma temporária, ou seja, em substituição a outros professores, e os alunos sempre reclamavam de um para o outro. Aluno é sempre assim, nunca está satisfeito, sempre tem que dar a nota. E observei que no começo eles não estavam aceitando, a grande maioria. E se a gente for analisar tem alguns que ainda não aceitaram essa forma de aula, mas a grande maioria sim, aceitaram e gostaram. Tanto que quase todos estavam participando ativamente nas aulas. Teve gente que eu pensei que nunca iria participar. Depois da apresentação de ginástica e da Semana de Ciências do Esporte que fizeram, então, aí sim, você conquistou o pessoal. Eles vieram comentar, “o Prof. Amauri é legal”, “a apresentação foi um sucesso”, “eu estava tremendo lá na frente durante a apresentação, nem sei como consegui apresentar”. E isso foi muito importante para eles. Eu senti isso.

E espero conseguir dar conta desse tipo de proposta daqui para frente. Acho que foi muito importante. Já para o próximo ano estou preparando material, estudando e as aulas serão diferentes. Só que tem de pegar desde o início do ano para o pessoal sentir que as aulas serão diferentes. Mas é o que eu digo, o que eu sabia de aula eu aplicava. Não que não tenha validade, tem, mas é lá para o início da vida escolar.

Amauri:

Bem, o que a gente pode perceber é que você tinha uma certa angústia sobre o que passar aos alunos. Depois da experiência você já consegue ver um caminho, organizar uma estratégia para modificar as aulas?

Professor:

Olha, acho que sim, porque as vezes eu ficava pensando, por que ter essa Educação Física na escola? O que sempre quis, ou melhor, o que sempre vi é que a gente era inútil dentro da escola. Agora o que eu acho, aquelas coisas, conteúdos que você passou sobre valências física, postura, ginástica, primeiros socorros e outros, são de muita importância para a Educação Física na escola. Isso dá um sentido para a gente na escola. Na verdade nunca tinha visto isso, nem na formação e nem na prática dentro das escolas. Eu sou daquele currículo antigo e em todos os colégios que fui trabalhar as aulas também correspondiam a essa formação, até hoje. Ou seja, aquele sistema de ensino dos esportes e na forma bimestral, dois meses para cada modalidade e só. Acho que se a gente sair para fazer uma pesquisa para ver o que se tem na escola não iremos encontrar coisa diferente do que estou te dizendo. É o que digo, nunca vi ou vivenciei o que a gente teve nesse semestre aqui. É que nem te falei, eu achava a teoria um terror, o que vou dar para os alunos, quando chovia era uma tristeza só. O que dar para os alunos, ah, hoje vou falar sobre as regras do voleibol, sobre o histórico do voleibol, não tinha um plano especial, nada. Outra coisa, em certas ocasiões a gente pedia trabalhos teóricos. Ai vi que a gente pedia os mesmos trabalhos para a 5ª e 6ª séries, por exemplo. Muitas vezes o mesmo que foi entregue na 4ª se repetia na 6ª e assim por diante. Sem sentido e eu não vou mais fazer isso, com certeza. E na prática não, a gente sempre se virava bem, ia lá e dava o toque do

voleibol, a manchete, os fundamentos todos, também sem um planejamento mais detalhado, mas a gente tirava isso de letra. E, agora me pergunto, na teoria, depois da experiência já consigo visualizar melhor, acho que já entendi melhor como a gente pode avançar e passar coisas importantes, mas estragou o entendimento da prática. Como eu estava te perguntando, se não for dar essas coisas das seqüências pedagógicas o que é que devo dar, que tipo de coisas? O que tenho de fazer para mudar esse tipo de coisa? Então, eu acho complicado. Antes achava complicado a teoria, agora estou achando complicado a prática. Não quero mais trabalhar isso, acho que já está ultrapassado, quero mudar esse tipo de aula.

É que nem eu te perguntei um outro dia: que atividades a gente vai fazer que possa superar a expectativa deles em relação ao jogo, onde todo mundo possa jogar e participar? Onde haja solidariedade, companheirismo, uma atividade que possa propiciar isso.

Amauri:

Olha, nós vivenciamos uma série de atividades de que você poderá lançar mão nas suas práticas. A ginástica, a dança, a capoeira e muitas outras. O negócio é você ir colocando gradativamente os conteúdos estranhos a eles para que não cause um choque no ritmo de atividade que vinham desenvolvendo. Utilizar estratégia adequada é muito importante para não criar um distanciamento e uma recusa nas novas experiências. Você viu como a gente conseguiu que um grupo de jovens de 17 e 18 anos fizessem uma apresentação de ginástica calistênica e saísse super satisfeito com a experiência. Todos vieram me agradecer e elogiar a iniciativa querendo que novas experiências fossem realizadas. Mas é necessário uma certa dose de política para se conseguir avançar com os diversos grupos de alunos. Cada caso é um caso em especial. Você tem que descobrir a melhor forma de intervir e, gradativamente, ir introduzindo uma nova forma de desenvolver a Educação Física.

Professor:

É verdade. Os alunos gostaram muito das experiências. Muitos vieram me dizer após as apresentações como modificaram o conceito sobre você e sobre a prática que vivenciaram. Foi muito importante. A gincana que você desenvolveu também teve uma aceitação muito boa. Eles vieram pedir que novas gincanas fossem organizadas no futuro.

Amauri:

Então, essas são estratégias de que você poderá lançar mão. É fácil organizar. Comece a delegar responsabilidades aos alunos. Eles podem contribuir nas organizações. Eu senti que você tinha uma angústia, mas que agora já começa a visualizar algumas alternativas de caminhos a serem seguidos, criados e assim por diante. Esta observação é verdadeira?

Professor.

Sem dúvida. A vivência com você durante esse semestre foi para mim um curso. Aprendi coisas que nunca tinha visto ou aprendido na graduação. Acho que todos que trabalham com escola deveriam ter a chance dessa experiência. Foi muito interessante e rico. Mas é que nem eu falei. De agora em diante vou trabalhar uma Educação Física de

forma bem diferente daquilo que vinha fazendo. Não sei se vou conseguir da forma como você apresentou, mas vou tentar chegar o mais próximo possível. Inclusive com as outras escolas onde trabalho vou modificar as aulas.

Olha, estamos num momento muito delicado onde os diretores querem acabar com a Educação Física da escola. Existe uma série de reclamações com relação as nossas aulas, e com razão. Nós temos que melhorar. Acho que agora já possuo um caminho mais claro para essa modificação.

Amauri:

É verdade. Agora com a nova LDB a Educação Física no noturno é facultativa. Se o profissional da área não se preocupar em apresentar aulas estimulantes e significativas aos alunos esse espaço estará sendo ocupado por outras áreas do conhecimento. Nós temos o dever de contribuir melhor na formação dos jovens. Afinal, essa é uma disciplina voltada única e exclusivamente para o aluno. A Educação Física trabalha com um conhecimento que é específico ao aluno. É fundamental que ele consiga enxergar essa especificidade e comece a valorizar os conhecimentos tratados dentro da Educação Física.

Bem, mas fico muito contente em ter contribuído com você. O seu depoimento foi muito importante para mim. Isso traz alento aos nossos ideais de uma educação e uma Educação Física mais significativa na formação de nossas crianças e jovens.

Mas, o que eu gostaria de destacar aqui é o que você disse no início do nosso encontro. Foi o fato de você ter sido verdadeiro em suas ações e idéias. Isso foi muito significativo para todo o trabalho. Não mascarar a realidade e encarar uma nova proposta com abertura foi o ponto alto dessa nossa experiência. Caso você não agisse dessa forma acredito que teríamos dificuldades em avançar nas idéias e nos trabalhos desenvolvidos.

Professor:

A experiência foi importante. Muitas coisas que você desenvolveu eu já tinha visto e nem lembrava mais. Fui atrás de material e comecei a ler novamente. Fui até a biblioteca e separei uma série de materiais para novos estudos, pois já os tinha visto durante o curso. Foi importante dar uma mexida nisso novamente.

Amauri:

É verdade, esses conteúdos você já viu durante o curso. Basta retomar e organizar os conteúdos vistos e adequar a cada série para não exigir além do possível em cada uma delas. Isso não é fácil e nem está pronto, dependerá muito da sua forma de analisar os conteúdos e da criatividade em desenvolvê-los junto aos diversos grupos. Outro ponto importante é que você deverá retomar o projeto do Estado - a proposta da Secretaria de Estado da Educação para o segundo grau. Lá você encontrará muitos subsídios para a organização do seu programa.

Você teria mais algum comentário?

Professor:

Só quero dizer que foi muito importante essa experiência. Espero que agora a gente possa continuar em contato e dar continuidade nessa mudança.

Amauri:

Com relação a nossa primeira entrevista, você enxerga mudanças, alterações?

Professor:

É Amauri, na primeira entrevista você pode notar que eu era uma pessoa muito prática. Inclusive, tem um texto onde o autor fala sobre os papéis do técnico e do educador. Quando li o texto pela primeira vez eu não aceitava a idéia de ser técnico, me enquadrava na qualidade de educador. Depois de alguns anos na profissão ao reler o texto me enxerguei como técnico, sem por nem tirar. A busca do resultado, das medalhas do campeonato, da técnica perfeita dos movimentos esportivos e assim por diante. E isso se seguiu até a nossa experiência, mesmo eu não estando satisfeito não via saída. Hoje, já começo a enxergar de forma diferente. Aprendi muitas coisas que irão modificar minhas ações na escola.

Amauri:

É, agora você precisa estar preparado para a resistência que eles têm sobre novas formas de desenvolver a Educação Física. Os alunos estão há muito tempo na escola e dentro desse sistema, provocar uma mudança necessita de muita persistência, estudo, boa vontade e, como diz Paulo Freire e Ira Shor, "coragem". E é verdade, é necessário muita coragem para remar contra a maré, isso não é para qualquer um não.

Agora me diga, você está com essa coragem para as mudanças necessárias? Você acreditava na proposta desde o início, você achava que iria dar certo?

Professor:

Com certeza coragem não falta. Quanto ao fato de acreditar, no início, olha, não sei. Como é que eu posso dizer. Quando você veio com essa proposta eu comentava com outros professores, o pessoal mais velho da área e muitos diziam que a Educação Física tinha que ir para a quadra mesmo, jogar bola, nada de muito papo furado. Os professores e amigos de outras áreas já achavam que na verdade a Educação Física tinha que passar conteúdo mesmo. Você vê, o pessoal que não é da área tem uma visão melhor do que o nosso pessoal, o pessoal que está ligado na área. Não é incrível. E com o passar do projeto eu também fui mudando. A minha forma de ver e entender a Educação Física também foi mudando. Eu queria mudar e não sabia se era o caminho certo. E daí caminhamos e a gente foi vendo que deu certo. Não é porque a gente está junto não, mas foi legal e deu certo. Hoje já acredito que sem aqueles temas teóricos as aulas vão ficar vazias, sem sentido.

Amauri:

Bem, acho que é isso, gostaria de te agradecer muito pela colaboração e participação em todo o trabalho.

Professor:

Se alguém tem que agradecer aqui, esse alguém sou eu. Foi muito importante essa experiência e espero poder continuar o trabalho e realmente mudar a nossa Educação Física. Agora já tenho uma luz e uma forma melhor de ver a Educação Física.

ANEXO 4

Perfil dos discentes do segundo ano do curso de Auxiliar de Enfermagem - período noturno - CAIC/UEM

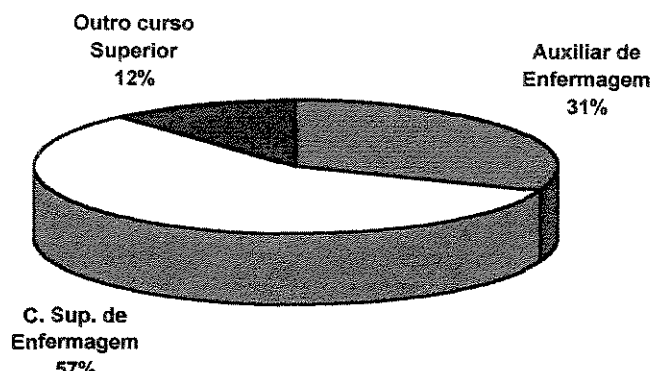
01) Idade média dos alunos: **25 anos** **n= 26** (vinte e seis discentes entrevistados)

02) Estado civil: solteiros: **65,39%** casados: **26,92%**
divorciados: **7,69%**

03) Trabalho: trabalha: **46,15%** não trabalha: **53,85%**

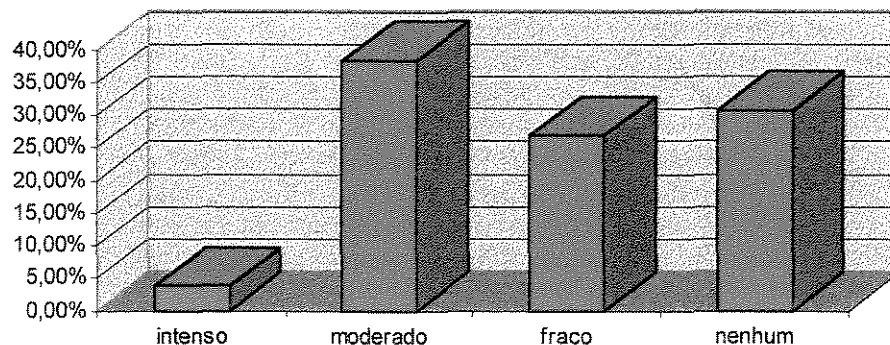
04) Opção pela enfermagem: pretende desempenhar a função: **30,77%**
pretende curso superior de enfermagem: **57,70%**
pretende curso superior em outra área: **11,53%**

Opção pelo desempenho da função de auxiliar e continuidade de estudos



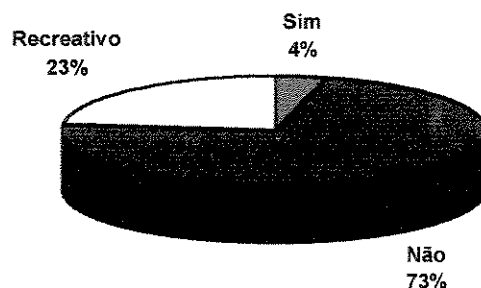
05) Realização de esforço físico durante o dia:
intenso: **3,85%** moderado: **38,46%**
fraco: **26,92%** nenhum: **30,77%**

Realização de esforço físico durante o dia



06) Prática de Esportes	Sim	3,85%	Não	73,08%
	Apenas recreativo			23,07%

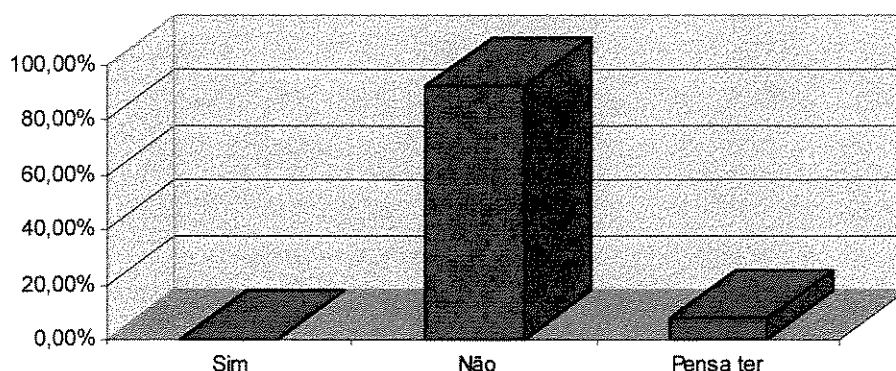
Prática de esportes permanente



07) Conhecimento sobre a prática da atividade física permanente

Sim	0,00%	Não	92,31%	Pensa ter	7,69%
-----	-------	-----	--------	-----------	-------

Conhecimento sobre a prática da atividade física permanente



08) Educação Física no 1º grau

A Educação Física acontecia de forma recreativa e esportiva com teoria sobre as regras dos esportes praticados. Os cuidados prendiam-se a posicionamentos e técnicas dos esportes

92,31%

Nunca participou e/ou teve aulas de Educação Física

7,69%

Comentários sobre as aulas de Educação Física vivenciadas no período escolar:

“Fiz muito pouco as aulas de Educação Física. Não gostava e não era cobrada. Estudei no ensino noturno e as aulas eram exclusivamente de prática de esporte”

“Naquela época a gente tinha um pouco de orientação sexual por parte da professora de Educação Física. As turmas eram separadas por sexo.” (década de setenta)

“As atividades sempre foram livres. Fazia quem queria”

“Não participava das aulas. Os professores eram muito agressivos, brutos e não tinham compromisso com o fator educação, apenas com o treinamento. E, como não possuía habilidades especiais, era sempre colocada à margem das atividades, jogos, etc.”

“Tive Educação Física só no ginásio (hoje 5ª a 8ª) e era só esporte. Para as meninas era ginástica e para os meninos jogar bola. As avaliações eram em relação ao condicionamento físico” (década de sessenta)

“A gente teve uma experiência interessante. Foi com uma professora que dava uma fundamentação teórica às atividades que eram desenvolvidas. A gente viu dança, ginástica, mas o esporte ainda prevaleceu.”

“Pelo meu problema eu sempre fiz trabalhos teóricos. Aprendi o que queria sobre o esporte. Os professores não ligavam para os temas que eu escolhia.”

“Eu estudei no noturno de 5ª a 8ª série. Quando a turma jogava voleibol eu fazia relatório para o professor. Quando tinha basquete eu participava, pois gostava mais.” (década de oitenta)

“Estudei no noturno. Detestava a Educação Física, pois a gente ia lá só para jogar. Eu dava um jeito e não participava.” (década de setenta)

09) Como eram as aulas de Educação Física

Todas as aulas eram comandadas pelos professores com pouca ou nenhuma participação dos alunos. As únicas participações eram em relação a escolha de algumas brincadeiras e/ou esporte a ser praticado

96,15%

Não teve Educação Física **3,85%**

Comentários sobre o desenvolvimento das aulas:

“Os professores eram totalmente autoritários. A relação com eles era muito ruim.”

“Em muitas situações as professoras só davam a bola e a turma se organizava sozinha para os jogos.”

“A professora só gostava de voleibol. Nossas aulas eram só de voleibol.”

“Nós tínhamos muita ginástica. A gente saía quebrada das aulas. No dia seguinte todo mundo só sabia reclamar.”

10) Como o vivenciado em Educação Física participa em sua vida diária

- | | |
|---------------------------------|---------------|
| a) De nenhuma maneira | 88,46% |
| b) Não teve Educação Física | 3,85% |
| c) Os conteúdos têm significado | 7,69% |

Comentários sobre os conteúdos vivenciados na Educação Física Escolar:

“A Educação Física é inútil. A gente não aprende nada significativo lá.”

“Ela teria participação se eu fosse atleta.”

“Ela não participa, ou melhor, ela tem coisas importantes que vão desde o sentar, correr, etc, mas a gente não dá valor, a gente não presta a atenção devida e acaba não utilizando.”

“A Educação Física não me faz falta. Apenas sinto-me triste quando o pessoal da igreja vai se recrear jogando e eu não posso participar por não ter sido iniciada adequadamente. Então eu fico de fora como nas aulas de Educação Física.”

“Olha, os conteúdos foram importantes e têm significado para mim. Eu gosto do esporte. Mas os conteúdos trabalhados não trazem nada além da prática do esporte”

“Uma coisa que me ajudou foi em relação ao respeito com o próximo. O esporte ajuda a gente nisso.”

As atividades nos estimulam a ter uma prática de caminhada e a praticar esportes. Os conteúdos, porém, eram tratados de forma muito superficial e totalmente direcionados às modalidades trabalhadas na prática.”

11) Como deveria ser a Educação Física

Alguma coisa útil e que seja importante para o dia-a-dia. A Educação Física tem que trabalhar outros conteúdos. É importante que a gente também tenha conteúdos teóricos que sejam significativos e que nos dêem condições de utilizá-los fora daqui.

100%

Comentários sobre o que os discentes perspectivam para a Educação Física Escolar:

“Ah, a gente gosta de jogar!”

“A gente tem que ter outras coisas, não pode ser só jogo, jogo, jogo...”

“A Educação Física precisa mudar esse negócio de ficar só com o esporte, vira uma rotina cansativa e sem sentido para nós que não somos e nem seremos atletas.”

“A Educação Física tem que ser rígida, organizada e útil.”

“A Educação Física deveria nos passar conhecimentos sobre o nosso corpo, conteúdos relacionados ao nosso dia-a-dia.”

“Seria importante a gente conhecer um pouco sobre os efeitos dos exercícios no nosso corpo, como cuidar de traumatismos esportivos e outros.”

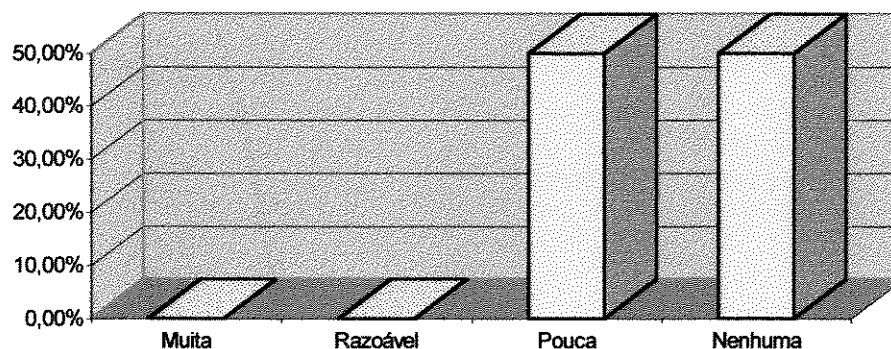
12) Vivência com o que imagina para a Educação Física

Sim **3,85%** (quando teve estagiários)
 Não **96,15%**

13) Nível de satisfação com a Educação Física atual no CAIC

Muita **0,00%**
 Razoável **0,00%**
 Pouca **50,00%**
 Nenhuma **50,00%**

Nível de satisfação com a Educação Física atual no CAIC



ANEXO 5

Perfil dos discentes do segundo ano do curso de Educação Geral - período noturno - CAIC/UEM

01) Idade Média dos alunos: **17,5 anos** **n=31** (trinta e um discentes entrevistados)

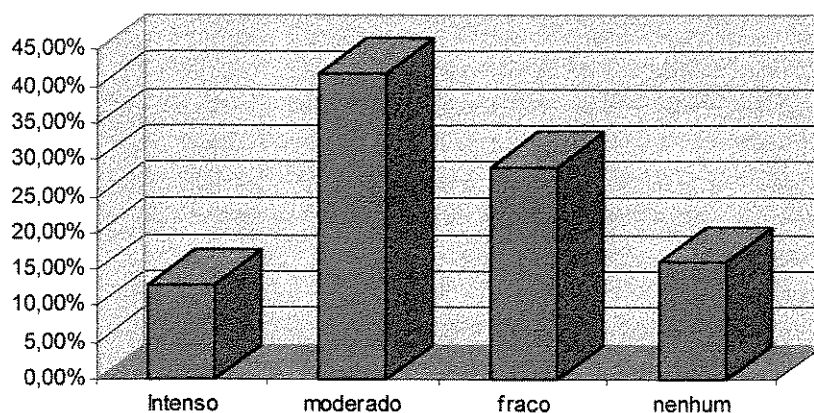
02) Estado civil: solteiros: **96,77%** casados: **3,23%**

03) Trabalho: trabalha: **64,52%** não trabalha: **35,48%**

04) Realização de esforço físico durante o dia:

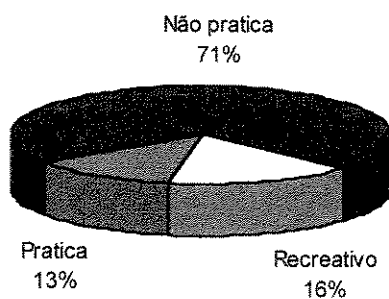
intenso: **12,91%** (dois atletas)
moderado: **41,94%**
fraco: **29,02%**
nenhum: **16,13%**

Nível de Esforço Físico durante o dia



05) Prática de Esporte:

Não pratica **71%** Pratica **13%** Recreativo **16%**



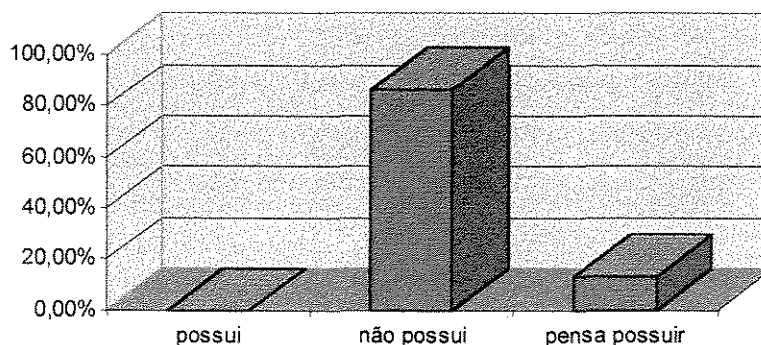
06) Conhecimento sobre a prática da atividade física permanente

Possui: 0,00%

Não possui: 87,10%

Pensa possuir: 12,90%

Conhecimento sobre a prática da atividade física permanente



Comentário sobre o desenvolvimento de aulas teóricas e conteúdos relacionados à formação geral nas aulas de Educação Física:

“Olha, isso seria um ótimo conteúdo da Educação Física. Ela deixaria de ser monótona e só tratar de jogo. E o jogo é só para os bons, pois a maioria fica apenas assistindo, sem estímulo para aquela prática. Seria importante a gente ter um pouco de conhecimento”

07) A Educação Física no 1º grau

A Educação Física acontecia de forma recreativa e esportiva com teoria sobre as regras dos esportes praticados. Os cuidados prendiam-se a posicionamentos e técnicas dos esportes

100%

Comentários sobre as aulas de Educação Física vivenciadas no período escolar:

“Onde estudei a gente tinha mais aulas teóricas, com trabalhos, seminários. Os assuntos eram sobre a história dos esportes, regras e coisas do esporte”

“Na oitava série a gente teve a presença de estagiárias que deram outros conteúdos, intercalou aulas teóricas e práticas. Foi interessante”

“A professora sempre alertava a gente sobre os exercícios, execução correta e cuidados necessários. Mas isso acontecia sempre durante as práticas e de forma superficial. Tanto é que não lembro de nada”

“Estudava à noite. O professor só deixava a bola e a gente jogava. Quando o professora faltava a gente ia até a secretaria pegava a bola e fazia o mesmo”

08) Como eram as aulas no 1º grau

Todas as aulas eram comandadas pelos professores, com pouca ou nenhuma participação dos alunos. As únicas participações eram em relação a escolha de algumas brincadeiras e/ou jogos durante a prática. As aulas, em quase sua totalidade, eram sobre o esporte institucionalizado.

100%

Comentários sobre o desenvolvimento das aulas:

“Havia a predominância de quem sabia jogar sobre quem não sabia. Até para a escolha das atividades isto também interferia”

“Os professores davam algumas dicas sobre os exercícios, porém sem aprofundar e/ou explicar melhor nada”

“A gente tinha a oportunidade de em algumas vezes escolher a atividade que queria praticar. Isso era bom, pois é importante a gente poder opinar sobre o que quer ter em aula”

“A professora chegava, como de costume, dava um pequeno aquecimento, dividia a turma e deixava a gente ficar jogando. Nós vimos quase que exclusivamente voleibol, pois era o esporte que ela gostava e dominava”

“A gente teve a oportunidade de ter estagiárias na oitava série. Aprendemos muitas coisas diferentes do esporte tradicional. A dança, o folclore, fizemos ginástica aeróbica e outras coisas. A gente também teve muitas aulas teóricas, isso foi um pouco chato, mas era necessário”

9) Como o vivenciado em Educação Física no 1º grau participa em sua vida diária

- | | |
|--|--------|
| a) De nenhuma maneira | 77,43% |
| b) Ela não participa diretamente, mas tem relação com o esporte que a gente pratica. Não muito, porém é importante | 12,90% |
| c) Ela tem pouca relação com nossa vida diária | 9,67% |

10) Como deveria ser a Educação Física

- | | |
|--|--------|
| a) Alguma coisa útil e que seja importante para o dia-a-dia. A Educação Física tem que trabalhar outros conteúdos, outros esportes para que a gente possa conhecer mais. | 90,33% |
| b) A Educação Física tem que ser assim mesmo. É só incluir algumas coisas diferentes. Deve ficar como está. | 9,67% |

Comentários sobre o que os discentes perspectivam para a Educação Física Escolar:

“Tem que mudar, senão é melhor colocar outra disciplina”

“A Educação Física precisa ter mais tempo para ser melhor e mais aprofundada”

“Deveria ter conteúdos teóricos e ensinar a gente a conhecer o corpo, conhecer melhor os esportes e também a organizar atividades esportivas”

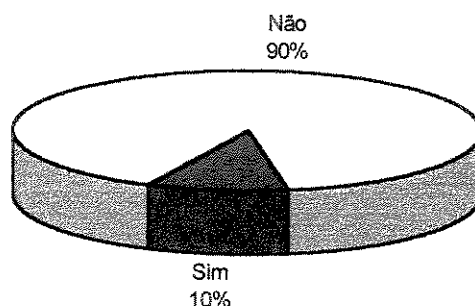
“Deveria discutir conhecimentos que a gente possa aproveitar quando sair da escola”

“Acho que ela tem que ser isso aí. Não tem nada que mudar. O pessoal não vai aceitar uma mudança da Educação Física de forma brusca, como por exemplo, ficar dentro da sala de aula. A turma não vai querer. Para desenvolver coisa diferente o professor vai ter que ser bom, tem que ter moral e conhecer o assunto, senão vai ficar uma bagunça na sala”

11) Vivência com o que imagina ideal para a Educação Física

Sim	9,67%
Não	90,33%

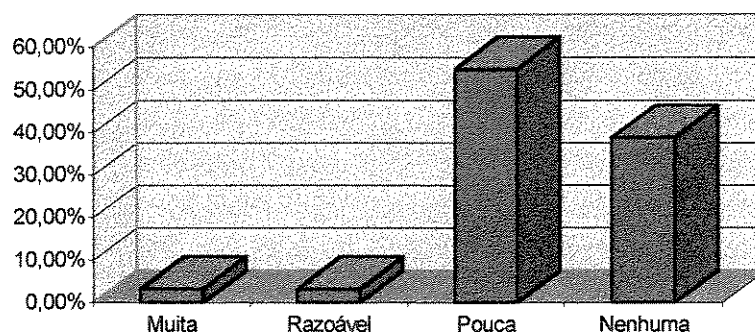
Vivência com o que imagina ideal para a Educação Física



12) Nível de satisfação com a Educação Física atual no CAIC

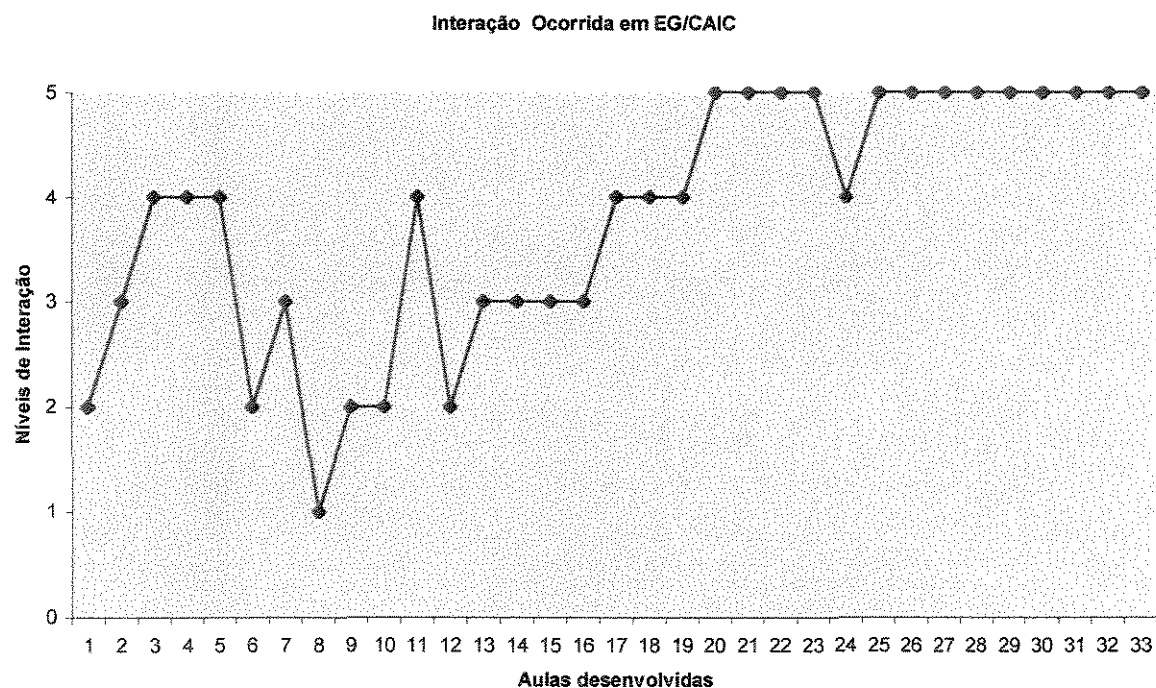
muita	3,23%
razoável	3,23%
pouca	54,83%
nenhuma	38,71%

**Nível de satisfação com a Educação Física no
CAIC/UEM**



Turma de Educação Geral:

AULA	NÍVEL	AULA	NÍVEL	AULA	NÍVEL
01	2	12	2	23	5
02	3	13	3	24	4
03	4	14	3	25	5
04	4	15	3	26	5
05	4	16	3	27	5
06	2	17	4	28	5
07	3	18	4	29	5
08	1	19	4	30	5
09	2	20	5	31	5
10	2	21	5	32	5
11	4	22	5	33	5

GRAFICO 1 - Interação ocorrida com o grupo de Educação Geral

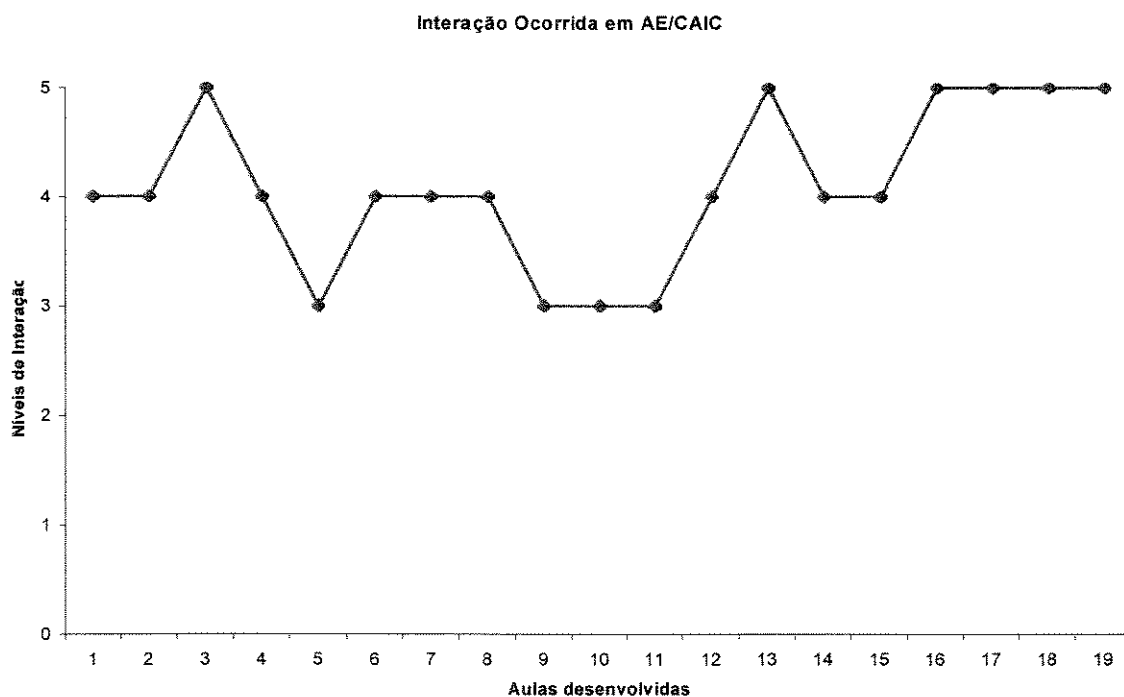
ANEXO 6

Classificação das aulas de acordo com o nível de interação conseguido:

Turma de Auxiliar de Enfermagem

AULA	NÍVEL	AULA	NÍVEL	AULA	NÍVEL
01	4	08	4	15	4
02	4	09	3	16	5
03	5	10	3	17	5
04	4	11	3	18	5
05	3	12	4	19	5
06	4	13	5		
07	4	14	4		

GRÁFICO 2 - Interação ocorrida com o grupo de Auxiliar de Enfermagem



ANEXO 7

**Quadro dos Modelos de diferentes possibilidades de co-decisão de Reiner Hildebrandt
& Ralf Laging**

MODELOS COM DIFERENTES POSSIBILIDADES DE CO-DECISÃO

MODELOS	ÍTEMS	DECISÕES DOS ALUNOS	DECISÕES DO PROFESSOR
Modelo A Alto grau de possibilidade de Co-decisão	Objetivos Conteúdos Transmissão Resultados	Orientação de ação baseada principalmente nos objetivos de ação dos alunos Formas de movimentos dos alunos, subjetivamente determinadas. Organização dos processos de aprendizagem, treino e aplicação pelos próprios alunos. Os resultados orientam-se nos objetivos de ação dos alunos	
Modelo B Grau Médio de possibilidade de Co-decisão	Objetivos Conteúdos Transmissão Resultados	A orientação da ação resulta dos objetivos da ação dos alunos e das intenções do professor Os conteúdos são tratados entre a orientação dos objetivos do professor e dos alunos O professor e os alunos combinam um procedimento metodológico-organizacional sobre o qual têm a mesma influência Os resultados baseiam-se nas orientações de ação dos alunos	
Modelo C Baixo grau de possibilidade de Co-decisão	Objetivos Conteúdos Transmissão Resultados	O professor apresenta um quadro conceptual no qual são possíveis os objetivos de ação dos alunos Formação subjetiva das formas de movimentos dentro do quadro apresentado Os alunos recebem espaços de ação do professor para encontrar meios de solução para alcance do quadro apresentado (do professor) Os resultados baseiam-se no quadro conceptual do professor	
Modelo D Ensino Fechado, sem possibilidades de Co-decisão	Objetivos Conteúdos Transmissão Resultados	O professor dá os objetivos da aprendizagem na forma de comportamento final Modelos de movimentos interligados, que são prescritos pelo professor e que se orientam em modalidades esportivas regulamentadas O professor determina o procedimento metodológico organizacional para alcançar o mais efetivo possível seus objetivos Controle da aprendizagem orientado nos objetivos do professor	

FONTE: HILDEBRANDT & LAGING (1981:25-6)